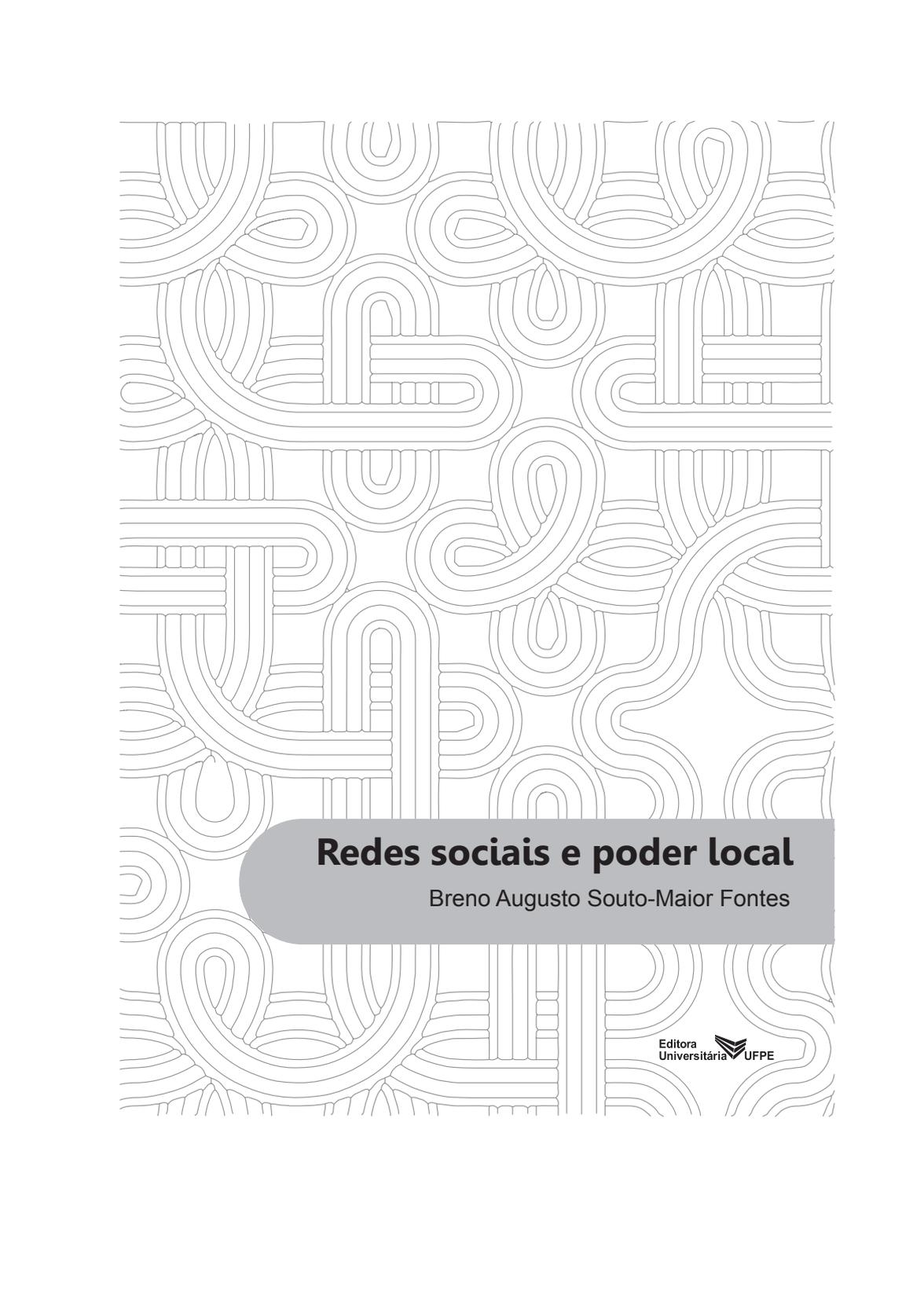


Redes sociais e poder local

Breno Augusto Souto-Maior Fontes



Redes sociais e poder local

Breno Augusto Souto-Maior Fontes

Editora
Universitária  UFPE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

Capa: *João Dionísio*

Projeto gráfico: *Gilberto Santos*

Revisão: *Alcides Mendes*

Impressão e acabamento: *Editora Universitária/UFPE*

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

F683r Fontes, Breno Augusto Souto-Maior.
Redes sociais e poder local [recurso eletrônico] / Breno Augusto Souto-Maior Fontes – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013. 256 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-415-0197-2

1. Rede de relações sociais. 2. Poder (Ciências sociais). 3. Sociabilidade. 4. Redes sociais on-line. I. Título.

302.3 CDD (22.ed.) UFPE (BC2013-042)

Para
Hélio e Marlene

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO.....	15
CAPÍTULO 01 O Mundo das Redes – ou como o tema se popularizou.....	21
CAPÍTULO 02 Sobre o Desenvolvimento da Sociologia Reticular.....	45
CAPÍTULO 03 Uma primeira aproximação: os elementos para a compreensão do fenômeno das Redes Sociais	69
CAPÍTULO 04 Simmel: Sobre a Forma e o Conteúdo das Relações Sociais	87
CAPÍTULO 05 A Singularidade da Análise Reticular: entre a ação e a estrutura	109
CAPÍTULO 06 Entre o território e o não lugar	123

CAPÍTULO 07

Nem Local, nem Global: sobre as sociabilidades
virtuais glocalizadas 143

CAPÍTULO 08

Construindo uma ciência das redes: aproximações
metodológicas da Análise das Redes Sociais 159

BIBLIOGRAFIA 197

Apresentação

Redes – da intimidade à incidência política

Ilse Scherer-Warren

Estamos vivendo um grande momento histórico de transição nas relações sociais. As redes fazem parte desse espetáculo. Das redes sociais primárias, face a face, estamos nos conectando cada vez mais às redes sociais virtuais, desterritorializadas. O cotidiano mudou, mas as relações sob a forma de redes permaneceram, ainda que através de formas de contato inovadoras. Redes e novas tecnologias se complementam. As conexões a grandes distâncias e até as bastante próximas se tecnificam. Pode-se observar, com certa frequência, jovens partilhando de um mesmo ambiente com amigos, mas se comunicando entre si através de Iphones, ou de seus “antigos” celulares; através de torpedos (SMS), ou por meio de suas redes virtuais, como o Twitter e o Facebook. Mas como alerta Breno Fontes neste livro, mesmo nas redes sociais virtuais há uma preferência pelo relacionamento com amigos, colegas, familiares ou conhecidos com quem já tivemos contato face a face. O autor, num primeiro momento, leva-nos a refletir sobre as intersecções ou convivências das redes sociais primárias tradicionais, territorializadas, com as redes sociais virtuais, desterritorializadas.

Esses diversos momentos e contextos do mundo das redes sociais vêm sendo trabalhados pelas ciências humanas há algumas décadas, por meio de abordagens distintas, mas complementares¹. Buscaremos destacar aqui dois caminhos teóricos percorridos, especialmente no campo das ciências sociais, a fim de estimular um diálogo com a abordagem contemplada na presente obra, a qual busca as interconexões entre o individual e o coletivo, entre o território e o não lugar, entre a ação e a estrutura, com vistas à construção de uma sociologia reticular, reportando-se a Simmel, que em seu estudo sobre os círculos sociais penetra na complexidade da sociedade moderna². Refiro-me simbolicamente a esse projeto do livro, no sub-título dessa apresentação, como um espaço reticular que contempla ora a *intimidade*, no plano da cultura³, ora a *incidência*, no plano da política⁴, ou a relação entre ambas⁵. Breno contribui para a busca da inflexão entre esses dois planos ou esferas (vide especialmente cap. 6), o que nos ajuda a pensar sobre a incidência das redes da sociedade civil organizada na construção de novas formas de sociabilidade “glocalizadas” (cap. 7), na democratização do cotidiano e na esfera pública de um

1 Vide um conjunto diversificado dessas abordagens no livro organizado por Leila C. Dias & Rogério L. L. da Silveira. *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

2 “As sociabilidades são ampliadas, incorporando em redes pessoas distintas dos campos dos mais próximos de pertencimento (família, amizade, comunidade territorial, religião); estes novos espaços de sociabilidade se ancoram muito fundamentalmente em comunidades de interesse...” (Cap. 4, desta obra).

3 O primeiro plano foi desenvolvido em seus primórdios especialmente pela Antropologia, por Radcliffe-Brown e seus seguidores, a partir da década de 1940.

4 Esse plano teve contribuições, já consideradas clássicas, de vários teóricos dos movimentos sociais e da sociedade civil - Alain Touraine, Manuel Castells, Alberto Melucci, Mario Diani, Charles Tilly, Sidney Tarrow, dentre outros. Vide mais alguns desdobramentos em Ilse Scherer-Warren, *Redes emancipatórias: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos*. Curitiba: Editora Appris, 2012.

5 Sobre esse último aporte vide Alberto Melucci, *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: Centro de Estudios Sociológicos, 1999.

modo geral. Não estaria neste último caso o que *Risse/Ropp/Sikkink* (eds.)⁶ denominam de efeito bumerangue? Isto é, através de redes transnacionais, demandas sociais coletivas deslocam-se de suas esferas públicas locais para a esfera internacional e retornam fortalecidas para que seus atores possam desenvolver práticas de “advocacy” e incidência política no âmbito do Estado nacional, como tem frequentemente ocorrido após as Conferências Mundiais, caso da criação do Estatuto da Igualdade Racial e das cotas nas universidades brasileiras, após a Conferência de Durban, na África do Sul.

Breno reconhece que a sociabilidade que ocorre nas redes localizadas tende cada vez mais a interagir em outros campos espaço-temporais – desta vez de forma intensa – resignificando, portanto, suas identidades individuais ou coletivas e, gostaríamos de frisar⁷, implicando na necessidade de uma multidimensionalidade analítica do fenômeno das redes no mundo atual – da sociabilidade, temporalidade e espacialidade. Abordagem essa que contribui para o exame das respectivas intersecções entre cultura e política, entre tradição e inovação, entre localismo e globalismo, especialmente quando se pretende entender o potencial de incidência das redes sociais e/ou organizacionais na esfera pública para a implementação de políticas sociais e o reconhecimento sociocultural da diversidade dos sujeitos, e para a realização de uma cidadania ampliada. Do ponto de vista metodológico trata-se, pois, de buscar, nessa multidimensionalidade:

1. Como a cultura tradicional local interage com os ideários mais universalistas introduzidos pelas redes inter-organizacio-

6 Cf. RISSE, T.; ROPP, S.; SIKKINK, K. *The power human rights: International Norms and Domestic Change*. Cambridge University Press, 1999.

7 Cf. Ilse Scherer-Warren, *Redes Sociales y de movimientos em la sociedad de la información*. Nueva Sociedad, 2005. n. 196. Disponível em: <http://www.nuso.org/revista.php?n=196>.

nais e pelos movimentos sociais. Fischer e Carvalho⁸, em pesquisa sobre as redes associativistas locais em Salvador/BA, concluem que a politização dessas redes é perpassada pela cultura política das redes submersas do cotidiano local. Portanto, a nova sociabilidade política se dá através dessa dupla identificação, com a cultura local tradicional e com os princípios mobilizatórios de redes da sociedade civil e dos movimentos sociais contemporâneos, com vistas a ganhos através do campo político institucional, mas não isenta de tensões e conflitos entre a tradição e a modernidade.

2. Como as redes de solidariedade no cotidiano se constituem num campo fértil para o desenvolvimento de formas de solidariedade mais ampliadas, como no caso da rede de economia solidária, transformando-se em um movimento social globalizado. Mance⁹ observa a intersecção entre a sociabilidade na rede e sua desterritorialização do local ao global, incidindo positivamente numa esfera pública ampliada: “A agregação de redes locais em redes regionais, redes internacionais e, por fim, em uma rede mundial, passará a fortalecer a democracia em todas essas esferas; as Redes de Colaboração Solidária terão um poder de alcance cada vez maior, podendo interferir democraticamente nas políticas públicas nesses diversos níveis.” (Ibid., p. 40).

3. O caminho inverso, isto é, a necessidade de enraizamento das redes transnacionais nas formas de sociabilidade locais também tem sido observada na teoria sociológica, como nas pesquisas de Tarrow¹⁰, que observa e

8 Cf. FISCHER, Tânia & CARVALHO, J. Poder local, redes sociais e gestão pública em Salvador – Bahia, in T. Fischer (org.), *Poder local, governo e cidadania*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993.

9 Cf. MANCE, Euclides A. *A revolução das redes*. Petrópolis: Vozes, 2000.

10 Cf. Tarrow, Sidney: *Fishnets, Internets and Catnets: Globalization and*

· afirma que os movimentos transnacionais só adquirem sustentabilidade quando alicerçados em “tradições nativas [locais], insti-tuições e oportunidades” para a construção de um movimento: “em particular, as pesquisas têm mostrado que os movimentos têm suas raízes em redes sociais preexistentes, depositárias de relações de confiança, reciprocidade e aprendizado cultural” (Ibid., pp. 12-13).

Inúmeros outros exemplos para uma reflexão sobre o campo teórico-metodológico para uma “sociologia das redes sociais” são melhor desenvolvidos nessa obra, cuja leitura recomendo não só para os acadêmicos interessados no assunto, mas também para os ativistas das redes sociais a fim de um mais profundo entendimento de suas práticas, e, ainda, para os cidadãos em geral, que cada vez mais vêm atuando, se comunicando, ou tendo seu cotidiano impactado pelas mais novas e diversificadas formas de redes sociais presenciais e virtuais.

Florianópolis, abril de 2012.

PREFÁCIO

Este livro tem um desenho bastante particular. Não se trata, Embora o título possa sugerir, de um manual sobre redes sociais. E Também não é um relato de uma pesquisa empírica, com recortes de problemas e questões precisas. É, antes de tudo, um esforço de organizar um campo vasto de leituras por mim empreendidas durante o ano letivo de 2010-2011 na Universidade de Hamburgo, Alemanha, quando da realização do meu estágio de pós-doutorado sênior¹¹. Com uma agenda de pesquisa a cumprir, mas também empenhado em inventariar a literatura sobre redes sociais, temática central nos trabalhos que desenvolvo há algum tempo, fiquei surpreso com a dinâmica deste domínio de conhecimento: uma quase infinita quantidade de livros, artigos, notícias de jornais; sinais muito claros de que a vivacidade desta disciplina – não somente sociológica, mas também invadindo campos mais amplos como a física, a ciência da informação, a matemática – se apresenta de forma inquestionável.

O que agora apresento aos leitores tem uma lógica organizativa que busca, de um lado, dar conta da trajetória do desenvolvimento das redes sociais, e, do outro, problematizar algumas discussões centrais a esta disciplina. Não se trata da construção de um *compte rendu*, ou muito menos da redação de um tratado. O tema escolhido liga-se à busca de respostas para questões colocadas em pesquisas que desenvolvo há alguns

¹¹ Agradecimentos à CAPES, pela indispensável bolsa de estudos concedida, e ao CNPq, pelo auxílio que possibilitou a publicação deste livro.

anos. Mas, antes disso – pois os pontos centrais desta agenda dizem respeito a sociabilidades e poder local – cabiam ainda algumas perguntas sobre a trajetória desta disciplina e de sua institucionalização.

Os caminhos percorridos são relativamente singulares. Antes de tudo, no primeiro capítulo, faço uma leitura sobre redes a partir do que foi publicado na imprensa. São artigos de opinião, notícias, fatos do cotidiano, que nos mostram o transbordamento do assunto “redes” para além dos muros acadêmicos. Notas sobre o que as universidades vêm pesquisando, fatos curiosos e do cotidiano; um apanhado bem interessante, confirmando a novidade do tema. E continuo por este caminho no segundo capítulo, onde busco resgatar as trajetórias da institucionalização da disciplina no campo das Ciências Sociais em ambientes universitários europeus e norte-americanos, para, em seguida, introduzir umas brevíssimas notas sobre o Brasil.

A partir dessa abordagem introdutória passo a discorrer sobre os assuntos mais diretamente ligados à temática: no terceiro capítulo, o recorte teórico-metodológico desta vertente analítica; no quarto, a contribuição de Simmel para o tema, e no quinto, a discussão sobre agência e estrutura. Neste sentido, procuro percorrer um caminho que busque respostas para questões que sempre estiveram presentes nas pesquisas por mim realizadas: Qual a natureza da abordagem reticular? E em que medida se estabelece a comunicação entre este campo teórico-metodológico e o discurso tradicional das Ciências Sociais. Simmel é um excelente exemplo desta inquietação, na medida em que, vivendo e escrevendo na Alemanha do final do século XIX, conviveu com o ambiente universitário que produziu as mais importantes contribuições para as Ciências Sociais. As questões abordadas por Simmel não se restringiam, como veremos, exclusivamente ao debate acadêmico restrito da sociologia da época, mas se colocavam em um patamar mais abstrato; aquele que hospedava

filósofos, artistas e literatos preocupados com a intensidade da transformação do *fin de siècle*. Um privilegiado pano de fundo para a interlocução dos temas de sua sociologia reticular com questões publicizadas naquele rico ambiente intelectual dos salões berlinenses.

O capítulo seguinte prossegue com questões ainda relacionadas ao debate sobre as redes sociais e sua interlocução com as Ciências Sociais. Mas, desta vez, remetendo a uma proposta audaciosa daqueles que defendem a abordagem reticular: a de que o impasse agência/estrutura – tão frequente, e fonte de disputas entre correntes teórico-metodológicas concorrentes – poderia ser resolvido a partir da mudança do foco de análise do indivíduo para os processos relacionais. Indivíduos e suas ações voluntaristas, em confronto com as estruturas sociais, não são compartimentos estanques, mas intercomunicáveis, desde que se considere o fato de que não seja possível extrair conclusões substanciais a partir do olhar atomizado de unidades (as pessoas), que, orientando-se em aglomerados estatísticos, produzem comportamentos significativos do ponto de vista sociológico. Porque, ao final de tudo, afirmam os teóricos de redes, o que conta são as relações. As pessoas interagem umas com as outras, dando significado ao fenômeno social. E a estrutura social é um processo que se ordena com base nestes campos reticulares, guardando inclusive sua forma independente, mas sempre em comunicação com as práticas das pessoas.

Os três últimos capítulos são orientados para questões de ordem empírica. Aqui retomo um campo de discussão que me é muito familiar: a questão do poder local. Abordei esse tema em pesquisas sobre movimentos sociais, gestão urbana e participação popular. Algumas questões centrais à agenda de estudos sobre o poder local são introduzidas, e atualizadas, como a temática da globalização. Global e local, práticas *glocais*, são matérias exploradas no sexto e sétimo capítulos deste livro. O foco são os

debates ocorridos entre a década de noventa do século passado e a primeira década deste século. A minha preocupação se orienta no sentido de buscar, nesse debate, indicadores de como este fenômeno pode ser trabalhado a partir de uma sociologia das redes sociais; que é exatamente o que venho fazendo nesta última década. Ou seja, de certa forma acompanho a minha trajetória intelectual, iniciada com estudos sobre poder local e fenômenos urbanos, e mais adiante adentrando nos estudos da sociologia da saúde. Retomo, portanto, pontos que vêm me ocupando há muito tempo, sempre trabalhados em recortes empíricos e algumas incursões em leituras teóricas, mas nunca explorados de forma mais sistemática.

Por fim, no último capítulo, abordo algumas questões sobre os usos da metodologia das redes. Apresentamos, para tanto, alguns exemplos de como a ARS (Análise de Redes Sociais) pode ser aplicada às Ciências Sociais. Tentamos também mostrar que, apesar da abordagem de redes possuir um escopo metodológico relativamente coeso e aplicável a diversos campos do conhecimento, as próprias características dos objetos de estudo das Ciências Sociais moldam as técnicas, e até mesmo, podemos dizer, apresentam entraves às promessas dos teóricos das redes; que afirmam estar diante de um poderoso método, capaz de revelar invariantes estruturais presentes em fenômenos de natureza diversa. Os que trabalham com as Ciências Sociais sabem bem das particularidades do fenômeno social, e dos obstáculos ainda não totalmente superados para a construção de uma metodologia que dê conta do comportamento humano. Da mesma forma, sustentam os que trabalham com ARS, há a promessa de um paradigma bastante inovador; que resolve alguns impasses que atormentam os cientistas sociais, mas não é uma fórmula *deus ex machina*. Há ainda muito que se fazer.

Com isso, os nossos objetivos são bem modestos: pretendemos colocar para o leitor algumas inquietações surgidas

durante nossa experiência de pesquisa, sem ter de modo algum a pretensão de sermos exaustivos, ou mesmo apresentar qualquer coisa de novo. Mas cremos que este pensar em voz alta seja importante, na medida em que, espero, possamos contribuir com esta discussão, animar a ainda pequena, mas vigorosa comunidade de pesquisadores de Redes Sociais no Brasil.

Cabe finalmente agradecer a todos que, direta ou indiretamente, participaram na construção deste livro. O livro foi gestado no ambiente acadêmico da Universidade de Hamburgo, Alemanha. Lá tive a oportunidade de conviver mais de perto com o prof. Eichner e sua simpática equipe. As discussões semanais e a indispensável ajuda de Eichner em me introduzir no ambiente intelectual germânico me foram muito valiosas. Chegando ao Brasil tocou-me a oportunidade de ter uma interessada audiência para o curso sobre Redes Sociais que ministrei no Programa de Pós Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco. Com os alunos – muitos deles oriundos de outras pós-graduações – procedi à leitura do livro, incorporando muitas das sugestões decorrentes dos debates. Com a primeira versão concluída, tive a valorosa ajuda do meu amigo Alcides Mendes, que corrigiu os originais, e com eficiência me colocou várias questões que contribuíram substancialmente para que a leitura deste livro se tornasse mais clara. Finalmente, cabe também agradecer a Josinês Rabelo pela inestimável ajuda prestada na adequação do livro às normas da ABNT.

CAPÍTULO 01

O Mundo das Redes – ou sobre como o tema se popularizou

A expressão ‘Redes Sociais’ tem recentemente ocupado uma posição central na sociologia, outras disciplinas acadêmicas e mesmo em discussões públicas. Conceitos como *networking*, seis graus de separação, apoio social e capital social tem sido adotados no mundo dos negócios, entre poetas e escritores e entre amigos. A difusão dos termos e conceitos no âmbito da perspectiva das redes já produz tanto aceitação como confusão entre os círculos acadêmicos.

Pescosolido (2006)

Há um consenso de que “Redes Sociais” sejam algo bastante importante nos tempos modernos. Aparentemente, com a internet, a globalização e a conseqüente massificação dos meios de transportes e comunicações, mais e mais pessoas se conectam, estabelecem laços e se comunicam. Mas também se descobre que as conexões são fenômenos recorrentes e quase “naturais”, que existem, portanto, desde sempre. O que significa que estão em todo lado; onde existirem pessoas, a redes se fazem presentes. (Re)Descobrem-se, então, fatos há muito presentes na realidade das pessoas, inscritos em ditos populares: “Dizes com quem andas que te direi quem és.”, “Tu estás precisando de um QI (quem indica) mais forte.”, “Cada macaco no seu galho.” Expressões em

língua portuguesa, mas que facilmente podem ser encontradas em outros idiomas, como veremos abaixo.

O que quero afirmar é que se assiste a uma popularização da temática “redes”, que atualmente se constitui em agenda importante de pesquisa; e cujo debate recente no mundo acadêmico “transborda” para a mídia impressa, invade as conversas cotidianas. As pessoas de repente descobrem que estão conectadas. Fato indiscutível e que, é claro, já é de conhecimento há muito da comunidade acadêmica; mas que simplesmente vem à tona e toma uma visibilidade bastante grande: recortes da imprensa nos informam das novas descobertas; fatos do cotidiano agora são analisados à luz da variável reticular; as pessoas conversam mais frequentemente sobre o assunto. Em resumo, está na moda.

Neste capítulo empreenderemos a leitura de matérias que têm sido objeto de atenção na imprensa. São notícias – na maior parte recentes – que nos informam sobre uma série de questões ligadas ao cotidiano, e que são abordadas a partir da temática das redes sociais. Não temos a pretensão de esgotar o assunto. As informações aqui disponibilizadas não foram objeto de pesquisa; o que significa que não temos uma amostra representativa de notícias ou artigos publicados no período. São apenas recortes recolhidos quando da leitura diária da imprensa¹², e que nos permitem, de qualquer modo, constatar que a temática “redes” há muito ultrapassou o espaço acadêmico.

Além da imprensa, citarei diálogos ou acontecimentos, por mim vivenciados, em que a mesma temática se fez presente. Conversas estabelecidas no cotidiano, no seio da família, entre amigos. Fora, portanto, do ambiente acadêmico. O tom coloquial das observações, os fatos que são comentados ao acaso, assinalam, de um lado, a visibilidade de um fenômeno – o de redes –, e do outro, que estes acontecimentos de certa forma foram “contaminados” pela atenção dada pela mídia, popularizando

12 Leituras feitas em 2010, quando da redação deste livro.

o tema e dando-lhe uma roupagem “respeitável”, a partir de notícias sobre estudos e narrativas eruditas, distantes daquelas do senso comum, que sempre frequentaram a percepção do fenômeno.

Fica, contudo, a ressalva de que a amostra dos temas aqui apresentados não é representativa, e que os veículos de imprensa – na sua maior parte, europeia – refletem apenas o universo cotidiano de leituras do autor. Acredito, entretanto, que, mesmo considerando essas questões, a popularização da temática referente a redes é um fato que ultrapassa os muros da comunidade acadêmica. E que, claro, há também o *biás* dos conteúdos das conversas estabelecidas com interlocutores cultos, e que são bastante contaminadas por informações vindas da academia.

“Precisas de Vitamina B”¹³

Este é um ditado corrente na Alemanha, significando a mesma coisa que aquele dito no Brasil, “Tu tens QI (quem indica)?”. Há pouco tempo passou por minhas mãos um folheto de propaganda de uma Agência de Viagens que dizia “Vitamina P para sua viagem de negócios”.¹⁴ Em seguida, uma série de termos iniciados com a letra P e com conteúdo fortemente positivo: “Privado, Profissional, Presente, em Parceria”.¹⁵ A mensagem é clara: há na Alemanha (como em outras partes do mundo, como veremos) o fenômeno da facilitação de acesso a recursos consoante a rede que o indivíduo dispõe. E existem ditos populares que retratam bem esta realidade, que perpassa inclusive classes sociais: o QI ou a “vitamina B” podem indicar tanto o acesso, por exemplo, a um serviço doméstico, quanto a

13 Du Brauchst Vitamine B.

14 Vitamin P für Ihre Geschäftsreisen.

15 Persönlich, Professionell, Präsent, Partnerschaftlich.

um cargo executivo em uma grande empresa nacional. No caso da propaganda, há uma mensagem implícita de que, apesar da “vitamina B”, a busca por serviços e pessoas que assessorem eficientemente também pode ser um bom caminho para o sucesso. No entanto, a “vitamina B” do adágio, mesmo sendo um exemplo de capital social, seu conteúdo ético é negativo, na medida em que os recursos acessados se dão a partir de formas intransparentes¹⁶.

Voltando do Congresso do SUNBELT¹⁷, e não tendo outra coisa para ler, deparei-me com o *Jornal Corriere della Sera*, um bom jornal, mas escrito em italiano e, portanto, fora da cesta de jornais que costumo ler. Tomei fôlego e iniciei a leitura no avião, de volta para Hamburgo. Como de costume, dou umas passeadas pelo caderno cultural e, súbito, deparo-me com uma resenha do livro “*Meritocrazia*”,¹⁸ de Roger Abravanel (Autor de origem Libanesa, mas que chegou à Itália há quase cinquenta anos). O texto começa afirmando que as revoluções francesa e americana quebraram a sólida e impenetrável barreira do nascimento para a determinação da posição do indivíduo na estrutura social. Segundo a resenhista¹⁹, “é fato que as revoluções francesa e americana estabeleceram como base uma cultura que muda o destino das pessoas, antes determinado pelo nascimento. O direito ao mérito parece ser uma certeza da sociedade ocidental madura: resultado de um percurso histórico”. E prossegue – agora então discorrendo sobre o livro – afirmando que, segundo Abravanel: “A Sociedade Italiana é profundamente desigual e

16 Cf. Braun (2011) sobre a prática de mobilização de recursos através de ligações informais e personalizadas.

17 Em 2010 o Sunbelt teve lugar em Riva del Garda, na Itália, reunindo cerca de 800 pessoas. Este é o acontecimento mais importante da comunidade acadêmica norte-americana, que recentemente tem incorporado cada vez mais pesquisadores de outras regiões do planeta.

18 Abravanel, Roger. *Meritocrazia*. Milano, Garzanti Editore, 2010.

19 Porciani, Franca. *Perché Il mérito da noi non Vince. Il bel paese del “familismo amorale”*. *Corriere della Sera*, Domenica 4 Luglio 2010, p. 28.

estática. O destino dos filhos está ligado ao de seus pais, muito mais do que acontece em outros países. A desigualdade entre ricos e pobres continua inalterada”. E esta desigualdade é fortemente reafirmada pelo desigual acesso a oportunidades, que se correlaciona com as redes de conhecimento: “para os italianos o valor mais importante para se chegar a um determinado local é a rede de conhecimento e não o talento, comprometimento e habilidades profissionais.” (PORCIANI, 2010: 28)

Um outro artigo desta edição do *Corriere della Sera*, de autoria de Alessandra Farkas²⁰, comenta o livro de McNamee²¹ sobre a fragilidade da meritocracia na América do Norte: “no livro *the Meritocracy Myth*, Stephen J. McNamee e Robert K. Miller afirmam que há fatores mais gratificantes que talento e compromisso: ‘O conhecimento, o capital cultural e a sorte’. De acordo com os dois professores de sociologia da Universidade da Carolina do Norte, crescer em famílias privilegiadas amplia a capacidade de adquirir e desenvolver habilidades individuais, e as chances de reconhecimento dessas habilidades. O mito da meritocracia na América é perigoso porque favorece injustamente os ricos e prejudica os pobres.” (Farkas, 2010: 29)

Ainda no Congresso do SUNBELT assisti a uma palestra sobre redes e empreendedorismo, de Irina Borovskaya, da Universidade de São Petersburgo – Departamento de Economia e Finanças. Aí tomei conhecimento pela primeira vez da expressão “Blat”, que significa troca de favores. Muito próxima, portanto, da ideia de Guanxi, fenômeno que se encontra na China. Encontrei também para os dois países expressões similares àquelas de Alemanha e Brasil: para a China, *Ty - mne, ya - tebe*²²; para a Rússia,

20 Farkas, Alessandra. Visto Dall’America: Aiuti di Stato, arma a doppio taglio. *Corriere della sera*, Domenica 4 Luglio 2010, p. 29.

21 McNamee, Stephen; Miller, Robert K. *The Meritocracy Myth*. Rowman & Littlefield Publishers Inc., Lanham, MD, 2004.

22 (One good turn deserves another - a folks saying.) Extraído de Ledeneva (1996).

“Não aceitamos suborno, mas aceitamos provas de gratidão.”²³

Parece-me, portanto, um fenômeno de amplitude global, presente em sociedades ocidentais onde os valores das revoluções francesa e americana estão profundamente enraizados (como é o caso dos demais países da América do Norte e da Alemanha), e também em países como China, Brasil e Rússia, que certamente mantêm trajetórias particulares.

O fato de as pessoas acionarem suas redes para mobilizar recursos é relativamente bem estudado na literatura. Redes pessoais são as que mais contam na busca por um posto de trabalho²⁴. É o que informa, por exemplo, uma matéria publicada em 15/08/2010: “Um levantamento da americana Robert Half, maior empresa de recrutamento do mundo, aponta que 60% das empresas brasileiras utilizam a indicação de outros profissionais para contratar um novo empregado”.²⁵ O interessante é que essa mesma matéria afirma que os profissionais de Recursos Humanos, cientes deste fato, elaboram técnicas de desenvolvimento e uso dessas redes pessoais para colocação no mercado de trabalho. Técnicas naturalmente destituídas do conteúdo negativo das práticas subterrâneas de troca de favores e mobilização de recursos – muitas vezes públicos – feitas de forma sub-reptícia. *Networking*, a técnica para instrumentalizar redes de contatos, é assim descrita²⁶:

23 Extraído de KELLY (2000: 65). Catriona – Self-interested giving: bribery and Etiquette in Late Imperial Russia; in Stephen Lovell, Alena Ledevena e Andrei Rogachevikii (eds.) Bribery and Blat in Russia: negotiating Reciprocity from the middle ages to the 1990s, London, Macmillan, pp. 65-94.

24 Trabalharemos esta temática – e algumas mais aqui esboçadas – em outros capítulos deste livro. Aqui queremos somente apresentar alguns pontos de discussão comentados na mídia.

25 Quando a Indicação Vale a Pena. *Jornal do commercio*, 15/08/2010.

26 Especialistas de la agenda. *El País Semanal* n. 1774, domingo 26 de septiembre de 2010.

Ter contatos é um dom que muita gente atribui à sorte, à causalidade ou à genética. Poucos entendem que ter sólida e diversa rede de contatos é um trabalho com estratégias bem pensadas e leis imovíveis. É o que procura explicar o *networking*: aprender a arte de fazer uma rede potente de contatos é matéria de estudo em muitos MBAs, onde desde o próprio processo de seleção já se pensa nas estranhas e eficazes ligações que podem ter um engenheiro hindu graduado em Londres, um conselheiro financeiro de Tóquio e um analista de mercados de Dubai. Porque se tem algo que se deve o quanto antes compreender sobre este assunto é que nada se deve deixar ao improviso. *Networking* é a ciência de fazer agenda, não é a arte da espontaneidade.

Essa técnica é relativamente recente entre os profissionais de Recursos Humanos; e vem sendo popularizada. Hoje não é somente uma questão para especialistas, mas para qualquer um que esteja iniciando sua trajetória profissional. É, pois, objeto de preocupação desde o início. Veja-se, por exemplo, um seminário promovido pelo “Career Center”,²⁷ da Universidade de Hamburgo, dedicado à orientação profissional de seus estudantes:

Workshops e seminários: promoção de carreira. Networking – o cuidado em fazer contatos. Networking está na boca do povo. Mas como posso usar esta ferramenta de forma eficaz para a promoção da minha carreira? Com estes contatos, tão ricos, que vão desde o Facebook até o Studi VZ. Como teço minhas redes sistemática e eficazmente? Neste workshop você receberá conselhos práticos para o desenvolvimento de sua rede pessoal: o que é networking? Quais contatos são úteis na rede? Como construir minha rede?

²⁷ Career Center für Studierende un Absolventinnen der Universität Hamburg. Veranstaltungen Wintersemester 2010/2011.

Sobre o quanto se precisa de amigos

Tem-se verificado na mídia – impressa, mas também em blogs e outros veículos digitais – que, regra geral, as redes sociais são um ingrediente importante, assumindo lugar cada vez mais central com a disseminação do acesso à internet. Assim, contemporaneamente, é cada vez maior a presença das redes sociais virtuais no cotidiano das pessoas.²⁸ E essa súbita descoberta das redes na rotina diária e nas rodas de discussão, para além do ambiente acadêmico, é de certa forma decorrente da importância cada vez maior das redes virtuais na vida dos indivíduos. De modo geral, admite-se que redes sociais são algo que estrutura o comportamento das pessoas: as redes são contagiosas, e isto em diversos campos. Há uma tese geral de que padrões comportamentais se espalham pelas redes sociais.

Qual o número adequado de amigos? O que faz a pessoa ter mais ou menos amigos? Qual o peso da solidão?

Aqui há um ponto relativo de consenso: o de que ter amigos é saudável e faz parte de uma vida “normal”. A solidão é sempre vista negativamente; e algo a ser combatido. Estar sozinho significa um claro sinal de que há algo que não anda bem. E a relação direta entre o tamanho dos círculos de amizade e a saúde, o bem-estar psicológico, o sucesso profissional, entre outras coisas, é bastante acentuada na literatura especializada. Mas o fato não é somente objeto de discussão nos círculos acadêmicos; faz parte da percepção do senso comum, e respinga frequentemente na mídia. Uma breve amostra, extraída da imprensa europeia, é significativa a respeito:

1. Sobre o fato de que ciclos de vida e círculos sociais estão estreitamente associados. Há um consenso de que, por exemplo, os jovens têm o círculo de amizade mais ampliado que pessoas da terceira idade. E provavelmente padrões de círculos sociais

²⁸ Iremos explorar essa questão mais adiante, em um capítulo especial sobre o assunto.

são observados em outros momentos da trajetória biográfica do indivíduo. Uma curiosa reportagem do The Sunday times²⁹, por exemplo, afirma que “Quem tem dois filhos, perde um amigo. Pesquisadores descobriram que ter descendência resulta em um *trade-off*, em que os círculos sociais dos pais encolhem, e eles dependem crescentemente de ajuda profissional.”

2. Sobre a importância de se ter amigos, e o fato de a vida moderna erodir relacionamentos e provocar solidão. Um artigo publicado no Guardian³⁰ informa que um relatório da Mental Health Foundation, recém-publicado, argumenta que “nossa sociedade mercantil incentivou a solidão humana. Enquanto agentes isolados competindo por bens e serviços no mercado de trabalho, nós nos esquecemos do valor dos laços sociais. Os planejadores têm que reconhecer este aspecto vital de nossas vidas, mobilizando recursos para combater a erosão das redes sociais. Relações melhores significam vidas melhores... amizade e amor agem enquanto amortecedores da competição humana... estudos com pacientes com câncer, citados no relatório, mostram que aqueles que sofrem sem o apoio de amigos têm mais chances de morrer que aqueles com muitos amigos. Claramente, o relatório nos informa que devemos investir em relações. Laços sociais e amor são um bem para nós. Por quê? Porque a força do nosso sistema imune aumenta, e também porque melhora nossa função cardiovascular.” O articulista, no entanto, alerta que ter amigos vem se transformando em algo mercantil, objeto de valoração para além do estar-com-alguém. Ter amigos significa vida proveitosa, e a busca por amizades se torna tão parecida com a demanda por exercícios físicos, ou por comida saudável (brócolis, que previne contra o câncer; ou suco de romã, que previne contra ataques cardíacos...), que, embora seja algo

29 Grimstom, Jack. We'll cost you some friends, Mummy. The Sunday Times, 13/06/2010.

30 Leader, Darian. Help! I need somebody. The guardian, 29/05/2010.

recomendável, transformar a solidão em patologia não parece ser uma boa ideia. Ao invés de se mercantilizar a solidão, ou criarem-se escalas de medida para o infortúnio/riqueza de relacionamentos, é importante ater-se ao sentido de se estar conectado a alguém; ao mesmo tempo em que se admita também que se sentir sozinho é algo de absolutamente pessoal. O que implica na ideia de que seja possível se estar sozinho e sentir-se bem. Em outra perspectiva, o articulista pensa não simplesmente no sentimento da solidão, mas, fundamentalmente, na atribuição de sentido à vida: “Pesquisadores têm mostrado que algumas pessoas lidam melhor com a solidão quando elas sabem que têm um papel na vida. Quando perguntadas sobre o que conta mais para elas, pessoas idosas dizem que é menos a presença de sua família que o fato de que suas vidas têm valor. Perder um lugar simbólico na família ou na comunidade tem efeitos devastadores.”

3. Ser feliz é ter com quem se comunicar, mas desta vez implicando também na importância das chamadas redes de relacionamento virtual. A fórmula vale também, consequentemente, para as relações desterritorializadas; não ancoradas em contatos face a face. Vicente Verdú, em um artigo para o *Jornal El País*³¹, informa que há uma fórmula para a felicidade, com que todos os psicólogos geralmente concordam: “A equação faz referência à fórmula que aumentaria a felicidade social, e seu postulado tem duas partes. A primeira é que são mais felizes aqueles países ou regiões onde as diferenças de renda não são ofensivamente distantes. A segunda é que a felicidade das pessoas não está correlacionada positivamente nem com o dinheiro, com a inteligência, religião, saúde ou cultura; nem em ser alto ou baixo, bonito ou feio, homem ou mulher. A felicidade somente se correlaciona positivamente com a maior e melhor

31 Verdú, Vicente. *A La gente Le gusta La gente*. *El País*, 19/07/2010.

comunicação com os outros. O formidável êxito atual das redes sociais esclarece o aporte de relações entre muitos e iguais, por virtuais que sejam. As redes de comunicação pessoais e ativas oferecem uma grande vantagem: as pessoas compartilham as boas e más notícias. Ao saber que outros próximos também sofrem, aprendemos a suportar nossos sofrimentos. A maior saúde física e psíquica, finalmente, não vem exclusivamente da qualidade do sistema sanitário, mas também da riqueza pessoal das redes.”

4. Uma amostra interessante sobre o assunto nos é oferecida por um artigo publicado originalmente no *Der Spiegel*, e traduzido para o portal do UOL.³² Trata-se da história de Helen Kahn, mais conhecida por Happy. Com uma vida absolutamente normal e conscientemente ignorante dos cuidados que os profissionais de saúde sempre recomendam para uma existência longa, Happy continua, do alto de seus quase 110 anos, com saúde e vivendo plenamente. As tradicionais relações entre hábitos de vida saudáveis e saúde aqui não se aplicam: “ela detesta saladas, verduras, legumes, acordar cedo e praticamente tudo que tenha algo a ver com um estilo de vida saudável. Helen adora hambúrgueres, chocolate, coquetéis e a vida noturna de Nova York – todos os restaurantes exóticos, espetáculos da Broadway, cinemas e o Metropolitan Opera... E é claro que ela também gosta de fumar: ‘Eu fumo há mais de 80 anos, o dia todo, todos os dias. Isso significa uma quantidade enorme de cigarros’”. À parte as extravagâncias de Happy, os cientistas admitem que há algo além de bons hábitos que promovam a longevidade. Genética, com certeza é um deles. Mas o estudo levado a cabo pela Universidade de Boston³³, com cerca de 2.600 participantes – o maior projeto de pesquisa do gênero no mundo, segundo a reportagem –, também

32 Shafy, Samiha. Cientistas querem desvendar segredo para o aumento da longevidade. In <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em 25/09/2010.

33 New England Centenarian Study.

acrescenta um ingrediente importante, que poderíamos designar de hábitos sociais saudáveis: “Os indivíduos que estudamos são geralmente extrovertidos e gregários, e possuem uma rede social estável.”, explica o Prof. Perls, coordenador do estudo. Esta é a conclusão a que alguns cientistas têm chegado a partir de estudos diversos: que o fato de se ter amigos, redes sociais estáveis, é um ingrediente que conta consideravelmente para o estado de bem-estar; para se ter uma vida saudável. Assim, segundo artigo publicado na imprensa espanhola³⁴, “Pessoas com boas relações sociais têm mais possibilidades de sobreviver a uma doença grave... Para chegar a estas conclusões, os autores destes trabalhos – das Universidades Brigham Young e North Carolina (EUA) – revisaram a literatura médica em busca de trabalhos que estudaram a influência das relações sociais sobre a mortalidade... Os resultados dos estudos mostraram que as relações sociais parecem influir diretamente sobre o risco de morte dos indivíduos. Desta forma, quem tem vida social adequada teria 50% mais chances de sobreviver que aqueles cujas conexões interpessoais eram insuficientes.” Pesquisas sobre a felicidade³⁵, definida de maneira relativamente frouxa enquanto sentimento de bem-estar, afirmam que há um efeito de contágio entre os indivíduos; que “a felicidade das pessoas depende da felicidade dos outros com quem estão conectadas. A busca de felicidade, como saúde, é um fenômeno coletivo.” (Fowler, 2008: s.p). A influência direta sobre um sentimento tão subjetivo como a felicidade marca um campo de pesquisas que investigam esta determinação das redes sociais sobre o comportamento e o bem-estar das pessoas a partir de um gama complexa de

34 Lucio, Cristina G. Tener amigos alarga la vida tanto como dejar de fumar. El mundo, 28/07/2010. Extraído de www.elmundo.es/elmundosalud/2010/07/27/noticias.

35 FOWLER, James H.; CHRISTAKIS, Nicholas A. Dynamic spread of happiness in a large network: longitudinal analysis over 20 years in the Framingham Heart Study. *BJM* 2008; 337: a2338 doi: 10.1136/bjm.a238.

fenômenos, como tabagismo (Selby et alli, 2010; Merkenet et alli, 2008); infecção por DST (Rocha, 2010), ou até mesmo divórcios (McDermot, 2010).

As diversas leituras para o apoio social: quando o cuidador se queixa

Ainda sobre redes pessoais e bem-estar, há um ponto bastante discutido: o de que pessoas em situação de fragilidade necessitem de apoio daquelas que lhes são mais próximas; de suas redes egocentradas. Pessoas idosas, doentes, com sofrimento psíquico, são exemplos mais constantes, e os que aparecem mais frequentemente na mídia. Objeto de estudo há relativamente muito tempo, o tema concernente ao apoio social se torna cada vez mais recorrente nas discussões entre os círculos de amigos, principalmente pelo fato de o envelhecimento da população colocar cada vez mais em evidência a necessidade de ampliar os serviços de cuidados; considerando-se também a atenção e o não abandono. Práticas até pouco tempo consideradas relativamente adequadas – como, por exemplo, a atenção psiquiátrica em instituições asilares –, são hoje fortemente questionadas, resultando em um amplo movimento de reforma do modelo de atenção à saúde mental.

Esses e outros exemplos põem em questão as práticas de cuidado fortemente institucionalizadas, levadas a cabo por agências governamentais, Organizações Não Governamentais ou instituições privadas. Aliviam o fardo do cuidador, é certo, mas são frequentemente objetos de denúncia: práticas desumanas, destituídas de afeto ou despersonalizadas. Tais fatos são a causa das discussões e debates constantemente encontrados na mídia impressa e virtual. Alguns exemplos são esclarecedores.

Já há algum tempo, quando estava em Cambridge, MA, enquanto *Visiting Scholar*, em Harvard, fiz uma assinatura do

New York Times. Um jornal que recebia com entusiasmo, dada a sua qualidade, principalmente aos domingos, onde havia uma profusão de artigos, crônicas, resenhas de livros, enfim, mais que um jornal com notícias; muito de substancioso para ler de conteúdo literário. Uma das partes que também me interessavam era a de cartas de leitores; não somente naquela parte tradicional, onde as pessoas emitiam opinião sobre assuntos da atualidade, mas também em diversas seções do jornal, nas quais as pessoas escreviam para solicitar conselhos (sentimentais, financeiros, sobre saúde em geral etc.). Na seção de economia havia um colunista que, além de responder às cartas dos leitores, também escrevia artigos orientando sobre situações práticas do dia a dia, e de como lidar com questões de ordem financeira. Em um desses artigos (escrito no inverno de 1998), um curioso título indicava pistas muito interessantes sobre como as pessoas percebiam as práticas de solidariedade. Dizia o título: “você já perguntou a seus pais se eles fizeram uma reserva monetária adequada para pagar o asilo?”. *Nursing home*, ou *Retirement home* são instituições que oferecem residência e serviços de apoio a pessoas da terceira idade; e que vão de trabalhos de limpeza, compras e organização do cotidiano – para pessoas com poucas limitações –, até aqueles de cuidados mais complexos, para aquelas com capacidades limitadas. Tais serviços são bastante caros. Em alguns lugares, como na Grã-Bretanha, existe a possibilidade de financiamento (com alguns limites) pela seguridade social.³⁶ No caso norte-americano, e em alguns países europeus, é bastante comum as pessoas idosas, quando não têm mais condições de cuidar de si mesmas, irem para uma residência desse tipo. No Brasil, no entanto, esses lares são vistos negativamente, ou tratados de forma pejorativa como asilos para velhos; lugares onde as pessoas

³⁶ Consultar, por exemplo, <http://www.carehomes.net/>, <http://www.carehomesguide.com/> (Reino Unido); <http://www.retirementhomes.com/>, <http://www.lcca.com> (Estados Unidos), para informações sobre o serviço e as formas de financiamento.

que não têm família, ou que são abandonadas, vão buscar abrigo para os seus últimos anos de vida. No caso norte-americano ou europeu, ir para uma *Nursing Home* não significa de forma alguma abandono. É algo absolutamente natural.

No Guardian de 29.05.2010³⁷, em uma coluna intitulada “*Problem Solved*”, vemos uma interessante consulta de uma leitora sobre seu pai, que se recusa a frequentar um clube *Respite Care*³⁸, negando-se a dar a sua mãe um alívio no stress de cuidadora:

Estou realmente preocupada com minha mãe, de 75 anos, que é cuidadora de meu pai (ele tem 78 anos). Ela está exausta e precisando de um descanso, mas ele se recusa a ir para uma casa de repouso. Ele não pode cuidar de si e apoia-se nela. (ele e eu sempre tivemos problemas de relacionamento). Eles têm jardineiro e uma pessoa que limpa a casa, e sempre faço as compras, alguma comida e outras coisas (tenho somente um filho). No ano passado, pedi ajuda à Assistência Social, que me aconselhou a falar com eles, que eles precisam de férias. Papai concordou no momento, mas depois mudou de ideia. A sua assistente social também não teve sucesso em convencê-lo (ele recusou-se a ir a um centro de convivência, e liberar, portanto, minha mãe por um dia na semana). A única vez que minha mãe teve um descanso foi quando ele precisou ficar em um hospital por dois dias.

A articulista, admitindo que o pai da missivista, um senhor de idade, é uma pessoa frágil, e com certeza carregada de medos e ansiedades em relação ao abandono e ao fato de viver novas experiências (Num centro de convivência onde provavelmente não conhece ninguém, e por isso fica exposto aos achaques da velhice.), aconselha-a a buscar uma melhor forma de convencê-lo a frequentar este centro de convivência, e aliviar, desta maneira,

37 Barbieri, Annalisa. *Problem Solved*. The Guardian, 29/05/2010.

38 “*Respite care* é um tipo de ajuda e suporte que permite que a pessoa se alivie por algum tempo dos encargos decorrentes do trabalho com cuidados de alguém”. <http://www.nhs.uk/conditions/respite-care/Pages/Introduction.aspx> acessado em 18/07/2010.

sua esposa do fardo dos cuidados: talvez uma conversa com uma pessoa próxima do círculo social dele, ou mesmo uma tentativa de compreender seus motivos e contra-argumentar. Mas o que importa aqui é o reconhecimento explícito de que o cuidado demanda tempo e provoca stress; fato que não é abertamente discutido em outras culturas, como no Brasil, por exemplo.

Em entrevistas com cuidadores de portadores de transtorno mental, realizadas quando da pesquisa de campo para o projeto “Redes e apoio Social”,³⁹ em diversos momentos pudemos constatar que as pessoas admitiam explicitamente o fardo e a mudança do cotidiano quando do adoecimento e da necessidade de reorientar parte significativa de sua rotina diária para a atenção da pessoa a ser cuidada. Em nenhum momento, entretanto, há a menção explícita de que alguém fora do círculo familiar, um profissional, por exemplo, poderia aliviar este fardo. A menção à penosa tarefa era sempre acompanhada de um senão, reorientando o argumento do vínculo para a contraprestação do carinho, do dever do auxílio à pessoa querida, ou àquela com quem se tem laços de sangue.

Redes virtuais: sobre como construir relacionamentos nas nuvens

A expressão “nas nuvens” agora é o *up-to-date* na internet. Refere-se a uma significativa mudança nos desenhos dos computadores, com a introdução dos tablets, conectados à grande rede mundial. Eles são mais baratos e, conseqüentemente, mais acessíveis, porque dispensam o disco rígido, o leitor de CD/DVD e outros equipamentos. O requisito mínimo é o acesso à net. A partir daí informações são recuperadas no ambiente da web; softwares (como planilhas eletrônicas e processadores de textos) são também utilizados a partir do acesso via internet,

39 FACEPE (2009).

e bancos de dados pessoais armazenados em discos rígidos virtuais. Uma nova revolução nesta área do conhecimento, que já é caracterizada por uma velocidade de inovação bastante superior a outros campos do saber e de aplicação técnica.

Mas a expressão “nas nuvens” também pode ter outro significado: o de que as redes sociais possam ser construídas sem a âncora territorial. Das tradicionais reuniões nas praças das aldeias, aos cafés europeus da primeira metade do século XX, os encontros, o entrar em contato com as pessoas, caracterizavam-se por ter uma âncora preponderantemente territorializada. Embora não se possa afirmar que o território, o local, ainda não seja o lugar por excelência para o viver em sociedade, é certo que a era das redes sociais virtuais assume uma importância fundamental, não somente entre os jovens, que crescem com essa tecnologia, mas também para os de mais idade, que experimentam no aprendizado do novo, que descobrem nas redes virtuais, o fazer, o reencontrar, o estar em contato cotidianamente a partir de interações mediadas pela internet. Não se trata, pois, somente do acesso a sites de jornalismo, ou da busca por mensagens em caixas de correio eletrônicas; os mais maduros também procuram as chamadas “redes sociais”, os sites de relacionamento: “As pessoas mais velhas frequentam os sites da internet para encontrar antigos amigos e tecer redes suscetíveis de auxílio, quando do seu ingresso na aposentadoria, ou pelo desejo de mudança do emprego.”⁴⁰

Pessoas que se ocupam diariamente em alimentar suas redes sociais a partir de sítios de relacionamento têm sido objeto de atenção na mídia. Pergunta-se frequentemente se esses relacionamentos seriam substitutos dos contatos face a face; ou, como resultado, se não correríamos o risco de encontrar cada vez mais jovens – os que aparentemente mais fazem uso desta prática – ensimesmados em suas casas, conectados ao mundo

40 Les seniors tissent leur toile sur les réseaux sociaux. Le Monde, 04/10/2010.

real apenas por intermédio de seus computadores; ou se este tipo de atitude não seria prejudicial, provocando vários distúrbios de comportamento. Essas não são hipóteses confirmadas. Alguns pesquisadores, inclusive, arriscam que a influência da internet sobre o comportamento dos jovens no que concerne a sua sociabilidade, embora seja importante, não se sobressai em relação àquelas influências ancoradas territorialmente. Mais ainda: as sociabilidades virtuais e as oriundas de relacionamentos face a face se sobrepõem. Dois exemplos ilustram bem este caso. O primeiro, extraído de uma notícia de um importante periódico alemão⁴¹, nos informa que “os jovens estão mais interessados em seus amigos do mundo real que no Facebook... Um estudo do Instituto Hans Bredow, intitulado ‘Crescendo com as Redes Sociais’⁴², foi bastante completo neste sentido”. Além de fazer um estudo representativo, os pesquisadores realizaram entrevistas individuais extensas com 23 jovens. Mais uma vez ficou claro que os eles usam a internet principalmente para interagir com seus amigos. Entram em sites de redes sociais, como o Facebook e o alemão SchülerVZ – dedicado a estudantes – para bater papo, divertir-se e se exibir; exatamente como fazem na vida real. A mídia não substitui o mundo físico. Os jovens ainda preferem encontrar os amigos ou praticar esportes. O uso da internet é substituto das velhas mídias, como o telefone, a televisão, ou a mídia impressa. Mas essa utilização não substitui, como acontecia aos antigos meios, as sociabilidades ancoradas territorialmente. Na verdade, tem um conteúdo fortemente complementar.

Outro exemplo, desta vez extraído de uma experiência pessoal, também é ilustrativo. Durante o ano de 2010

41 Dworschak, Manfred. A geração da internet prefere o mundo real. Der Spiegel. Versão traduzida e veiculada pelo site UOL. <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal>, acesso em 16/08/2010.

42 “we envision a world where everyone can explore and create meaningful connections with the people and places they encounter”. Ver em <http://www.hans-bredow-institut.de/>, acesso em 16/08/2010.

encontrava-me em Hamburgo, em uma licença sabática. Estava acompanhado de minhas duas filhas. Estas, jovens adultas, nunca tinham experimentado viver fora do país; e tampouco conheciam pessoas em Hamburgo. Lembrei-me quando da minha primeira experiência no exterior, em Paris, por ocasião dos meus estudos de doutorado. Cheguei lá com 26 anos, também com poucos contatos. A primeira ponte para o estabelecimento de novas amizades foi o relacionamento com outros brasileiros, residentes na Casa do Brasil, uma das 40 residências da Cité Universitaire de Paris, que abrigam hoje cerca de 10.000 estudantes de diversas nacionalidades.⁴³ Saindo dos muros da Casa do Brasil, as possibilidades de conhecer pessoas se davam a partir das inúmeras festas que aconteciam nas residências da Cité Universitaire, com os colegas da Universidade; ou então em encontros, conferências, clubes, enfim, em campos de sociabilidade ancorados territorialmente. Sabíamos do que acontecia a partir de informações boca a boca – normalmente repassadas por amigos em conversas, pessoalmente ou por telefone –, ou então a partir de anúncios postados em murais das Faculdades ou das residências estudantis.

Chegando a Hamburgo ainda no verão, e com a Universidade em recesso, perguntava-me sobre como as minhas duas filhas iriam encontrar pessoas e fazer novas amizades. De súbito, verifico que nesta segunda década do século XXI há algo totalmente diverso daqueles já longínquos anos 80 do século XX: a internet. Elas já haviam tido, desde antes de sua chegada, um intenso contato com pessoas da Europa que moravam em Hamburgo, ou estavam visitando a cidade ocasionalmente, através de um site da internet, o *Couch Surfing*. Este site, que tem por missão “um mundo onde todos possam explorar e construir conexões plenas com pessoas em diversos locais”⁴⁴, se

43 Consultar <http://www.ciup.fr/>.

44 Consultar <http://www.couchsurfing.org/index.html>.

constitui em muito mais que um simples *broker*; uma ponte que intermedeie contatos para, no caso, providenciar alojamentos a jovens viajantes. Claro, tem essa função. Mas logo descobri que o *Couch surfing* é uma eficiente ponte para pessoas descobrirem novos amigos, construírem sociabilidades. Constatei, então, a construção de uma vida social ativa, com reuniões, festas, encontros pessoais. Novas amizades foram estabelecidas e, a partir destes novos amigos, foi elaborada uma intensa rede de contatos em Hamburgo. Contatos, ressalte-se, ancorados territorialmente, com sociabilidades instauradas à moda antiga, a partir de encontros e interações face a face.

Ainda há outro importante fenômeno associado à internet, e que também é objeto de acaloradas discussões. Trata-se da possibilidade de uma importante revolução na esfera pública; pelo fato de que as pessoas interagem enquanto agentes independentes. Ou seja, contra o poder das Mídias e dos grandes grupos econômicos, fortemente denunciados pelos pesquisadores de comunicação do século XX. Assim, segundo Meira, “as plataformas informacionais que suportam conectividade para interação, permitem que a periferia se expresse sem o controle ou a editoria do programador central, e que interaja, com o centro e como pares, numa nova e não mediada forma de expressão, e em larga escala. Dito de outra forma, estamos vivendo um período em que a audiência está se transformando em comunidade.”⁴⁵

Descontado o otimismo de Meira, é certo que a possibilidade de qualquer pessoa construir e publicar seu Blog – ainda não considerando o fato de que existem milhões de Blogs, e que a audiência e os impactos são bastante desiguais, e muitas vezes resultado de posições mais visíveis em sites, por exemplo, da mídia impressa... –; ou emitir sua opinião em portais de relacionamento – gerando, assim, microesferas de formação

45 Meira, Sílvio. O meio é programável. Folha de São Paulo, 22/07/2010.
Em <http://www1.folha.uol.com.br>.

de opinião, talvez um pouco semelhantes às dos cafés do final do século XIX –; ou mesmo a partir de micro-mensagens, é um fenômeno que provoca efeitos bastante importantes. Mas não necessariamente positivos. Alguns exemplos abaixo, extraídos da mídia, nos informam da riqueza deste fenômeno.

1. Universidade americana enfrenta escândalo sexual devido à lista divulgada na Internet. Este é o título de notícia publicada no New York Times.⁴⁶ Segundo as articulistas, “durante quase duas semanas, muita gente aqui no Campus da Universidade Duke soube da existência de certa tese escrita por uma aluna recém-formada, aparentemente com a intenção de ser uma piada particular, sobre as suas proezas sexuais com 13 estudantes atletas. A seguir a notícia foi colocada na internet. A tese, escrita em uma apresentação de 42 páginas em PowerPoint, espalhou-se como uma epidemia. E os alunos viram novamente a sua universidade em meio a um escândalo sexual, e irritaram-se devido ao poder do mundo nebuloso e sem fronteiras da internet em causar problemas e denegrir imagens... Ela enviou essa tese de mentira sobre ‘desempenho acadêmico horizontal’ para algumas amigas, que, a seguir, a enviaram para outros amigos. Após circular pela comunidade de Duke durante quase uma semana, com e-mails que chegaram a ex-alunos no exterior e a boletins de mensagens agitados com a história, o documento foi publicado online por dois websites vinculados, o Jezebel e o Deadspin. A partir desses dois sites a notícia explodiu na blogosfera”.

2. Redes sociais alteram equilíbrio de poder na Indonésia⁴⁷. Descontentes com a instalação de uma estátua de Barack Obama,

46 Seelye, Katherine Q.; Robbins, Liz. Universidade americana enfrenta escândalo sexual devido à lista divulgada na Internet. Reportagem do New York Times traduzida para o português e publicada no portal UOL. <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes>, acesso em 19/10/2010.

47 Onishi, Norimitsu. Redes sociais alteram equilíbrio de poder na Indonésia. Folha de São Paulo, 03/05/2010. <http://www.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes>.

aos dez anos, numa praça de Jacarta, os indonésios levaram seu protesto, não às ruas, mas ao Facebook. Após queixas on-line de mais de 56 mil manifestantes, as autoridades municipais cederam aos argumentos de que o parque deveria homenagear um indonésio. Este exemplo de organização comunitária de alta tecnologia foi o resultado direto da explosão das redes sociais na Indonésia. Mas o boom está gerando um acirrado debate sobre os limites da liberdade de expressão na jovem democracia local. O governo tenta regulamentar o conteúdo da internet e a fortalecida imprensa local reage. Defensores de uma maior liberdade veem as redes sociais como uma ferramenta vital para democratizar ainda mais o sistema político frequentemente corrupto do país. Conservadores, especialmente políticos e líderes religiosos, preocupam-se com o domínio das massas e a perda dos valores tradicionais.

3. Preconceito contra nordestinos⁴⁸. Editorial do prestigioso jornal Folha de São Paulo informa que “Uma parcela minoritária de eleitores insatisfeitos com a vitória de Dilma Rousseff incentivou uma onda de mensagens preconceituosas na internet contra nordestinos, aos quais atribui o sucesso eleitoral da ex-ministra”. As postagens publicadas no *Twitter*, espaço onde se veiculam pequenas mensagens, provocam indignação, mas também uma importante leva de comentários igualmente preconceituosos. Alguns excertos: “deem o direito de voto pros nordestinos (sic) e afundem o país de quem trabalha pra sustentar os vagabundos que fazem filhos para ganhar a bolsa 171; que país é esse? É a porra do Brasil onde nordestino acha que é gente; o nordeste não deveria existir, bando de ignorantes mortos de fome, que se vendem por uma cesta básica e coisas do tipo”.

48 Ver em <http://kioshi.blogspot.com/2010/11/xenofobia-no-twitter-contra-nordestinos.html>, acesso em 04/11/2010. Consultar também <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/fz0411201002.htm>, acesso em 04/11/2010.

4. Redes sociais aumentam a influência dos consumidores. Livro publicado recentemente⁴⁹ alerta os empresários, diretores, gerentes e profissionais em geral para o poder adquirido pelo consumidor, que aprendeu a usar as redes sociais e os demais caminhos da internet. “Um vídeo de um cliente irritado pelo péssimo atendimento pode obter milhares ou até milhões de exibições. Um rastilho de pólvora para a marca e seus produtos... Uma só pessoa com extensa rede de relacionamentos pode abalar uma empresa, uma marca, um produto ou um serviço.”⁵⁰

Temos uma pequena amostra de uma cesta de assuntos que são cotidianamente discutidos na imprensa, populando uma agenda de pesquisa que está em ascensão. Com certeza, também temos, em rodas de amigos, nos comentários cotidianos das coisas do dia a dia, temáticas sobre o fenômeno das redes sendo abordadas. O que nos parece natural: o transbordar de agendas acadêmicas para a vida cotidiana. Claro, resguardando-se sempre das interpretações às vezes incorretas, creio que cabe à imprensa este importante papel, o da divulgação científica.

Veremos agora, no próximo capítulo, um pouco do processo de construção da orientação científica sobre redes na Europa e América do Norte; da consolidação institucional deste campo do conhecimento, que, como veremos, assume uma centralidade importante na agenda de pesquisa das Ciências Sociais, e estabelece conexões bastante interessantes com outras disciplinas acadêmicas. Não ousaríamos dizer, como o faz Barabási (2003), que estaríamos assistindo a uma revolução científica, com a construção de um paradigma universal, apto a bases comuns para os diversos campos do conhecimento. Mas, com certeza, como veremos, estas aproximações interdisciplinares provocam curiosidade e abrem nossas mentes para novas ideias.

49 Blackshaw, Pete. O cliente é quem manda. São Paulo, Editora Sextante, 2010.

50 Redes sociais aumentam a influência dos consumidores. Folha de São Paulo, 10/07/2010. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado>.

CAPÍTULO 02

Sobre o Desenvolvimento da Sociologia Reticular

A história das Redes

A Sociologia enquanto disciplina acadêmica surge no século XIX. A Análise de Redes Sociais tem o seu desenvolvimento confirmado a partir da década de 70 do século XX. Naturalmente, há conexões entre os que consolidaram a Análise das Redes Sociais e os pais fundadores da Sociologia, embora não haja consenso sobre o fato de que existiriam filiações teórico-conceituais importantes, se se considera que “rede” indica muito mais que um recorte metodológico.⁵¹

Não há consenso sobre como esta especialidade da Sociologia se desenvolveu. Muito provavelmente, como é comum em diversos ramos do conhecimento, não há um movimento linear, originário de um único ponto e, conseqüentemente, uma “escola”, com fundadores e seguidores. Pode-se dizer que a ideia de “redes” esteja presente desde há muito tempo – como, aliás, a própria ideia de sociedade, que nunca foi conceito exclusivo do domínio sociológico –, aparecendo na maior parte das vezes de maneira metafórica. Quer dizer, imaginativamente sugerindo o fato de que as pessoas estabeleçam conexões entre si; que esse

51 Há uma discussão importante entre os acadêmicos sobre se haveria um novo paradigma de análise – a Análise das Redes Sociais –, ou simplesmente um poderoso instrumento metodológico. Mais adiante discorreremos sobre esta questão.

fenômeno seja crucial para o entendimento dos mecanismos de funcionamento da sociedade. Pode-se, em um esforço de exegese, buscar os diversos significados da ideia de redes sociais na literatura sociológica desde os clássicos, e, dessa forma, sugerir as prováveis origens desta nova especialidade da Sociologia. Ou, em outra possível abordagem, investigar as trajetórias de formação intelectual dos mais importantes especialistas sobre o assunto. Estas talvez sejam as duas principais orientações dos textos sobre a construção da disciplina “Redes Sociais”: uma histórica, no sentido mais convencional, tentando inventariar na literatura os diversos momentos (épocas, lugares, filiações institucionais) do discurso sobre redes; e outra de conteúdo mais sociológico, na tentativa de reconstruir os caminhos, os processos de estruturação desse conhecimento.

Aqui importa reconstruir as trajetórias de formação dos grupos e das agendas de pesquisa. O processo de difusão do conhecimento se passa, na maior parte dos casos, por transmissão interpessoal – sobretudo em um primeiro momento – da experiência acumulada nos laboratórios e unidades de pesquisa, onde as interações entre pesquisadores sêniores e estudantes é estratégica. Muitas vezes este é um processo policêntrico, com uma grande chance de grupos de pesquisa que não se comuniquem desenvolverem agendas similares. Posteriormente, com a institucionalização do campo – e sua consequente formação de associações, espaços de divulgação em revistas científicas, grupos de discussão em congressos, e outros mecanismos – cria-se a possibilidade da constituição de uma rede integrada de pesquisas; o que significa mais visibilidade ao tema e a consolidação de uma agenda abrangente de investigações. O que mais comumente se conhece como “Sociologia do Conhecimento” é agora aplicado, inclusive utilizando-se da metodologia das redes sociais, para a descoberta dos mecanismos de difusão do conhecimento.

Neste sentido, por exemplo, temos o interessante livro de Freeman (2004), que objetiva explorar o campo da Análise de Redes Sociais a partir da perspectiva da Sociologia da Ciência; e que, para tanto, busca os padrões de ligação entre as pessoas que estiveram envolvidas no desenvolvimento dessa especialidade. Assim, segundo o autor:

Além da velha e intuitiva ideia da importância dos laços sociais, onde o interesse por esta área de conhecimento começou? Quais foram os fundamentos intelectuais deste campo? Como são e quando as diversas formas de estudos estruturais se organizaram em um programa de pesquisa? E como estas pesquisas se organizaram em um empreendimento reconhecido que inclui organizações, encontros, livros, jornais e outras coisas parecidas? Até agora ninguém escreveu uma história ampla das origens e emergência deste campo de investigação. (Freeman, 2004: 07)

Freeman interessa-se principalmente pelo desenvolvimento da disciplina “Redes Sociais”, que, segundo ele, apresenta três características fundamentais: (a) é motivada por uma intuição de ordem estrutural, baseada na ideia de laços unindo atores sociais; (b) é fundada em dados empíricos; (c) organiza a análise desses dados em gráficos e modelos matemáticos e computacionais (Freeman, 2004: 03). Ele estabelece, portanto, a ideia de um modelo estrutural de análise, sugerindo que a sociedade apresenta padrões de regularidade, organizados a partir de campos de sociabilidade que se estruturam em torno dos laços estabelecidos entre as pessoas. Estes vínculos, como veremos, não têm um padrão de aleatoriedade – embora possam, em certos momentos, também ser vistos a partir de tendências com conteúdo probabilístico, excluindo, dessa forma, o modelo mais fortemente mecanicista –, mas são sujeitos a padrões regulares de comportamento.

Outro ponto – ainda na tentativa de desenhar o campo de investigação – destacado por Freeman diz respeito ao forte

conteúdo interdisciplinar da Análise de Redes Sociais, que, segundo ele, une sociólogos, antropólogos, matemáticos, economistas, cientistas políticos, psicólogos, cientistas da comunicação, estatísticos, epidemiologistas, cientistas da computação e, mais recentemente, físicos.⁵² Esse fato também se relaciona a outro bastante importante, o de que a disciplina tem assistido a um importante desenvolvimento. Com efeito, quando nos deparamos com o volume de publicações sobre o assunto, vemos um espetacular crescimento do número de artigos, com extraordinário impulso a partir da década de 1970. Como exemplo, segundo KNOKE (1978), *abstracts* de publicações indexadas sobre redes sociais passaram de poucas centenas, na década de 1970, para quase 10.000, em 2010.

As filiações acadêmico-institucionais e as “escolas” de teorias de Rede

Como frequentemente ocorre na história das ciências, a construção de uma teoria, ou a descoberta de um fenômeno, muitas vezes acontece de forma acidental; e também não costuma seguir, na maioria das vezes, um desenvolvimento linear; o que acaba por impossibilitar a identificação de uma “linhagem”, onde se possam apontar fundadores, ou os que a eles se seguiram. Embora, claro, constatemos filiações institucionais, e, de certa forma, trajetórias de investigação que sugiram a construção coletiva de um campo de saber, isso não é frequente, como se pode observar pela leitura dos que escreveram sobre o desenvolvimento desta linha disciplinar. Na história das redes sociais há um conjunto de cientistas, com diversas filiações

52 Esse fato é facilmente verificável quando lemos a programação dos encontros do SUNBELT, o congresso anual da principal associação anglo-saxônica de pesquisadores de redes sociais. A extrema diversidade das especialidades profissionais e dos campos de interesse é algo notável.

institucionais, e também com trajetórias acadêmicas singulares, que contribuíram para o que hoje conhecemos por ARS (Análise de Redes Sociais). Scott (1991: 6), por exemplo, aponta dois campos absolutamente separados: o da Teoria da Gestalt, e o da Antropologia Estrutural Funcionalista, como inspiradores dos primeiros *insights* que proporcionaram toda uma série de pesquisas. Nesses estudos se inscrevem os primeiros conceitos e as primeiras tentativas empíricas de observação da realidade. Scott ressalta principalmente entre os fundadores, Moreno⁵³, com sua sociometria, e Boal, com seu estudo clássico sobre família e redes sociais. A principal inovação de Moreno, ainda segundo Scott, consiste na utilização de sociogramas, construídos de forma análoga aos desenhos da geometria, com indivíduos representados por pontos, e suas relações com outros atores indicadas por linhas. “Antes de Moreno, as pessoas falam de redes de conexões, de tecido social, e, eventualmente, de redes de relações, mas ninguém tentou sistematizar esta metáfora em um diagrama analítico”. (Scott, 1997: 10) Esse método, idealizado por Moreno, nos possibilita observar regularidades nas práticas de sociabilidade das pessoas e, dessa forma, inferir padrões estruturais de organização da sociedade:

Nós fomos levados a pensar que a partir destas correntes – que escoam e se transformam incessantemente – deva existir uma estrutura permanente, um reservatório comum, um mesmo leito que as receba e as misture, quaisquer que sejam as diferenças que possam existir em seus objetivos. A reflexão sobre esta hipótese nos remete à memória dois resultados obtidos: a análise estrutural dos grupos revelou, com efeito, que certas configurações (pares, cadeias, triângulos) aparecem com regularidade, e que

53 Freeman (1996) assinala, entretanto, que vários pesquisadores nos Estados Unidos, principalmente aqueles ligados à educação infantil e à psicologia do desenvolvimento, implementaram, bem antes de Moreno, algumas ideias que formam hoje os princípios fundamentais da teoria e dos métodos da Análise de Redes Sociais.

elas mantêm relações definidas com o grau de diferenciação que se espera para o grupo. Descobrimos que as correntes não ultrapassam ao acaso as linhas do grupo, e talvez mesmo aquelas da coletividade. Elas dependem de estruturas mais ou menos permanentes, que unem os indivíduos em amplas *redes*. (Destacado pelo autor – Moreno (1934: 308) *apud* Merklé (2004: 21))

Do outro lado do Atlântico, um grupo relativamente pequeno de antropólogos e psicólogos sociais, filiados ao Departamento de Antropologia Social da Universidade de Manchester, diretamente influenciados pela antropologia estruturalista de Radcliffe-brown⁵⁴, desenvolve uma agenda de pesquisa com interessantes tentativas de utilizar-se do instrumental metodológico das redes para o estudo, primeiro, de sociedades africanas, depois, de sociedades urbano-industriais. Inicialmente, ainda de modo metafórico, esse grupo propõe muito mais *insights* do que propriamente uma utilização do instrumental teórico-conceitual do que se conhece hoje por redes sociais. Mas um interessante estudo de Boot sobre famílias oferece, de forma sistematizada, alguns dos principais conceitos ainda hoje utilizados entre os que trabalham com redes: densidade, centralidade, multiplexidade etc. Acompanhando o cotidiano de famílias de classe média da Inglaterra na década de 50 do século passado, Boot⁵⁵ mostra, entre

54 A escola de Manchester tem um importante membro, Barns, que, também na década de 50, desenvolve uma interessante pesquisa antropológica em uma pequena comunidade da costa da Noruega. Barns reconstitui o conjunto de relações que os membros desta comunidade estabelecem entre si, a partir da ideia de campos sociais, colocando uma lógica estrutural neste conjunto quase que infinito de práticas de sociabilidade: aquelas ancoradas territorialmente, relações formais/informais, no trabalho etc. Segundo Merklé, “Barns formula um certo número de intuições ou de hipóteses sobre as propriedades estruturais significativas das redes que estuda: transitividade, conectividade, densidade, entre outras.” (Merklé, 2004: 12)

55 Embora o livro tenha sido publicado em 1957, partes da obra já tinham sido divulgadas em revistas científicas. (Journal of Medical Psychology, de 1953; Human Relations, de 1955) O livro origina-se de uma pesquisa empreendida no início da década de 50, no âmbito de um programa de investigação do Tavistock Institute of

os membros de uma família, uma estruturação relativamente estável de laços sociais, distribuídos segundo papéis centrais no núcleo familiar (pai, mãe, filhos); nos círculos sociais ampliados (escola, trabalho, vizinhança), e nas redes primárias. Os fluxos de relações cotidianamente estabelecidas obedeciam a um padrão, uma estrutura, que, de certa forma, permitia (ou bloqueava) o acesso a recursos, informações e tipos de sociabilidade conforme as posições e os papéis de seus participantes.

A trajetória da construção do campo de Análise das Redes Sociais, entretanto, não sugere uma genealogia como a prescrita pela ideia de difusão científica⁵⁶. Assim, de acordo com Freeman (2004: 164), “a perspectiva das redes sociais aparentemente foi desenvolvida em diferentes disciplinas⁵⁷ e em diversos países”. É possível, desta forma, que tenham surgido ao mesmo tempo trabalhos promissores – marcos do *corpus* teórico-metodológico atual sobre redes sociais – escritos por autores sem nenhuma conexão entre si. Mais ainda, quando indagados sobre as fontes inspiradoras de suas trajetórias intelectuais, os cientistas entrevistados por Freeman (2004) citaram fontes diversas, como Tönnies, Durkheim ou Cooley. Mas é verdade também que podemos encontrar uma tradição acadêmica, e até mesmo instituições universitárias centrais na difusão desse campo de conhecimento. Para o caso norte-americano, por exemplo, as

Human Relations.

56 Segundo Mullins e Mullins (1973: 27-33 *apud* Freeman, 2004: 164), “Campos de conhecimento são desenvolvidos por um processo de difusão. Uma nova perspectiva emerge em uma determinada universidade. Estudantes daquela universidade são treinados nesta perspectiva. Terminado o treinamento, buscam empregos em outras universidades. Repassam o aprendido a novas gerações, e esse novo campo de conhecimento se expande em diversas instituições universitárias.”

57 O exemplo a seguir é ilustrativo a respeito: “Em 1998 um jovem físico, Duncan J. Watts, trabalhou com um matemático, Steven H. Strogatz, e juntos publicaram um artigo sobre o fenômeno do Mundo Pequeno, na *Nature*. Naquele momento eles sabiam pouco sobre esta tradição de pesquisa. Citaram o artigo de Milgram (1967), mas não conheciam o artigo de Pool e Kochen (1978), ou sobre mais outros 200 textos publicados até o momento sobre o assunto.

Universidades de Harvard e de Chicago. Mas não é possível – pelo menos até a década de 1970 – desenhar trajetórias de filiação e centros de irradiação consistentes, principalmente se se consideram campos institucionais localizados em diversos países (Estados Unidos da América, Canadá, França, Inglaterra, Alemanha e Espanha; os mais importantes na tradição acadêmica de redes sociais).

O Livro de Freeman é um excelente exemplo de uma história da construção da disciplina “Redes Sociais”, em uma perspectiva sociológica. Ele resgata o processo de consolidação deste campo do conhecimento no universo acadêmico dos Estados Unidos e Canadá. Excetuando os autores clássicos, há escassos registros da tradição acadêmica europeia.

O histórico da construção dessa disciplina nos Estados Unidos da América e no Canadá tem como ponto de partida, como vimos, os estudos de sociometria de Moreno e o grupo de estudos da Graduate School of Business Administration, da Universidade de Harvard. (Freeman, 2004) A história do desenvolvimento desta disciplina tem uma trajetória interessante: nasce na década de 30 e se organiza em alguns centros acadêmicos com importante vigor. Entretanto, entre as décadas de 40 e 60, assiste-se a um declínio significativo dessa temática nas agendas de pesquisa dos principais centros de investigação norte-americanos; ressurgindo com força na década de 70. Freeman sugere que, não obstante haver estudos sobre redes nos períodos que ele denomina de “tempos sombrios”, dois fatores contribuíram para o espetacular sucesso no desenvolvimento da disciplina a partir da década de 70: (a) o desenvolvimento dos recursos de informática e (b) o surgimento e expansão da internet, com a possibilidade do estabelecimento de conexões não ancoradas territorialmente entre acadêmicos.

Os recursos da informática facilitaram o acesso ao tratamento de dados; em muitos casos inacessíveis a vários cientistas sociais

não versados em teorias matemáticas relativamente complexas, e instrumentos importantes para a Análise das Redes Sociais. E ao mesmo tempo permitiram o processamento de uma base de dados mais ampla e da simulação de modelos.

Os primeiros softwares desenvolvidos para análise de redes datam do início da década de 1970. Apresentavam recursos ainda limitados, e exigiam do utilizador alguns conhecimentos de linguagem da informática e também outros bastante específicos relativos a sua utilização.⁵⁸ Somente a partir da década de 1980 se tem notícia de softwares desenvolvidos para usos mais amplos, e com interfaces mais “amigáveis”, tornando os menos versados na linguagem computacional, ou em elaborados conhecimentos matemáticos, em potenciais adeptos do uso teórico-metodológico das redes sociais. Com efeito, segundo Peter V. Mardsen⁵⁹:

Eu penso que a disponibilidade de um software para fins gerais, fácil de usar, como é o caso do UCINET, fez muita diferença na nossa capacidade de ensinar estes métodos. Os diversos pacotes desenvolvidos no período permitiram análises úteis, mas limitadas aos objetivos dos autores; era difícil fazer uso de uma multitude de métodos sem proceder a um volume enorme de rotinas para adaptar os dados aos softwares. Somente com o desenvolvimento de um software relativamente geral os estudantes puderam empreender pesquisas, fazendo a análise de redes sociais acessível àqueles com escassos conhecimentos de matemática.

Mais um importante fator se adiciona ao da organização de conferências, associações profissionais e grupos de discussão

58 Aqueles que os idealizaram tinham por objetivo campos particulares de análise. Por exemplo, o Programa SOCPAC I, desenvolvido no início da década de 1970, e que processava díades e tríades; ou o BLOCKER, que encadeava ocorrências de posições similares ocupadas por atores na estrutura social. (Freeman, 2004: 139)

59 Mardsen (1982) *apud* Freeman (2004: 141).

virtual. São importantes instrumentos de comunicação; o que permite a formação de redes de pesquisa e ampliação dos campos, espaços de debate, essenciais para a atividade acadêmica. Com o desenvolvimento e a popularização da internet, foi possível a construção de comunidades virtuais, com capacidade ampliada de superar os obstáculos da rigidez territorial embutidos na comunicação face a face. Pode-se, desta forma, empreender trabalhos cooperativamente com pessoas localizadas em diversas instituições do planeta: cursos à distância, pesquisas, conferências, animação de grupos de discussão.

Concomitantemente à consolidação institucional da disciplina na América do Norte, merece destaque a INSNA (International Network for Social Network Analysis), associação sem fins lucrativos, fundada por Bary Wellman⁶⁰, em 1978. A INSNA é uma associação profissional de pesquisadores interessados em Redes Sociais. Uma Organização Não Governamental, com sede no Estado de Delaware.⁶¹ Segundo Wellman, quando do início da INSNA:

Sociólogos compõem o grupo maior, com cerca de 40% do total dos membros. Os pesquisadores de antropologia, psicologia, comunicação, serviço social e ciência política situam-se na faixa entre cinco e dez por cento; o restante – desenvolvimento comunitário, ciência da computação, economia, educação, geografia, gerontologia, história, ciência da informação, administração, matemática, psiquiatria, saúde pública e estatística – se situa no grupo que participa, cada área de especialidade, com até 2% do total dos associados.” (Wellman, 2000 *apud* Freeman, 2004: 148)

60 Sociólogo, professor da Universidade de Toronto, no Canadá.

61 Cf. The Bylaws of International Network for Social Network analysis (a Delaware Non Profit Organization). A formalização legal do INSNA tem lugar nos EUA, e acontece bem depois de sua fundação, em 1978.

A diversidade de profissionais que se associam ao INSNA é ainda hoje observada; produto da interdisciplinaridade dessa área de conhecimento. Enquanto associação profissional, a INSNA mantém uma série de atividades, entre as quais uma *newsletter* – *Connections* –, na qual informações importantes sobre congressos, cursos, oportunidades de trabalho, *grant* e bolsas são publicizados. Merece também destaque a revista *Social Networks*, publicada inicialmente sob os auspícios da INSNA, e agora editada profissionalmente na Holanda, pela Editora Elsevier, com quatro números anuais. Atualmente, é a mais importante revista da área, e um dos marcos editoriais das Ciências Sociais,⁶² com um histórico surpreendente de crescimento. Com efeito, se em 1990 ela ocupava o 17º lugar no *ranking* das revistas mais influentes no campo da Sociologia (Freeman, 2004: 15), em 2010, ela passa a ocupar a 4º posição⁶³.

Outra importante atividade do INSNA são os congressos, com periodicidade anual, que vêm atraindo um número cada vez maior de participantes. O último, realizado em 2010, em Riva Del Garda, na Itália, contou com a presença de 894 pessoas; 635 delas com trabalhos aceitos. Essa associação, hoje, se estende para além da América do Norte, com membros de várias partes do Planeta.

Pode-se seguramente afirmar que a disciplina “Redes Sociais” encontra-se consolidada, não somente na América do Norte, mas nos principais centros acadêmicos do planeta. E que este movimento, iniciado na década de 1970, atinge sua plenitude a partir da década de 1990.⁶⁴ Há uma série de indicadores, abaixo

62 Informação que se confirma pelas estatísticas de uso da revista: impact factor de 2,349 para 2009.

63 Segundo informações do site da revista. http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/505596/description, acessado em 16/08/2010. A partir de informações do *Journal of Reports*, publicado por Thomson Reuters, em 2010.

64 Com efeito, segundo Bernard(2005: 377), “de 1960 a 1975, 20 artigos sobre redes sociais foram listados no *Sociological Abstracts*. De 1990 a 2005, o número passou dos 3.000”.

apresentados, que nos mostram esta trajetória no continente europeu e no subcontinente latino-americano⁶⁵.

Na França, país com larga tradição sociológica, registros de atividades acadêmicas ligadas à temática das redes sociais são encontrados somente a partir do final da década de 1980. O que, de acordo com Meter (2005: 276), deve-se a razões de natureza ideológica:

Eu sustento a tese de que na França a análise de redes não pode ser feita principalmente por razões ideológicas: o tema sobre elites, a partir da análise de redes feita nos EUA, se origina diretamente do trabalho de Wright Mills e seu estudante William Domhoff. Na França esta temática foi o eixo principal da propaganda do Partido Comunista por várias décadas (chamado “as 200 famílias”). Qualquer sociólogo francês que ousasse propor a ideia de uma pesquisa sobre o assunto simplesmente seria rotulado de militante comunista.

O fato é que é somente a partir da década de 1980 que os registros de publicações, pesquisas e seminários sobre redes começam a se tornar mais frequentes. O *Bulletin de Méthodologie Sociologique* (BMS), publicação periódica das Ciências Sociais em língua francesa, lança, em 1983, uma edição especial sobre a temática. Este é o acontecimento inaugural dessa nova fase da Análise de Redes em língua francesa, seguido por vários outros: os livros de Degenne e Forsé (1994), Lazega (1998) e Lemieux (1999). E uma edição especial sobre o tema no *L'Année Sociologique*, de 1997.

65 Não temos informações sobre a África. No que diz respeito à Ásia, há o registro de pesquisas importantes na Índia, China, Japão e Coreia. Assinale-se também o fato de que muitos pesquisadores dessa região estão ligados à comunidade acadêmica norte-americana. O que se constata quando do exame das suas respectivas trajetórias individuais – muitos têm formação acadêmica realizada em universidades norte-americanas –, ou dos registros de publicação nos principais periódicos da América do Norte.

Também a partir da década de 1980 começam os registros de atividades acadêmicas mais amplas, como é o caso de uma conferência sobre Análise de Redes, organizada por Alexis Ferrand, em 1987; e da Conferência Internacional do INSNA, que acontece em Paris, em 1991, organizada pelo LASMAS⁶⁶ e pelas Universidades de Paris V e Lyon III.

Outro acontecimento que merece destaque é a criação do Grupo de Trabalho sobre Redes Sociais, e sua filiação à Associação Francesa de Sociologia, em meados da década de 2000. Seu objetivo principal era “Reunir os pesquisadores que utilizam a Análise de Redes Sociais como método, e aqueles que tomam as redes como objeto de pesquisa, tendo por recursos diferentes metodologias, quantitativas ou qualitativas.”⁶⁷ Desde então, este grupo tem organizado seminários e reuniões de trabalho⁶⁸. Atividades que, com certeza, contribuem significativamente para a consolidação dessa disciplina na língua francesa. Há, entretanto, o fato de que o Inglês tem-se firmado enquanto “língua franca”⁶⁹ da comunidade acadêmica internacional; o que faz com que pesquisadores franceses (ou de outras nacionalidades de fala não inglesa) adotem o idioma inglês nos *fora* acadêmicos para divulgação de seus trabalhos.

A Inglaterra também acompanha a tendência de institucionalização da disciplina “Redes Sociais” a partir, por um lado, da formação de Grupos de Trabalho em associações acadêmicas, com a conseqüente maior possibilidade de pessoas interessadas encontrarem um fórum especializado para a divulgação de seus trabalhos; e por outro, com a organização de grupos de pesquisa, disciplinas acadêmicas, enfim, de um

66 Laboratoire d'Analyse Secondaire et des Méthodes Appliquées à la Sociologie, do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), criado em 1986.

67 <http://www.afs-socio.fr/r26.htm>, acessado em 10/09/2010.

68 Seminários e encontros periódicos que vêm acontecendo desde 2005. Consultar a respeito: <http://www.cmh.pro.ens.fr/reseaux-sociaux>, acessado em 10/09/2010.

69 Veja, sobre o assunto, o interessante artigo de BARRE (2010).

genuíno espaço de discussão. O Grupo de Trabalho sobre Análise de Redes Sociais é instituído em 2006. O SNAG⁷⁰ está conveniado à Associação Britânica de Sociologia. Tem por missão “facilitar a comunicação entre sociólogos que têm interesse em Análise de Redes Sociais”⁷¹. Os fundadores do grupo argumentam que a disciplina, diferentemente do que ocorre com outros países, é pouco conhecida e praticada no Reino Unido. Esperam, pois, colocá-la na agenda de pesquisa das Ciências Sociais.

O Grupo de Estudos sobre redes, além de estar presente nas reuniões periódicas da Associação Britânica de Sociologia, também organiza *workshops*, espaços de participação de pessoas interessadas em apresentar e discutir seus trabalhos. Em 2010 aconteceu o sexto encontro, organizado pela Universidade de Manchester. O objetivo anunciado – oferecer um espaço interdisciplinar para cientistas sociais apresentarem seus trabalhos na área de redes sociais – justifica-se pelo fato de esta disciplina ter alcançado progressos incomensuráveis nesses últimos anos; em especial na parte relativa aos métodos de investigação. E ainda em 2010 é anunciada a criação do *Mitchell Centre for Social Network Analysis at the University of Manchester*, seguindo uma tendência europeia de criação de centros de pesquisa e ensino sobre redes sociais.

Em 2008 é instituído, em Frankfurt, um Grupo de Trabalho sobre pesquisa em redes sociais, quando da realização do Congresso da Associação Alemã de Sociologia.⁷² Esse grupo de trabalho foi objeto de discussão em um seminário que aconteceu em Frankfurt, no ano de 2007. Na ocasião foram estabelecidas algumas diretrizes para as ações relativas à consolidação da disciplina “Redes Sociais” na Alemanha: “1. Informações sobre

70 Social Network Analysis study Group.

71 “to facilitate communication between sociologists who have an interest in formal social network analysis (SNA)” <http://www.britisoc.com.uk/>, acessado em 10/09/2010.

72 DGS – Deutsche Gesellschaft für Soziologie.

as iniciativas de base do Grupo de Trabalho sobre pesquisa em redes sociais; 2. Organização de uma jornada em Frankfurt; 3. Encontro, na primavera de 2008, em Karlsruhe; 4. Simpósio de Sociologia Relacional na Universidade de Humboldt, no outono de 2008; 5. Encontro do Grupo Ad Hoc no Congresso de Jeaner; 6. Organização das atividades para 2009.⁷³ O Grupo de Trabalho sobre redes sociais é desta forma justificado: “A pesquisa sobre redes deseja ser uma especialidade da sociologia, com a possibilidade de oferecer aos sociólogos o foco em um campo de pesquisa.”⁷⁴ A jornada de trabalho, em Frankfurt, contou com 150 participantes. Esse teria sido o maior encontro de pesquisadores de redes sociais até então realizado na Alemanha. O que leva à constatação, de certa forma inusitada, de que até o presente momento existe pouca coisa na Alemanha relativa à pesquisa sobre redes⁷⁵.

É interessante notar que, embora haja grupos de pesquisa sobre redes sociais na Alemanha há pouco tempo, os acadêmicos frequentavam diversos *fora* de discussão, na maior parte dos casos em Grupos de Trabalho sobre metodologia científica e teoria social. Havia, portanto, certa dispersão entre os participantes, impedindo-os de ter maior visibilidade e consequente facilitação nos encontros. Este fato explica que, imediatamente após a estruturação de espaços institucionalizados, tenha havido a presença de um número significativamente grande de participantes. E que outros encontros tenham se sucedido com uma vitalidade igualmente significativa. Stegbauer nos relata, nos anos posteriores à institucionalização da disciplina, uma série de encontros havidos na Alemanha: 1. em maio de 2008, Jornada da Primavera sobre as Fronteiras das Redes, na Universidade de Karlsruhe; 2. em setembro de 2008, Simpósio

73 Stegbauer (2009: 245).

74 Stegbauer (2009: 247).

75 Stegbauer (2009: 248). Os anais daquele encontro foram posteriormente publicados.

sobre Sociologia Relacional, na HU (Humboldt Universität), em Berlim; 3. em maio de 2009, Seminário sobre Cultura e Tecnologia da Comunicação nas Redes Sociais, em Stuttgart. Houve também neste período, em Hamburgo, o Seminário sobre Comunicação e Redes. Finalmente, durante o Congresso de 2010, ocorrido em Frankfurt, é aprovada uma nova sessão de trabalho, intitulada Pesquisas Sociológicas de Redes Sociais.

Outro fato que merece destaque: a abertura de uma linha editorial sobre pesquisa em redes sociais, patrocinada pela Editora VS – *Verlag für Sozialwissenschaften* –, uma das casas de edição especializadas em Ciências Sociais mais prestigiadas do país. Segundo informativo da editora:

Na Sociologia alemã o paradigma das redes sociais não tem a mesma popularidade que nos países de língua inglesa. O campo pesquisa sobre redes sociais, com as publicações, sai fortalecido. Embora as pesquisas sobre rede não tenham um campo teórico-metodológico único, deve-se pensar na ligação destas diversas abordagens como um caminho importante para a pesquisa social.⁷⁶

A trajetória da institucionalização da disciplina “Redes Sociais” apresenta também características similares na Península Ibérica. A Espanha, sobretudo, tem liderado tradicionalmente os estudos sobre redes sociais; inclusive com importantes repercussões na América Latina. Assim, segundo Molina (2004):

Antes da conferência internacional celebrada em Sitges, em 1998, a Análise de Redes Sociais era um tema conhecido por somente alguns poucos especialistas universitários na Espanha, México, Chile, Portugal, normalmente através de pesquisadores que fizeram seus estudos nos Estados Unidos ou Canadá. Seis anos depois encontramos-nos em uma realidade distinta: 300

76 Cf. <https://www.vsverlag.de/Reihe/37733/Netzwerkforschung.html>, acessado em 17/09/2010.

usuários da lista REDES, a existência de uma revista eletrônica já consolidada, o surgimento de edições monográficas, a compilação de artigos clássicos traduzidos para o espanhol. A presença da ARS em cursos de Doutorado, seminários, jornadas. O acesso fácil a materiais de informação e programas informáticos também são importantes contributos à popularização do campo de pesquisa sobre rede.

A lista de discussão REDES – hoje com 500 usuários⁷⁷ – se constitui numa ampla conexão entre pesquisadores do mundo ibérico e da América Latina. Tal lista, pode-se dizer, não se organiza em domínio de uso predominantemente espanhol (que participava, em abril de 2004, com apenas 26,3% dos domínios das direções eletrônicas da lista), mas de praticamente todos os países deste universo linguístico.⁷⁸ A presença do mundo ibérico se faz também no principal fórum de debates, que é o congresso de redes, SUNBELT, onde se registra um espaço, inicialmente denominado sessão hispânica, e mais recentemente, ibero-americana, refletindo exatamente este universo de participantes.

Pode-se afirmar que a primeira década deste século é o momento da consolidação institucional da disciplina Redes Sociais no mundo Ibérico e na América Latina; fato que se constata a partir da cada vez mais frequente existência de cursos, seminários, e pelo volume de publicações sobre o assunto. A visibilidade acadêmica dessa disciplina é cada vez mais patente⁷⁹.

De forma idêntica, podemos também afirmar que nesta última década a temática sobre redes se populariza no Brasil. Há uma profusão de estudos, teses e dissertações, que se utilizam

77 Conforme página da lista. <http://www.redes-sociales.net/>, acessada em 20/09/2010.

78 Há, é verdade, ainda neste período, a participação minoritária de Portugal e do Brasil, com respectivamente 1% e 3% do total dos domínios das direções eletrônicas da lista para 2004. Ainda segundo Molina (2004).

79 Sobre Portugal e Brasil, consultar Varanda (2010).

do instrumental teórico-metodológico sobre redes; e há também a organização de grupos de pesquisa. Os estudos sobre redes sociais se espalham pelo país; e já se percebem iniciativas de organizações de cursos e seminários, embora ainda não se verifique entre as associações profissionais mais importantes das Ciências Sociais um significativo interesse relativo à consolidação ou ao reconhecimento desta especialidade. Não há, por exemplo, nenhum GT ativo. Em somente uma oportunidade houve uma mesa redonda, organizada pela SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia), intitulada “Redes Sociais, Governança e Participação”, em 2005. Como aconteceu em outros países, pesquisadores que trabalham com o tema participam de congressos nacionais inscritos em Grupos de Pesquisa diversos (metodologia, demografia, teoria social, estudos urbanos). Essa temática, portanto, não se constitui em uma agenda de pesquisa definida. É antes um recorte metodológico para o estudo de campos tradicionalmente estabelecidos nas Ciências Sociais.

A trajetória da institucionalização da pesquisa sobre redes sociais no Brasil parece seguir os exemplos norte-americano e europeu. Constatamos, com efeito, que podemos nos posicionar no início do processo, quando ainda o campo está fragmentado, insulado, com pequenos grupos de pesquisa localizados em instituições de diversas partes do país, e desconectados entre si. O resultado desta fragmentação, a ausência de cooperação entre os pesquisadores, resulta em uma pequena densidade da rede. Pode-se inclusive pensar que estes pesquisadores, que se ocupam neste momento da agenda sobre redes, tiveram uma trajetória diversa, com formações profissionais e inserções em campos de pesquisa não ligados diretamente ao das redes sociais. Fato observado nos nossos entrevistados em uma pesquisa sobre as conexões entre os pesquisadores de ARS no Brasil e em Portugal: a grande maioria tem formação acadêmica realizada no país, e somente um quarto deles experimentou uma estadia em uma

instituição estrangeira. Leve-se em conta, por fim, o fato de que a maioria desses entrevistados é composta de pesquisadores seniores; e que a sua formação doutoral aconteceu há mais de dez anos, momento em que ainda não se fazia presente a agenda das redes sociais no universo acadêmico luso-brasileiro⁸⁰.

Chega-se, assim, a um retrato da pesquisa sobre redes no Brasil: um insulamento geográfico (pesquisadores que se comunicam preferencialmente com seus pares em suas universidades; e ainda com poucas articulações interinstitucionais). Tem-se ainda uma fraca densidade de rede formada por ex-orientandos, e, principalmente, uma não dispersão geográfica destes novos pesquisadores; ao lado de uma fraca visibilidade internacional das pesquisas brasileiras que se utilizam do referencial teórico-metodológico das redes. O que é, em grande parte, o resultado de a quase totalidade das publicações sobre redes feitas por pesquisadores brasileiros ter sido escrita em português, idioma periférico na comunidade linguística acadêmica internacional.

Desconsiderando o insulamento linguístico – desafio, aliás, presente em todos os campos de pesquisa das ciências humanas –, sou otimista: creio que o momento atual está prenhe de iniciativas correspondentes ao campo de desenvolvimento de pesquisas sobre redes sociais; e que o processo seguirá um rumo relativamente previsto: com a institucionalização desta área de investigação, a partir da formação, nas associações profissionais existentes, de grupos de pesquisa, com a organização de seminários; com a consolidação de uma agenda específica nos centros e departamentos acadêmicos das nossas universidades. Fato que se verifica, confirmando esta tendência, na crescente atenção dos pesquisadores sobre o tema, refletindo-se no volume de publicações e na demanda dos estudantes, nos cursos de pós-graduação, por disciplinas e orientação acadêmica.

80 Varanda (2010).

Os dados de que dispomos não nos permitem ter uma ideia precisa do estado do campo de pesquisas sobre redes sociais no Brasil. Há informações indiretas, como as indicadas nas tabelas 01 e 02, extraídas de bancos de dados de grupos de pesquisa do CNPq (Tabela 01), e de bancos de dados de teses e dissertações defendidas, extraídas do Banco de Teses da CAPES (Tabela 02). As informações foram recolhidas a partir da extração desse banco de dados, dos grupos de pesquisa e das teses e dissertações defendidas em que constavam como palavras-chave: “Redes Sociais”. Para o caso dos Grupos de Pesquisa do CNPq, somente consideramos aqueles inscritos em áreas temáticas das Ciências Sociais. Exceção feita somente para o caso das Ciências da Computação e Informação, onde se encontra um número relativamente importante de pesquisas sobre redes virtuais e campos de inovação e cooperação acadêmicas.⁸¹ Para o caso do Banco de Teses da CAPES, fizemos uma triagem das teses e dissertações indexadas, com a leitura dos resumos. As incluídas na tabela 02 são aquelas que tratam da questão das redes sociais inequivocamente a partir da perspectiva das Ciências Sociais. Mesmo assim, estes dados ainda precisam ser trabalhados, visto que se tem verificado, recentemente, o uso abusivo da expressão “redes sociais”. Muitas vezes utilizada de forma metafórica, não refletindo, pois, a agenda de pesquisa sobre Análise de Redes Sociais. Esse uso metafórico faz referência ampla a redes, com emprego de métodos de pesquisa relativamente frouxos; que não permitem a instrumentalização adequada dos conceitos inscritos no campo do discurso das redes sociais. Assim, expressões como “nódulos”, “laços”, “vínculos” e outras, são utilizadas sem suporte empírico, qualitativa ou quantitativamente. Mesmo

81 É o caso, por exemplo, de um número relativamente grande de trabalhos que têm por objetivo investigar a formação de redes de pesquisadores, a partir de informações de indicadores de publicações em jornais científicos. Para áreas não ligadas diretamente às Ciências Sociais, o exemplo mais emblemático é o da Física, onde encontramos quatro grupos de pesquisa que tratam de sistemas complexos e indexam suas áreas de interesse na rubrica “Redes Sociais”.

com informações relativamente incompletas, podemos perceber a explosão recente da temática. Caso notório para as teses e dissertações registradas no Banco de Teses da CAPES, em que 60% delas foram defendidas a partir de 2006.

TABELA 01

Grupos de Pesquisa Cadastrados pelo CNPq com temática “Redes Sociais”, por área de conhecimento.

Área de Conhecimento	Num. Abs.	%
Administração	32	17,48
Antropologia	11	6,1
Ciência da Computação	19	10,38
Ciência da Informação	18	9,83
Ciência Política	04	2,19
Comunicação	22	12,02
Economia	04	2,19
Geografia	08	4,37
Planejamento Urbano	10	5,46
Saúde Coletiva	23	12,59
Serviço Social	07	3,82
Sociologia	25	13,66
TOTAL	183	100,00

FONTE: CNPq 2011 Diretório de Grupos de Pesquisa.

Em <http://dgp.cnpq.br/censos/> (acesso em 20/10/2011)

TABELA 02

Teses Cadastradas no Banco de Teses da CAPES, por ano de defesa e região.

Ano da Defesa	Região onde a instituição está sediada					TOTAL
	Nordeste	Sudeste	Sul	Norte	Centro-Oeste	
1994-1997	00	02	00	00	00	02
1998-2001	00	08	05	00	00	13
2002-2005	07	22	04	00	01	33
2006-2009	17	44	13	01	05	80
TOTAL	27	76	22	01	06	132

FONTE: CAPES – Banco de Teses. Em <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>,

(acesso em 20/04/2010)

Feito este pequeno inventário, a principal conclusão que se pode extrair é a constatação de que a agenda de pesquisa sobre redes sociais está em ascensão; com reconhecimento acadêmico consolidado e, principalmente, com um crescente número de adeptos e seguidores. Vimos, no primeiro capítulo, que este tema transborda para a esfera pública, sendo popularizado pelos meios de comunicação, penetrando o cotidiano. Fatos do dia a dia sendo interpretados à luz do conhecimento sobre redes sociais. Usos metafóricos e relativamente frouxos são também constantes em não somente conversas cotidianas, mas também em veículos de divulgação de empresas, ONGs e órgãos públicos. Trata-se,

finalmente, de um fenômeno que, embora esteja desde sempre presente, isto é, inscrito no campo das sociabilidades e, portanto, caracteristicamente humano, adquire uma visibilidade maior quando do uso de novas lentes. Não tivemos a pretensão, neste capítulo, de reconstruir a trajetória da Sociologia Reticular a partir de uma leitura da Sociologia da Ciência – empreitada, ademais, feita competentemente por outros autores –, mas simplesmente indicar a posição deste campo disciplinar. Nos capítulos que se seguem, aprofundaremos a discussão, introduzindo temáticas das sociabilidades e do poder local.

CAPÍTULO 03

Uma primeira aproximação: os elementos para a compreensão do fenômeno das Redes Sociais

A chamada “Ciência das Redes”, como veremos, não se limita apenas ao campo das Ciências Sociais. Pretende, ainda, ser um instrumento para a compreensão de fenômenos universais; desde a estruturação dos complexos arranjos neurais até processos ecológicos. E hoje se apoia fortemente em análise matemática, principalmente nos campos da topologia, da álgebra linear. Aplicada às Ciências Sociais, utiliza-se dos instrumentais teóricos deste campo disciplinar, fazendo uso empírico da metodologia inspirada em modelagens construídas a partir de Sociogramas e de Matrizes. Há entre os cientistas sociais o debate sobre se esse campo disciplinar seria apenas de natureza metodológica, com novos parâmetros para a investigação empírica de questões tratadas no corpo teórico tradicional das Ciências Sociais – ou, pelo menos, em algumas escolas sociológicas; ou mesmo uma nova teoria, com inclusive proposições gerais sobre a ordem social. Cremos que esse debate seja estéril, e que, de fato, o que chamamos Análise de Redes Sociais é o resultado de uma dupla construção: de um lado, repensando conceitos consagrados nas Ciências Sociais (principalmente aqueles estabelecidos por Simmel), agora instrumentalizados empiricamente de forma inovadora; e, do outro, a elaboração de, a partir de resultados

empíricos concretos, novos conceitos e, em alguns casos, proposições teórico-conceituais de escopo limitado, sugerindo a ideia de Merton (1968) de uma teoria de médio alcance. Há, ainda, um campo relativamente inédito e talvez promissor a alcançar; que é o de empreender um diálogo interdisciplinar, a partir da Ciência das Redes, entre a Sociologia e outras disciplinas e cursos acadêmicos, como Informática, Física, ou Medicina. São passos ainda incipientes, mas que sugerem a ideia da possibilidade da construção de uma Teoria da Complexidade, a partir de algumas proposições gerais derivadas de modelos matemáticos, que propõem a existência de padrões de comportamento estruturados em arranjos reticulares, independente de sua natureza. Esta é uma posição compartilhada por muitos estudiosos, entre os quais, por exemplo, Newman (2011):

O padrão de conexões em um dado sistema pode ser representado enquanto rede, os componentes do sistema sendo os vértices da rede e as conexões as bordas. Dentro desta perspectiva, não há surpresa (embora em alguns campos seja uma realização relativamente recente) que a estrutura de tais redes, com padrões particulares de interações, possa ter um grande efeito no comportamento do sistema. O padrão de conexões entre computadores na internet, por exemplo, afeta as rotas que os dados seguem na rede e a eficiência com a qual as redes transportem aqueles dados. As conexões em uma rede social afetam o modo como as pessoas aprendem, formam opiniões e recolhem novidades, e igualmente outros problemas menos óbvios, como a propagação de uma doença. Ao menos que saibamos algo sobre a estrutura destas redes, nós não poderemos ter esperanças em compreender plenamente como seus respectivos sistemas funcionam.

Mas apenas daremos um breve passeio nesta área complexa, enfocando-a a partir de alguns argumentos de natureza

epistemológica, comumente utilizados para a legitimação desse campo de conhecimento. O que nos interessa de imediato é como se desenvolve, no campo das Ciências Sociais, em especial na Sociologia, a Análise das Redes Sociais. Já vimos nos capítulos precedentes que esta ideia, a de redes, se torna algo relativamente comum e penetra os espaços das conversas cotidianas, das crônicas dos jornalistas e das notícias de divulgação científica, sempre mostrando inúmeros exemplos de aplicação desta “nova” ciência. E que, também, recentemente, tem se constituído em agenda de pesquisa, legitimando-se a partir de uma presença institucional cada vez mais relevante: disciplinas oferecidas regularmente em cursos universitários; grupos de trabalhos estruturados nas principais associações profissionais da Europa e América do Norte, e um impressionante número, *in crescendo*, de artigos, livros, teses e dissertações publicadas.

O conceito “redes sociais” remete-nos a um vasto conjunto de significados; às vezes amalgamados em uma polissemia que eventualmente confunde o leitor menos precavido. Resultado de uma crescente utilização por cientistas sociais, com diversas filiações teórico-metodológicas, torna-se necessário balizar e recortar o nosso campo de conhecimento; importante para a instrumentalização feita na segunda parte deste livro. De fato, a forma como compreendemos as redes sociais tem um significado que não é único entre os estudiosos das Ciências Sociais. Existem outras possibilidades de interpretação. Tentaremos, neste capítulo, inventariar as questões que consideramos mais importantes para a compreensão do fenômeno das redes sociais, inter-relacionando-o a um campo de pesquisa que também nos interessa diretamente: o do poder local. Redes e poder local, desta forma, serão o objeto central do nosso argumento, distribuído neste capítulo e no próximo.

A expressão rede social é utilizada nas Ciências Sociais

enquanto instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos. Deste modo,

(a noção de rede social permite) a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpõem os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total tanto quanto aquelas que vinculam pessoas de grupos diferentes. (Barns, 1987: 162)

Os processos estruturadores das redes sociais têm por origem as interações sociais estabelecidas quotidianamente pelos indivíduos. Quer dizer, a estrutura de sociabilidade presente em cada uma das pessoas (seres sociais por excelência), que surge com base em “certos impulsos, ou função de certos propósitos”⁸², é organizada em campos sociais; elementos de identidade de uma geografia social que permite, por exemplo, a localização dos indivíduos em uma estrutura social, e as potencialidades interativas entre eles.

A noção de rede, deste modo, significa muito mais que um instrumento metodológico de análise dos processos interativos. Tal fenômeno, na verdade, resulta de uma montagem complexa, cujos componentes se localizam na estrutura social. Estrutura social que é âncora das práticas dos indivíduos, orientados por razões de qualquer forma idiossincráticas, mas em constante comunicação com o outro; aquele que lhes fornece os ingredientes fundamentais para a formação da sua identidade.⁸³ A análise dos processos de interação social através da investigação dos

82 Simmel, Georg. Sociabilidade - um exemplo da sociologia pura ou formal. in: Simmel, Georg. Sociologia/Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1993, pp. 165-181 (p. 179).

83 Esta complexa relação entre o eu e o outro pode também ser pensada a partir dos intrincados processos de comunicação entre o indivíduo (agência) e a sociedade (estrutura), como veremos adiante.

mecanismos formativos das redes, nos é útil na medida em que nos permite o esclarecimento de suas diversas facetas, como veremos mais adiante. Torna-se importante, entretanto, destacar também o pano de fundo onde as ações estruturadoras das redes se apoiam; o que nos permite explicar, por exemplo, que, embora possamos conceber um mesmo conceito e uma mesma classificação das redes para todos os setores da sociedade, o desenho das representações sociais destes indivíduos que interagem nestas redes se particulariza em função das especificidades de seus mundos da vida, construídos a partir da complexa diversidade social encontrada nas sociedades contemporâneas. O Mundo da vida pode ser definido da seguinte maneira:

O Plano do mundo da vida corresponde a um reservatório de tradições e conteúdos do qual se nutrem os membros de um grupo social nas suas vidas diárias. Ao mesmo tempo, o mundo da vida compreende os processos sócio-interativos correspondentes, no plano individual, ao processo de formação da personalidade. A reprodução do mundo da vida nestes dois sentidos, quais sejam, o da preservação do repertório dos significados comuns, e o da geração de interações subjetivas, envolve os processos comunicativos de transmissão cultural, integração social e socialização. E tal reprodução requer instituições cuja tarefa é a preservação de tradições, solidariedade e identidades. (Costa, 1994: 41)⁸⁴

Este mundo da vida – distinto da sociedade civil, mas que corresponde a sua dimensão institucional⁸⁵ – se estrutura em uma ampla teia de relações sociais. O cotidiano dos indivíduos – as suas representações sobre a “vida” (sociedade e natureza) e a forma como as constroem – se orienta a partir dos desenhos de seus mundos da vida. Neste sentido, espera-se que, dada a

84 Costa, Sérgio. Esfera Pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil: uma abordagem tentativa. in: Novos Estudos CEBRAP, n. 38, março, 1994, pp. 38-52 (p. 41).

85 Costa, Op. cit. (p. 42).

complexidade do tecido social, diversos mundos da vida se estruturam; e essa diversidade resulta tanto em processos de conflito quanto na solidificação desse mesmo tecido, obtida a partir de arranjos de interesses, essencialmente políticos.⁸⁶ Compreendidos enquanto campos sociais, estes mundos da vida podem ser pensados como uma série de ambientes sociais que se estruturam a partir de alguns fatores. Rapoport⁸⁷, por exemplo, enumera alguns possíveis componentes destes ambientes sociais:

1. O indivíduo; 2. O meio ambiente físico, incluindo todos os fatores naturais, geográficos, climáticos, os fatores humanos que limitam ou facilitam o comportamento e os “recursos” do meio ambiente; 3. O meio ambiente pessoal, incluindo indivíduos que são centros de referência para o comportamento: família, amigos, autoridades, grupos de amigos etc.; 4. O meio ambiente suprapessoal, o qual inclui as características do meio ambiente originadas pelas condições pessoais dos habitantes por razões de idade, classe social, etnia, estilo de vida e outras características específicas; 5. O meio ambiente social relativo às normas sociais e às instituições.

As redes, deste modo, se estruturam tendo por pano de fundo essa complexa realidade, a partir desse meio ambiente físico e social. Este fenômeno pode tanto ser analisado com base no indivíduo e na constituição dos seus processos de sociabilidade, com suas diversas orientações – amizade, parentesco, relações de trabalho, ligações territoriais etc. –, como a partir de um conjunto de indivíduos, em que os padrões interativos são analisados através da sua disposição nas redes

86 Costa, Op. cit. Por exemplo, afirma que “o Estado democrático deve garantir a existência de espaços e teias sociais que reproduzam a cultura política democrática, enquanto a sociedade, através de procedimentos complexos e variados, controla a ação do Estado”. (p. 42).

87 Rapoport, Amos. Aspectos Humanos da forma urbana. Hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana. Barcelona: Gustavo Gili, 1978. (Colección Arquitectura/Perspectivas). GG Editor, Madrid.

sociais, nas quais as instituições podem ser dimensionadas enquanto agentes potencializadores ou desagregadores dessas mesmas redes. Outra abordagem também viável é a análise dos caminhos percorridos pelo indivíduo no processo de formação de lideranças.

Importa assinalar, em primeiro lugar, que seria possível encontrar um padrão organizativo único para as redes sociais. Quer dizer que, independente dos ambientes sociais onde elas se estruturam, apresentariam uma lógica aparentemente semelhante - e aqui estaríamos pensando em algo estruturante, constitutivo do fenômeno social. Em segundo lugar, os campos sociais definidores dessas redes se constituem em elementos indispensáveis para a sua análise; na medida em que se poderia imaginar que determinados tipos de redes sociais teriam maior probabilidade de se desenvolver em um ambiente social que em outro. No Distrito Federal, por exemplo, constata-se que os espaços públicos têm uso diferenciado segundo classes sociais. As camadas populares das cidades-satélite utilizam intensamente esses espaços (áreas de lazer, lúdicas, de festejos e comemorações variadas, de convivibilidade nas conversas ao pé das calçadas etc.). Os estratos médios residentes no plano-piloto, entretanto, embora valorizem bastante o imenso espaço público de que dispõem (que, em termos de metros quadrados por habitante é bastante superior ao disponível nas cidades-satélite), o fazem de forma diferente: ele é objeto de contemplação ("é bonito, descansa a vista"); e é também valorizado porque instrumento eficaz de segregação: separa-os dos "outros". Os processos de sociabilidade vivenciados pelos habitantes do plano-piloto se dão de forma predominante nos espaços privados (restaurantes, clubes, interiores das residências ou condomínios etc.). Significa, então, que os padrões de leitura sobre a realidade se impõem consoante particularidades dos indivíduos em suas trajetórias biográficas, em suas posições na estrutura social, e mesmo nas

singularidades de sua cultura. É possível, desta forma, pensarmos em modelos de organização dos espaços privado e público diferentes daqueles verificados nas cidades brasileiras, como Brasília. Mas, independentemente dessas ocorrências isoladas e, portanto, absolutamente não passíveis de categorização, existiriam alguns elementos invariantes que serviriam de bússola para a construção de um modelo teórico da realidade social. Veremos, adiante, algumas das questões mais importantes para a construção desta teoria das redes. Por enquanto, acrescentaremos ainda alguns outros ingredientes relativamente singulares, mas não menos relevantes para o entendimento do fenômeno.

As redes também podem ser classificadas segundo seu uso predominante. Randolph⁸⁸, por exemplo, propõe uma classificação de quatro tipos de redes, segundo sua inserção institucional/sistêmica e privada/pública. Estas redes, ainda segundo a tipologia de Randolph, também podem ser analisadas do ponto de vista do processo interativo que seus agentes mantêm. Podem ser redes instrumentais ou de solidariedade. O que basicamente caracteriza a rede instrumental é o fato de que os processos interativos que lhe dão suporte estruturam-se principalmente a partir da ação social racional, orientada estrategicamente para a consecução de fins racionalmente planejados; e a sua localização na esfera pública é predominante. As redes de solidariedade, por outro lado, localizam-se na esfera privada (embora muitas vezes os elementos institucionais e sua dimensão pública estejam articulados com os processos interativos inseridos na esfera privada). Não se percebe, nesse caso, a predominância das ações sociais racionais, ou, mesmo admitindo-se a sua existência – e parece ser o caso para a maioria das ações sociais racionais substantivas, orientadas para valores,

88 Randolph, Reiner. Redes estratégicas e de solidariedade e organização territorial: à procura de novas formas territoriais. V Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte, 1993, mimeo, 11 fls.

na terminologia de Max Weber⁸⁹ –, as redes de solidariedade se articulam com ações sociais classicamente definidas como tradicionais e/ou afetivas. O caráter relacional é um elemento constitutivo de ambas, e sua expressão mais visível é a troca que os agentes estabelecem entre si nos processos interativos – troca esta que pode resultar em intercâmbio afetivo, de interesse econômico, religioso etc. Pois, como já se percebe, a inter-relação e a troca são fundamentais na definição de uma rede.⁹⁰

Finalmente, ainda podemos acrescentar mais um elemento importante para o estudo das redes sociais: o seu componente espacial. As redes podem ter um componente fortemente espacializado (como, por exemplo, as redes de amizade, as redes territoriais formadoras da comunidade), ou um vínculo espacial bastante tênue (é o caso das redes informacionais ou de comunicação, mediadas por computadores). A proximidade/distância física determina, em parte, a natureza dos processos interativos dos membros da rede. Admite-se, por exemplo, que a estrutura de uma comunidade, e as suas redes componentes, mais provavelmente contenham elementos de proximidade social entre os seus integrantes do que os membros de uma rede de investigação científica. Recentemente, como veremos mais adiante, tem-se constatado a presença de importantes estruturações de redes desterritorializadas; que se organizam a partir de mudanças trazidas por inovações tecnológicas, e principalmente pela disseminação crescente do uso da internet. Este ingrediente modifica substancialmente a ideia de espaço, incorporando novas significações à localidade. Assim, é possível pensar em locais descolados de uma base territorial clássica, ou mesmo territórios suspensos no espaço. Expressões como não-lugar, desterritorialização, espaços virtuais, têm sido comumente

89 Cf. Weber, M. *Economía y Sociedad*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1947.

90 Como observa Randolph, Op. cit., “Redes, quando adotamos um ponto de vista meramente formal, podem ser definidas como um conjunto de elementos e relações entre estes elementos (nós), que entre si mantêm atividades de intercâmbio e troca”.

utilizadas na referência a este novo fenômeno. A estruturação de redes sociais nesses campos desterritorializados organiza, pois, toda uma série inédita de arranjos de sociabilidade.

Então, na busca de uma tentativa de conceituação do fenômeno poderíamos, de imediato, elencar uma série de eventos característicos de processos que estruturam redes (que basicamente se ancoram em práticas interativas): contatos físicos com outras pessoas (sexo, violência, apoio); contato social (amizade, relações de trabalho, eventos sociais); contatos simbólicos (comunicação), ou até mesmo, segundo Trotter (2010), relações imaginárias. Parte importante desses processos interativos pode se dar em campos de sociabilidade desterritorializados, que, contemporaneamente, apresentam também importantes efeitos sobre a estrutura social. Veja-se, por exemplo, a importância das redes sociais virtuais (tweeter, facebook e outras) em campanhas eleitorais. Na campanha presidencial norte-americana, Obama e outros candidatos se utilizam largamente destas redes sociais, inclusive para recrutar militantes⁹¹ e arregimentar fundos. Estima-se que o comitê de campanha de Obama arrecadou cerca de meio bilhão de dólares utilizando-se das redes sociais virtuais.⁹²

91 Fato que se destaca na campanha presidencial norte-americana de 2008: “Em 2006, sites de redes sociais aparecem enquanto instrumentos online bastante potentes para promover práticas de democracia participativa, fortalecendo organizações políticas de base. Todos os candidatos presidenciais de 2008 firmaram sua presença no Facebook, ganhando um número importante de seguidores. O Senador Barak Obama arregimentou o maior número de adeptos na comunidade Facebook, com mais de 725.000 pessoas inscritas em sua página no final do mês de março daquele ano. Entre os democratas, a Senadora Hillary Clinton foi a segunda candidata mais popular, ficando, entretanto, bem atrás de Obama, com 140.000 seguidores.” (WILLIAMS, 2008) Prepared for delivery at the 2008 Annual Meeting of the American Political Science Association, Boston, MA, August 28-31, 2008. Copyright by the American Political Science Association.

92 Em uma entrevista exclusiva no *The Post*, membros do celebrado *Triplo O*, a Operação *Online* de Obama, registraram números recordes: 3 milhões de doadores contribuíram com mais de 500 milhões de dólares. (VARGAS, 2008) Cf. também reportagem publicada no *The Washington Post*, em 20 de agosto de 2008, sob o título de *Obama's wide web*, de autoria de José Antônio Vargas.

Retomaremos esse tema no sétimo capítulo deste livro. Antes, porém, convém trabalharmos mais algumas ideias sobre o que poderíamos chamar os ingredientes de uma sociologia reticular; quer dizer, sobre pontos que merecem ser considerados quando se pensa em redes sociais.

Donatti (2008) sugere uma nova denominação para a sociologia das redes: Sociologia Reticular. Expressão que remonta à palavra latina *retis*, de onde derivam todos os termos correlatos em diversos idiomas neolatinos. Inicialmente utilizada para designar o entrelaçamento dos fios constitutivos de um tecido, a palavra rede encerra, durante sua história, diversas significações para, finalmente, a partir do século XVII, incorporar um sentido mais próximo ao que se conhece contemporaneamente: o de pontos interligados entre si, formando uma estrutura complexa. Nas Ciências Sociais essa ideia foi primeiramente utilizada pelos geógrafos, para descrever bacias hidrográficas, redes de transporte, sistemas urbanos, de onde derivam as teorias de estruturação do espaço, com Christaller⁹³, por exemplo, sendo um dos autores mais conhecidos. Também, paralelamente, se desenvolve o campo de estudos da topologia, originado a partir da resolução do famoso problema das Pontes de Königsberg, por Euler, em 1736.⁹⁴ Nesta trajetória, fato importante a destacar é que a noção de redes, antes de chegar às Ciências Sociais – primeiramente com a Geografia –, percorre diversas disciplinas acadêmicas (Matemática, Biologia, engenharias, Física, entre outras). Fato igualmente importante é que a partir desses caminhos múltiplos são construídos alguns princípios ou questões centrais que depois serão incorporados pelas Ciências Sociais. Parrochia (2005) enumera três: (a) o aspecto topológico, que diz respeito à forma como se estruturam os percursos e as ligações entre os

93 Geógrafo alemão (1893-1969), conhecido por sua Teoria dos Lugares Centrais.

94 Iremos tratar, no oitavo capítulo, de forma bastante sumária, da contribuição da Teoria dos Grafos e da Topologia para a Teoria das Redes Sociais, quando discutiremos algumas questões metodológicas.

diversos nódulos componentes da rede; (b) o aspecto reológico, relativo à dinâmica do fluxo de comunicação no sistema reticular, e (c) o aspecto escatológico, relativo à lógica (aleatória ou não) que regula a ligação entre os laços componentes de uma rede. Estas questões – muitas delas constituindo uma dinâmica agenda de pesquisa entre os matemáticos contemporâneos, os que trabalham com Teoria dos Grafos, Topologia e Álgebra Matricial –, para alguns cientistas sociais, se constituem em um poderoso instrumento metodológico para observação dos fenômenos da sociedade.

Não obstante os intercâmbios observados entre os diversos campos disciplinares, as Ciências Sociais têm uma trajetória particular no desenvolvimento da Teoria das Redes. Mercklé (2004) distingue três momentos diferentes: o tempo dos precursores, o dos pioneiros e o dos fundadores. O primeiro, o dos precursores, compreende o momento na história das Ciências Sociais em que os pensadores abordavam o fenômeno social ainda utilizando-se de ferramentas tradicionais da Filosofia, com pouco ou nenhum recurso à investigação empírica, e trabalhando principalmente com conceitos fortemente inspirados na Ética e Metafísica. Mercklé cita, neste sentido, Spinoza, Hobbes, Maquiavel, entre outros. O autor francês ainda sugere que esses escritores, mesmo tratando apenas de forma tangencial o fenômeno das redes, puderam aportar alguns *insights* que com certeza irão contribuir para orientar a atenção dos que lhes seguem neste campo particular de estudo. Seria, portanto, o caso de pensar na contribuição desses autores para uma genealogia da construção deste campo disciplinar. Cabe ainda destacar que Mercklé inscreve o sociólogo alemão Georg Simmel entre os precursores; com o que não concordo. Considero Simmel um autêntico fundador da disciplina Redes Sociais; responsável pela elaboração de alguns conceitos e princípios metodológicos que ainda hoje são recorrentes entre os que trabalham com este

escopo investigativo. Veremos adiante, com detalhes, algumas das principais contribuições desse autor.

O segundo momento, desta vez já sugerindo alguma aproximação teórica a partir da observação empírica e de outros cânones do método científico, é constituído por autores que, ainda segundo Mercklé, se inscrevem no tempo dos pioneiros. O autor assinala também que haveria outra história, desta feita contada por acadêmicos anglo-saxões, que teria início basicamente a partir da sociometria de Moreno⁹⁵. Diversos centros acadêmicos norte-americanos contribuíram para a formação das bases do que hoje se denomina Sociologia das Redes Sociais; ao lado de contribuições importantes da Escola Antropológica de Manchester, e de outros acadêmicos europeus. Mercklé destaca, neste sentido, a obra do antropólogo Claude Lévi-Strauss, com sua Antropologia Estrutural, notadamente a Teoria do Parentesco.

Teríamos, finalmente, a base onde se assentaria a Sociologia Reticular. Chegamos, então, ao tempo dos fundadores. Este momento reúne a contribuição dos pensadores sociais, e também a dos matemáticos, com a Teoria dos Graphos, a Topologia e a Álgebra Matricial, para a construção de poderosos modelos e técnicas de investigação empírica. É chegado o momento onde as redes sociais abandonarão a abordagem metafórica – recorrendo muitas vezes a discursos retóricos e relativamente vazios de conteúdo – por uma tentativa de elaboração de uma teoria onde, com os *insights* e a herança dos clássicos, o grande laboratório das experiências de viver em sociedade serviria de base para essa empreitada. E esta trajetória só poderia ser feita neste momento,

95 A história das redes sociais no mundo anglo-saxão foi trabalhada no segundo capítulo do livro, motivo pelo qual, neste momento, apenas recuperamos alguns pontos mais importantes para o desenvolvimento da noção de sociologia reticular, aqui empreendido com mais profundidade.

a partir da década de 70, onde, de um lado, já se dispunha dos instrumentos centrais para a construção metodológica de modelos para a investigação empírica, com os progressos da Matemática; e, do outro, com a Informática, tornando possível o processamento de uma considerável quantidade de dados. Posteriormente, com o desenvolvimento de *softwares* específicos para processamento de dados de redes, amplia-se o uso dos recursos metodológicos aportados pela instrumentalização da Teoria dos Graphos e da Álgebra Matricial. Muitos cientistas sociais, até então sem treinamento adequado para o diálogo com estes ramos da Matemática, passam a ter acesso a programas computacionais em que, através da apreensão dos fundamentos da teoria, e com algum conhecimento de Informática⁹⁶, podem desenvolver pesquisas empíricas.

A concepção de redes, como percebemos, é relativamente antiga, acompanhando a trajetória das principais correntes das Ciências Sociais. O que significa dizer, portanto, que algumas ideias construídas em diversos momentos da história do pensamento social foram incorporadas à agenda da Análise de Redes Sociais. Com orientações paradigmáticas diversas, os autores iniciais da área, em seus escritos, utilizam-se da noção de redes para ilustrar o que compreendem como sendo fundamental para a construção de uma ciência social. Sempre, porém, abordando o fenômeno das redes sociais de forma metafórica, com quase ou nenhum recurso à observação empírica. Introduzem, no entanto, noções que posteriormente serão incorporadas à agenda de pesquisa da ARS⁹⁷. Breiger (2004) nos mostra exemplos interessantes, como os conceitos de morfologia social em Durkheim, ou a aceção

⁹⁶ Os *softwares* mais populares são exatamente aqueles que se apoiam no ambiente *windows*, bastante conhecido.

⁹⁷ ARS - Análise de Redes Sociais. Doravante utilizaremos essa abreviação para referir-nos à literatura contemporânea sobre redes.

de sociedade enquanto pessoas inscritas em relações sociais, segundo Marx. Noções ainda bastante afastadas da ideia coetânea de redes. Insistindo no campo das metáforas, contudo, temos também autores como Leopold Von Wiese, sugerindo o estudo das sociedades a partir de fluxos de atividades desenvolvidas em cadeias reticulares. Há, como se percebe, mesmo antes da construção de instrumentos metodológicos mais precisos para a análise das redes, uma série de recorrências a este conceito.

O fenômeno das redes sociais apresenta dois ingredientes considerados fundamentais desde os clássicos: o fato de que somente se poderá ter uma compreensão adequada da sociedade a partir do momento em que se foque a atenção nos complexos processos subjacentes às relações entre as pessoas; e a concepção de que estes fenômenos, embora adquiram uma feição aparentemente aleatória, estruturam-se em uma lógica relativamente invariante. Há, em resumo, na constituição da sociedade, uma estrutura, uma chave universal para a compreensão do funcionamento de seus mecanismos fundamentais. A noção de estrutura é, pois, um dos pilares da Teoria das Redes Sociais. Assim, por exemplo, Miyruchi (2004) argumenta que essa noção encontra-se presente em dois autores com orientações teórico-metodológicas absolutamente contrárias, como é o caso de Marx e Simmel, em quem a noção de estrutura estaria presente, de um lado, com o conceito de relações sociais de produção, em Marx; e do outro, com as propriedades formais da vida social, em Simmel. A mesma coisa poderia ser dita a respeito de Durkheim, em sua análise sobre o suicídio. Como observa Pescosolido (2006), os ingredientes da interação, regulação e integração social nos explicam os mecanismos produtores dos tipos distintos de suicídio, que têm origem em desregulações dos processos integracionais da sociedade; que

apresentam, por sua vez, importantes aspectos presentes na estrutura social. Veremos, mais adiante, qual o lugar da noção de estrutura na análise contemporânea das redes sociais.

Outro importante conceito é o da relativa variabilidade das ações humanas em suas trajetórias particulares de sociabilidade. É uma referência bastante direta a um campo paradigmático das Ciências Sociais, reconhecido por inúmeros teóricos de redes, embora sempre colocando algumas ressalvas: o lugar do indivíduo na explicação sociológica, com diferentes versões. Há, portanto, um importante ingrediente no debate – que alguns autores sugerem que seja possível superar a partir da perspectiva das redes sociais: a relação entre agência e estrutura. Temos, nesse caso, em uma clara reação aos estrutural-funcionalistas, o argumento de que o indivíduo não é simples marionete da sociedade; que as normas sociais, importantes para a construção de padrões de orientação social, não se constituem em uma camisa de força na qual as pessoas se aprisionam, excluindo, portanto, as possibilidades de escolha de trajetórias biográficas singulares, nos diversos momentos de estruturação de suas redes egocentradas.⁹⁸ O mundo social se define, desta forma, como uma complexa relação entre atores, que se põem em interação, certamente considerando as normas e os padrões institucionais na orientação de seu comportamento (e os campos de sociabilidade deles decorrentes); mas também com uma relativa margem de manobra na escolha de suas trajetórias biográficas. Stokman (2004) nos oferece um bom retrato desta complexa relação, na medida em que considera que entre os analistas de redes há o ingrediente

98 Alguns autores, entretanto, argumentam que os teóricos das redes sociais também constroem outra camisa de força: as estruturas reticulares, como é o caso, por exemplo, de Emirbayer (1994: 1443): “A análise de redes comete um erro sério ignorando os *insights* conceituais compartilhados por várias teorias, em particular a noção de que a agência e a estrutura se interpenetram.”

fundamental da conexão entre os comportamentos individuais no nível micro, considerando, desse modo, as decisões cotidianas dos indivíduos em suas interações na vida ordinária. Não haveria, portanto, orientação determinante das ações dos sujeitos a partir de suas escolhas ancoradas no cálculo racional; nem tampouco comportamentos derivados unicamente de elementos estruturados, quer dizer, inscritos em determinações localizadas na estrutura social. A análise de redes permitiria que este dilema macro/micro fosse resolvido, considerando a validade do cálculo racional, mas sob certas circunstâncias, ou restrições, que seriam dadas pela estrutura social. Também há que se considerar que a própria posição em uma estrutura de redes sociais possibilitaria o acesso ou restrição a recursos. A rede, ela própria, se constitui em um dos muitos componentes da estrutura social, ao lado dos tradicionalmente analisados pelas Ciências Sociais.

Apresentamos até agora um quadro relativamente amplo do fenômeno das redes sociais, indispensável, é certo, para compreendermos as principais questões de uma teoria social; mas certamente insuficiente. Tentaremos agora aprofundar mais alguns pontos centrais da Teoria das Redes, quais sejam, a noção de estrutura social e os fundamentos metodológicos para a construção de modelos de análise reticular; aqueles orientados para a observação empírica das práticas de sociabilidade (relacionais), diferentemente dos modelos tradicionais baseados nos atributos dos indivíduos. Trabalhados esses itens, daremos prosseguimento a nossa análise da descrição dos principais conceitos e medidas de redes, assim como da forma pela qual se aborda metodologicamente a questão. Considero necessário, entretanto, antes de iniciarmos a leitura contemporânea da construção dos fundamentos de uma noção de estrutura social ancorada no paradigma reticular – que, segundo alguns autores, pretende superar a antinomia agência/ estrutura, e é parte

integrante desta perspectiva relacional –, apresentarmos algumas ideias desenvolvidas por Simmel, que, em minha opinião, são basilares para o posterior desenvolvimento da Teoria das Redes Sociais.

CAPÍTULO 04

Simmel: Sobre a Forma e o Conteúdo das Relações Sociais

A consciência de ser parte constitutiva da sociedade, de forma abstrata, não se apresenta ao indivíduo; mas qualquer um tem certeza de que os outros estão conectados com ele próprio.⁹⁹

Pode-se dizer, de forma geral, que entre individualização e generalização, há o primeiro, mais na forma inconsciente, e o último, sobretudo de modo consciente.¹⁰⁰

Esses excertos de Simmel nos são esclarecedores na medida em que nos informam sobre dois pontos fundamentais: (a) que o sentido da individualidade, e suas características únicas, está presente nas pessoas; o que lhes dá o suporte necessário à construção de suas identidades, ao mesmo tempo em que lhes permite a percepção da complexidade na relação com o outro; e (b) que, entretanto, esse indivíduo, ensimesmado em seu ego, se reconhece no outro enquanto componente indispensável para a construção de si; ao mesmo tempo em que se constitui ingrediente que cimenta a possibilidade da existência do social. Assim, a sociedade se torna possível na medida em que, para lá

99 Simmel, Georg. How society is possible? American Journal of Sociology. Vol. XVI (1910/1911).

100 Simmel, Georg. Das Soziale und das individuelle Niveau (Beispiel der allgemeinen Soziologie. In: Grundfragen der Soziologie Individuum und Gesellschaft. G.J. Göschen'sche Verlagshandlung GmbH. Berlin und Leipzig, 1917. Extraído de <http://socio.ch/sim/grundfragen> (p. 05).

das idiossincrasias pessoais, há algo estruturante, organizador do além de si. Desta forma, ainda segundo Simmel (1917: s.p):

Na medida em que cada indivíduo tenha seu significado somente em relação aos sentimentos dos outros, estas oposições se processam artificialmente, ainda que desde o começo não estejam lá, já que estes pontos em comum e as oposições devem ser procuradas; as particularidades se fundam relativamente a outros contrários.

Simmel coloca aqui um dos pontos fundamentais de sua teoria, problematizado posteriormente por outros autores que trabalham a disciplina: a noção de redes tem algo de novo, substancial e diverso das outras principais abordagens da teoria sociológica, que é o fato de indicar uma possibilidade concreta para a superação da dicotomia entre agência e estrutura; entre os lugares do indivíduo e da estrutura social na determinação dos fenômenos sociais. Simmel chama à atenção para a singularidade da existência de cada um, quando, por exemplo, alguém se coloca em contato com o outro, pois descobre imediatamente que “Cada homem tem nele próprio um profundo núcleo individualista, que não pode ser subjetivamente reproduzido por outro; que também apresenta uma individualidade profunda, diferente... o conhecimento completo da individualidade do outro nos é negado.” (Simmel, 1910: s.p) A noção de indivíduo aqui é explorada ao extremo. Enquanto singular, única, esta unicidade reflete os tempos modernos, na medida em que “as relações do homem moderno parecem distanciar-se crescentemente dos círculos mais próximos e se aproximar dos mais distantes” (Waizbort, 2010: 199). O que leva a um ponto relativamente pouco compreendido da teoria simmeliana; e ao mesmo tempo objeto de críticas: o fato de que, se seguirmos ao extremo essa linha de raciocínio, chegaremos à infinita possibilidade de escolha

de filiação a círculos sociais. Ou seja, esbarraremos na aparente indeterminação das posições dos indivíduos na estrutura social. Assim, segundo Waizbort (2010: 488) – diferenciando a ideia de círculos, no autor alemão, daquela de campos, em Bourdieu –, “só nos resta puxar os fios do todo tecido por Simmel (...). Buscando as interações, de uma a outra, desta outra a uma próxima, e assim infinitamente, delineando a cada momento um desenho que pede para ser investigado, mas no momento seguinte já se desfez em uma nova configuração”. Mas, sendo assim, como a sociedade é possível?¹⁰¹ A resposta a essa questão nos remete para a busca das interlocuções de Simmel com as correntes filosóficas e as ciências sociais de sua época. Esta busca nos revela um importante fato: o de que não é possível compreender Simmel exclusivamente a partir dos seus escritos mais propriamente sociológicos, quase positivistas, do início de sua carreira, quando ainda buscava legitimar-se enquanto acadêmico. Há o Simmel positivista, mas também há aquele que participa da escola neokantiana,¹⁰² com que mais adiante entra em rota de colisão, seguindo-se do Simmel em diálogo mais intenso com a metafísica, buscando na *Lebensphilosophie* (neste caso, principalmente Bergson) e em Nietzsche¹⁰³ respostas ao constante movimento da alma humana, em um diálogo crítico com o realismo.

Em seus primeiros escritos, há em Simmel uma clara concordância sobre uma ciência social: a possibilidade de investigar objetivamente a existência de um entendimento mútuo, concreto, de uma vida em sociedade. Esta vida social é possível na medida em que haja uma real interseção entre

101 Pergunta feita pelo próprio Simmel (1910).

102 Segundo Ferreira (2000: 104), a escola de Baden, com Windelband, Rickert e o Weber dos ensaios metodológicos.

103 Assim nos diz Vandenberghe (2005: 79): “Se as pressuposições ontológicas primeiras da sociologia são interacionistas, suas pressuposições últimas são vitalistas, nietzschiano-bergsonianas, para resumir”.

sentidos de existência; aqueles imputados às ações das pessoas em interação umas com as outras. Cada sujeito, indiscutivelmente único, mas também existente por conta de sua relação com o outro, é localizado cotidianamente em múltiplos processos interativos; com posições relativamente definidas no meio social, e em campos de sociabilidade estruturados; em parte refletindo desejos e escolhas pessoais, mas também como resultado de padrões relativamente rígidos existentes na estrutura social, que acabam por condicionar ou determinar suas trajetórias de sociabilidade. Mas tal determinação não é absolutamente severa. Não resulta, como Simmel faz questão de mostrar, em qualquer possibilidade de anulação deste valor universal, que é o da existência única da pessoa. Com efeito, “Cada indivíduo, em virtude de suas qualidades, é automaticamente remetido a uma determinada posição em seu meio social, que idealmente corresponde a ele, e que também está presente na totalidade social. Este é o pressuposto a partir do qual, enquanto base, o indivíduo orienta sua vida societária, e através dela podemos caracterizá-lo enquanto valor universal da individualidade” (Simmel, 1910: s.p).

Há neste ambiente uma interessante discussão sobre a possibilidade de se construir uma ciência humana. Aparentemente, a posição tomada por Durkheim no sentido de admitir procedimentos idênticos para quaisquer tipos de conhecimento, e a posição assumida por Simmel, pretendendo dar uma especificidade aos padrões de comportamento sociais, são opostas. Há que se levar em conta o indivíduo; mas não de forma exclusiva, pois há o emaranhado social que se constitui no campo privilegiado dos estudos sociológicos. Desta complexa interação entre indivíduo e sociedade; entre manifestações particulares e múltiplas de comportamentos sociais (conteúdo das relações sociais), e suas estruturações relativamente mais estáveis e conseqüentemente passíveis

de generalização (forma), resulta o conceito simmeliano de sociabilidade (*vergesellschaftung*).¹⁰⁴ Haveria, portanto, nesta dupla determinação, as particularidades dos comportamentos humanos, resultantes de interações essencialmente únicas, ao mesmo tempo em que são estruturações de processos sociais com relativa estabilidade ou perenidade. A isto Simmel designa como tarefa de investigação para a Sociologia:

Eu entendo que a tarefa da sociologia é a descrição e determinação das origens histórico-psicológicas daquelas formas nas quais as interações tomam lugar entre seres humanos. A totalidade destas interações, originando-se a partir de impulsos diversos, direcionadas para os mais diversos objetivos e objetivando os mais diversos fins, constitui a sociedade. Também devemos distinguir dois sentidos para a expressão “sociedade”. Primeiro, em um senso mais largo, inclui a soma de todos os indivíduos envolvidos em uma relação recíproca, juntos com os interesses que unem estas pessoas em interação; segundo, em um sentido mais estreito, a expressão sociedade designa a associação enquanto tal, quer dizer, a interação, ela própria, que constitui a ligadura entre as pessoas, abstraindo o conteúdo material; quer dizer, o objeto da sociologia enquanto doutrina da sociedade *strictu sensu*. (Simmel, 1896: 167)

Conteúdo e forma. Manifestações singulares, de um lado, e representações abstratas e, conseqüentemente, mais gerais, do outro, constituem os dois fundamentos importantes da sociologia simmeliana. Não é possível ater-se exclusivamente aos conteúdos dos processos sociais, pois obteríamos apenas retratos de um momento; insignificantes diante da totalidade de movimentos constitutivos de uma realidade social. Nem muito menos procurar compor diversos instantes (ou retratos) dessa realidade, na tentativa de, a partir de um sequenciamento temporal, reconstituirmos a realidade social.¹⁰⁵ A complexidade

104 Simmel, Georg. (1908)

105 Assim, segundo Deroche-Gurcel (1997: 108), Simmel conclui pela incongruência

dos múltiplos processos engendrados pela dinâmica social tornaria esta tarefa impossível. Daí nos atermos às formas¹⁰⁶; estruturações mais perenes e constitutivas de fenômenos de mesma natureza, mas que se manifestam, em inumeráveis ocasiões, sob condições particulares. Desta relação complexa resulta a chave para a construção do método sociológico na busca da compreensão da sociedade; não obstante o fato de ser essa uma busca nunca acabada, dada a singular e múltipla dinâmica dessa realidade. De fato, como observa Simmel (1896: 172): “Fenômenos sociais são igualmente incomensuravelmente complicados, e os métodos de análise, incompletos. A consequência é que formas sociológicas e nomes são utilizados sem precisão, eles se aplicam somente em círculos relativamente estreitos de manifestações”.

A sociedade, então, é estudada a partir da forma como os diversos fenômenos sociais se estruturam. E esses fenômenos aparecem a partir das múltiplas interações entre os indivíduos, das diversas manifestações de convivência entre as pessoas.¹⁰⁷ Estas formas e conteúdos das relações sociais nos remetem aos conceitos de longe e perto (*Fern und Weh*), presentes na ensaística de Simmel e indispensáveis para a compreensão de sua sociologia relacional. O longe significa o distanciamento do sujeito, que aqui é visualizado em suas características mais gerais, e, portanto, inscrito na generalidade de um sujeito abstrato. O longe remete às formas. O perto, por sua vez, aproxima o observador do sujeito; inscreve-o nas tramas de suas sociabilidades, particularizando-o, inscrito na modernidade, singular, único, e resultado das quase infinitas possibilidades de combinações

da concepção que entende o movimento a partir de vários momentos de imobilidade. O movimento verdadeiro de um corpo não nos mostra esse corpo em posições distintas, mas atravessando sem cessar as diversas determinações espaciais.

106 Desse modo, “É a partir desta consideração abstrata das formas sociais que repousa todo o direito de existência da sociologia.” (Simmel, 1896a: 82)

107 Simmel, Georg. (1910)

interativas, de inserções em círculos sociais. Estas configurações formam a realidade, que não é nem o puro movimento, nem os instantâneos dela extraídos, mas resultado da percepção do real enquanto totalidade dos processos relacionais instáveis, dos fluxos que, não obstante sua incessante mobilidade, permitem ao observador destacar, de longe, suas características mais fundantes. Assim, como em um quadro impressionista, que, de perto, revela minúcias das combinações de cores, e de longe, o real lá representado, resultado dessas combinações. Pode-se dizer, então, que a realidade consiste em uma combinação de relações; “uma representação do mundo inteiramente positiva, e este caráter positivo define a essência da verdade que se deve conceber não como um elemento substancial e isolado, mas como uma relação”. (Deroche-Gurcel, 1997: 33)

Falamos aqui do indivíduo e da sociedade; de como Simmel concebe a sua sociologia a partir da relação agência/estrutura. Mas este é um falso debate, se colocado estritamente nesses termos. Pois, para Simmel, não é o indivíduo e suas manifestações de livre-arbítrio, ou a sociedade, com suas imposições estruturais, que devem ser considerados. Indivíduo e sociedade têm de ser pensados de forma única, a partir do fato de que o que realmente conta são os processos sociais subjacentes à socialização; que significa antes de tudo *relação/interação* entre os indivíduos em seu cotidiano. É certo que não existe nada a não serem os indivíduos, mas estes só adquirem materialidade, substância, quando se põem em relação com o outro. Isto quer dizer que o fenômeno social só adquire sentido a partir desta “unidade nova e independente, que se resolveria em ações recíprocas e de trocas entre indivíduos”. (Simmel, 1896a: 105)

Fica, portanto, claro que em Simmel o conteúdo reticular está presente. O que nos permite afirmar – compartilhando esta

opinião com outros autores – que, sem dúvida, ele é o precursor de uma teoria relacional da sociedade. Poderíamos também acrescentar que em Simmel está presente uma concepção estruturalista fraca, na medida em que ele admite, a partir do seu conceito de sociação, combinações complexas na relação agência (indivíduo) e estrutura (sociedade). Considera-se possível, então, conciliar duas posições aparentemente opostas na explicação do social, a individualista e a holista. Esta é a opinião de Mercklé (2004: 3-4):

Grosso modo, a abordagem simmeliana pode ser descrita como relevante a partir de um individualismo metodológico complexo, mais próximo em realidade do que se poderia designar um dualismo metodológico. Segundo ele, com efeito, de um lado, as formas sociais são engendradas por interações entre indivíduos, o que o coloca próximo ao individualismo metodológico. Mas ao mesmo tempo ele não cessa de afirmar que as formas sociais assim produzidas adquirem uma espécie de autonomia, resultado das interações individuais, contribuindo desta forma para moldá-las. Simmel, neste sentido, é visto por muitos como inspirador principal de uma das fórmulas fundadoras da análise de redes sociais, segundo a qual as estruturas emergem das interações e exercem sobre elas um constrangimento formal que não tem, entretanto, relação com algum determinismo mecânico.

Existe, deste modo, uma indissociável relação entre o indivíduo e a sociedade, estabelecendo – poderíamos até dizer – uma espécie de intercausalidade: ator e sociedade, agência e estrutura são componentes indissociáveis para a compreensão da vida social, que conta com outro elemento igualmente fundamental na sociologia simmeliana: a essência relacional dos fenômenos sociais. Tal interação é explicada desta forma por Simmel:

A interdependência causal a qual interliga cada elemento social

no seu ser e no fazer de todo o outro, levando, portanto, à existência da rede externa da sociedade, é transformada em uma interdependência teleológica, desde que se considerem indivíduos enquanto portadores, auto-produtores, que se sentem eles próprios serem egos, e cujas atitudes se desenvolvem no espírito da personalidade que é auto-existente e auto-determinada. Esta, uma totalidade fenomenal de tais individualidades que se aproxima, que oferece a posição de sua subjetividade determinada pelo processo de vida, que indica a peculiaridade do mesmo e que vem a ser necessariamente o membro da vida na sua totalidade – esta é uma categoria fundamental, dada, para a consciência do indivíduo que o distingue do elemento social.¹⁰⁸

Mas mesmo aqui, a partir das obras de Simmel que propõem os ingredientes fundamentais para as Ciências Sociais, percebem-se pontos de divergência bastante claros entre o que, de certa forma, ocupava trincheiras dominantes nas ciências sociais da época, o realismo, e o que Simmel colocava como estratégico para a investigação do fenômeno social, a ideia de que o mundo se organiza a partir de interações entre as pessoas (*wechselwirkung*), em um processo de sucessivos arranjos sociais; o que faz com que o fenômeno social em sua essência, as sociabilidades (*vergesellschaftung*), indiquem muito mais do que algo que se possa definitivamente estabelecer. Simmel nos apresenta, portanto, o contrário de uma visão estática da sociedade. Daí a crítica que ele faz a Durkheim: “existe a noção de um desenvolvimento contínuo, de uma mutuabilidade sem fim, o que permite compreender a ideia de reciprocidade de ação... existe sociedade porque existe ação recíproca entre indivíduos”. (Deroche-Gurcel, 1997: 24) Este relativismo simmeliano se afasta já do neokantismo, que ele critica fortemente. Assim, em uma carta a Rickert, Simmel afirma que a verdade não é relativa, mas que significa uma relação mútua de conteúdos.¹⁰⁹

108 Simmel, Georg. (1910)

109 Gassen (1993) *apud* Deroche-Gurcel (1997: 32-33).

O relativismo simmeliano vai de encontro à ideia kantiana do primado da forma, que se constrói no intelecto, organizando a percepção da realidade a partir dos sentidos. Forma esta que assume quase que uma substância metafísica, com características definidas, fixas. Contrariamente a Kant, Simmel advoga a ideia de “uma combinação dinâmica da forma *a priori* com o conteúdo, aquele que se busca... a realidade é a vida em ondas, fluida e progressiva do conhecimento, o que se busca, Tateando... o ser em geral não pode ser demonstrado, mas somente vivido e sentido, não se pode, por consequência, deduzi-lo de concepções abstratas”. (Jankélévitch, 1988: 21)

Há, como percebemos, indicações muito interessantes de uma crítica a uma concepção estruturalista da sociedade, que considera fenômenos exteriores aos indivíduos como exclusivamente aqueles que determinam a realidade social. Essa posição é frontalmente contrária à adotada por Simmel,¹¹⁰ que inclusive a critica, quando afirma ter pretensões monológicas a obra de Durkheim. Este, por sua vez, em um artigo publicado originalmente na *Rivista Italiana di Sociologia*, acusa fortemente a sociologia formal de Simmel, considerada excessivamente abstrata. Nesse mesmo artigo, Durkheim defende sua concepção monológica, adequada à busca da regularidade empírica dos fenômenos sociais, singulares, porquanto exteriores aos indivíduos. Os fenômenos sociais teriam as mesmas características de outros quaisquer fenômenos, como, por exemplo, aqueles encontrados na natureza; e a pesquisa científica dever-se-ia orientar pelos cânones da investigação das ciências mais “maturas”, quais sejam, aquelas que já haviam extraído uma densidade teórica mais significativa. A Sociologia, desta forma, “nasce à sombra destas ciências”. (Durkheim, 1975: 34) Embora devamos

110 Simmel, Georg. (1999)

nos posicionar criticamente contra as tentativas de construção de modelos teóricos que se utilizem de metáforas, tais como *meccanicismo* ou *organicismo*; tentação que, segundo Durkheim, contaminou os primeiros cientistas sociais. Assim, mesmo tendo as suas especificidades, a Sociologia não deve se furtar de proceder metodicamente à pesquisa dos fatos sociais. Método esse que não difere substancialmente do praticado pelas outras ciências.

A crítica endereçada à Simmel tem por fundamento exatamente este ponto: acusado, por um lado, de ser excessivamente impressionista, ao idealizar campos abstratos de construções de tipos sociais; por outro, é taxado de impreciso, na medida em que o conteúdo desses tipos sociais se perde em uma infinidade de formas, expressões e manifestações das individualidades que os veiculam. Durkheim não acreditava que esta direção de análise pudesse resultar em uma construção científica válida, na medida em que, para que merecesse o nome de ciência, a Sociologia deveria ser “outra coisa que simples variações filosóficas sobre alguns aspectos da vida social, escolhidos mais ou menos ao azar, em função das tendências individuais”. (Durkheim, 1975: 19) Há em Simmel posições absolutamente inaceitáveis para Durkheim, que o considera bastante distante do que seria razoável para um cientista social.

Assim diz Simmel: a socialização se faz e se desfaz constantemente, e ela se refaz novamente entre os homens em um eterno fluxo... Estes milhares de relações de pessoa a pessoa, momentâneas ou duráveis, conscientes ou inconscientes, nos ligam constantemente uns aos outros. Esta declaração relativista que resulta na existência de formas menos estáveis de interação, substituindo a ideia de substância por aquela de processo, suscitou muitas reticências de Durkheim. (Deroche-Gurcel, 1997: 25)

Fato digno de nota, é que à época de Simmel e Durkheim havia uma intensa discussão, herdeira de Kant, sobre a possibilidade de construção de uma ciência da sociedade. Tal discurso, entretanto,

se coloca em uma *ambience* intelectual alemã do *fin de siècle*, em comunicação intensa com autores da filosofia idealista alemã, mas também com filósofos vitalistas; e com o inclassificável Nietzsche. Todos imbuídos em descobrir as filigranas de um mundo absurdamente móvel e instável. O *Zeitdiagnosis*¹¹¹ pertencia ao mundo do *Bildungsbürgertum*, com características que se colocavam muito além da simples compreensão científica dos comportamentos humanos em sociedade. Há em Simmel – e este é o seu principal pecado, segundo alguns de seus críticos – muito de impressionismo. O conteúdo de parte importante de suas obras é largamente ensaístico, construído a partir de temas do cotidiano e de fatos ordinários da vida.

As complexas combinações da análise simmeliana entre agência e estrutura, entre conteúdo e forma dos fenômenos sociais, podem ser mais bem compreendidas quando observarmos como, em seus ensaios, Simmel constrói suas análises. Conhecido também por sua sociologia “impressionista”¹¹², isto é, aparentemente desprovida de rigor científico; com textos ensaísticos fortemente orientados para a crítica do cotidiano, e com a presença significativa do diálogo com importantes correntes filosóficas europeias. Considero, entretanto, que nesta aparente superficialidade se esconde uma orientação teórico-metodológica bastante clara. Simmel costumava escolher temas diversos extraídos da vida comum (moda, aventura, coqueteria, estrangeiro, avareza), e também se utilizava recorrentemente de exemplos históricos. Mas o conteúdo quase sempre coloquial, de uma prosa bem estruturada e profundamente erudita, parece ser sua marca. Há, contudo, uma coerência em sua orientação teórico-metodológica, demonstrando, de forma prática, como se podem compreender os comportamentos sociais. Há, também (e neste aspecto não nos estenderemos muito) – como, aliás, é

111 Cf. Habermas (2008).

112 Conforme expressão de Luckács (1993).

o caso de todo pensador deste período (final do século XIX e início do século XX) –, o diagnóstico da modernidade. Uma visão relativamente sombria sobre o extremo individualismo decorrente dos processos de afastamento característicos das sociabilidades modernas. O caso mais exemplar, presente também em Simmel, é o da economia monetária: “o homem aproxima-se do ideal de objetividade absoluta enquanto produtor, comprador ou vendedor, em uma palavra, enquanto inscrito em alguma função econômica.” (Simmel, 1910: s.p) Alguns indivíduos se veem obscurecidos de sua personalidade, que se esvanece a partir de sua função estrita de ator econômico: as pessoas são meramente veículos de troca, com funções exercidas consoante normas, e tudo que não se completa nesta coisidade desaparece.

Há ainda outro importante ingrediente para a compreensão de Simmel. Concordo com Waizbort (2000) de que não é possível separar os diversos momentos da obra deste autor; o Simmel mais propriamente sociológico, do profundamente ligado à filosofia vitalista, ou daquele preocupado com os movimentos artísticos de sua época, no intuito de desvelar a natureza dos tempos modernos, da vida incessante, inacabada, dos fluxos resultantes da efemeridade do moderno. Pois se é certo, como observa Vanderberghe (2005), que podemos claramente distinguir em Simmel uma Sociologia, uma Teoria do Conhecimento e uma Filosofia da Vida e da Cultura, é igualmente verdadeiro que encontramos em todas essas fases alguns aspectos característicos desse escritor: a forma como escrevia, ensaisticamente, o lugar onde difundia suas ideias, o salão – instituição por excelência do convívio intelectual do final de século europeu – era o lugar de encontro de artistas, poetas, filósofos; e onde se construía o mundo a partir das discussões, debates, recitais. Simmel frequenta os salões berlinenses – e ele próprio organiza um em sua residência. Desloca, igualmente, do ambiente universitário para o convívio do *petit comité* do ambiente doméstico, alguns de

seus cursos, frequentados por um grupo seletivo de pessoas. Não se trata, como vemos, do típico palco universitário, onde os ritos acadêmicos sugerem uma ordem, uma disciplina e, sobretudo, um *modus operandi* que dificilmente se enquadraria na maneira simmeliana de constituir sua obra.¹¹³

Parte significativa de suas ideias tem audiência exatamente nesses salões. Não se fala, aqui, de tratados filosóficos, nem tampouco de estudos científicos, resultados de investigações empíricas. São escritos com temáticas inusitadas, como, por exemplo: refeição, paisagem, moda, amizade, ponte, rosto, carta. Temas que se apresentam ao lado de outros, mais tradicionais, como conflito, grupo, guerra, individualidade. A forma com que Simmel apresenta tais ensaios, segundo Waizbort (2000: 37), “exprime o fragmentário, movimentado e fugidivo... não interessam tanto as conclusões a que um ensaio poderia levar ou que ele poderia trazer, mas sim o processo, o desenrolar do pensamento, o espírito que trabalha, em movimento aventureiro... movimento, subjetividade e experiência compõem a constelação do ensaio”.

Há um ingrediente central nesses escritos, perpassando suas reflexões estéticas, filosóficas ou mesmo de conteúdo mais estritamente sociológico: a ideia do perto e do distante. Expressões que se aproximam dos seus conceitos de forma e conteúdo, indicando o perto como aquilo que se revela em sua singularidade; e o distante, o que se pode destacar como aspecto de um pertencimento abstrato; é certo que também passível de fluxos, mas de certa forma não se manifestando em objetos do cotidiano, singulares, inscritos em um real vivido. Os dois se aproximam a partir “da capacidade humana específica face

113 Tanto que Simmel só tardiamente assume um posto acadêmico na então periférica Universidade de Strasbourg. Outro elemento importante na explicação de sua carreira é a sua ascendência judaica, que prejudica fortemente suas pretensões acadêmicas, principalmente nos grandes centros. Sobre esse assunto, consultar o excelente texto de Waizbort (2000: 535-568).

à natureza, cortando uma parcela na continuidade infinita do espaço, e conferindo a este pedaço uma unidade particular de sentido único”. (Simmel, 1988: 162) Nosso autor recorre, aqui, a uma analogia com a *ponte* e a *porta*: a porta abrindo o exterior para as consciências subjetivas; a ponte, ligando realidades e experiências. Ponte e porta, perto e longe, finito e infinito; todas essas expressões remetem à singularidade da existência, de um lado, e a percepção abstrata do real, do outro; abstrata e, portanto, classificável, mas de modo algum substância estática. Da mesma forma, quando Simmel examina o fenômeno da moda, há o confronto entre o individual, distinto, mas também mesclado com a exclusividade e a igualdade social. A aproximação daqueles que compartilham estilos de vida; que se distinguem pela vestimenta, daqueles que são estranhos, afastados. Perto e longe, novamente, se manifestam. Condição bastante visível na modernidade, com a expansão da individualidade. Simmel denominaria superindividualidade. “Assim é a moda: nada mais que uma forma de vida especial, aquela na qual as pessoas, com suas tendências à equalização social, constroem sentimentos comuns de pertencimento”. (Simmel, 2008: 49) Equalizam, entretanto, a partir das diferenças; das distinções entre os círculos a que pertencem, e aqueles que lhes são distantes.

Em seu ensaio “A Aventura”, há o mesmo componente. Simmel afirma que em nossas ações ou experiências existe um duplo significado. Os indivíduos, enquanto aventureiros, tendem a voltar-se “para um ponto médio”, tanto largo quanto profundo, mas eivado de “Vontade e Sofrimento”, como seres imediatos de uma rica experiência. É, pois, nessa “parte do curso da vida”, que os sujeitos alcançam a condição de “totalidades não demarcadas”. (Simmel, 2008: 35) Assim se coloca a aventura: não se estar amarrado à vida, mas experimentando-a. Aquele que experimenta a aventura depende ao mesmo tempo de quem está próximo e de quem está distante. Mas ele não olha para

trás. Há o fluxo da vida, que ultrapassa os limites de qualquer fronteira, e abole a distinção entre conterrâneo e estrangeiro. Aí o aventureiro efetivamente se configura, enquanto ilha. Sem começo ou fim, ele é aquele que objetivamente não se coloca em relação a um ponto, posto que não há referência que se lhe reconheça. O aventureiro, prossegue Simmel, é o exemplo mais forte do indivíduo sem história, sem conhecimento do passado. Porque o passado possibilita o futuro, projetando-o a partir de uma experiência vivida. E a aventura é o inesperado resultado de um jogo de cartas; uma impos-sibilidade absoluta de permanência para além do agora. Quase que atemporal, como, por exemplo, em um romance erótico, onde o que importa é simplesmente o desfrutar dos jogos do amor sem recurso a qualquer ancoragem. A aventura, por conseguinte, é fruição e fluxo, sem começo ou fim.

Mas o que nos interessa diretamente é a forma como Simmel constrói um corpo de conceitos adequados à compreensão do fenômeno social. Conceitos estes basicamente inscritos na categoria “forma” dos fenômenos sociais; absolutamente flexíveis e, portanto, moldados ou adaptados às circunstâncias de um momento, às vicissitudes de arranjos particulares de sociabilidade. Essa ideia pode ser ilustrada a partir de dois exemplos: o conceito de círculo social, e o seu clássico ensaio sobre as metrópoles.

Simmel descreve o fenômeno dos círculos sociais como característico da crescente complexidade das sociedades europeias. As sociabilidades são ampliadas, incorporando em redes pessoas distantes dos campos mais próximos de pertencimento (família, amizade, comunidade territorial, religião). Estes novos espaços de sociabilidade se ancoram fundamentalmente em comunidades de interesse, ligando as pessoas umas às outras simplesmente pelo fato de que, em algum momento, há entre elas algo de comum, quase que exclusivo.

Quer dizer, pessoas que aparentemente são estranhas umas às outras, e distantes em campos diversos de sociabilidade, se ligam para cooperação e busca de interesses comuns. Simmel elabora esse exemplo a partir das ligas de comerciantes do norte da Europa. O objetivo das denominadas ligas hanseáticas era a defesa de interesses comuns. Compostas inicialmente por burgueses alemães, estenderam-se posteriormente para toda a região do mar Báltico, entre os séculos XII e XVII. Este exemplo nos mostra a possibilidade de construção de laços sociais com âncoras identitárias relativamente fracas, constituindo, dessa forma, somente uma parcela do universo das sociabilidades dos indivíduos. Denominados de círculos sociais, com o intuito de evocar campos mais ou menos extensos; cobrindo territórios mais ou menos largos; comportando relações mais ou menos distantes, acabaram por apresentar uma diversidade muito maior do que aquela normalmente encontrada nos campos de sociabilidade mais característicos da época. As configurações bastante particulares desses círculos (seguindo trajetórias singulares segundo o momento histórico, e também conforme a estrutura da rede de cada um dos participantes) sugerem, a partir de sua extensa flexibilidade, conteúdos deveras ricos; quase que resultando em uma polissemia. Entretanto, ao mesmo tempo em que esta aparente caótica “sopa” de interações retrata uma época – em quase que infinitas possibilidades de combinações –, estrutura também um padrão de sociabilidade que se torna quase que a regra das sociedades modernas. Modela e organiza uma forma: as construções interacionais particulares resultam da possibilidade de escolha; de uma elaboração da categoria do indivíduo, enquanto aquele que é singular, porquanto decide sobre sua vida. Assim, segundo Simmel, o crescente alargamento dos círculos sociais se constitui em uma das características fundamentais da modernidade, de onde sucede emergir o fenômeno da individualidade:

O indivíduo se vê primeiro em um ambiente que, relativamente a sua individualidade, encadeia o seu destino e lhe impõe o viver estreitamente ligado àqueles que por ocasião de seu nascimento se encontram juntos... Mas à medida da evolução, cada indivíduo tece os laços com pessoas situadas no exterior do primeiro círculo de associação, que desta vez têm uma relação ancorada objetivamente sobre disposições, inclinações, atividades etc. A associação em função de uma coexistência exterior é substituída mais e mais por uma associação fundada em relações de conteúdo... O pertencimento geográfico e fisiológico, determinado pelo *terminus a quo*, é substituído aqui de maneira a mais radical pela síntese do ponto de vista da finalidade, do interesse interno e objetivo, pelo interesse individual. (Simmel, 1999: 408)

O alargamento dos círculos sociais é um exemplo característico dos tempos modernos, da natureza ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa da expansão da individualidade. Com a modernidade, a economia monetária, e a crescente divisão do trabalho, há a possibilidade de expansão quase sem limites do indivíduo. Quantitativamente, na medida em que cada vez mais acontece a diferenciação social, possibilitando às pessoas a fruição cada vez maior da liberdade pessoal; mas também de modo qualitativo, na medida em que “o indivíduo cada vez mais adquire uma individualidade específica”. (Simmel, 1976: 19) O sujeito não é determinado somente de maneira abstrata, enquanto indivíduo singular resultante da expansão quantitativa da diferenciação social. Ele é também o legítimo resultado da determinação autônoma da escolha de sua trajetória biográfica; do seu pertencimento a círculos, cuja combinação lhe dá qualitativamente um caráter especial e absolutamente distinto de todos os outros. E a grande cidade moderna é o lugar por excelência; o espaço onde se dá a “correlação histórica universal entre o aumento do círculo e a liberdade pessoal interior e exterior, que fazem da metrópole o lugar da liberdade”. (Simmel, 1976: 20)

Os exemplos acima nos mostram também um ingrediente essencial da sociologia simmeliana, e que se constitui no caráter fundamental do estudo das redes sociais: o conteúdo relacional dos fenômenos sociais. “Por sociedade entendo não somente o conjunto complexo de indivíduos e seus grupos, unidos em uma mesma comunidade política... eu vejo sociedade toda vez que os homens se encontram em reciprocidade de ação e constituem uma unidade permanente ou passageira.” (Simmel, 1896: s.p) Não são, portanto, nem os indivíduos, considerados isoladamente¹¹⁴, nem os grupos, eles próprios, possuindo características que lhes são inerentes, e constitutivas da natureza do fenômeno social. Para Simmel, é fundamental o conceito de interação (*wechselwirkung*). Assim, Segundo Donatti (2008: 46),

Para este autor um fenômeno é social tanto quanto exprime uma inter-relação ou interdependência, ou efeito recíproco, ou efeito de reciprocidade. Todas estas expressões estão contidas no conceito intraduzível de *wechselwirkung*. Para Simmel o fenômeno social não é originário de um sujeito e tampouco de um sistema abstrato, mais ou menos posto a priori. O social é relacional enquanto tal, inter-ação que produz, se incorpora e se manifesta em qualquer coisa que, não sendo visível de imediato, dá a corporeidade ao fenômeno social.

O conteúdo fundamental, ou a unidade de análise da Sociologia são, portanto, as interações sociais estabelecidas entre os indivíduos. O ponto de partida para o estudo dos fenômenos sociais, conseqüentemente, seriam as díades, os contatos sociais estabelecidos entre as pessoas. Mas o fenômeno social, embora se consubstancie nas interações sociais, na verdade, é mais complexo. O estudo das redes sociais, de acordo com Trindal (2001: 268), “formula questões tais como, de que maneira as interações se estruturam em redes densas, ou aglomeradas; se

114 Cada pessoa constituindo uma unidade de análise, com seus atributos, e o agregado destas características individuais permitindo descobrir as regras de funcionamento do social.

são heterogêneas; se as relações são especializadas ou gerais; sobre como as conexões indiretas e as posições nas redes afetam o comportamento, e o que são os contextos estruturais nos quais as relações operam”. Visto a partir dessa perspectiva, percebemos claramente o indivíduo – que interage com o outro em relações diversas (de proximidade, à distância, ancoradas espacialmente ou desterritorializadas, com objetivos profissionais ou de interesse difuso, entre outras) – escolhendo, de certa forma, seus interlocutores. Mas inte-ragem nesse campo de sociabilidades – e aqui o conceito simmeliano de círculo social caberia perfeitamente¹¹⁵ – a partir de estruturas complexas, que somente podem ser compreendidas quando se adiciona a esta relação particular a figura do terceiro. Quer dizer, aquele que, de uma maneira ou de outra, desequilibra a relação em diáde, provocando processos complexos de sociabilidade.

115 E, curiosamente, um autor aparentemente distante da perspectiva teórica simmeliana (mas ao mesmo tempo conhecedor e crítico de sua obra – ver Häußling, 2010: 66), constrói um conceito bastante similar ao de círculo social. Estamos falando de Elias, com sua ideia de configuração: “a imagem do homem como personalidade fechada é substituída aqui pela de personalidade aberta, que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que aqui é chamado de *configuração*, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidade recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidade, apenas como configurações... O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de ‘sociedade’, que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um ‘sistema’ ou ‘totalidade’ para além dos indivíduos, mas a *rede de interdependência* por eles formada”. ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Volume I: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. (p. 249). Ver também, sobre Simmel e Elias, o texto de Willems (2010).

Simmel apresenta importantes contribuições para a compreensão dos processos sociais¹¹⁶ a partir de um ponto inicial classificatório dos campos de sociabilidade constituídos desde a figura do terceiro. Os campos de sociabilidade estabelecidos em uma estrutura de rede, segundo Simmel, resultam em três possibilidades fundamentais: *divide et impera*, *tertius gaudens*¹¹⁷ e o mediador; e as arenas interacionais resultantes desses complexos processos sociais se ancoram na elaboração contínua da individualização nas sociedades modernas (possibilitando, desta forma, o alargamento dos círculos sociais), em oposição àquelas de perfil tradicional, onde eram recorrentes os cruzamentos destes campos de sociabilidade.

Vários autores contemporâneos têm se utilizado da sociologia de Simmel. Assim, por exemplo, podemos citar trabalhos da Sociologia das Organizações ou da Sociologia Política que instrumentalizam os conceitos de *tertius gaudens* ou de *divide et impera* para analisar os processos de formação de alianças ou de desestabilização de grupos no poder; como é o caso, por exemplo, de Posner (2009) e de K'ono (2006), sobre a análise de jogos não cooperativos a partir do fenômeno das tríades. Temos, portanto, e de modo incontestável, este autor como uma das fontes fundamentais para a construção de uma sociologia reticular. Fato que, no caso da tradição norteamericana¹¹⁸, se revela da forma mais incontestável; como veremos

116 Importante assinalar que a sociologia tradicional analisa os processos sociais (competição, conflito, cooperação) do ponto de vista do indivíduo.

117 Cf. Simmel, Georg. 1992 [1908]. Die quantitative Bestimmtheit der Gruppe, S. 134. Texto extraído de Michael Nollert Soziale Netzwerke Theoretische Konzepte, Analyseinstrumente und empirische Befunde Universitäten Freiburg i. Ue. und Zürich www.suz.unizh.ch/nollert/soznetzwerke.pdf.

118 Sobre a contribuição de Simmel, consultar NISBET, Robert. *The contribution of Georg Simmel*. American Sociological Review. Vol. 24, n. 04 Aug. 1959. (pp. 479-481); Simmel, G. & Levine, D. (1972). *Georg Simmel on Individuality and Social Forms: Selected Writings in Sociology*. The Journal Of The British Sociological Association. (p. lxx, 395p.) University of Chicago Press.; Spykman, N. J. (1966). *The Social Theory of Georg Simmel*. AHERTON PR.; Breiger, R. L., Blau, P. M., Calhoun, C. J., Meyer, M.

nos estudos sobre comunidade, marco da orientação empírica da Escola de Chicago, posteriormente retomado pelos trabalhos capitaneados por Barry Wellman, em Toronto; um dos principais investigadores contemporâneos sobre redes sociais.

W. & Scott, W. R. (1990). *Social control and social networks: a model from Georg Simmel*. (p. 453-476) New York, Cambridge University Press.

CAPÍTULO 05

A Singularidade da Análise Reticular: entre a ação e a estrutura

Há um consenso entre os estudiosos de redes sociais de que essa abordagem conseguiria resolver, com sucesso, um dos principais problemas da teoria sociológica: o da relação entre estrutura e agência. Ou, de forma mais concreta, a determinação dos fenômenos sociais como tendo origem nas vontades e idiosincrasias de cada um (individualismo), ou as determinações para além do indivíduo, na orientação de padrões construídos socialmente (holismo). Naturalmente, não se trata de algo tão simples. As construções discursivas dos que defendem cada uma das posições são muito mais complexas, e, grosso modo, não podemos afirmar que existam correntes individualistas ou holistas “puras”. Há, na verdade, um *continuum* entre orientações individuais ou societárias para os comportamentos humanos. Em qualquer hipótese, as determinações se distribuem entre os dois polos; tendendo mais ou menos para cada um dos extremos, mas nunca se posicionando de forma definitiva em um único ponto. Individualismo e holismo também são conhecidos como posições atomistas e holistas, e também pela dicotomia agência/estrutura. Esse é um debate relativamente antigo, tendo como marco fundamental para o pensamento contemporâneo as ideias de Hobbes (1979) sobre o contrato social (o ingrediente fundante da sociedade seria a vontade de cada um de seus membros, concordando em estabelecer uma base de acordo, onde a luta

de todos contra todos seria eliminada), e as de Montesquieu (2000) sobre a convicção de que em uma sociedade existe um ordenamento jurídico que está em concordância com a natureza de cada país, com seu espírito, garantidor da liberdade e da ordem. Esse “espírito” teria uma natureza supraindividual. Estes dois pontos de vista – *homo sociabilis versus homo homini lupus* – são recorrentes na teoria das ciências sociais, em diversos momentos.

A principal questão que se coloca, ainda de forma bastante primária, é a de que até quando podemos considerar o ser humano como orientador de suas ações a partir do livre-arbítrio? Quer dizer, quais são os limites e as possibilidades da construção de práticas sociais em que esteja presente o que alguns filósofos¹¹⁹ admitem seja característico da natureza humana?

Esse debate está bem presente na sociologia clássica, com posições claramente distintas do fenômeno social, como, por exemplo, a de Durkheim¹²⁰, que considera o fato social como exterior ao indivíduo, e que exerce sobre ele uma influência coercitiva. Os indivíduos estariam, desta forma, no limite, quase que orientando suas ações a partir de campos originários para além deles próprios; ou seja, da sociedade. Os fenômenos sociais seriam, conseqüentemente, exteriores aos indivíduos. Outra concepção tem, por exemplo, Weber¹²¹, que, fortemente influenciado por filósofos da escola histórica alemã (Rickert e Dilthey)¹²², constrói o seu conceito de ação social, afirmando que, para além da explicação do fenômeno, tem-se que compreendê-lo. A natureza da compreensão – *verstehen* –, embora permita, ao contrário do que defendem Kant e seus seguidores, a possibilidade objetiva de construção de uma ciência do espírito,

119 Cf. Kant (2010).

120 Cf. Durkheim (2007).

121 Cf. Weber (1947).

122 Cf. Rickert (1904) e Dilthey (1988).

só se torna possível a partir da consideração de que haveria elementos fortemente probabilísticos na determinação social. Ou mesmo a presença forte do imprevisível, derivado de ações fortemente impactantes sobre a estrutura social, mas de iniciativa individual, como é o caso do dom da graça, do carisma.

Contemporaneamente, em especial na sociologia norte-americana, esse debate se vivifica, tomando forma a partir de posições contrárias sobre a natureza da sociedade; de orientações ancoradas na agência (individualismo método-lógico), ou na estrutura (estruturalismo).

A “estrutura social diz respeito a unidades ao mesmo tempo diferenciadas e ligadas, que constituem partes da sociedade, e a rede de conexões entre os elementos que operam estas unidades”. (Bates, 1989: 566) Nessa definição percebemos claramente que os elementos supraindividuais são determinantes nas práticas sociais – embora não se possa dizer que sejam exclusivos –; e que a estrutura é formada por partes que estão sistematicamente conectadas. O autor prossegue explicando que existem diferentes opiniões sobre como estas partes se organizam: ou são interações entre atores num campo espaço-temporal definido; ou entre campos de sociabilidade (grupos e instituições). Os que adotam a posição estruturalista, na maior parte dos casos, assumem que estes campos de sociabilidade existem porque são, de alguma forma, funcionais à reprodução da sociedade.¹²³ Cook (1992: 110), por sua vez, apresenta os mais importantes ingredientes de uma concepção estruturalista: “(São) três (as) abordagens principais para a análise da estrutura social: (a) estrutura social enquanto configuração de posições e relações sociais; (b) estrutura social enquanto *substratum* que compõe toda a vida social e a história, e (c) estrutura social enquanto espaço multidimensional de posições sociais diferenciadas de pessoas na sociedade ou outra coletividade”.

123 Temos, nesse caso, uma abordagem estrutural funcionalista.

Abordagens individualistas, por seu turno, são diversas, mas se baseiam no pressuposto de que a ação individual seja determinante para uma compreensão adequada do fenômeno social. Questão central desta orientação teórica é a assunção da importância do livre-arbítrio: “Como os atores sociais, nos perguntamos, são capazes (pelo menos em princípio) de avaliar e reconstruir criticamente as condições de suas vidas?”. (Emirbayer, 1998: 964). Típica dessa abordagem é a teoria da ação racional, que afirma que os interesses orientam as ações individuais: a partir do cálculo racional da melhor escolha na equação custo x benefício, os indivíduos escolheriam, entre as opções disponíveis, o melhor caminho para dar prosseguimento à consecução de seus interesses. Existem alguns aspectos dessa teoria que a fazem bastante atrativa, mas que ao mesmo tempo lhe colocam sérios problemas. O mais evidente deles diz respeito exatamente ao conceito de preferência. Que dispositivos permitem ou organizam as preferências individuais? Assume-se como elemento central, nessa teoria, a ideia de que os indivíduos escolhem (preferem uma coisa à outra); mas não se indica claramente que mecanismos são subjacentes a este processo. Alguns autores, inclusive, consideram que: “A teoria da escolha racional não deve ser entendida como uma teoria que explica ou prevê simplesmente o comportamento individual.” (Baert, 1997: 66) O que significa que o mais importante a considerar seja o agregado das escolhas (como, por exemplo, para os economistas, uma curva de demanda, ou a ideia de utilidade marginal). Trata-se, portanto, de teorias que pretendem explicar comportamentos sociais, e não seus aspectos de natureza individual, psicológica.¹²⁴

As explicações da escolha racional, ainda segundo Baert (1997:

124 Naturalmente, os teóricos da escolha racional introduzem mais argumentos em seu raciocínio; apontando alguns elementos a considerar para a compreensão do ato de escolher: (a) a premissa da intencionalidade; (b) a premissa da racionalidade; (c) a distinção entre informação completa e incompleta e, no caso da última, a diferença entre risco e incerteza, e (d) a distinção entre ação estratégica e ação interdependente. (Baert, 1997)

72), “tentam dar sentido às práticas atribuindo racionalidade individual *ex post facto*. De forma similar à tendência do funcionalismo em seu período inicial, de legitimar as práticas existentes, a teoria da escolha racional é invocada frequentemente como *deus ex machina*, sugerindo que as pessoas vivem no ‘melhor de todos os mundos possíveis’, de Leibniz ou Voltaire (ou ao menos no mais racional)”. Desdobramentos posteriores do individualismo metodológico incorporam o problema da ordem social e sua engrenagem normativa como mais um componente importante. As pessoas agem racionalmente, é certo, mas considerando as normas e os padrões de orientação da ação estabelecidos em um ambiente social. Assim, segundo Haines (1988: 165): “Da mesma forma que os holistas, os individualistas metodológicos aceitam o fato de que conceitos sobre grupos sejam necessários; que as propriedades dos grupos podem ser diferentes daquelas de seus membros, e que as propriedades dos grupos cons-trangem e conseqüentemente influenciam o comportamento dos indivíduos. O que eles rejeitam é a assunção de que estas propriedades sejam as dominantes”.

Orientações teóricas individualistas ou estruturalistas têm se debatido na busca por uma hegemonia paradigmática nas Ciências Sociais. São campos teóricos que, apesar de reconhecerem a importância, quer da ação individual, quer da estrutura, segundo o caso, não conseguem construir uma agenda mínima de pontos convergentes que garantam o lugar devido à ação e à estrutura na fábrica social.¹²⁵

As abordagens das redes sociais pretendem superar este abismo, incorporando os contributos das orientações

125 Apresentamos aqui, de forma bastante sumária, alguns pontos que julgamos sejam importantes para o debate sobre as orientações teóricas da relação entre ação e estrutura. Há um número significativo de outras posições que trazem valiosas contribuições, como, por exemplo, as de GIDDENS e BOURDIEU (sob o ponto de vista de uma abordagem estrutural); ou as de GOFFMAN e HOMMANS (do ponto de vista de uma abordagem baseada no ator). São apenas alguns exemplos de uma série profusamente explorada na literatura das Ciências Sociais.

individualistas e normativas,¹²⁶ ao mesmo tempo em que marcam a distinção clara de uma orientação teórica relacional: a crítica ao substancialismo dos fenômenos sociais. Sobre as pontes estabelecidas entre ação e estrutura, afirma Haines (1988: 174):

Burt argumenta que a análise de redes sociais pode ligar as perspectivas atomísticas e normativas, combinando elementos sociologicamente úteis de cada uma delas. Do atomismo ele aproveita a ideia de que a ação humana é propositiva; da perspectiva do funcionalismo normativo, a ideia do constrangimento estrutural. Para Burt uma teoria adequada necessariamente tem que incorporar os dois pressupostos: em uma teoria estrutural da ação nem o ator nem o sistema são realidades *sui generis*: elas são mutualmente constitutivas e constituintes.

Há ainda outro ponto, introduzido por Emirbayer, comum às abordagens individualistas ou de orientação normativa: o substancialismo dessas teorias. Trata-se, na verdade, de uma velha questão metodológica, diria eu, com um conteúdo metafísico: pode-se efetivamente encontrar regularidade nos fenômenos (da natureza e também do espírito), e, conseqüentemente, afirmar uma essência na sua natureza? Emirbayer, no seu artigo, já resume bem a questão: “deve-se conceber o mundo social enquanto constituído primariamente de substâncias ou processos, em termos estáticos ou dinâmicos, em relações abertas.” O “manifesto”, ainda segundo o autor, apresenta uma alternativa, de análise relacional, capaz de sair desta armadilha: a busca por estruturações rígidas em processos relativamente dinâmicos como são os formados por fenômenos sociais. E continua: “A questão central com que se debatem os sociólogos

126 Essa é uma discussão do universo acadêmico norte-americano. Para o caso alemão, por exemplo, como afirma um documento da Associação Alemã de Sociologia: “A paisagem teórica da Sociologia alemã tem sido nos últimos anos (diferentemente da Sociologia norte-americana) dominada por um debate entre a Teoria da Ação e a Teoria dos Sistemas (Luhmann). *Formen relationaler / relationistischer Soziologie Ad-Hoc-Gruppe auf dem Kongress für Soziologie*. 2010: Transnationale Vergesellschaftung.

de hoje não é estrutural material versus ideal, agência versus estrutura, indivíduo versus sociedade, ou outros dualismos frequentemente destacados; é a escolha entre substancialismo e relacionismo.” (Emirbayer, 1997: 282).

Substancialismo, segundo o autor, significa basicamente o fato de que as coisas apresentam uma “essência”; algo a elas intrínseco, e com caráter permanente, quer dizer, necessário e imanente ao ser. Ideia que está presente desde os gregos, e que chega à Europa a partir, principalmente, da leitura de Aristóteles, via teologia (doutrina da alma), até as primeiras tentativas de construção epistemológica de um objeto do conhecimento científico. Que seria, dessa forma, orientado para a busca da natureza dos fenômenos, em essencialidade e regularidade. Com base nesses pressupostos se constrói a Teoria da Sociedade, que no início busca idêntica regularidade na ordem social, com leis imanentes aos fenômenos sociais, orientadoras dos comportamentos humanos em sociedade. Naturalmente, este marco meto-dológico está eivado de controvérsias; e é evidente que surgem inúmeros pensadores que questionam, digamos, essa concepção ortodoxa, argumentando que os fenômenos sociais têm as suas particularidades. Mas mesmo assim, considerando a sua peculiaridade, a ideia substancialista de percepção da realidade não é completamente estranha, por exemplo, a Weber, que constrói sua sociologia introduzindo a noção de *verstehen*, conforme podemos perceber em seu livro *Economia e Sociedade*, onde apresenta algumas condições para a elaboração de leis sociológicas. Leis, neste sentido, entendidas como a possibilidade de construção de regularidades no comportamento social.

A abordagem relacional introduz uma revolução no modo de conhecer. Conhecer agora não significa organizar o mundo em estruturas lógico-matemáticas que inscrevam a permanência; capturem a substância. Conhecer agora diz respeito à tentativa de organizar o mundo a partir de uma dinâmica que lhe seja

inerente, quer dizer, um mundo que não se apresenta definitivo – porque não é real desta forma –, mas a partir de regularidades que possam ser traduzidas em leis científicas. Tal posição não é exclusiva das Ciências Humanas, que são em muitos momentos consideradas *softs*, incapazes de formalizações mais bem acabadas, como as das ciências que estudam a natureza. Mas o fato é que estamos diante de uma revolução do conhecimento; de uma nova ordem paradigmática, segundo alguns, introduzida por novos conceitos e teorias, por exemplo, da Física Quântica e da Geometria dos Fractais. Emirbayer define desta forma a ideia de abordagem relacional:

A expressão relacional deve ser rotulada em termos de unidades envolvidas em uma transação, de onde deriva seu sentido, significado e identidade dos (cambiantes) papéis funcionais que assumem nestas transações. As últimas, vistas enquanto dinâmicas, processos abertos, vêm a ser a unidade primária de análise destes elementos constituintes. Coisas não são vistas enquanto tendo existência independente anterior a qualquer relação, mas ganham sua existência plena, primeiro no interior destas relações, são predicados delas. Tais coisas são termos das relações, e não podem nunca ser vistas isoladamente. (Emirbayer, 1997: 285)

Esse modo de conceber a realidade apresenta um ingrediente fundamental: a impossibilidade de se estabelecer regularidades definitivas; a sempre transitoriedade na observação do fenômeno, o que direciona o analista para pensar probabilisticamente. Assim, ainda segundo Emirbayer (pp. 288-89):

A abordagem relacional embebe o ator em histórias que se modificam no tempo e no espaço (...) a classificação do ator divorciado analiticamente de sua forma relacional não é nem ontologicamente inteligível nem plenamente compreensível. Um corolário deste fato são as tentativas das pesquisas estatísticas em controlar uma terceira variável; todas as tentativas neste sentido igualmente ignoram os conteúdos ontológicos da locação das entidades em

contextos situacionais. Mesmo com o desenvolvimento de modelos estatísticos mais complexos, ainda os efeitos das interações entre as variáveis são importantes. Estes problemas enraizados em seus pressupostos não encontram solução. O que é diferente na abordagem transacional é que ela vê relações entre as categorias de unidade enquanto dinâmicas em sua natureza, enquanto processos abertos, no lugar de relações estáticas entre substâncias inertes.

A abordagem relacional coloca novos pressupostos no debate, na medida em que, considerando que não são os indivíduos, ou mesmo os agregados de indivíduos, a unidade de análise, esse novo ponto de partida para a elaboração de teorias sociais introduz um ingrediente relativamente plástico e disforme, contrário, portanto, às modalizações tão do agrado de algumas tendências teóricas. Não existe consenso entre os que trabalham com redes – aliás, como veremos, talvez nem mesmo possamos falar de uma teoria das redes sociais –, mas há um ponto que talvez mereça atenção. Dado o conteúdo relacional do fenômeno social, e assumindo como característica sua plasticidade, deve-se introduzir na análise social uma orientação temporal, e, conseqüentemente, para a compreensão plena da realidade social, variáveis como o movimento, a mudança, e uma certa não perenidade.¹²⁷

O tempo seria então uma importante variável na compreensão dos fenômenos sociais, na medida em que estes se apresentam em um fluxo relativamente plástico. Essa variável, inclusive, seria a chave para a necessária articulação das

127 Aqui há uma aproximação com a ideia de *durée*, desenvolvida por Bergson, e utilizada por Simmel para a distinção entre a forma e o conteúdo dos fenômenos sociais. Mas Simmel apenas admite parcialmente esta plasticidade do fenômeno a observar, na medida em que, com seu conceito de forma, inscreve-o em uma rigidez teórica clássica, inspirada nos modelos classificatórios das ciências de então. Esta posição de Simmel em seus escritos sociológicos, entretanto – como vimos no quarto capítulo deste livro –, diverge radicalmente daquele autor em seus ensaios, onde o fluxo e a dinâmica instável da natureza humana são o ingrediente fundante. Aí, sim, se nota uma significativa influência de Bergson. Para tanto, consulte-se o interessante livro desse autor, no qual discorre sobre seu conceito de *durée* (BERGSON, 1968).

trajetórias dos atores envolvidos nas malhas reticulares. Assim, segundo Emirbayer (1998: 964): “Nós também argumentamos que os contextos estruturais da ação são eles próprios temporais, enquanto campos relacionais – múltiplos, com formas sobrepostas de ordenar o tempo, através do qual os atores podem incorporar orientações de ação diferentes e ao mesmo tempo simultâneas.”

Mas, mesmo considerando a possibilidade de uma interpretação relativamente frouxa e imprevisível das trajetórias dos fenômenos sociais – o que nos levaria a admitir, no limite, algo como a ideia de rizoma, desenvolvida por Deleuze¹²⁸ –, o componente temporal não implica em total ausência de previsibilidade das ações futuras; o que significaria uma desconexão entre as ligações temporais passado/presente/futuro. A questão é que o indivíduo orienta suas ações, tece suas redes a partir de um campo cognitivo onde a experiência, o fato vivido no passado, é recorrente para a construção de seus projetos e para a orientação no palco do cotidiano, imediatamente vivido. O que pode significar que às vezes exista um ordenamento relativamente rígido, estruturado, para as orientações de ação e, conseqüentemente, para as configurações reticulares. O que Blau designa como *Supply side Effect* da estrutura social. “A composição das redes sociais dos indivíduos refletirá a composição da população consoante o lugar onde estão inseridos, quer dizer, a estrutura de oportunidades para a seleção de associados.” (Mardsen, 2009: 397)

128 “Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-se, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.” (DELEUZE, 1995: 46)

Assim, mesmo desconsiderando o aspecto essencialista dos fenômenos sociais, e admitindo certa imprevisibilidade em sua formação, mais adequado seria construir a ideia de ciência social a partir da noção probabilística da ocorrência desses fenômenos, para a elaboração de estruturas reticulares.¹²⁹

A análise de redes desenvolvida nos Estados Unidos é principalmente uma reação ao estrutural-funcionalismo e à teoria dos sistemas, de um lado, e ao individualismo metodológico, de outro. Ambas não conseguiriam dar conta da realidade social por serem demasiado rígidas. Alguns autores, entretanto, admitem que o modelo de redes tem um desenho estruturalista, na medida em que se aceite que a ênfase da orientação estrutural seja retirada do campo normativo e inscrita no campo relacional.¹³⁰ Referidos estudos, além disso, apresentariam um poder explicativo maior se incorporassem elementos do comportamento individual – como a escolha das trajetórias de afiliação, ou a construção de redes egocentradas –, bem como a inscrição dos indivíduos na tessitura das estruturas sociais. Uma inter-relação complexa que resulta em localizações relativamente flexíveis, porquanto modificáveis segundo trajetórias biográficas individuais, mas ao mesmo tempo obedecendo a alguns condicionantes estruturais. Granovetter¹³¹, com seu conceito de *embeddedness*¹³², caracteriza bem este modelo de formação da fábrica social: o indivíduo estaria embebido por mecanismos sociais (campos institucionais e círculos sociais construídos a partir de suas trajetórias reticulares), de modo que, por exemplo, não seria possível analisar o fenômeno econômico do ponto de vista puramente individual, orientado por um cálculo racional. O ator estaria, então, relativamente livre da rigidez

129 Trabalharemos esse ponto mais adiante, quando da nossa exposição sobre a metodologia das redes.

130 Cf. Wellman (1985).

131 Cf. Granovetter (1985).

132 Expressão de difícil tradução para o português. A literatura francesa traduz por *encastré* (encastrado). Julgo, entretanto, mais adequada a palavra embebido.

estrutural (Hollstein, 2008), mas sempre orientando suas ações a partir de um campo relacional; quer dizer, sempre considerando a teia de sociabilidades em que está envolvido. O que lhe porá também limites estruturais. Esse raciocínio, aparentemente circular, resulta, na prática, na conclusão de que agência e estrutura¹³³ devem ser analisadas em conjunto. Nenhuma delas sendo dominante para a determinação dos fenômenos sociais (Emirbayer, 1998).

O que se pode dizer, em suma, é que não há consenso sobre que padrão de análise deve ser adotado no que concerne ao binômio ator/estrutura. O que se tem, na verdade, como afirmamos acima, é uma espécie de *mix*, em que não se pode compreender o fenômeno relacional sem se levar em conta esses dois campos de padrões de orientação. O que, em última análise, permite que teóricos de redes transitem em campos paradigmáticos diversos. Assim nos mostra Holzer (2006: 73):

Regra geral, o raciocínio sociológico deve ser desta forma traduzido: a rede social enquanto ligação entre indivíduo e ator coletivo (Pessoas, Organizações, Estado). Esta construção é compatível com diversas orientações teóricas. Certamente coloca a análise sociológica desde um programa teórico individualista até um campo das ações com ênfase na estrutura social.

Não encontramos, dessa forma, consenso entre os principais autores. Existe, na verdade, uma profusão de temas e abordagens. Holzer (2006), por exemplo, classifica, no que diz respeito à orientação ator/estrutura, três posições centrais: (a) uma primeira, que considera a interdependência entre atores e suas práticas – *Akteure und ihre Handlungen* –, colocando-as em campos institucionais concretos, e orientando as ações

133 Sobre a relação entre redes, agência e estrutura, ver, ainda, Zaphiris (2007), Chiesi (2001), Zaccarin (2008), White (2009), Bprgatti (2009), Mirzuchi (1994), Snijders (2005), Cook (1992), Haines (1988), Poucke (1979), McCord (1980), Collins (1981), Mardsen (1990), Donatti (2008), Todeva (2007), Stegbauer (2009).

a partir de cálculos racionais, mas inserindo-as em jogos relacionais, impondo, dessa forma, certa rigidez estrutural; (b) uma segunda, que leva em conta as redes que se reproduzem *ad infinitum*, o que significa dizer que, para além da díade, da relação entre os atores A e B, existem outras, por exemplo, entre A e C, entre C e D, e assim por diante.¹³⁴ A partir da Teoria dos Graphos representam-se empiricamente essas redes, extraem-se suas principais características e inferem-se seus caminhos e estruturas gerais, consoante os arranjos particulares que possam ter¹³⁵; (c) e, finalmente, a terceira, que analisa as redes a partir de sua potência em canalizar e transferir recursos e informações. As posições estruturais dos atores e o desenho das redes onde se localizam são a chave para explicar assimetrias no fluxo de recursos e, portanto, movimentos mais amplos da sociedade. Haveria, nesse caso, ainda segundo Holzer (2006: 75), “o imperativo anti-categórico, aquele relacional e não o relativo ao atributo individual ou outra categoria sociológica a observar.”

134 Ideia basicamente derivada do conceito de tríade, desenvolvido por Simmel. Cf. Micha (2003: 4), e também Simmel (1992).

135 Examinaremos mais adiante essa posição, que advoga uma ciência geral das redes, aplicável inclusive a diversos campos da realidade, para além das Ciências Sociais. As redes seriam um bem acabado exemplo de sistemas complexos.

CAPÍTULO 06

Entre o território e o não lugar

...A abordagem das redes permite estabelecer ligações mais vívidas e elaboradas entre os mundos pequeno (micro) e grande (macro) que aquelas feitas por formulações sociológicas tradicionais, aquelas que falam da estrutura e agência.

Holton (2008: 10)

Da mesma forma que se coloca como questão ainda não resolvida a relação entre ator e estrutura, outro importante debate tem se estabelecido na literatura sobre redes sociais. Trata-se da ênfase dada em análises micro ou macro sociais. Há uma diversidade relativamente significativa de orientações neste sentido. O que, de certa forma, é reflexo de uma ainda incipiente teoria das redes sociais. Micro e macro, na teoria social, são intercambiáveis. As pessoas orientam suas ações nos micro contextos interacionais a partir da percepção das oportunidades e da escolha mais adequada do comportamento a seguir; e esse mecanismo é explicado a partir deste fluxo espaço-temporal particular. Mas deve também estar associado a condições estruturais. O que permite, de alguma maneira, uma explicação causal; uma construção – é certo que com algum grau de variabilidade – mais abstrata da realidade social. Desta forma raciocina Collins (1981) sobre os micro fundamentos da macrosociológica. Poderíamos ainda acrescentar que a

dicotomia micro/macro, do ponto de vista da construção da teoria social, não teria muito sentido; mesmo pensando como Merton, com sua teoria de médio alcance. Afinal, as teorias de médio alcance, explicando fenômenos como, por exemplo, a burocracia, ligam-se a campos explicativos mais abstratos: uma teoria da burocracia se torna, nesse caso, inteligível enquanto a pensamos em um padrão de orientação mais geral e característico das sociedades modernas; quando, finalmente, a consideramos em um percurso civilizacional.¹³⁶

Podemos dizer que as primeiras questões colocadas pelos que pensavam a rede enquanto corpo teórico-metodológico para a compreensão das sociedades, partiram exatamente da discussão sobre as particularidades dos tempos modernos relativos às sociedades tradicionais; de certa forma resgatando o debate central da sociologia do século XIX, com as discussões de Durkheim sobre solidariedade mecânica, solidariedade orgânica e anomia¹³⁷; ou as de Max Weber¹³⁸ sobre os tipos puros de dominação, em especial o racional burocrático, como emergente característico das sociedades modernas; em oposição ao tradicional. Essa orientação weberiana acompanha aquela anteriormente desenvolvida por Tönnies, em sua tipologia das grandes trajetórias civilizatórias; em especial sua dicotomia entre economia e sociedade. Orientados, é certo, por fundamentos teórico-metodológicos diversos, esses autores refletiram sobre a crescente complexidade das interações modernas; e como este processo resultava em sociabilidades diversas e trajetórias de cotidianos particulares, por exemplo, em sociedades cada vez mais urbanizadas, com padrões singulares de organização espaço-temporal e modos de vida adaptados a esses novos padrões.

136 Sem, evidentemente, assumirmos quaisquer conotações evolutivas.

137 Durkheim (1986).

138 Weber (2007).

No que diz respeito a este assunto temos a influência especial de Simmel na sociologia norte-americana; de início refletindo sobre as intensas mudanças sociais provocadas pelo importante fluxo migratório que lá se assiste durante o final do século XIX e início do século XX. Os sociólogos norte-americanos conheciam alguns trabalhos de Simmel, traduzidos e publicados nos Estados Unidos. Merece destaque, por exemplo, o ensaio *A Metrópole e a Vida Mental*¹³⁹. Nesse artigo, Simmel comenta que o habitante de uma metrópole mental assume uma atitude *blasé* diante do volume imenso de estímulos a que está submetido. Não é capaz de se aperceber de tudo. As imagens, sensações e novidades passam em um caleidoscópio gigante. As impressões e sensações não são fixadas seletivamente. O indivíduo assume uma atitude *blasé* diante da vida e do cotidiano.

Este tema foi profusamente explorado pela Escola de Chicago. Denominado Ecologia Humana, é base para explicar a suposta desorganização social causada pela intensa urbanização e pelo fluxo de migrantes de diversas origens para as metrópoles norte-americanas, resultando, dessa enorme diversidade cultural, um sentimento de desorientação, apatia e indiferença. O conceito de atitude *blasé*, emprestado de Simmel, serve de base para, por exemplo, para explicar que os habitantes das metrópoles podem muitas vezes estruturar suas personalidades de forma esquizoide, visto que os tradicionais processos de estruturação identitária, a partir do *attachment* comunitário, se fragilizam.

Simmel, por sua vez, nessa análise dos processos de construção das sociedades modernas, aponta, ao mesmo tempo, para uma direção otimista e pessimista. Este processo tem por corolário a construção da individualidade; a possibilidade de as pessoas escolherem suas trajetórias biográficas e estruturarem-se identitariamente a partir das diferenças eleitas, com base em suas ligações a grupos e interesses, que, contrariamente às

139 Simmel (1950).

estruturas comunitárias, aqui são predominantemente eletivos. Desta forma, segundo Simmel:

Os grupos, aos quais os indivíduos pertencem, ligam-se igualmente em sistema de coordenadas, onde cada recém-chegado tem o seu lugar fixado. O pertencimento a um grupo permite a ampliação da individualidade. Com a combinação de múltiplos pertencimentos aumentada, é bastante improvável que outra pessoa tenha a mesma combinação de pertencimentos.¹⁴⁰

A temática da comunidade tem sido dessa forma explorada pela sociologia norte-americana; no início ainda sem o recorte analítico das redes sociais, como é o caso da escola da ecologia humana. Mas tem também explorado, de um lado, a hipótese do esgarçamento dos laços comunitários das sociedades modernas, em detrimento dos societários; e, do outro, a investigação das características da sociabilidade – neste caso, já introduzindo ferramentas de análise de redes sociais – dos laços comunitários e societários.

Inicialmente, com a sociologia clássica, a dicotomia comunidade/sociedade se ancorava no conjunto de conceitos igualmente dicotômicos de sociedades tradicionais *versus* sociedades modernas. Práticas de sociabilidade comunitária estariam primordialmente associadas a sociedades tradi-conais, onde “a justificação que se dá à persistência de *gemeinschaft*, em última instância, é baseada na ‘lei natural’ e sua permanência no fundo da sociedade”. (Donatti, 2008: 92-95)

As análises da sociedade norte-americana dão ênfase aos padrões de sociabilidade, definindo as interações decorrentes das práticas comunitárias como primordialmente constituídas de laços fortes (sociabilidades primárias), característicos das sociedades mais homogêneas. Teríamos, dessa forma, três

140 Simmel (1992 [1908]), Die Kreuzung sozialer Kreise, S. 466. In: Michael Nollert Soziale Netzwerke Theoretische Konzepte, Analyseinstrumente und empirische Befunde Universitäten Freiburg www.suz.unizh.ch/nollert/soznetzwerke.pdf.

dimensões características de uma comunidade: “Ancoragem territorial, Identidade coletiva e Integração estrutural”. (Trindall, 2001: 271).

A dicotomia comunidade/sociedade – posição caracteristicamente assumida pela sociologia clássica como chave para o entendimento dos processos de mudança social – percebida entre a tradição e a modernidade, e, de certa forma, incorporada pelos primeiros estudiosos do intenso desenvolvimento vivenciado pela sociedade norte-americana, já não é aceita entre os pesquisadores. Coexistem, de fato, estruturas de sociabilidade primárias e secundárias; cada uma delas gerando um padrão particular de vínculo social.

A partir desta perspectiva, da tentativa de superação das esferas micro e macro, há um volume impressionante de estudos, sempre tendo por característica o fato de que não se pode pensar em compreender a sociedade por meio de perspectivas estanques. Sociabilidades encontradas no mundo da vida, em círculos sociais predominantemente compostos por laços fortes, não são exclusivas de sociedades tradicionais, menos complexas. As sociedades modernas, com maior diferenciação social, certamente apresentam campos de sociabilidade orientados para o que os clássicos apontavam como *gesellschaft*; mas esta é a forma dominante, e não exclusiva. Por isso, orientações para análises totalizantes (nação, classe, relações internacionais) deixam escapar as minúcias das microsociabilidades, indispensáveis para a compreensão do fenômeno social, mesmo nas sociedades complexas. Apresentamos a seguir alguns dos grandes campos de estudos que, sem pretendermos ser exaustivos, em minha opinião, foram bastante significativos dessa tendência. Muitos deles não incorporam totalmente a ideia de redes – em alguns casos apenas metaforicamente –, mas trazem implícita a compreensão de que as sociedades modernas se ancoram em modelos bastante complexos, com articulações entre campos de

sociabilidade localizados nas esferas pública e privada, inscritos em meios institucionais amplos (do poder e do mercado) ou restritos (famílias, interações primárias de forma geral). Para esse fim, escolhemos duas grandes temáticas, que foram bastante dominantes na agenda das Ciências Sociais: (a) poder local (décadas de 80 e 90 do século passado) e (b) sociabilidades virtuais e *glocalização* (década de 90 do século passado e primeira década deste século), objeto de atenção do sétimo capítulo deste livro.

Contemporaneamente, os aspectos estruturadores dos vínculos sociais se localizam principalmente no mercado e no Estado, definindo as ações sociais dominantes, calcadas na racionalidade instrumental: o dinheiro e o poder (Habermas, 1978; 1987). As ações não estabelecidas pela racionalidade instrumental, entretanto, sempre estiveram presentes, e se constituem elemento indispensável à manutenção do tecido social. Localizando-se na esfera do mundo da vida (e definidas operacionalmente pela racionalidade substantiva), essas ações reproduzem uma solidariedade de outro nível. Os intercâmbios estabelecidos entre os atores não se dão de forma pontual e localizada, como é o caso das situações de troca entre consumidores, ou das orientações do Estado na provisão de serviços públicos, caracterizando também uma relação localizada entre o produtor de bens e o detentor de direitos (o cidadão). A solidariedade produzida na esfera do mundo da vida se dá a partir de trocas não circunscritas a um espaço de tempo, traduzindo-se antes de tudo pela reafirmação de laços sociais que se prolongam por uma trajetória de sociabilidades não necessariamente inscritas na contabilidade da equivalência entre objetos que se intercambiam. Desta forma, ainda segundo Habermas:

Estas razões pragmáticas para atitudes e ações morais são somente parte do que denominamos relações interpessoais nas *comunidades pequenas* baseadas na solidariedade, como famílias e vizinhança.

Sociedades Complexas não se sustentam apenas com sentimentos como simpatia ou confiança, que são gerados na esfera local. Para o caso das redes abstratas de ação, membros de grupos primários não se ligam às reciprocidades familiares exclusivamente a partir da troca de recompensas e conseqüentemente sem avaliar as razões pragmáticas para a benevolência. Sentimentos de obrigação que ligam a distância entre estrangeiros não são racionais para mim no mesmo sentido que sentimentos de lealdade entre membros do meu grupo nos quais me ligo através da cooperação. Na medida em que a solidariedade seja o reverso da justiça, não existe nada errado no princípio que busca explicar a origem das obrigações morais enquanto resultado da extensão da lealdade dos grupos primários para os mais amplos (ou em termos da transformação da confiança pessoal na abstrata ou sistêmica). Mas a validade da teoria normativa não é medida por como estas questões contam para a prioridade normativa das obrigações. Deve ser aplicada a partir do porque, para os casos de conflito entre sentimentos benevolentes e demandas abstratas por justiça, se é racional para os grupos subordinarem sua lealdade através daqueles que conhecem pessoalmente na direção de uma solidariedade entre estranhos. Sentimentos oferecem bases muito estreitas para a solidariedade entre membros de uma comunidade impessoal de seres morais. (Habermas, 1999: 14)

Longe, portanto, de haver a predominância de um ou outro tipo de padrão de sociabilidade, o que se verifica é um balanceamento entre os campos tradicional e racional, segundo características particulares de sociabilidade em cada uma das sociedades estudadas. Padrões que são o reflexo de heranças socioculturais e de movimentos de mudança social orientados a partir dessas estruturações particulares. Um dos pontos mais significativos, em um primeiro momento do estudo das sociabilidades – mesmo ainda não incorporando todo o aparato metodológico das redes sociais; fato que toma corpo somente a partir da década de 70 do século passado –, é exatamente a imbricação entre o local e o global; entre as microsociabilidades e os estudos macrosociológicos. Fato interessante, que para o

estudo do poder local se torna um marco, é precisamente o retorno ao *locus* como instância de explicação de fenômenos políticos, muitos deles de alcance mais geral. O poder que se constrói a partir de campos de sociabilidade ancorados territorialmente – e que é estruturado nas grandes construções político-administrativas que culminaram nos Estados-nações contemporâneos – não dá mais conta da explicação dos complexos fluxos de legitimação, que incorporam novos atores (os movimentos sociais), ou novos *fora* de disputa (na ampliação dos espaços de discussão, redefinindo inclusive a intrincada relação entre a sociedade civil, o Estado e a esfera pública, a partir da Internet).

Crise do *Welfare State*, crise das sociedades organizadas em processos de acumulação fordista, falência da modernidade etc; esses são os rótulos mais frequentes das mudanças recentemente vivenciadas.¹⁴¹ Tais processos, que refletem mudanças profundas nas sociedades contemporâneas, podem ser resumidamente caracterizados enquanto: (a) uma crise da esfera burguesa, resultando em mudanças na estrutura social; (b) uma crise da sociedade do trabalho, comprovando o declínio da ideologia trabalhista e o subsequente advento da ideologia da ciência e da técnica, e (c) uma crise do Estado de bem-estar social, cujo projeto torna-se problemático quando os meios burocrático, administrativo e econômico que fundamentam o sistema capitalista não mais dão conta das complexas inter-relações de uma sociedade global (Siebeneichler, 1989).

As recentes mudanças verificadas nos sistemas políticos contemporâneos parecem também indicar a emergência de novas formas de solidariedade. Segundo Offe (1984), durante o período das sociedades de "capitalismo tardio", os principais instrumentos de articulação dos interesses da coletividade, os partidos políticos e os sindicatos, perderam sua importância em detrimento dos movimentos sociais e do corporativismo.

141 Existe uma vasta literatura sobre o assunto. Consultar, por exemplo, Castells (1996), Melucci (1996), Harvey (1990).

Mais recentemente, as associações voluntárias assumiram um importante papel na construção das redes de solidariedade, e, conseqüentemente, na reafirmação do vínculo social.

Uma das mais importantes facetas desta nova ordem social reside na relativa reorientação dos mecanismos operativos das instituições, agora mais descentralizadas, abertas e atentas à diversidade identitária. Contrariamente a uma ordem econômica fordista, calcada na produção em massa e orientada para o consumo padronizado, surge a flexibilização produtiva e a fragmentação do consumo. Na mesma direção, as políticas de gestão pública apontam para o local, com importantes apelos à participação popular e à afirmação identitária¹⁴², colocando, de certa forma, o padrão dominante do Estado Nacional, centralizado e estruturado burocraticamente, em xeque. Esse novo espaço de gestão social, que surge em decorrência da falência dos mecanismos institucionais tradicionais do mercado e do Estado, estaria centrado na sociedade civil, nas redes sociais constituídas a partir de elementos que passariam por fora (embora não totalmente desligados) das estruturas de sociabilidade ancoradas na racionalidade instrumental.¹⁴³ Esse novo modelo é assim descrito por Laville (1994: 172):

(...) uma nova forma de organização suscetível de formar um espaço de poder que permitiria às forças vivas das comunidades locais, aos assalariados e consumidores serem partes presentes nas decisões relativas não somente ao planejamento da cidade, mas também a tudo que afete a vida cotidiana e o trabalho. Nesta

142 O fator identidade (que pode ter uma base étnica, comunitária, profissional etc) assume aqui uma importância central na organização das redes que suportariam os novos mecanismos estruturadores da solidariedade. Sobre a relevância da construção identitária nos processos políticos, consultar Melucci (1996).

143 Duas importantes questões: (a) A elegante tese de Habermas (1978) sobre a crise de legitimação no capitalismo tardio é de difícil operacionalização empírica. Com efeito, como medir estes dois níveis de racionalidade e suas manifestações concretas nos processos sociais? (b) As mudanças na estrutura produtiva e nos processos de gestão pública, embora possam ser comprovadas, não substituem as tradicionais formas de organização, que ainda são dominantes.

perspectiva, as normas que regulam o desenvolvimento local, a gestão dos serviços públicos e a organização do trabalho – bem como a orientação da produção – não seriam definidas do alto ou sobre o peso de um único agente externo, mas a partir da negociação e do compromisso entre parceiros, com pontos de vista diferentes.

Estaríamos assistindo, portanto, à emergência de novas redes de solidariedade¹⁴⁴, fundadas em mecanismos de sociabilidade originários da sociedade civil e calcados na esfera do mundo da vida. A estruturação dessas novas redes depende, como nos demais casos, da interdependência de seus membros; conseqüentemente, das múltiplas conexões que estabelecem entre si. Neste caso, o mercado e o Estado, produtores de solidariedade, são também portadores dessas características. Mas estas novas formas de solidariedade, além disso, se fundam em estruturações identitárias mais caracteristicamente marcadas pela personificação dos contatos sociais¹⁴⁵; pela estruturação mais estreita do *alter* e do *ego*, ao contrário do que acontece no campo do mercado e do Estado, onde os indivíduos se definem mais largamente enquanto consumidores ou cidadãos.

Estamos aqui em um campo de questões ainda não totalmente resolvidas. Há um relativo consenso de que as sociedades contemporâneas têm passado por mudanças significativas, que influem de maneira decisiva na estruturação dos processos de solidariedade. Há também um grupo de autores que afirmam que esses novos processos de sociabilidade seriam substitutos de mecanismos já não tão eficazes, inscritos nas esferas do mercado

144 Solidariedade pode ser definida da seguinte maneira: "A solidariedade [de um grupo] é função de dois fatores independentes: primeiro, a extensão de suas obrigações e, segundo, o grau com que os indivíduos atualmente cumprem estas obrigações". (HECHTER, 1987: 18)

145 Ao contrário do que, por exemplo, acontece nas relações de sociabilidade estabelecidas a partir do Estado, onde predomina "uma despersonalização da relação social, acrescentando-se a isto uma irresponsabilidade própria das estruturas burocráticas". (Godbout, 1992: 235)

e do Estado. Não se tem certeza, entretanto, sobre a que nível estas prováveis mudanças chegaram. Nem qual a real dimensão dessas "novas" formas de solidariedade.¹⁴⁶ Alguns autores, como, por exemplo, Laville, falam de uma "economia solidária":

É no interior destes novos acordos sociais que as iniciativas econômicas originárias das comunidades locais e das regiões teriam um espaço, precisamente porque elas buscam responder à crise do emprego e ao desengajamento do Estado, empregando estratégias autônomas de desenvolvimento socioeconômico... A economia solidária é um desses fenômenos que podem ser ou transitórios ou parte de uma nova forma de desenvolvimento... Nós propomos a ideia de que estas práticas econômicas e sociais têm um sentido que lhes é comum, quer dizer, a resolução de problemas sociais a partir de uma intervenção econômica em uma perspectiva principalmente associativa... Esta economia se inscreve em uma nova via, entre a economia mercantil e a economia pública, um passo em direção a uma economia ancorada na solidariedade. (Laville, 1994: 132)

Os mecanismos produtores de solidariedade fundados no âmbito do mundo da vida seriam, aparentemente, bastante importantes nas sociedades contemporâneas. Haveria, inclusive, a partir das mudanças recentemente observadas nas sociedades modernas, uma tendência de tais processos se tornarem mais significativos. Independentemente das perspectivas de evolução dos modos de geração de solidariedade há um consenso entre os autores pesquisados de que, de um lado, mudanças importantes estariam acontecendo nas sociedades contemporâneas e, de outro, fórmulas organizativas calcadas na esfera do mundo da vida estariam sendo fortalecidas, ocupando uma posição importante na manutenção do vínculo social.

146 Ao que me parece, presentes há muito tempo. Recentemente, entretanto, elas têm sido postas em evidência. A crescente importância dessas estruturas de solidariedade fundadas na esfera do mundo da vida seria um indicador da falência dos mecanismos tradicionais de produção de solidariedade.

Como funcionam esses mecanismos de solidariedade? Desde Durkheim, em seu clássico *Da Divisão do Trabalho Social*, os processos geradores de solidariedade, fundamentais para a manutenção do laço social, estão associados à interdependência entre os indivíduos em suas atividades cotidianas. Deste modo, as instituições sociais, locais de *performance* dos papéis sociais, seriam o *locus* das práticas de solidariedade. Em tais práticas, identificadas por Mauss (2003) enquanto produtoras de "dádiva"; ou naquelas encontradas no mercado, não haveria diferenças significativas no que concerne às suas características básicas (geradoras de interdependência, estabelecedoras de vínculo social etc). A localização desses processos de sociabilidade, entretanto, se daria de maneira diferente, como observamos acima.

Nas sociedades modernas, aparentemente, haveria uma predominância das práticas sociais orientadas pelo dinheiro ou pelo poder, segundo a tese de Habermas.¹⁴⁷ As outras práticas (estruturadas no mundo da vida), entretanto, não desaparecem; inclusive, são de vital importância para o funcionamento destas sociedades (é a tese de Goudbout). Elas se estruturam a partir da construção de redes sociais centradas nos processos de sociabilidade vivenciados pelos indivíduos em seu cotidiano.

A crescente importância de processos sociais centrados na convivência diária seria uma das características mais importantes das mudanças que estão em curso. As estruturas identitárias se centram cada vez mais em afirmações particulares, primárias (religiosas), étnicas, territoriais (Castells, 1997); o que pode ser caracterizado como um paradoxo: em um mundo globalizado localizam-se principalmente em laços ancorados em sociabilidades específicas. Conceitos totalizantes utilizados até então pelas Ciências Sociais, como classe social, ou Estado, se tornam inadequados para explicar essa nova realidade.

147 Essa progressiva interdependência entre os indivíduos, ao lado de uma individualização crescente, provocada pela economia monetária, são exemplarmente analisadas por Simmel (1991).

Haveria, deste modo, um espaço cada vez mais significativo para as ações coletivas localizadas em uma busca identitária de grupos que se definem enquanto pertencentes a uma etnia, um território, ou uma configuração cultural particular. Tais processos se organizam à margem dos padrões anteriormente dominantes, como, por exemplo, o do mundo do trabalho; ou mesmo ultrapassam os espaços territoriais do Estado-nação.

As associações voluntárias assumem, nesse contexto, uma importância bastante significativa. Se alguns chegam até a afirmar que o Estado de bem-estar social acabou, as Organizações Não Governamentais são vistas enquanto um instrumento que substitui os processos de solidariedade originários daquele modelo. Estado e sociedade civil construiriam, deste modo, uma nova prática de gestão com conteúdo participativo, não substitutivo, mas complementar ao tradicional processo de democracia representativa. Descentralização e participação popular na gestão urbana foram os temas dominantes nas décadas de 1970 e 1980. Expressões da descoberta de que os modelos de concepção política, a partir do Estado e dos seus mecanismos tradicionais de representação (os partidos), por si, não explicavam adequadamente os complexos mecanismos de desterritorialização; colocando, de certa forma, como veremos mais adiante, a agenda das redes sociais em evidência, na medida em que a dicotomia micro/macro foi sempre objeto de contestação.

O retorno ao local se constitui na principal bandeira de luta dos movimentos populares e dos partidos de esquerda; mas também de projetos políticos de conservadores e de apoio de agências internacionais de desenvolvimento. Torna-se, pois, uma unanimidade. Participação popular e descentralização transformam-se em ingredientes de uma fórmula mágica, que se constitui em panaceia para as frequentes crises de legitimação pelas quais as democracias ocidentais têm passado com a crescente

desvalorização de seus dois mais importantes instrumentos de organização política: os partidos e os sindicatos. Novos atores sociais entram em cena e se constituem nos principais agentes dessa nova ordem política, instituída enquanto projeto restaurador dos ideários da democracia. Trata-se, na verdade, de encontrar uma fórmula que, de certo modo, corrija os vícios da democracia representativa (sem, entretanto, descartá-la), aproximando-a dos princípios da universalidade, quer dizer, da possibilidade de que haja fórum para todos os segmentos da sociedade civil.

Gestão urbana participativa significa principalmente redistribuição de poder. De um lado, argumenta-se, “não precisamos mais de um Estado tão centralizado, já que a população que vive em núcleos urbanos pode resolver localmente grande parte dos seus problemas” (Dowbor, 1994); e do outro, eleito fórum por excelência para a decisão dos destinos de seus habitantes, o município deve se reorganizar em padrões de gestão onde o componente participativo seja o instrumento principal. Pois “a propagação em direção às bases de poderes, competências, responsabilidades e recursos financeiros e técnicos abre espaço para a articulação histórica e democrática, entre a gestão pública das instituições do Estado e as práticas de participação e organização cidadina em sua vida cotidiana”. (Massolo, 1988: 45).

O processo de descentralização, enquanto “instrumento de transferência de funções de uma coletividade que possui personalidade jurídica a uma coletividade inferior dotada igualmente desta personalidade” (D’Arcy, 1986: 22), é um dínamo que implica normalmente em redistribuição de poderes e, conseqüentemente, reposicionamento dos atores no cenário da *pólis*. Do ponto de vista político, a onda descentralizadora que se verifica na maior parte do mundo contemporâneo é vista como uma tentativa de reestruturação hegemônica. Com efeito, “com

a crise econômica e a passagem às políticas de austeridade, se abre uma crise de hegemonia, provocando o retorno forçado do anti-estatismo desplanificador, o neoliberalismo e a glorificação do empreendedor, o individualismo, a concorrência e o fracionamento do social". (Preteceille, 1989) Seu principal efeito é o desengajamento do Estado; o que significa basicamente a transferência de atribuições e competências da instância político-administrativa central para os Estados e Municípios, sem a correspondente contrapartida de recursos; e o deslocamento da esfera de legitimação do centro para a periferia. Os governos dos Estados e dos Municípios, com as atenções cada vez mais intensas da sociedade civil, teriam maiores encargos na produção de recursos legítimos. As pressões políticas, desta forma, seriam pulverizadas entre as centenas de unidades político-administrativas. Do ponto de vista da gestão, o esforço descentralizador corresponde a uma reformulação bastante profunda na estrutura de funcionamento da administração local, com impactos significativos em basicamente três setores: "(a) divisão territorial; (b) organização político-administrativa, e (c) competências, funções e recursos". (Borja, 1988: 22)

A ação descentralizadora - vista enquanto processo administrativo que objetiva o aumento da eficiência, com o aproveitamento racional dos recursos disponíveis (Neves, 1987) - na esfera pública (lugar por excelência da produção de bens públicos) também deve ser pensada enquanto instrumento potencialmente poderoso na produção de justiça social. E, neste sentido, o processo descentralizador aparece indissociavelmente ligado ao componente participativo. Pensada enquanto ferramenta de ampliação do acesso da sociedade civil ao processo decisório, a democracia participativa seria um instrumento contrabalanceador da produção de desigualdade, inerente ao sistema capitalista. Alguns autores argumentam inclusive que um modelo de participação política serviria para atenuar os

vícios da democracia representativa – que consiste em um sistema partidário não participativo –, indispensável para manter coesa uma sociedade profundamente desigual. (Macpherson, 1978)

Não seria, entretanto, um sistema substituto da democracia representativa. Além das experiências de democracia direta encontradas nos condados suíços ou nas paróquias inglesas – de reduzido alcance, tanto pelo nível das decisões quanto pela exígua população envolvida –, ninguém pensaria num modelo exclusivo de democracia direta para as modernas sociedades, dada a sua complexidade. O que se pretende é uma fórmula complementar, em que, ao lado do sistema representativo, sejam abertos canais de participação para uma gestão conjunta do Estado e da sociedade civil em serviços públicos e decisões sobre problemas que diretamente envolvam interesses da comunidade. Um município descentralizado, com unidades territoriais com competência (financeira e política) para decidir de que forma vai gerir seus distritos, bairros ou regiões; ao lado de fóruns de participação que discutam questões que afetem toda a cidade, seria a base de um projeto de democracia participativa. Os arranjos diversos que se verificam nas experiências de gestão participativa entre aqueles modelos de participação direta e as estruturas da democracia representativa indicam que, de algum modo, as ações se complementam (e, muitas vezes, entram em conflito).

A principal contribuição dos movimentos populares é exatamente a de consolidar (e, poderíamos dizer, criar) esse espaço de democracia. Tal processo se dá a partir da construção da consciência cidadã; da incorporação dos valores universais da democracia no cotidiano da população.

Os movimentos sociais representam importantes grupos, que normalmente não teriam outros espaços políticos para ocupar. Eles concentram interesses que não constam da pauta das principais instituições políticas existentes na sociedade (partidos

ou sindicatos, por exemplo). E canalizam a possibilidade concreta de interlocução entre os grupos sociais por eles representados e as instâncias do poder, entre as quais, significativamente importante para a realidade urbana brasileira, os aparelhos político-administrativos das municipalidades.

Se considerarmos que as camadas não dominantes têm certa influência na estrutura de decisão, devemos levar em conta a participação política como uma variável relevante na explicação do fenômeno das decisões das políticas públicas. A participação política consiste no exercício da cidadania. Os indivíduos têm o direito de manifestar sua opinião e de defender seus interesses, que serão transmitidos à autoridade pública pelos canais que lhes são acessíveis. Mesmo que os meios utilizados não sejam institucionalizados, a participação política implica na sensibilização da autoridade pública em relação a uma necessidade não satisfeita ou a um prejuízo que o indivíduo ou grupo tenha sofrido em decorrência da ação do Estado.

Sem colocar em pauta a análise da formação dos processos participativos, e constatando a importância destes espaços de interação na gestão urbana das principais cidades brasileiras, acho significativo que se reflita sobre a oportunidade da participação popular, e sobre os seus possíveis modos de consecução. O sistema tradicional de representação política tem por principal argumento legitimador o fato de que o governo eleito norteia as suas ações administrativas a partir dos pontos programáticos estabelecidos na campanha eleitoral; em relação aos quais todos os segmentos representativos da sociedade (inclusive o movimento popular) se posicionam no apoio ou desagrado através do voto. Desta forma, o governo, respaldado pela chancela popular, é legítimo, e representa, portanto, os interesses da maioria da população. Cabe aqui, porém, uma indagação: seria importante o movimento popular participar dos processos decisórios, ou simplesmente exercer o controle

sobre os mecanismos administrativos; devendo estes refletir os compromissos assumidos durante a eleição?

Esse questionamento só se torna possível a partir do momento em que se colocam as condições objetivas de participação (direta ou representativa) em uma realidade sócio-política qualquer. Porque se nos ativermos a modelos típico-ideais, com certeza um projeto de democracia direta seria o mais adequado a uma perfeita identificação entre os interesses da sociedade civil e do Estado. Teríamos, neste caso, uma situação ideal, onde a formação da direção política se daria a partir de um consenso – estabelecido em bases comunicativas amplas – entre todos os segmentos da sociedade constituída.

Sabemos, entretanto, que uma agenda política se forma a partir da construção de um espaço político, que é por natureza um espaço de diferenças; que pode eventualmente ser articulado com base em interesses comuns. Esse campo político, contudo, é ocupado de modo desigual pelos diversos segmentos da sociedade civil. Os grupos que disputam parcelas de poder não possuem os mesmos recursos; e as políticas – ou, se preferirmos, o processo decisório – são definidas, conseqüentemente, a partir dessa realidade. O que resulta no que os cientistas políticos liberais designam como distribuição desigual de poder.

Podemos também deduzir que as parcelas mais desfavorecidas da população – aquelas que dispõem de menos recursos – são as que, de certa forma, se colocam como as mais excluídas dos processos decisórios; da arte de formação das políticas. Seus interesses, portanto, não estão adequadamente representados. O papel dos movimentos populares revela-se de extrema importância para contrabalançar essa tendência. Com efeito, a pressão destes movimentos pode imprimir nos programas dos partidos políticos, ou no aparelho de Estado, uma direção que considere os interesses das camadas populares.

Torna-se importante, no entanto, precisar o tipo de

participação mais adequado para essas camadas. O que se deve ter em mente quando se pensa em projetos de participação popular, é no sentido de estabelecer estratégias de formulação de agendas políticas, e do seu controle. Ou seja, torna-se capital a articulação do movimento popular com outros segmentos organizados da sociedade civil na construção de uma agenda política a ser capitaneada por um candidato ao poder executivo municipal. A luta localizar-se-ia, num primeiro momento, em um nível político-partidário.

Num segundo momento, quando da gestão daquele político eleito com base em um projeto apoiado pelo movimento, os canais de participação deveriam estar centrados no controle dos processos administrativos da municipalidade. O que resultaria em uma maior trans-parência da gestão (quer dizer, os assuntos da administração municipal sendo tratados publicamente; e os compromissos assumidos quando da elaboração do projeto político para a disputa eleitoral sendo mais facilmente controlados).

Assim, uma questão importante para que se pense em um projeto de participação, é justamente a ideia de se ultrapassar os espaços restritos do movimento. Quer dizer, o movimento popular, com certeza, é uma instituição bastante importante para a formação do espaço político, e, consequentemente, para a estruturação de uma sociedade mais democrática. Mas não se deve esquecer também que ele possui uma base de atuação restrita; representa interesses específicos. O que significa que, pensando o movimento e sua atuação no espaço público de uma maneira exclusiva, pode-se cair nos perigos do corporativismo.

O corporativismo se apresenta de várias formas, e tem por principal característica a construção de políticas de privilégio para os grupos que conseguem se articular mais eficientemente. Essa articulação se dá desde a formação de laços clientelistas (acessos facilitados por políticos profissionais, que barganham

votos por benefícios concretos) até uma articulação obscura com as redes informais de comunicação (o corpo administrativo tem bastante poder, e normalmente se articula com grupos de interesse, onde também se verifica a formação de processos decisórios não transparentes).

No caso dos movimentos populares, não se constitui novidade a interação entre lideranças e partidos políticos; nem tampouco a facilidade que alguns líderes encontram em percorrer os corredores da administração pública. São métodos utilizados na melhor das intenções: a consecução de benefícios concretos para as comunidades que representam. E essa prática, com certeza, não é exclusiva das associações ditas pelegas. Mas não se pode afirmar que seus efeitos sejam benéficos para a consolidação da democracia.

Novas práticas de gestão, com conteúdo participativo; mais visibilidade na esfera pública das associações; novas estruturas identitárias. Foram esses – e alguns outros – os componentes mais fortemente valorizados na agenda de pesquisas das Ciências Sociais nas décadas de 1980 e 1990. Analistas destacam o fato de que modelos tradicionais de investigação, com ênfase em grandes narrativas e amplas interpretações de processos sociais, devem ser – se não substituídos – complementados por outros que enfatizem as microssociabilidades e seus efeitos sobre as estruturas sociais. Assim, faz-se importante a investigação de práticas associativas; de sobre como as comunidades estruturam suas vidas cotidianas. Igualmente importantes são os reflexos destes movimentos sobre os processos mais amplos de estruturação do social. Aparentemente, a Análise das Redes Sociais é um poderoso instrumento metodológico no auxílio da elaboração desta nova agenda de pesquisas.

CAPÍTULO 07

Nem Local, nem Global: sobre as sociabilidades virtuais glocalizadas

As sociedades modernas passaram por uma profunda modificação no último quartel do século passado. Com efeito, assistimos a importantes mudanças em diversos campos: no ordenamento político mundial (fim da guerra fria, declínio do poderio econômico norte-americano e emergência de uma nova potência, a China); nas artes e arquitetura (desconstrutivismo, urbanismo de colagem em substituição ao cartesiano); na economia (adoção de modos de produção flexíveis em substituição ao Fordismo); no consumo (do consumo de massas para o personalizado, culto do indivíduo narcisístico). Dessas tantas importantes transformações vivenciadas, há um consenso de que uma delas, a disseminação dos meios de comunicação eletrônicos, a internet, seja a que mais teve impacto sobre a vida cotidiana das pessoas. Esse ponto, que nos interessa particularmente, apresenta a seguinte questão central: relativamente às interações face a face, há um ponto específico bastante significativo; o fato de que tais interações não se localizam mais territorialmente. Quer dizer, não há a necessidade de os interlocutores estarem em um mesmo lugar (e nem mesmo em um tempo correspondente! Podemos estar, por exemplo, na Indonésia, à noite, e falar com alguém no Brasil que ainda esteja sob a luz do sol).

Em uma interação face a face, há a coincidência tempo-espacial. Formas de comunicação - por consequência,

sociabilidades – não ancoradas espacialmente existem há muito tempo, como é o caso de cartas, emissários e porta-vozes. Nesses casos, o fluxo comunicativo se estende por muito tempo, e a dinâmica dos acontecimentos às vezes atropela o processo. Veja-se, por exemplo, quando da descoberta do Brasil, a carta de Caminha ao Rei de Portugal: entre o momento da escrita e a recepção pelo rei, provavelmente se passaram meses. O que significa, é claro, que as possibilidades de desdobramento imediato desta prática comunicativa são bastante limitadas.

Há também, como fator importante, o componente territorial. Estar ancorado em um território, e nele travar interações, implica que, para além do conteúdo implícito no processo comunicativo (pedir alguma coisa, trocar ideias sobre algo, informar ou ser informado...), há o que poderíamos chamar de *ambience*: o sentido da conviviabilidade, que se estabelece no reconhecimento mútuo do lugar, do clima, do cenário; o preencher de sentidos compartilhados toda uma série de equipamentos presentes no entorno que nos faz sentir familiares, o que, nesse contexto, implica em um conforto maior na construção da intersubjetividade necessária à interação. Tal conteúdo, que poderíamos chamar de âncora territorial, confere uma particularidade exclusiva às comunicações face a face, principalmente aquelas que se orientam a partir de laços primários, fonte principal das práticas de sociabilidade ancoradas territorialmente. Quer dizer que, embora também tenhamos interações praticadas em campos espaço-temporais definidos, não podemos afirmar que todas tenham o conteúdo territorial. É o caso, por exemplo, dos não lugares, expressão cunhada por Augé (1994).¹⁴⁸ Essa expressão foi criada no sentido de possibilitar a interpretação de espaços de sociabilidade não territorializados – aeroportos, saguões de hotel, centros comerciais –, onde o componente territorial, a identidade histórica de pertencimento, não acontece. Mas

148 Augé, Marc. Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

também poderíamos acrescentar que mesmo havendo elementos interacionais onde se inscreve o território, eles podem existir de forma plena somente para um dos interlocutores. Como é o caso, por exemplo, de um habitante de uma cidade prestando informações a um turista. Nesse caso, o lugar é cheio de significados para o cidadão, e com sentidos totalmente diversos, segundo campos de referência díspares, para o turista. Há mesmo casos bastante interessantes, onde a (re)leitura dos significados simbólicos dos monumentos se estabelece para o deleite de turistas. Um bom exemplo são os *resorts*, na América Latina, usados quase que exclusivamente por europeus ou norteamericanos.¹⁴⁹ Mobiliário, estilo arquitetônico, culinária (às vezes com uma dose de tempero étnico), plenos de significados, e familiares a esses frequentadores. Normalmente, dando ênfase ao exotismo do lugar (afinal, em alguns casos, viaja-se milhares de quilômetros), uma barraca de comida típica; e os empregados do estabelecimento vestindo-se segundo o costume nativo. Não nos esqueçamos também dos *shows* musicais com manifestações do folclore local. Para os que habitam aquela cidade, e que se deslocam cotidianamente para o trabalho, os significados são bem diferentes dos daqueles que lá se hospedam.

O pleno conteúdo das interações somente se estabelece a partir do pertencimento a um território, campo de sociabilidades predominantemente ancoradas em laços fortes. Compreendido em um significado sociológico, a noção de território remete à discussão sobre sociabilidades; sobre como os indivíduos estruturam sua vida cotidiana. É no lugar onde “se dá a intersecção das atividades de rotina de diferentes pessoas, que as características do espaço são usadas rotineiramente para constituir o conteúdo significativo da interação de pessoas na vida social” (Monken, 2005: 898)¹⁵⁰. Lugares que são hierarquizados,

149 Pensemos principalmente nos casos do turismo em Cuba, para os europeus, ou no México, para os vizinhos do Norte.

150 Monken, Maurício; Barcellos, Christovan. Vigilância em saúde e território

segmentados e especializados. Lugares que refletem a complexa dinâmica dos atores, com suas particularidades e idiossincrasias. A reconstrução das trajetórias de sociabilidade do cotidiano dos indivíduos nos permite igualmente reconstruir os recortes territoriais que as revestem. Permite-nos, também, decifrar as complexas estruturas simbólicas destes campos de pertencimento. Espaços domésticos (os domicílios) que se entrecruzam com os campos de convivência comunitária – inseridos muitas vezes na complexa malha urbana, estruturando o cotidiano dos indivíduos. A aparente uniformidade de relacionamentos anônimos, destituídos de sentimentos, que a sociologia tradicional nos apresenta agora como características da modernidade, é apenas uma parcela da complexa malha de sociabilidades construídas. Temos, também, como nos mostram estudos recentes, as práticas de sociabilidade típicas do que se denomina “comunidade”, presentes mesmo nas maiores metrópoles.

As pesquisas sobre poder local inicialmente tentavam resgatar os campos de sociabilidade ancorados em interações face a face, com base territorial. Também buscavam reconstruir as trajetórias de práticas associativas. Mas trata-se sempre de campos por nós definidos em outra ocasião como os de redes sócio-humanas: “constitui um tipo de rede que existe em geral de modo submerso, articulando num plano pré-político os indivíduos através de famílias, vizinhanças, amigos e camaradagens. O objetivo de tais redes, que preexistem ao aparelho estatal, é permitir que os indivíduos possam se socializar e adquirir um lugar no interior do grupo de pertencimento. Esse tipo de rede é estruturante da vida social, e sem ela não existe esta categoria abstrata chamada indivíduo.”¹⁵¹ Redes que resgatam o território,

utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. Cad. Saúde Pública: Rio de Janeiro, 21(3): 898-906, mai-jun 2005 (p. 898).

151 Fontes, Breno Augusto; Martins, Paulo Henrique. Construindo o conceito de rede de vigilância em Saúde. In: ____Redes Sociais e Saúde. Recife: Editora da UFPE, 2006.

dando-lhe uma dimensão inédita no fazer político; reconstruindo os *fora* de gestão a partir de uma prática que associa participação popular e modelos tradicionais de representação política. O fenômeno das interações virtuais ainda não estava presente na agenda dos pesquisadores.

Aqui cabe um pequeno excursão sobre um debate que foi bastante importante no universo acadêmico norte-americano: a ideia de que o vigor da democracia americana, tão ricamente descrito por Tocqueville, fortemente amparado na força associativa local, estaria em declínio. Apoiando-se em farto material estatístico, Putnam¹⁵² afirma que hoje o americano médio "*is bowling alone*"; quer dizer, a América, enquanto um país de "*joiners*", não representa mais a realidade da década de 1990. Putnam, baseado nesse fato, alerta para a perda do capital social presente nas comunidades norte-americanas, e sua conseqüente ameaça para a democracia, na medida em que a cultura cívica, resultante desse caráter associativo, estaria erodindo. Outros autores, entretanto, afirmam que o padrão típico de "*joiner*" do norte-americano não se modifica. Apenas as associações voluntárias existentes hoje, teriam um padrão organizativo diverso, resultante de mudanças verificadas nos parâmetros de sociabilidade. Deste modo, as estruturas das redes sociais, que deram origem aos padrões associativos existentes até o final da década de 1960, foram substituídas por outras.

Isto se reflete drasticamente nas associações voluntárias.¹⁵³ O bom vizinho agora é substituído pelo voluntário em uma ONG; um trabalho que não se centra em questões específicas da comunidade, mas na ideia de um serviço prestado a causas mais gerais, como as da juventude, das drogas, ou dos sem-teto, por

152 Putnam (2000).

153 Não cabe aqui discutirmos a profusa literatura sobre redes e movimentos sociais, que nos informa a respeito das mudanças nas características destes "novos" movimentos; nas tradicionais práticas associativas. Scherer-Warren (2006) nos oferece uma excelente análise sobre o assunto.

exemplo. Os laços sociais que unem os indivíduos que participam desse tipo de mobilização não se localizam predominantemente em estruturas identitárias baseadas no território (vizinhança), no local de trabalho, ou em outros quaisquer fundamentados principalmente em laços fortes. São, antes de tudo, identidades construídas a partir do reconhecimento difuso do eu e do outro, que trespassa rígidas fronteiras de sociabilidade antes preponderantes, definidoras, por exemplo, das identidades de classe e de nação. A porosidade dos processos sociais – segundo Wuthnow (1998) – refletiria esta tendência: a possibilidade da elaboração identitária, localizada em uma estrutura definida a partir de um desenho particular de rede; mas ao mesmo tempo permeando diversas instituições sociais, localizadas muitas vezes descontinuadamente no espaço. Estas estruturas identitárias recentes, como nos mostra Melucci, não podem ser compreendidas adequadamente através das teorias sociológicas tradicionais: “Explicações baseadas em determinantes estruturais de um lado e valores e crenças do outro nunca podem responder a questões sobre como atores sociais vêm a formar uma coletividade; como estas comunidades se mantêm; como agem juntas e dão sentido a um movimento social; ou como o entendimento de uma ação coletiva deriva de pré-condições estruturais ou de motivações individuais” (Melucci, 1996: 69). O que permite, por exemplo, o reconhecimento do *status* de jovem, de mulher ou de negro (para citar apenas os casos mais comuns), perpassando, de certa forma, as rígidas fronteiras antes definidoras de identidade. As ONGs, neste sentido, seriam os lugares ideais para a construção de associações voluntárias: têm causas definidas; são organizadas a partir de interesses específicos; atraem interessados que, ao lado de profissionais remunerados, empreendem ações públicas; são instituições mediadoras, e, na expressão de Smith (1994), provedoras de serviços públicos que dão suporte aos grupos sociais mais fragilizados.

O padrão de sociabilidade descrito acima é típico de redes não ancoradas territorialmente: são interações sociais mediadas pela rede mundial de computadores, que é capaz de estruturar sociabilidades secundárias (de forma predominante) e primárias (ocasionalmente). Da mesma forma que as outras bases de interação (as ancoradas territorialmente, e predominantemente construídas a partir de relações face a face), essas também são capazes de mobilizar recursos e prover apoio social. Mas, para este caso, não se trata de estruturas calcadas em território; inscritas em campos locais ou globais de práticas sociais.¹⁵⁴ Aqui, para uma melhor compreensão do fenômeno, alguns estudiosos sugerem a ideia de espaços híbridos, *glocais*, donde a combinação entre campos de sociabilidade ancorados no local ou mais amplamente. Ainda assim, redefinindo essas práticas, e pensando em redes sociais globais, permitir-se-ia desconstruir a descontinuidade na análise do comportamento humano entre agência e estrutura. Holton (2008: 02), por exemplo, sugere esta possibilidade:

O estudo das redes sociais se estende para a compreensão sobre o que orienta a mudança social, que tipos de instituições sociais estão em evidência, e como novos padrões de organizações globais se estruturam em redes. A análise das redes globais oferece *insights* sobre operações de poder e arranjos globais, pondo ênfase sobre a importância de redes descentralizadas enquanto formas distintas de hierarquia, de arranjos econômicos, políticos e culturais que as redes articulam e organizam. Também o estudo de redes globais esclarece as formas nas quais a agência e a estrutura operam em um contexto global. A análise de redes globais nos ajuda a compreender o porquê do acesso desigual a níveis de poder e influência, e também como os compromissos e compartilhamentos de práticas políticas e culturais entre os atores acontecem, nas fronteiras e no interior das localidades.

154 Cf. Haesbaert (2004).

As ditas “comunidades virtuais” nos colocam a seguinte questão: “É possível ter sociabilidades *online* que complementem, ou mesmo suplantem, aquelas em carne e osso?”¹⁵⁵ Essa pergunta remete-nos, fundamentalmente, à comparação com as características de práticas de sociabilidade ancoradas em interações face a face. O que nos leva à discussão iniciada em Tönnies, com a sua tipologia *gemeinschaft/gesellschaft* (comunidade/sociedade). Tipologia que é problematizada em Max Weber, no seu clássico *wirtschaft und gesellschaft*, onde especifica esses conceitos, o de comunidade e sociedade, apresentando-nos à sua classificação das ações sociais. Estruturações de sociabilidade comunitárias remetendo a práticas onde os sentimentos afetivos e tradicionais seriam os predominantes; e maneiras de sociabilidade societárias caracterizadas, onde “as ações sociais racionais (orientadas por valores ou interesses) motivam ligações entre as pessoas.”¹⁵⁶ Ações racionais substantivas ou instrumentais seriam, portanto, o conteúdo predominante das práticas de sociabilidade societárias.

A pergunta formulada acima por Wellman sugere que sejam possíveis as ações interativas (primárias e secundárias) em um ambiente virtual. Ou seja, as relações, mesmo aquelas mais genuinamente baseadas em laços fortes, podem ter lugar sem que haja um referente físico¹⁵⁷; ou mesmo um conteúdo face a face dessas práticas. Há, entretanto, um detalhe importante: a base territorial inexistente é substituída pelo *virtual settlement*, o *ciberlugar*; espaço virtual onde as sociabilidades se desenvolvem. Temos, então, ambientes onde se estabelecem possibilidades de comunicação, sejam elas balizadas em sociabilidades primárias

155 Wellman, Barry. *Examining Community in the digital neighborhood*. Early results from Canada’s Wire Suburb. Disponível em <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/>. O Grupo de pesquisas coordenado por Wellman tem realizado sistematicamente investigações sobre a construção de redes sociais virtuais.

156 Weber, Max. *Wirtschaft und gesellschaft*. Voltmedia GmbH, Paderborn, pp. 49-50.

157 Há um interessante trabalho de Molina (2005) que procura investigar a distribuição espacial entre diversos tipos de relações e os intercâmbios a eles associados.

(troca de e-mails entre amigos, parentes, amantes); ou aquelas outras nas quais se reúnem pessoas que têm interesses em comum (profissionais, econômicos, sexuais etc.). Em um caso, campos de sociabilidade ancorados em laços fortes; em outro, laços fracos, que predominam. Recursos diversos, mas análogos às interações face a face, tão bem descritas por Granovetter¹⁵⁸.

Para o caso das comunidades virtuais, há uma característica importante: pessoas se encontram em um ambiente desterritorializado – o *ciberespaço*, e lá desenvolvem práticas de sociabilidade que mantêm as características daquelas ancoradas territorialmente. São, portanto,

(...) agregados sociais que surgem da Rede Internet, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.¹⁵⁹

Wellman, em Toronto, construiu, durante a década de 90 do século passado e a primeira década deste século, uma agenda de pesquisa buscando responder à pergunta, já colocada entre os pesquisadores da Escola de Chicago – Escola de Ecologia Humana –, sobre a gradual substituição dos laços fortes pelos fracos; ou sobre o declínio das práticas de sociabilidade do tipo comunitário, que perdem terreno para as cada vez mais constantes práticas societárias. Ou seja, preocupações idênticas àquelas levantadas pelos sociólogos clássicos; e, de certa forma, reproduzidas por Putnam, quando do seu estudo sobre o sistema

158 Granovetter, Mark. (1978) *The strenght of weak tiés*. American Journal of Sociology, n. 78. Ver também: Fontes, Breno Augusto. (2004) *La formation du capital social dans une communauté à faible revenu cellule*. GRIS, n. 10, pp. 191-208.

159 Rheingold, H. (1994) *La Comunidad virtual: Uma sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial, Colección Límites de La Ciência. Barcelona. *Apud* Recuero, Raquel da Cunha. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. Extraído de [HTTP://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm](http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm).

político norte-americano, que defendia, como pré-requisito para o bom funcionamento da *grassroot democracy*, a existência de uma vida comunitária ativa, que só seria possível se ancorada territorialmente.

Para Wellman, entretanto, o problema não se coloca dessa forma. Não se trata da existência da base territorial como pré-requisito para a construção de laços fortes; de estruturas de sociabilidade do tipo comunitário. Procurando responder à pergunta sobre a possibilidade da existência de laços fortes em interações não territorializadas, ou segmentadas – como é o caso premente das sociedades contemporâneas, e, por extensão, do modo de vida urbano, onde, num primeiro momento, tem-se uma espacialização territorial segundo usos (residenciais, de trabalho, de lazer etc)¹⁶⁰ –, o grupo de Toronto empreendeu uma série de pesquisas sobre o significado dos laços sociais comunitários nas sociedades modernas.

Inicialmente, sobre o conteúdo destes laços e suas expressões mais significativas, como, por exemplo, amizade¹⁶¹, parentesco¹⁶², grupos primários estabelecidos territorialmente, como gangues¹⁶³ e vizinhança¹⁶⁴, Wellman procurava mostrar que, mesmo em grandes metrópoles como Nova York, as estruturas de sociabilidade se constituíam em um núcleo duro da fábrica social, fornecendo aos indivíduos os ingredientes essenciais para a produção de suas identidades. Assim, laços de pertencimento e trajetórias de construção identitária certamente se orientam para grandes campos simbólicos, como o sentimento nacional, a classe, ou a posição ocupacional. Mas, com certeza, o

160 Questão posteriormente repensada pelos urbanistas a partir da ideia de uma cidade do tipo “colcha de retalhos”, com áreas constituídas por múltiplos usos.

161 Wellman (1992).

162 Wellman (1992a).

163 Wellman (1992b). Ver, também, sobre gangues, o interessante artigo de Papachristos (2006).

164 Wellman (1996), Wellman (1979).

espaço das práticas de sociabilidade alicerçadas em laços fortes (amizade, parentesco, pertencimento territorial) representa um importante papel.¹⁶⁵

O grupo de Toronto foi mais além, demonstrando que essa desterritorialização, fortemente estimulada pela crescente facilidade no uso dos meios de comunicação e de transporte, toma rumos ainda mais surpreendentes com a internet. Analisadas, em seus primórdios, as chamadas comunidades virtuais se constituíam a partir de contatos rápidos, via e-mail; ou da construção de páginas virtuais, visitadas por pessoas com interesses em comum, e formando verdadeiras comunidades. Em seu clássico Artigo, *Net Surfers don't ride alone*, publicado em 1997¹⁶⁶, Wellman perguntava-se sobre a possibilidade das pessoas, a partir da Net, e às vezes sem nunca terem estabelecido contatos físicos, construírem uma comunidade, com as características de serem solidárias e até mesmo íntimas. Mais ainda, perguntava se as barreiras de raça, gênero, credos religiosos ou territoriais, poderiam ser superadas nessa hipotética comunidade virtual. Naquele momento, a chamada “comunicação mediada pelo computador” era ainda incipiente, com um número muito menor que o atual de pessoas com acesso à rede. No entanto, esse texto resultou numa agenda de pesquisa que, em Toronto, rendeu frutos interessantes, com vários artigos, teses e dissertações, seminários e grupos de discussão. Agenda que certamente não se originou nessa cidade – poderíamos talvez falar em certa policentralidade dos grupos de pesquisa. A tentativa era de compreender um novo fenômeno; é certo que com desdobramentos ainda imprevisíveis, mas com uma questão fundamental, já colocada, sobre a natureza dos processos de sociabilidade do tipo comunitário. Segundo Wellman, uma mudança paradigmática, não somente no modo

165 Sobre processos de construção identitária e redes sociais, consultar: Barra (2004), Aguillar (2004), Wellman (2006), Leonard (2008), Morrison (2002), Castells (2002), Mehra (1998), Prell (2003), Burk (2007), Peruzzo (2002), Colbaugh (s/d).

166 Wellman (1997).

de como se percebe a sociedade, mas, principalmente, na “forma pela qual pessoas e instituições estão conectadas. É a mudança do viver em *pequenas caixas* para o viver em sociedades em redes. “(Wellman, 1999: 01)¹⁶⁷

Do início da década de 90 do século passado até hoje, o mundo da Internet sofreu mudanças bastante pronunciadas; e novas pesquisas permitiram uma visão mais clara do fenômeno. Estudos recentes sugerem que as redes apresentam uma topologia com estrutura fortemente hierarquizada, obedecendo a características de distribuição descritas no modelo do *Power Law*. Esse tipo de distribuição é característico das redes complexas, onde se formula matematicamente “o fato (de) que na maior parte das redes reais a maioria dos nodos tem somente poucas ligações, e que estes nodos, numerosos e pequenos, coexistem com um número pequeno de grandes *hubs*... Os *hubs* são acompanhados de perto por dois ou três *hubs* menores, seguidos por dezenas de outros ainda mais pequenos, com, finalmente, a conexão se estendendo para numerosos nodos, minúsculos”. (Barabási, 1999:70) Esses são tipos de rede que apresentam topologia particular característica de sistemas complexos, onde padrões de comportamento não obedecem aos descritos pelos tradicionais procedimentos estatísticos: há, por exemplo, a possibilidade de as ocorrências não se manifestarem aleatoriamente; o que implica em não se poder utilizar plenamente os tradicionais métodos de inferência estatística, somente adequados quando da existência de uma distribuição normal. O sistema também opera de maneira fortemente descentralizada, o que não nos permite localizar regiões, nesta complexa topologia, que sejam vitais à reprodução e conservação do sistema. Desta forma, é

167 Dessa agenda de pesquisa se ocuparam Wellman e seu grupo durante algum tempo. Consultar, por exemplo, Hampton (1999), Wellman (s/d), Hampton (2003), Hampton (2000), Wellman (2001a), Wellman (1997a), Wellman (2005), Hampton (2001), Wellman (2001b), Hampton (2001a).

possível, por exemplo, pensar na reconstituição dos nodos, e na reestruturação da rede, em situações com um grau razoável de imprevisibilidade.¹⁶⁸

Ao mesmo tempo assiste-se a uma explosão do fenómeno da internet, seja pela popularização crescente do acesso por banda larga – garantindo, deste modo, conexões mais rápidas e maior capacidade de processamento –, seja pelo número de páginas. Calcula-se, por exemplo, que no início deste século existiam cerca de 2,1 bilhões de páginas; e que a cada dia eram acrescentadas a este número, em média, mais 7,3 milhões de novas páginas.¹⁶⁹ Sem falar que, em nações europeias ou nos Estados Unidos, a maioria da população está conectada à Internet.¹⁷⁰

Nesse universo estão presentes inúmeras possibilidades de padrões de sociabilidade, com impactos variados; desde, por exemplo, páginas frequentadas por um número relativamente pequeno de pessoas, reproduzindo uma pequena comunidade de amigos ou conhecidos, até páginas que atingem repercussão mundial, produzindo efeitos *globais*, quer dizer, tanto visíveis globalmente, como alimentando conversas no botequim da esquina.

O fato é que este mundo virtual está presente no cotidiano das pessoas, provocando mudanças significativas nos padrões

168 Na próxima seção deste capítulo, dedicada à metodologia de redes, voltaremos ao tema.

169 Dados para Julho de 2000. Cf. Murray (2000). O levantamento mais recente – agosto de 2005 – estimava que em 2007 existiriam 29,7 bilhões de páginas abrigadas em mais de 70 milhões de websites. Cf. <http://www.boutell.com/newfaq/misc/sizeofweb.html>.

170 Segundo estimativas do *Internet World Stats – usage and population statistics* (<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>), em 2010 existiam no mundo quase dois bilhões de pessoas com acesso à rede. Na América do norte, 77,4% dos seus habitantes estavam conectados; e na Europa, 58,4%. Para o mundo inteiro, a proporção é de 28,7% do total da população; e a África é o continente onde menos pessoas têm acesso à rede (10,9% do total da população). Registre-se ainda o fato de que na última década a conectividade aumentou em 445%. Albert (2008) nos mostra como esse fenómeno se passa na Hungria.

de sociabilidade. A internet é o campo por excelência das interações desterritorializadas e globais; mas isso não significa que as pessoas, por causa dela, se afastem do seu cotidiano; dos lugares de sociabilidade ancorados territorialmente. Nem que só exista na internet um padrão único de laços: os laços fracos.¹⁷¹ Na verdade, o que acontece é uma complexa interconexão entre vínculos, comunicações de fluxos de recursos sem base territorial, e uma forte âncora nas sociabilidades tradicionais.

Um dos interessantes campos de influência das redes são os movimentos sociais; grupos de pessoas que se organizam para a reivindicação de novas formas de sociabilidade, de distribuição de recursos e de poder. Com a popularização e difusão da *net* foi possível entender, para além dos limites territoriais, a busca por alianças, recursos e novos espaços para o confronto. O local – tradicional espaço para a construção desses movimentos – se intercruza com o global, formando interessantes e curiosos campos de luta. Assim, por exemplo, a ação espetacular do movimento ambientalista *Greenpeace* contra a exploração de madeira na Amazônia brasileira repercute localmente – ativistas interrompem a circulação das balsas cheias de toras de mogno, provocando transtornos em alguns municípios paraenses – e globalmente, na medida em que se postam em páginas da Internet fotos, vídeos, textos etc; e também no sentido de que a notícia “viaja” pela rede, e por outros meios de comunicação, quase que instantaneamente. Cria-se, dessa forma, uma nova esfera pública, ampliada, com repercussões multilocalizadas. Estudos, por exemplo, indicam efeitos concentrados de movimentos que se utilizam de listas de *e-mails* para promover o engajamento cívico em associações locais (Weare, 2007). Outros, de forma mais abrangente, procuram investigar os efeitos da mobilização, através da rede, para a promoção da cidadania (Moraes, 2000);

171 É por isso que podemos, de algum modo, falar em comunidade. Cf. Costa (2005a).

para a construção de novas conexões identitárias (Machado, 2007); ou para a organização de uma nova esfera pública, a virtual (Maia, 2000).

Merece destaque especial uma nova agenda de pesquisa que vem sendo elaborada, ainda sobre práticas associativas, mas dirigidas para orientações ideológicas radicais, como terrorismo ou movimentos políticos ultraconservadores. Estudos, por exemplo, sobre *websites* e *fora* Jihadistas (Birmingham, 2009); sobre práticas terroristas na Austrália (Koschade, 2005); ou sobre movimentos políticos radicais na Itália (Tateo, 2005). Argumentam estes autores que essas práticas apresentam características particulares: multilocalizadas, com estruturas de liderança e de comando policêntricas, formas inovadoras de recrutamento e de mobilização que se estendem para além das fronteiras dos Estados nacionais (Ressler, 2006).

A diversidade de usos da internet é imensa, e tem modificado profundamente o cotidiano das pessoas. Nesta galáxia transitam indivíduos que buscam informações e recursos¹⁷²; que trocam experiências¹⁷³ – muitas delas de natureza intimista –; que fazem negócios¹⁷⁴; que cooperam com projetos acadêmicos ou educacionais¹⁷⁵; que se divertem¹⁷⁶. Enfim, um novo mundo que mudou radicalmente a forma como as pessoas vivem. Esse universo, é claro, constitui-se a partir das práticas de sociabilidade de pessoas ordinárias, que vivem e experimentam o

172 Experiências de difusão de conhecimento. Cf. Marteleto (2001); Cross (s/d).

173 Como é o caso dos blogs e das redes sociais – Facebook, Orkut e outras. Cf. Lewis (2008); HSU (s/d); Mazzoni (2005); Molnár (2004); Norris (2002).

174 Desde os tradicionais intercâmbios organizacionais e empresariais – Cf. Waldstrøm (2003); Matheus (2005); Retzer (2008) – até outros inusitados, como a prostituição. (Rocha, 2010)

175 Cf. (Machado, 2005). Para a análise das redes enquanto suporte para a organização de uma comunidade de aprendizado; ou para experiências de ensino à distância, consultar Palonen (2000); Daniel (2008); Machado (2005).

176 Como é o caso, por exemplo, dos jogos virtuais interativos. (Rodrigues, 2008)

mundo real, ancorado em um território, fisicamente estruturado em objetos de reconhecimento e de construção de uma memória; de registro do cotidiano. Mas, agora, o espaço físico, talvez antes profundamente autarquizado, hoje se desloca; se reconfigura através justamente do fato de que seus elementos fundantes – os indivíduos que constroem seus cotidianos – interagem também em outros campos espaço-temporais – e desta vez de forma intensa –, ressignificando, portanto, suas identidades. Por isso a justeza do neologismo “glocalização”, indicando um processo que ecoa em ambientes globais e locais, e que vai, ao mesmo tempo, desterritorializando e reterritorializando a vida e o mundo.

CAPÍTULO 08

Construindo uma ciência das redes: aproximações metodológicas da Análise das Redes Sociais

Redes são o pré-requisito para descrever qualquer sistema complexo, o que resulta no fato de que a teoria da complexidade está por trás de qualquer teoria de redes. Barabasi (2009: 238)

Ao construir uma linguagem para falar de redes que seja precisa o bastante para descrever não apenas o que é uma rede, mas também que tipos diferentes de redes existem no mundo, a ciência das redes está fornecendo ao conceito uma força analítica real. (Watts, 2009: 11)

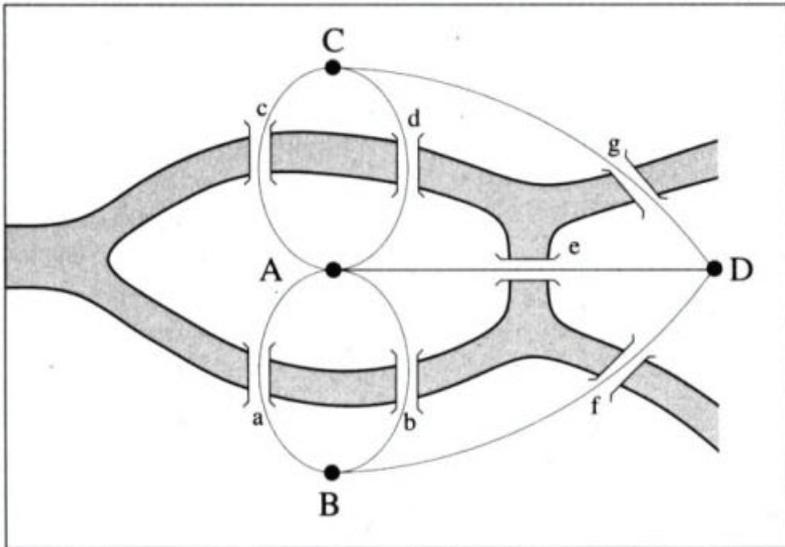
Os dois autores acima citados compartilham uma opinião que é bastante polêmica no campo das Ciências Sociais: a de que seja possível – mesmo apesar do fato de as características de um determinado fenômeno reticular serem inerentes somente a ele – extrair suas propriedades fundamentais; e que elas sejam extensivas a todos os fenômenos reticulares, para que se possa, desta forma, construir uma ciência universal. Independentemente do fato de ser um fenômeno biológico, físico ou social, haveria certas particularidades nas suas manifestações que os aproximariam, possibilitando aos cientistas não somente um diálogo interdisciplinar, mas também, o que é mais importante, a elaboração de um quadro teórico-analítico capaz de indicar os componentes de uma substância universalmente presente neste

campo de fenômenos inscritos na ordem reticular. Uma ciência universal, com conteúdo interdisciplinar. Este seria o propósito de alguns pesquisadores que estudam o fenômeno das redes sociais. Com efeito, segundo Watts (2009: 12):

Se quiser ter sucesso, portanto, a nova ciência das redes tem que reunir as ideias relevantes e as pessoas capazes de todas as disciplinas. A ciência das redes tem que se tornar, em suma, uma manifestação do seu próprio objeto de estudo, uma rede de cientistas resolvendo coletivamente problemas que não podem ser resolvidos por indivíduos isolados ou mesmo por disciplinas isoladas. E uma tarefa árdua, ainda mais complicada pelas tradicionais barreiras que separam os próprios cientistas. As linguagens de várias disciplinas são muito diferentes e nós, cientistas, não raro temos dificuldades em nos entender. Nossas abordagens também são diferentes, portanto, cada um de nós tem que aprender não apenas como os outros falam, mas também como pensam. Mas isso está acontecendo e os últimos anos têm visto uma explosão de pesquisas e interesse no mundo todo em busca de um novo paradigma com o qual se possa descrever, explicar e, em última análise, compreender a era da conectividade.

Rede, neste sentido, pode ser conceituada como um conjunto de pontos conectados entre si. Estes pontos, denominados nós, são unidos por laços que se estruturam a partir de certas regras; ou seja, que apresentam alguma universalidade, ou, o que é o mesmo, são passíveis de se extrair proposições de ordem geral sobre suas propriedades.

FIGURA 01: As Pontes de Königsberg



FONTE: Barabasi (2009: 238)

O que se conhece hoje como teoria dos graphos, fonte de toda uma série de pesquisas sobre redes complexas, tem início com o famoso problema das pontes de Königsberg. Os habitantes de Königsberg, uma cidade localizada na Prússia Oriental, há tempos colocavam a questão sobre a possibilidade de uma pessoa, de uma única vez, atravessar todas as sete pontes da cidade sem passar mais de uma vez por qualquer uma delas. Euler, em 1736, forneceu a solução do problema, formalizando-o matematicamente. A resolução oferecida por ele¹⁷⁷ consiste em um engenhoso diagrama, conforme se vê na figura 01: as pontes foram convertidas em laços, e os pontos na terra, convertidos em nós. Temos, desta forma, quatro nós, que são ligados por sete laços. São, conseqüentemente, graphos, que significam “um

¹⁷⁷ Euler demonstra que, para a solução do problema, seria necessária a construção de mais uma ponte.

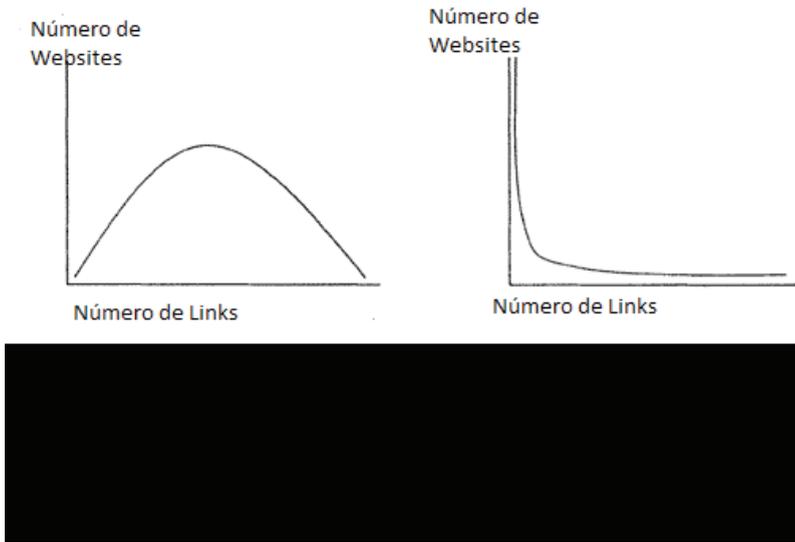
conjunto de nós conectados por laços”. (Barabasi, 2009: 09)

A teoria dos graphos, especialidade matemática que se ocupa do estudo das manifestações e propriedades das formações reticulares¹⁷⁸, se constitui em um dos pilares dos estudos das redes sociais, especificamente as denominadas redes complexas. As características estruturais dessas redes, bem como os estudos de sua dinâmica, se organizam hoje em uma importante agenda de pesquisa, com forte conteúdo interdisciplinar. Assim, segundo Newmann (s/d: 02):

... Nos últimos anos se tem observado um movimento substancial na pesquisa de redes, com seu foco mudando da análise de pequenos grafos e as propriedades de vértices individuais ou pontes no interior de tais grafos para a consideração de propriedades estatísticas em larga escala dos grafos. Esta nova abordagem tem sido possível a partir da disponibilidade de computadores e de redes de comunicação que nos permitem reunir e analisar dados em escala muito maior que antes. Agora é comum analisar redes com milhões ou mesmo bilhões de vértices.

178 Que podemos, também, nomear de redes.

FIGURA 02: Exemplo de Rede Complexa: Cadeia Alimentar: Little Rock Lake, Wisconsin.



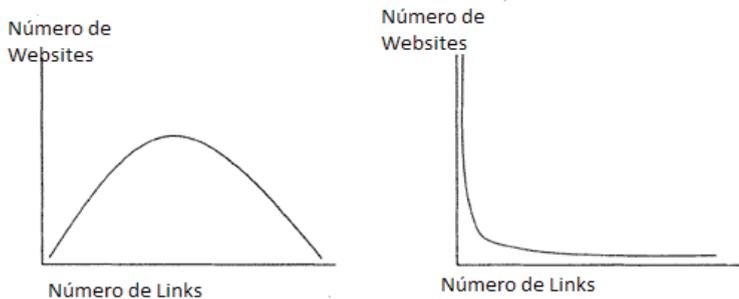
FONTE: http://www.virtualtravelog.net/wp/wp-content/gallery/cache/226__500x_2003-04-food_web.jpg

O exemplo apresentado na figura 02 é um dos que se podem extrair dos estudos biológicos que fazem uso das proposições mais abstratas da teoria dos graphos, para estudar complexas redes de seres vivos, como é o caso das cadeias alimentares,¹⁷⁹ de regulação genética, ou redes de internet. Uma das principais questões colocadas a partir das redes complexas diz respeito a sua estrutura e forma; e a como se estabelece a comunicação entre os membros dessas redes. Quer dizer, em uma rede com milhares de participantes, qual a chance de dois entre eles se

¹⁷⁹ Esse exemplo foi utilizado por Newman (2011: 4), que assim o descreve: Esta elegante figura sumariza as conhecidas interações predatórias entre espécies em um lago no nordeste dos Estados Unidos. Os vértices representam as espécies e as pontes correm entre os pares de espécies predadoras. As posições verticais dos vértices representam, basicamente, a cadeia alimentar.

conectarem? Há algum mecanismo invariante segundo o qual se poderia afirmar que uma rede social possui uma estrutura, minimamente estável, a partir da qual se possa, portanto, inferir arquiteturas de redes relativamente perenes? Como acontecem os processos da dinâmica dessas estruturas de rede? Procura-se, pois, com base em tais questionamentos, elaborar sistemas teóricos reticulares efetivamente consistentes; que deem conta da diversidade de ocorrências, bem como da dinâmica das estruturas, sempre em constante mutação, a partir dos incontáveis fluxos de comunicação entre seus membros.

FIGURA 03: Distribuição de laços segundo Modelo Aleatório (Curva de Poisson), ou Modelo de Potência (Power Law)



FONTE: <http://www.climate-change-two.net/wealth-of-networks/figure-7-4.gif>

Uma primeira colocação desse problema surge ainda muito antes das pesquisas empíricas sobre redes complexas; o que foi possível somente quando do uso da informática. De fato, ainda em 1913, Erdős e Rényi, matemáticos húngaros, formularam a ideia de graphos aleatórios, sugerindo que as ligações entre nodos de uma rede se fazem de forma randômica; o que significa que as probabilidades de conexões entre dois nodos quaisquer

são as mesmas. Há ainda outro fator importante: entre dois nodos, independentemente do tamanho da rede, o número máximo de conexões (ou pontes) necessárias para o contato é relativamente pequeno; de onde deriva a expressão mundo pequeno: entre duas pessoas no planeta a conexão se estabelece por meio de um número relativamente insignificante de intermediários, independente da distância espacial entre elas. Seguindo esse raciocínio teríamos uma distribuição de ocorrências equivalente ao gráfico do lado esquerdo da figura 03. O fenômeno do mundo pequeno, que movimenta interesses de diversos pesquisadores, de diferentes áreas disciplinares, remete-nos a um campo de pesquisas conhecido como “redes complexas”, cuja gama de estudos empíricos abrange especializações como as das Biologia, Informática, Física e Ciências Sociais.

Ainda seguindo a trilha iniciada pela proposta de Erdős e Rényi, outros pesquisadores, testando empiricamente essa hipótese, descobriram que algumas estruturas de redes apresentavam, na verdade, modelos de comportamento diversos daqueles inicialmente previstos; sugerindo não uma distribuição normal, mas outra, como se poder ver no gráfico à direita da figura 03, denominado Modelo de Potência. Nele, admite-se como verdadeira a ideia de que ricos ficam cada vez mais ricos; ou seja, que o acesso ou a comunicação entre nodos de uma rede dependem da posição dos seus atores na estrutura. Atores mais centrais teriam, conseqüentemente, maior capacidade de estabelecer conexões de forma mais rápida, mais direta, na medida em que esses indivíduos, com um número relativamente pequeno de laços, acessariam uma quantidade maior de *websites*.

Essas e outras abordagens têm sido bastante estudadas, sempre com o objetivo de estabelecer alguns princípios basilares; requisitos para a elaboração de algumas proposições de ordem geral: um campo teórico. Este campo, denominado Redes ou Sistemas Complexos, seria a base para a construção

de uma abordagem multidisciplinar sobre uma vasta gama de fenômenos. Assim, segundo Newmann (s/d: 02):

O corpo da teoria tem três objetivos: Primeiro, pretende encontrar propriedades estatísticas, como, por exemplo, graus de distribuição, que caracterizem a estrutura e o comportamento de sistemas de rede, indicando formas apropriadas para medi-la; segundo, objetiva criar modelos de redes que nos ajudam a compreender o significado destas propriedades – como elas são o que são, e como interagem entre si. Terceiro, pretende prever o que do comportamento de sistemas de redes estará na base das propriedades estruturais e nas regras locais que governam os vértices individuais. Como, por exemplo, estrutura de redes afetam a internet, ou a *performance* de mecanismos de busca na *Web*, ou a dinâmica dos sistemas biológicos.

A promessa da construção de uma ciência das redes, entretanto, ainda encontra uma série de obstáculos. Mesmo admitindo-se haver progressos relevantes, alguns autores – Newmann (s/d: 47) entre eles – pensam que não existe uma teoria de redes capaz de orientar os pesquisadores sobre que dados devem ser extraídos; ou mesmo que significado se pode atribuir a um determinado conjunto de informações. Existe, é bem verdade, uma série de procedimentos metodológicos que permitiram elaborar modelos relativamente sólidos de observação empírica¹⁸⁰; ou mesmo extrair informações que sugiram alguma tendência de regularidade nas trajetórias dos

180 Há uma extensa bibliografia sobre o assunto. Veja, por exemplo, Dekker (2001), Alexander (2005), Watts (2006), Koskinen (2007), DeJordy (2007), Borgatti (1994), Luczkovich (2003), Liben-Nowell (2005), Ebel (2003), Wen (2010), Barabasi (1999), Robins (2007). Existem ainda diversos livros que tratam do fenômeno das redes sociais aplicado a campos como os da Física, da Medicina, da Ciência da Informação, entre outros; com linguagem acessível a pessoas com pouco conhecimento matemático. São livros de divulgação que acompanham a demanda do grande público por informações sobre um tema, que, como vimos, tem se tornado cada vez mais popular. Confira, por exemplo, as publicações de Buchanan (2002), Christakis (2009), Buchanan (2010), Watts (2003).

fenômenos reticulares; e por isso mesmo índices importantes para a edificação de uma teoria¹⁸¹.

Mas mesmo considerando o progresso no desenvolvimento de metodologias e técnicas estatístico-matemáticas para a construção de modelos instrumentalizados empiricamente, há ainda um grande caminho a percorrer para a remoção de dificuldades persistentes. Questões como a subjetividade dos dados a extrair; as técnicas de amostragem; a escolha de indicadores fiáveis, entre outras, são apontadas como significativos problemas a resolver.

Uma das grandes dificuldades entre os que trabalham com redes sociais é empreender pesquisas que tenham como escopo a investigação de fenômenos num nível macro; ou simplesmente reconstruir estruturas de sociabilidade a partir de amostras de grandes populações. Há, como veremos, toda uma série de perguntas não respondidas sobre como fazer uso das metodologias estatísticas de *survey* para dados de redes sociais. Em 1985 foi desenvolvido nos EUA um grande projeto de investigação, que tinha por objetivo descrever os padrões dominantes de sociabilidade entre os norte-americanos. O GSS (*General Social Survey*) possibilitou, pela primeira vez, reconstruir o padrão das redes egocentradas dos norte-americanos, e sua variabilidade consoante posições dos entrevistados na estrutura social. Entre as inúmeras pesquisas realizadas a partir desse banco de dados temos a de Burt (2009), que trata do padrão de relação entre as pessoas; e a de Mardsen (2009), que investiga as formas de diversidade das redes egocentradas. Mas pesquisas de grande magnitude, envolvendo um número importante de entrevistados, são relativamente raras nas Ciências Sociais;

181 Newman (s/d: 17), por exemplo, indica algumas propriedades estruturais da rede: o efeito do mundo pequeno; a transitividade e o agrupamento; o grau de distribuição; as redes aleatórias ou com propriedades do modelo de potência; a estrutura comunitária, entre outras. Tais propriedades estruturais permitiriam uma classificação das redes segundo suas características dominantes.

excetuando-se aquelas que investigam as chamadas redes virtuais – espaços de sociabilidade que têm como suporte a internet –; ou as que se dedicam a estudar as redes de colaboração – para a investigação das comunidades acadêmicas, a partir de informações bibliográficas –, constituídas a partir de abrangentes bancos de dados informatizados. Para a maioria dos casos, entretanto, a regra são pesquisas com volume de informações relativamente insuficiente para permitir conclusões mais sólidas; ou mesmo testar algumas hipóteses sobre características estruturais das redes que foram observadas em outros campos disciplinares.

Os cientistas sociais vêm colocando, ainda, outras questões pouco trabalhadas por especialistas de redes sociais em outras áreas, que dizem respeito à própria natureza do fenômeno das redes; agora inscrito no campo das práticas humanas de sociabilidade. Quando a discussão sobre redes é pensada a partir de como se articulam os atores, ou de que forma se dá a intrincada relação entre estrutura e agência, não há espaço para se pensar, de forma estrita, numa teoria de cunho estrutural.

Essa é uma ideia pouco comum na literatura que pesquisamos. A maioria dos que escrevem sobre redes acha que, embora se possa considerar a sua teoria como de perfil estruturalista, existe o abandono do ranço funcionalista, de considerar o campo relativamente estável dos fenômenos sociais como que inscritos em padrões de práticas que seriam funcionais à manutenção do sistema. A referida teoria desemboca em um modelo sistêmico mais abstrato, como em Parsons, fortemente criticado, e posteriormente retrabalhado a partir de campos mais flexíveis, considerando, por exemplo, o problema da mudança e da relação entre agência e estrutura (que, segundo alguns críticos, como Coleman e Alexander, seriam os pontos fracos do modelo parsoniano). Podemos pensar em modelos da teoria estrutural-funcionalista como, inclusive, adequados à lógica da explicação

reticular, mas sob certas condições. Discussão que se desdobra sobre a natureza do fenômeno social¹⁸².

A abordagem relacional, como vemos, apresenta características que lhe são próprias, o que significa, por extensão, que se acrescentam alguns problemas específicos, além daqueles comuns às investigações das Ciências Sociais. Para além, portanto, de questões metodológicas próprias desse campo, há ainda que considerar as particularidades dos estudos que fazem uso da metodologia das redes sociais.

Uma questão central a ser levada em conta diz respeito à natureza do fenômeno reticular. Diferentemente das informações recolhidas tradicionalmente pelas Ciências Sociais, a unidade de análise desta vez não é o indivíduo, mas as relações. Isto significa que, ao coletar os dados, os cientistas sociais buscam elementos que indiquem de que forma as pessoas entram em relação umas com as outras; e que padrões de comportamento dessas estruturas relacionais podem ser inferidos. Assim, por exemplo, a análise de redes não se interessa pelas relações entre comportamentos sociais e características individuais¹⁸³, mas sobre como indivíduos em interação com outros se posicionam em uma estrutura reticular. E que características estruturais das redes podem explicar, por

182 Ver, a propósito da natureza do fenômeno social e das construções teóricas orientadas para a agência ou para a estrutura, o terceiro capítulo deste livro.

183 Alguns autores criticam fortemente esta postura, que se encontra entre alguns cientistas sociais, de absolutizar a análise tomada simplesmente a partir duma relação estatística; da relação entre as características dos agregados de indivíduos e suas tendências de comportamento. Esse modo de fazer ciência deve ser evitado. Assim, de acordo com Bourdieu: “O retorno reflexivo sobre os instrumentos da análise não é, portanto, um escrúpulo de epistemólogo, mas uma condição indispensável para obter o conhecimento científico do objeto : a preguiça positivista leva a concentrar a intenção, completamente defensiva, de verificação, na intensidade das relações constatadas, em vez de fazer incidir a interrogação sobre as próprias condições da mediação das relações as quais podem estar na própria origem da intensidade relativa das diferentes relações. Para acreditar na independência das ‘variáveis independentes’ da metodologia positivista, convém ignorar que os fatores explicativos são, de fato, poderes que têm valor e podem exercer-se apenas em determinado campo”. (Bourdieu, 2007: 90). Ver também, sobre as vantagens da metodologia de redes, Chiesi (2001).

exemplo, os mecanismos de acesso a recursos (poder, informação, apoio). Buscam-se, dessa forma, padrões reticulares (Levine, 1978) que informem ao pesquisador dos efeitos estruturais da rede sobre a condição dos atores sociais investigados (Hulst, 2009). Atores, por sua vez, inscritos em posições definidas, que lhes possibilitam o acesso a recursos. Assim, segundo Burt (1980: 79):

Uma conexão entre o nível micro e macro na teoria social, bem como uma ligação epistêmica entre conceitos abstratos e pesquisa empírica de modelos de redes, oferecem um quadro poderoso para descrever a diferenciação social em termos de padrões relacionais entre atores no sistema.

Mesmo ainda enfrentando enormes dificuldades metodológicas, a abordagem das redes sociais, segundo alguns autores, permite superar importantes obstáculos encontrados nas análises sociológicas tradicionais, principalmente aquelas que fazem uso de sofisticadas técnicas estatísticas, como extrair informações não somente sobre as relações entre atributos, mas também sobre como se relacionam atores concretos em um sistema de ação, com constituintes caracteristicamente interacionais.

Desta forma, a unidade de análise básica do fenômeno das redes é a díade (a relação entre duas pessoas); e sua estruturação em uma dinâmica se inicia a partir do surgimento do terceiro (momento da formação de uma tríade).¹⁸⁴ Importa, portanto, em uma análise de redes, as posições estruturais dos atores (para as redes egocentradas), ou os desenhos reticulares que se

184 Rigorosamente, não podemos falar em redes quando somente nos deparamos com díades. Mas a díade se constitui no ingrediente fundamental para a estruturação de uma malha reticular, na medida em que, introduzindo-se o terceiro, o equilíbrio inicial se desmonta. Fato assinalado por Simmel (1999), a análise de redes é essencialmente dinâmica: com o terceiro há a formação de fenômenos como *divide et impera* e *tertius gaudens*, e a possibilidade de formações diversas de uma estrutura de rede, sempre plástica e sujeita, conseqüentemente, a reestruturações conforme o movimento dos atores, ou de acordo com as novas conexões ou desligamentos reticulares que se estabeleçam.

formam de acordo com os campos de sociabilidade particulares (para uma análise de redes sociocentradas, que podem ser compreendidas a partir da totalidade de membros constituintes de uma comunidade, como, por exemplo, setores de indústrias, redes de clientela, parentesco etc.).

Compreendidas as características particulares das informações analisadas pelos que se utilizam das técnicas da ARS¹⁸⁵, surge a necessidade de se elaborarem novas técnicas de coleta de dados. Alguns problemas novos são também acrescentados aos já tradicionalmente enfrentados pelos cientistas sociais: questões relativas à confiabilidade das respostas, à precisão dos instrumentos de coleta, às possibilidades de reunião de dados temporais, entre outras.

Cabe, inicialmente, considerar que o ponto de partida para a coleta de dados reticulares é a construção de uma matriz geradora de dados¹⁸⁶, onde as redes são reconstituídas¹⁸⁷. O quadro 01 nos apresenta um exemplo.

185 ARS - Análise de Redes Sociais.

186 Sobre coleta de dados de redes sociais, confira, entre outros, DUIJN (2006).

187 As redes são classificadas segundo orientação de sociabilidade: egocentradas, quando são recompostos os vínculos interativos (parentes, amigos, colegas de trabalho etc.) entre o informante e as pessoas que ele nomeia; ou sociocentradas, quando são reconstituídos os campos institucionais de sociabilidade onde os entrevistados estão localizados (empresas, partidos políticos, grupos religiosos, ONGs etc.).

QUADRO 01: Exemplo de Matriz de Rede Sociocentrada

Nome das pessoas indicadas por ordem de proximidade	Que tipo de relação essas pessoas têm com você (pode-se apontar mais de uma relação): 01) Esposo(a), companheiro(a); 02) Pai, mãe, irmã(o), filho(a); 03) Tio(a), primo(a), sobrinho(a), avô(ó), neto(a); 04) Cunhado(a), sogro(a), genro, nora; 05) Amigo(a); 06) Colega de trabalho; 07) Vizinho(a); 08) Participa da mesma Igreja; 09) Participa no mesmo clube ou associação; 10) Profissional de Saúde; 11) Usuário do CAPS; 12) Outro (especificar):											
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2
01 João da Silva	X											
02 Maria do Rosário								X				
03 Severino Manoel			X									
04 Josefa dos Santos									X			
05												
06												
07												
08												
09												

FONTE: FACEPE (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco) As redes e a análise dos determinantes sociais como dispositivos de gestão e controle social para o PSF e o CAPS. Relatório de Pesquisa. Recife, 2009.

Nessa matriz de rede estão reunidas as informações¹⁸⁸ sobre até nove pessoas com quem o entrevistado se relaciona. Na primeira coluna temos os nomes das pessoas indicadas pelo entrevistado; na segunda, o tipo de relação estabelecida entre ele e a pessoa citada. Assim, no nosso exemplo, a entrevistada conhece João da Silva, que é seu esposo, e Maria do Rosário, que é membro da congregação religiosa da qual ela participa. No

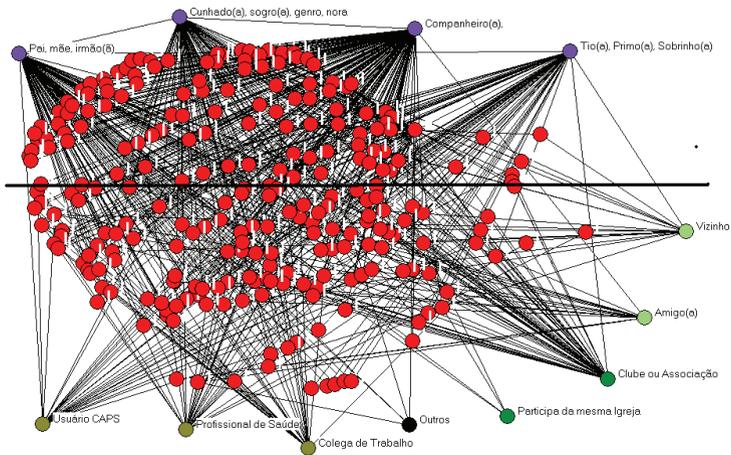
188 Os nomes e as informações são fictícios.

primeiro caso, temos uma relação de parentesco (laços fortes); e no segundo, uma relação que pode ser caracterizada como de laços fracos. Ou seja, a entrevistada apenas conhece a pessoa indicada, mas não tem com ela contatos frequentes. Esta matriz de redes é denominada “sociocentrada”. Porque indica os padrões de sociabilidade dos entrevistados a partir dos círculos sociais em que estão inscritas as pessoas indicadas. Essa categoria matricial permite-nos conhecer a respeito dos padrões de sociabilidade, e também inferir sobre que tipos de recursos são acessados a partir, por exemplo, da qualidade dos laços (fracos ou fortes), ou da condição dos padrões de sociabilidade das pessoas que compartilham posições semelhantes na estrutura social.

O exemplo abaixo, construído a partir de uma matriz geradora de dados de rede do tipo acima destacado, e extraído de pesquisa sobre pessoas com transtorno mental, nos é esclarecedor a respeito. O sociograma nos mostra apenas os tipos de vínculo que os nossos entrevistados (portadores de transtorno mental, e que participam do programa de atenção à saúde mental patrocinado pelos CAPs - Centros de Apoio Psicossocial)¹⁸⁹ mantêm. Destacamos, para efeito de análise, os vínculos constituídos a partir de laços inscritos em círculos familiares, e os restantes (que se localizam nos quadrantes superior e inferior, respectivamente), que podem ser classificados como laços fortes ou fracos. Todos os laços familiares são categorizados como fortes; condição que, eventualmente, se estende a amigos ou vizinhos. Os demais, localizados no quadrante inferior, são normalmente inscritos na classificação de laços fracos.

189 Consultar, para mais detalhes a respeito, o relatório de pesquisa, na FACEPE (2009).

FIGURA 04: Padrões de Sociabilidade



FONTE: FONTES (2010: 371).

Esta primeira aproximação da estrutura da rede nos permite extrair algumas informações, em parte confirmadas pela literatura sobre o assunto¹⁹⁰; e outras derivadas de características específicas das trajetórias de sociabilidade dos nossos entrevistados. Vejamos alguns detalhes:

É visível entre os entrevistados o empobrecimento dos laços sociais. O que foi constatado a partir, de um lado, do fato de o tamanho médio da rede ser significativamente menor do que o que a literatura apresenta como típico ou padrão; e do outro, de os laços sociais das redes de nossos entrevistados serem predominantemente do tipo primário. O que significa que entre os entrevistados existe um padrão de sociabilidade dominante: aquele que se estabelece entre pessoas com laços de parentesco. Este fato implica, conseqüentemente, na ausência de participação de nossos entrevistados em círculos sociais mais amplos; e na existência de forte multiplexidade entre as interações. As

190 A mais importante delas é o fenômeno da “morte social”. Cf. Goffman (1996).

características destas redes resultam na ausência de vida social em espaços públicos, típicos de laços predominantemente secundários, como associações civis e locais de trabalho, por exemplo. O que significa que se reduz toda uma série de recursos que podem ser acessados a partir destas sociabilidades; e que também aumentam as chances de as pessoas se sentirem estigmatizadas, excluídas. (Fontes, 2010: 384)

Assinalamos que os laços de amizade e de vizinhança, eventualmente, poderiam ser classificados como fortes. Admitimos, no entanto, que estes podem ser efetivamente fracos. Para o caso de vizinhos, este ponto é mais facilmente percebido. Há também o fato bastante conhecido de que as sociabilidades de pessoas de classe média em grandes metrópoles brasileiras normalmente apresentam trajetórias desterritorializadas. Quer dizer, os laços de amizade e os contatos sociais são frequentemente localizados em outras partes da cidade, além daquela onde se mora. Sem falar que moradores de condomínios residenciais muitas vezes não se conhecem.¹⁹¹ No que diz respeito à amizade, entretanto, as coisas são diferentes. A indicação de uma pessoa como “amiga” é desprovida de ambiguidade, visto que esta expressão remete a um campo inequívoco de vínculos embasados em laços fortes. Pois “a amizade é vista em geral como uma relação afetiva voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos”. Rezende (2002: 69)

No nosso exemplo encontramos um caso típico de problema em pesquisa social: a fiabilidade das informações extraídas.¹⁹² No nosso exemplo, há uma complicação adicional:

191 É bem diverso o caso de populações moradoras em comunidades de baixa renda, onde a âncora territorial para a construção de laços de amizade é frequente. Sobre o assunto, consultar Fontes (2005).

192 Problemas que remetem a questões de confiabilidade, validade e generalidade dos resultados da pesquisa social. A respeito do assunto, em especial sobre como estas questões são pensadas para a Análise de Redes Sociais, consultar Wasserman (1998).

como os entrevistados são pessoas com redes sociais menores, e, principalmente, escassos laços fora do ambiente doméstico, há uma tendência de os entrevistados – mesmo sendo sinceros – informarem equivocadamente a qualidade de seus laços. Fato que se confirmou, indiretamente, a partir de um procedimento de pesquisa que adotamos para a escolha das entrevistas dos cuidadores. Eles são, normalmente, pessoas próximas daquelas que são objeto de atenção. Para a escolha dos cuidadores a serem inquiridos, decidimos que os primeiros nomes da lista indicados pelos entrevistados, constituiriam o nosso universo. Pois, sendo as primeiras pessoas a serem lembradas, provavelmente seriam as mais importantes; as que ocupam um lugar central. Esta suposição foi se confirmando à medida que entramos em contato com as pessoas escolhidas; na maior parte das vezes pertencentes à família do entrevistado. Um caso, entretanto, nos chamou a atenção. Um deles citou, como primeira indicação de sua rede, uma pessoa que ele classificou como “amiga”. Esta pessoa, seguindo nossa decisão metodológica, seria a indicada para a entrevista, após os procedimentos necessários de verificação. Procurando por ela, que de fato conhecia o entrevistado, verificamos que o seu vínculo com ele se resumia a apenas conhecê-lo, por ser seu vizinho, e a cumprimentá-lo, eventualmente. Tal fato, aparentemente paradoxal, pode ser explicado da seguinte maneira: o entrevistado, diante do relativo empobrecimento de sua rede, superestima as pessoas do seu círculo, “promovendo-as” a posições imaginadas como mais gratificantes. Assim, aquela pessoa que apenas o cumprimenta – e note-se que outra percepção bastante comum na nossa amostra, é a do sentimento de exclusão – é indicada como amiga; tipo de laço que é claramente distante da situação real, conforme pudemos perceber. Como vemos, portanto, as dificuldades na coleta de dados reticulares é um fato constatado por diversos estudiosos. Watts (2009: 35), por exemplo, assinala:

(...) ainda em meados dos anos 90, a única forma de obter dados sobre redes sociais era sair às ruas e coletá-los na raça. Isso significava distribuir solicitações pedindo que voluntários recordassem e relatassem a natureza de suas interações. Esse método não é uma forma muito confiável de obter dados de boa qualidade, não só porque as pessoas tinham dificuldade em lembrar quem conhecem sem ser adequadamente estimuladas, mas também porque dois conhecidos podem ter visões bem diferentes sobre seu relacionamento mútuo.

Os métodos para extração de dados são diversos, e recolhem, na maior parte dos casos, informações sobre os padrões interativos vividos pelos sujeitos da pesquisa. Embora haja, como veremos abaixo, esforços na construção das análises de dinâmica de redes (quando se toma como relevante a variável temporal dos processos interativos), a maior parte das informações levantadas remete-nos a um momento no tempo; a um retrato da rede de interações que o entrevistado mantém naquele momento. Assim, pergunta-se a ele sobre com quem se relaciona; e em seguida, qual a natureza desses laços, que podem ser classificados segundo quatro tipos: (a) os atributos – sexo, idade, ocupação etc.; (b) as características ou propriedades dos laços – frequência de contatos, tempo de conhecimento, lugares de encontros etc.; (c) a intensidade das relações – coleguismo, amizade etc.; (d) os tipos de recursos que podem ser acessados – financeiros, afetivos, informacionais, entre outros. (Mardsen, 1990: 441) Esses dados podem ser obtidas diretamente, a partir de entrevistas (com questionários ou perguntas abertas); ou indiretamente, com base em observações, ou registros documentais.¹⁹³

193 Wasserman (2008: 45) indica os métodos mais usuais para a extração de dados de redes: (a) questionários; (b) entrevistas; (c) observação direta; (d) registros em arquivos; (e) experimentos. Poderíamos ainda acrescentar uma outra, bastante popular atualmente: *data mining*. Técnica de extração de dados relacionais usada para análise da dinâmica reticular na Internet.

O mundo das redes também apresenta particularidades relativas à definição do seu universo de pesquisa, e, conseqüentemente, aos métodos de elaboração da amostra dos casos. Diferentemente dos estudos estatísticos tradicionais, uma rede social, a princípio, apresenta fronteiras relativamente flexíveis; o que, em tese, impossibilita uma delimitação precisa do escopo analisado. No limite, o mundo reticular consiste em muitas (talvez infinitas) conexões (Wasserman, 1998: 31). Fato que impossibilita o recorte, mesmo que aproximado, de uma população a ser estudada, e, conseqüentemente, a extração da amostra de indivíduos representativos. Diante desse obstáculo os pesquisadores de redes assinalam alguns passos para a delimitação das fronteiras do seu campo de estudos, a fim de responder à pergunta sobre quais são os atores relevantes a se estudar para determinado problema de pesquisa. Não se trata, como veremos, de um procedimento com regras mais ou menos estabelecidas sobre um cálculo estatístico ou matemático.¹⁹⁴

Existem situações em que o método de extração de amostras probabilísticas não é recomendado. Como assinala Burt (1980: 134): “As Teorias de redes não fazem referência a populações bem definidas, o que implica no desenvolvimento de outros métodos de amostragem, adequados às características das populações estudadas”.¹⁹⁵ Nestes casos, Laumann (1989) *apud* Welmann (1998: 31-32), aponta dois procedimentos básicos: (a) a construção de critérios para a delimitação de fronteiras, ou do campo de observação empírica; e quando as fronteiras

194 A construção de amostras probabilísticas, para o caso da Análise de Redes Sociais, é um procedimento que não encontra unanimidade entre os pesquisadores.

195 Breiger (2004: 505), comentando os procedimentos para a extração de amostras no estudo das redes sociais, nos informa que “amostras de atores independentes ou relações só raramente são o foco da análise de redes (...). Então, o cientista interessado em comportamento da estrutura social poderá ser levado ao engano, associando amostras com contextos interacionais”.

não podem ser delimitadas com critérios razoáveis, ou não se conhece a população, (b) recomenda-se a extração de amostras não probabilísticas. No primeiro caso, o da delimitação de fronteiras, estas podem ser definidas de forma *realística*. Para o estudo, por exemplo, de gangs urbanas a partir de indicações do pertencimento de seus membros. Assim, o critério de inclusão é definido pelo próprio grupo. Um outro procedimento para a delimitação de fronteiras se ancora nos critérios estabelecidos pelo pesquisador. Por exemplo, quando do meu estudo sobre associações voluntárias na cidade do Recife (Fontes, 2002), defini como fronteira os limites físicos de uma comunidade de baixa renda. Tendo o mapa da região¹⁹⁶ e a indicação dos domicílios, procedi às entrevistas de uma amostra. Os resultados da minha pesquisa não refletem de forma alguma o padrão reticular típico das populações de baixa renda da cidade do Recife. Indicam somente as estruturas de redes dos moradores de *Chão de Estrelas*, em um momento de tempo determinado.

Quando as fronteiras não podem ser definidas de maneira razoável, os pesquisadores recorrem a métodos de amostragem não aleatória em cadeia (*chain methods*), que mapeiam os laços a partir das indicações de informantes privilegiados; ou mesmo com base em decisões do pesquisador, de acordo com o seu problema de pesquisa. O método da bola de neve (*snowball network sample*) é o mais utilizado. Através de alguns informantes-chave, o pesquisador elabora uma lista de nomes a entrevistar. Essa lista fica completa quando se alcança um nível de redundância razoável. Ou seja, quando o número de novas indicações é insignificante em relação ao total das pessoas anteriormente

196 Os limites físicos foram posteriormente confirmados pelos moradores, indicando a coincidência do mapa e o sentimento de pertencimento das pessoas entrevistadas àquele território, o bairro de Chão de Estrelas.

apontadas.¹⁹⁷

Há ainda outro ponto que os pesquisadores não conseguiram resolver satisfatoriamente: o da captura da dinâmica das interações sociais. O modelo reticular é sabidamente dinâmico, apresentando uma flexibilidade resultante dos arranjos interativos em constante adaptação aos constrangimentos, oportunidades e interesses dos atores. A captura desse dinamismo é dada a partir da análise longitudinal, que responde a dois aspectos fundamentais: “(a) como o processo muda com o tempo; (b) como o passado, ou a história do processo, pode prever o futuro.” (Wasserman, 2008: 55) As aplicações ou os usos desta abordagem se justificam na medida em que seja possível, em se observando características estruturais de determinadas redes, e verificando seus padrões de mudança, construir modelos de análise que possam subsidiar políticas públicas; como é o caso, por exemplo, dos mecanismos intrínsecos aos processos epidemiológicos (Rothenberg, 2011). Na maior parte dos casos, entretanto, as análises dinâmicas são exploradas empiricamente para verificar como os padrões interativos evoluem durante o tempo; como acontece, por exemplo, com as relações de amizade (Jamal, 2011; Sarkar, 2005); com as redes egocentradas (McPherson, 2010); ou com as interações mediadas por correio eletrônico (Warren, s/d).

Existem ainda na literatura muitos estudos que se dedicam a questões metodológicas diversas; seja de forma bastante geral, como é o caso de Steglich (2010) e Schubert (2008); ou propondo modelos específicos (Troyano, 2005; Snijders, 2009; Huisman, 2007; Pan, 2007; Snijders, 2005); e ainda, por vezes, discutindo questões pontuais, mas bastante importantes, como a acurácia das respostas em pesquisas com pessoas portadoras de transtornos

197 Consultar, sobre o assunto, Wellman (1998: 33-35), Newman (2011), Wasserman (1998), Degenne (1999), Frank (2005), Butts (2008), Thaden (2009).

mentais (Wright, 2002).

Pesquisas de redes, utilizando-se de metodologias que incorporem análises longitudinais, apresentam dificuldades as mais diversas, algumas semelhantes às encontradas nas abordagens de coorte dos estudos tradicionais; outras específicas ao fenômeno reticular. A área de especialidade da epidemiologia vem utilizando recorrentemente pesquisas de coorte. Sobretudo para esclarecer questões como o risco de contaminação relativo ao ambiente, ao estilo de vida, ou a características sócio-demográficas. Pesquisas importantes, que subsidiam políticas públicas, mas que implicam em custos relativamente altos; e também em dificuldades concernentes à extração da amostra e à confiabilidade das respostas. Para o caso das redes, há de se acrescentar ainda outro ponto delicado: dada a condição flexível de um sistema complexo, como é o caso dos desenhos reticulares, a análise dinâmica é dificultada, na medida em que os casos a acompanhar sofrem intensa variação ao longo do tempo; o que impõe ao pesquisador, ou a observação de um número cada vez mais significativo de casos; ou a construção de complexos modelos que deem conta desse movimento. Estes problemas se tornam mais evidentes na medida em que a escala de observação é aumentada. Assim, para a análise dinâmica de redes em grande escala, devem ser construídos protocolos computacionais sofisticados.

As análises de redes, para além do conteúdo metafórico¹⁹⁸, têm um grande impulso a partir da década de 1970, quando da popularização da informática, e conseqüente criação de *softwares* para processamento de dados. Existem hoje dezenas de programas para análise de redes, que processam grande

198 Análises de redes enquanto metáforas são aquelas em que a expressão “redes sociais”, utilizada *ad nauseam*, é empregada para a elaboração de elegantes modelos teóricos de interpretação da realidade social; sem, entretanto, qualquer indicação concreta de instrumentalização empírica. Não há, segundo Holton (2008), “nenhuma preocupação em definir o sentido da expressão claramente, nem a indicação clara dos limites do uso dos conceitos apresentados”. Ver também Wellman (1988).

quantidade de informações, organizando-as para a extração de índices e medidas de redes; ou para a construção de gráficos. Diversas contribuições recentes buscam adaptar alguns *softwares* estatísticos tradicionais¹⁹⁹; outras os constroem especificamente para a confecção de gráficos de redes (sociogramas), ou para a organização de medidas reticulares²⁰⁰. Os dados coletados têm fontes diversas: pesquisa dirigida através de questionários, entrevistas ou observação direta; análise textual²⁰¹; *data mining*²⁰²; pesquisa histórica e geográfica²⁰³. Os dados são trabalhados a partir de metodologias quantitativas, qualitativas²⁰⁴, ou mistas²⁰⁵. Há uma recorrência mais intensa em pesquisas de cunho quantitativo, embora muitos cientistas sociais tenham alertado sobre os limites deste desenho para alguns recortes empíricos, recomendando o uso de técnicas qualitativas ou mistas. O certo é que, com a popularização da informática e dos *softwares* de redes, este domínio de investigação passa por um desenvolvimento espetacular.

199 Cf. Müller (1999); Wellman (1992).

200 Já existe uma literatura significativa sobre o assunto. Consulte-se, por exemplo, Jansen (2006), Trappmann (2011), Batabelj (2003), Batabelj (s/d), Kim (s/d), Butts (1999), Butts (2008), Quiroga (2005), Hanemann (s/d), Huisman (2005), Carley (2008), Molina (2006), Nooy (2005).

201 Há diversos padrões metodológicos para extração de dados reticulares de textos. Consultar, sobre este assunto, Scholand (2010), Diesner (2005), Govednik (2006), Tonta (2009), De Laat (2002), Brandes (2003), Diesner (2005).

202 Método que objetiva o processamento de grandes quantidades de dados. (Sferra, 2003) O uso de *Data Mining* para a investigação de redes sociais tem sido praticamente restrito à Internet (páginas web, e-mails, difusão científica). Para alguns exemplos de pesquisa com base em *Data Mining*, veja: Park (2003), Goldbeck (s/d), Pradhu (2010), Sun (2009).

203 Existem alguns estudos bem interessantes sobre redes sociais utilizando-se de fontes históricas ou geográficas. Veja, por exemplo, Ansell (1993), Alonso (2010), Khalili (s/d), Escher (s/d), Timo (2006).

204 O exemplo clássico de pesquisa empírica sobre redes sociais utilizando-se de dados qualitativos é a obra de Bott (1957). Consultar, ainda, Hollstein (2006), Hollstein (2010), Alexander (2009).

205 Sobre métodos mistos, consultar Hollstein (2010), Hodkin (2008), Bryman (2007), Fries (2009), Edwards (2010).

Tendo os instrumentos para coleta e análise de dados em mãos, segue-se um número importante de estudos utilizando-se dessa metodologia para a validação de proposições; antes tratadas de forma convencional, ou mesmo metaforicamente. Assim, por exemplo, Chiesi (2001) sugere cinco campos de aplicação empírica da Análise de Redes Sociais: (a) a relação entre estrutura de redes a atores sociais; (b) o papel das redes na criação e manutenção de desigualdades sociais; (c) os fenômenos de comportamentos econômicos e os mecanismos estruturadores de mercados; (d) os fenômenos políticos, e (e) os estudos sobre capital social. Esses campos de pesquisa orientam-se a partir de dois grandes grupos: os que investigam as relações entre atores (com a utilização de medidas de coesão social, centralidade, poder, prestígio e influência), e os que trabalham com a estrutura das redes. Nesse caso, utilizando medidas de densidade, centralização, equivalência estrutural²⁰⁶, a partir da análise de modelagem por blocos (denominada na literatura anglo-saxã de *block models*). A análise de *block models* busca: “(a) agrupar atores que têm padrões de relações substancialmente similares a outros; e (b) interpretar o padrão destas relações entre os agrupamentos (*clusters*)”. (Borgatti, 1992: 91) Podemos ainda falar, grosso modo, das análises de redes com ênfase nas relações entre atores – aqui denominadas de análises relacionais –; e daquelas que objetivam a estrutura reticular, denominadas de análises posicionais, nas quais se busca inferir, a partir de características estruturais, que recursos são acessados, e qual a forma com que circulam na rede.

Burt (1980) nos mostra que, para a análise de redes, os campos relacional e posicional se dividem a partir da forma como o investigador direciona sua investigação: para o ator, para múltiplos atores em um subgrupo de redes, ou para múltiplos

206 Wasserman (1998: 356) define desta forma a equivalência estrutural: “trata-se de uma propriedade matemática de subconjuntos de atores em uma rede (ou nós em um grafo). Resumidamente, dois atores são equivalentes em uma estrutura de rede se têm laços idênticos de e para todos os outros atores na rede”.

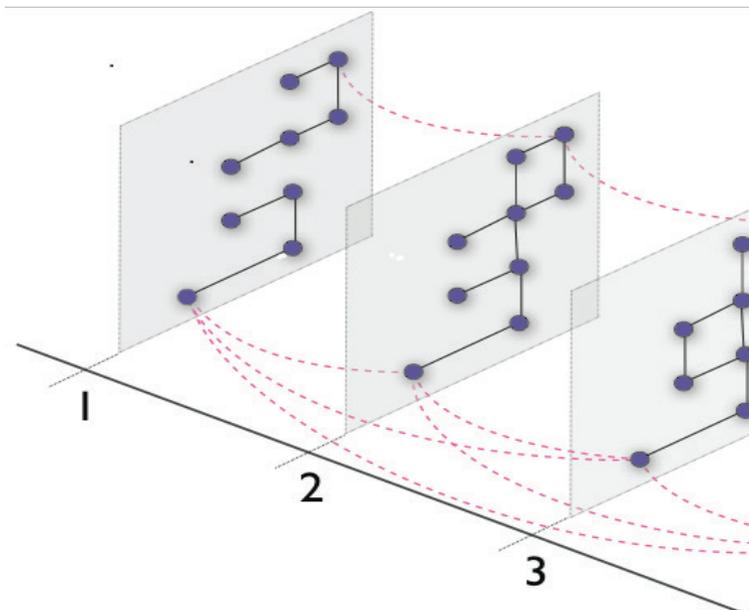
atores em um sistema estruturado. O tipo e a intensidade das interações definem a análise relacional; e o padrão das relações entre os atores e sua localização em uma estrutura de redes definem a análise posicional. As análises podem ser centradas no ator, nos atores localizados em campos reticulares equivalentes, ou, ainda, no conjunto da rede. Os exemplos abaixo elucidam alguns casos.

A figura 05 ilustra hipoteticamente três círculos sociais, e a posição multiplexa²⁰⁷ de alguns atores componentes da rede. Atores situados em interações multiplexas são aqueles que compartilham diversos círculos sociais. O que implica também no fato de que esta situação pode gerar campos de sociabilidade orientados para laços fortes, na medida em que, normalmente, a duração e a intensidade dos laços são determinantes. No limite, se estes campos interativos se estendem para parte significativa da rede, temos estruturas de sociabilidade facilmente encontradas em sociedades menos complexas, onde a diferenciação social não é importante.

Em sociedades urbano-industriais, círculos sociais implicam em trajetórias de sociabilidade qualitativamente mais complexas, com pertencimentos orientados pelos mais diversos interesses. Tem-se, neste sentido, a probabilidade da existência de laços sociais fracos, inseridos em contextos de práticas orientadas para a coincidência de situações onde o grupo se forma; ainda que, momentaneamente, para o atendimento de interesses específicos, ou para a perseguição de fins comuns, mas não integrados à totalidade do ser. Quer dizer, o eu dificilmente interage em relações multiplexas; ou coloca-se em posições segmentadas de papéis.

207 Ver, sobre o conceito de multiplexidade, Wasserman (1998: 219).

FIGURA 05: Representação Gráfica de Multiplexidade



FONTE <http://www.sciencemag.org/content/328/5980/876/F1.medium.gif> (apud Mucha: 2010).

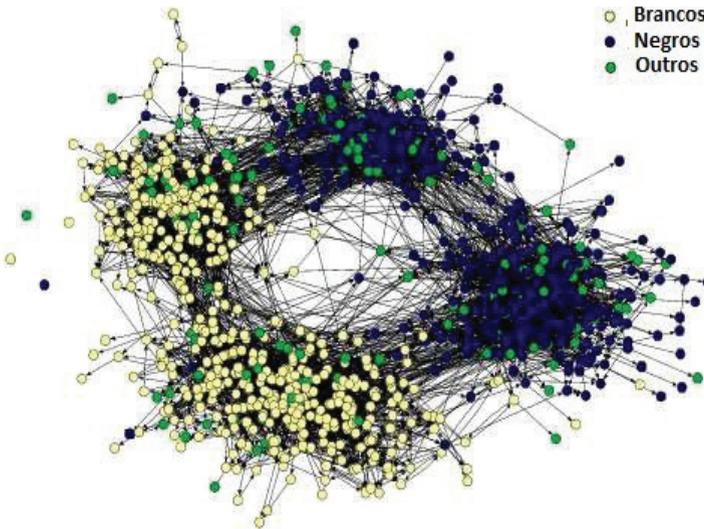
A vida cotidiana se estrutura em sociabilidades, em que os indivíduos se localizam numa geografia social, que organiza o viver em campos bem demarcados; orientados institucionalmente, e especializados segundo o que se objetiva: uma constante busca pela satisfação de interesses. Os chamados círculos sociais, na expressão de Simmel, cunham individualidades, na medida em que as experiências cotidianas são únicas; de conteúdos relativamente idiossincráticos, mas com formas adequadas ao meio histórico onde se fundam as instituições. Os indivíduos, na modernidade, circulam, cada vez mais, escolhendo suas trajetórias biográficas – elas mesmas estruturadas em sociabilidades e em inserções sociais.

Os tempos modernos colocam possibilidades relativamente mais amplas de escolhas, de construção de trajetórias próprias, individualizadas. Mesmo assim, a partir de combinações cada vez mais complexas, se estrutura a sociedade em campos de sociabilidade mais ou menos rígidos, com pertencimentos impermeáveis aos estrangeiros²⁰⁸. Forma-se, desta maneira, uma ordem, uma combinação que se estrutura em padrões relativamente previsíveis. Mesmo assim, segundo Simmel (1999: 416): “Quanto mais numerosos, menos chances se tem que outras pessoas apresentem a mesma combinação de grupos”. Há a rigidez estrutural do pertencimento, mas também uma visível flexibilidade e diversidade das inserções decorrentes das escolhas dos indivíduos em suas trajetórias biográficas.

Os fluxos de sociabilidade, ao mesmo tempo em que moldam o indivíduo, único em suas escolhas e experiências, inscrevem-no em um campo de reconhecimento; vendo-se a partir do olhar dos outros, constrói a sua identidade e, conseqüentemente, dá-se um sentido à existência. Mas também estas sociabilidades têm um conteúdo prático, direto; são *loci* de reprodução, onde recursos são mobilizados, distribuídos; confirmando-se também uma estruturação que, para além da organização desigual da sociedade, com conseqüente hierarquização das pessoas, implica no aprendizado das formas de acesso a estas fontes de riqueza, tipificadas em uma variedade tão rica quanto a existência (monetária, afetiva, informacional), e organizadas em inscrições sociais diversas: o mercado (dinheiro), o Estado (poder) e as sociabilidades cotidianas das relações interpessoais. Todas as formas são o resultado de práticas interativas entre pessoas. Os seus efeitos são igualmente inscritos na solidariedade e na violência.

208 O que Bourdieu denomina de *habitus*, construções de uma geografia social estruturando práticas e delimitando os espaços de pertencimento: “o espaço prático da existência cotidiana, com suas distâncias, mantidas ou defendidas, e seus semelhantes que podem estar mais longe do que os estranhos: o que o espaço da geometria é para o espaço hodológico da experiência comum com suas lacunas e descontinuidades”. (Bourdieu, 2007: 162)

FIGURA 06: Redes de amizade de estudantes de uma escola norte-americana segundo raça.



FONTE: Newman (2011: 221).

A posição dos atores em uma rede também pode ser determinada a partir de características relativamente rígidas; decorrentes de determinantes da estrutura social, como classe, raça, pertencimento religioso. Nesses casos, mesmo considerando-se sociedades complexas, onde a regra seria a afiliação de status a partir de trajetórias biográficas com grau relativo de independência no que respeita à escolha dos indivíduos, a rigidez do enquadramento estrutural determina os pertencimentos a campos de sociabilidade. A figura 06 é bem ilustrativa a respeito. Mostra as redes de amizade entre adolescentes²⁰⁹ norte-americanos a partir de estudo realizado com 470 estudantes. Ilustra uma situação típica de posições de rede

209 Com idades entre 14 e 18 anos.

onde as pessoas se identificam e, conseqüentemente, se associam com aquelas que percebem ter, de alguma forma, algum grau de similaridade. Na sociedade norte-americana, onde o grau de segregação racial ainda é significativo, a variável raça é um componente relevante.

Homofilia é outro importante indicador de organização das trajetórias biográficas: com quem nos relacionamos é resultado de como escolhemos nossos amigos; a pessoa com quem constituímos família. Trata-se, portanto, de um fato característico das redes humanas: o de que a sua dinâmica não é fruto da casualidade. Ou seja, “os grafos aleatórios não podem ser uma boa representação do mundo social real”. (Watts, 2009: 34) Existem padrões relativamente homogêneos de sociabilidade; conforme características sociodemográficas das populações estudadas. (Degenne, 1999: 35) Assim, a análise da dinâmica das redes pode nos revelar como os padrões interativos se modificam. Como, por exemplo, as barreiras de segregação por raça ou casta se rompem. Mas também nos pode fazer entender interessantes aspectos de comportamentos individuais relativos a estratégias de *networking*; na tentativa de romper barreiras estruturais, obstacularizadoras da sua mobilidade social.²¹⁰

Temos, dessa forma, para os casos de homofilia e multiplexidade, informações sobre posições de atores na estrutura de redes. Esses casos ilustram bem o fenômeno da equivalência estrutural, em que “atores que ocupam a mesma posição social relacionam-se de forma similar com outros atores que também estão em posições similares”. (Wasserman, 1998: 473) Quer dizer, posições estruturais que definem lugares nas redes isomorfas, independentemente do fato de os atores estabelecerem conexões entre si. Essas redes configuram desenhos que organizam os atores segundo características de semelhança ou diferença no que concerne a “sua posição na rede”.²¹¹

210 Há uma importante literatura sobre homofilia. Consultar, por exemplo, Bhattacharyya (2011), Currarini (2009), Louch (2000), McPherson (2001).

211 Existe uma série de estudos que enfatizam as características formais da

Há ainda outro importante aspecto a considerar na estrutura de redes. Diz respeito à posição dos atores, desta vez analisando subgrupos (ou subredes inseridas em estruturas reticulares mais amplas): os cliques. Clique é um “subgrafo completo composto de três ou mais nodos, todos adjacentes entre si”. (Wasserman, 1998: 254) Cliques têm sido frequentemente descritos na literatura sociológica como grupos primários²¹², panelinhas, ou grupos informais. Há um volume considerável de pesquisas sobre o assunto. Desde as clássicas, da sociologia das organizações²¹³, até os estudos de comunidade, de poder, ou mesmo aqueles que informam sobre condições particulares de circulação de recursos em grupos de laços fortes (caracteristicamente inscritos na ideia de clique), ou de laços fracos, na já célebre formulação de Granovetter²¹⁴ (1973). Os membros de um clique com-partilham recursos que são inacessíveis aos outros componentes da rede. São estruturas de comunicação relativamente fechadas, e em muitos casos geram alianças ou obrigações de fidelidade. Os cliques, ou panelinhas, são bastante comuns em organizações, e também em grupos primários, como os familiares ou territoriais.²¹⁵

equivalência estrutural. Consultar, a respeito, Borgatti (1988), Everett (1990), Valente (1998), Borgatti (1989), Borgatti (1993), Everett (1993).

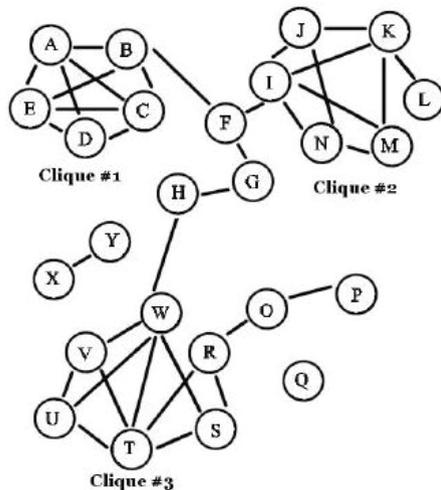
212 Questão introduzida por Cooley (1909) *apud* Kadushin (2012).

213 Veja, sobre os grupos informais, os estudos de Hawthorne, que deram origem a uma série de pesquisas sobre organizações. Nesta perspectiva, dois autores foram centrais: Mayo (1933) e Homans (1950).

214 Cf. Mardsen (1984).

215 Há um volume significativo de estudos sobre cliques. Veja, por exemplo, Everett (1999): sobre a coesão dos subgrupos em redes; Everett (1998): sobre a organização de subgrafos. Estudos que mostram as características estruturais dos cliques; aquelas ligadas à constituição de atores fortemente conectados entre si, e relativamente isolados do restante da rede.

FIGURA 07: Representação gráfica de cliques.



FONTE: Adolescent Social Networks: Friendships Cliques, Social Isolates, and Drug Use Risk. Disponível em http://www.tanglewood.net/projects/teachertraining/Book_of_Readings/Ennett.pdf.

A figura 07 nos mostra um exemplo do uso do conceito de cliques para análise do consumo de drogas entre adolescentes. Neste caso, os autores investigam de que forma jovens são influenciados por seus pares no consumo do tabaco. Partindo da premissa, já constatada por outros autores, de que a adolescência é a fase geracional onde a afirmação identitária é fortemente influenciada pelo pertencimento dos jovens a grupos de amizade, e que, conseqüentemente, padrões de comportamento são incorporados aos membros destes cliques, os autores realizaram essa pesquisa entre os adolescentes de uma

escola norte-americana.²¹⁶ Os padrões típicos de relacionamento estão representados na figura 07: indivíduos isolados (P, Q, X, Y), cliques (três), e pessoas que fazem as ligações entre eles (F, G, H). A atenção é dirigida para os cliques. Há a primeira constatação de que fumantes se localizam em cliques onde os que deles fazem parte também são fumantes. Mas não há indicação clara de que os grupos influenciem no hábito de fumar. Pessoas se juntam a cliques porque encontram outras com interesses e comportamentos semelhantes. Como no nosso caso, os componentes dos grupos são orientados a se comportar como seus pares. Mas o importante é salientar que essas filiações, características da adolescência, geram padrões de sociabilidade diversos dos outros; como, por exemplo, das pessoas isoladas, ou daquelas que se localizam estruturalmente enquanto pontes entre *clusters* ou grupos de pertencimento.

Finalmente, a literatura destaca outra medida de rede bastante utilizada: a centralidade. Importante instrumento para a determinação da posição dos atores²¹⁷ ou da própria estrutura da rede. Para o primeiro caso, tal medida destaca a posição do ator, e o seu nível de centralidade relativo aos outros atores da rede. No segundo caso, é possível destacar a posição de um determinado ator (por exemplo, numa estrutura organizacional) em comparação a outros atores inseridos em outras estruturas reticulares. Diferentemente da densidade (medida igualmente utilizada para a análise de estruturas de redes²¹⁸), o índice de

216 Foram entrevistados cerca de 1000 adolescentes, com idade média de 14 anos; estudantes de escolas públicas norte-americanas, e inscritos nas nona e décima séries.

217 Atores, aqui entendidos no sentido mais lato: desde indivíduos, passando por organizações, até estruturas societárias relativamente extensas - fluxos monetários entre grandes conglomerados financeiros, atores globais em uma conjuntura geopolítica etc.

218 A distinção entre densidade e centralidade diz respeito, de um lado, às formas dominantes dos padrões relacionais (laços fortes preponderantes, para o caso de redes mais densamente estruturadas), e de outro, à possibilidade de controle de recursos (redes mais centralizadas concentram recursos em um número mais reduzido de

centralidade é passível de ser utilizado na comparação entre diversas estruturas reticulares; inclusive aquelas de diferentes tamanhos. (Chiesi, 2001: 263)

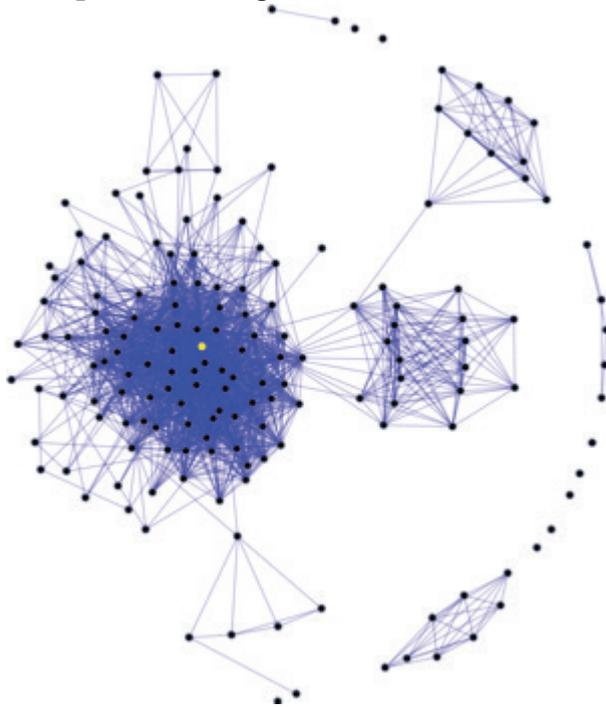
A centralidade mede a posição de um ator em uma rede; que é função da quantidade de laços ou conexões que ele estabelece com outros atores²¹⁹. Então, um ator é mais central quando ele se conecta mais que qualquer outro ator da rede. A figura 08 é bastante ilustrativa. Os atores situados no centro da rede são aqueles que têm acesso direto a um maior número de membros desta rede. O ator representado pelo ponto mais claro é o mais central.

O fato de atores ou membros de uma rede localizarem-se assimetricamente em uma estrutura reticular, tem sido referência para uma série bastante extensa de fenômenos. Posições mais centrais geralmente implicam em poder, em maior capacidade de controle dos fluxos de comunicação entre atores, e, conseqüentemente, em facilitação ou permissão de intercâmbios e trocas entre eles.

atores). Sobre este assunto, consultar Chiesi (2001).

219 Sobre definições e tipos de centralidade, consultar Wasserman (1998), Degenne (1994), Scott (1991), Freeman (1978).

FIGURA 08: Representação gráfica de Centralidade.



FONTE: B. Saranya Preethi. Improved BSP Clustering Algorithm for Social Network Analysis Bonfring *International Journal of Software Engineering and Soft Computing*, Vol. 1, Special Issue, December 2011.

As posições dos atores determinam o controle dos recursos, e, desta forma, a maior ou menor porosidade da estrutura da rede com relação à maneira como informações são disseminadas entre seus membros. Assim, importantes estudos têm sido feitos exatamente no sentido de melhor compreender como acontece a dinâmica reticular; especialmente aquela ligada à forma como se dão as informações e a comunicação entre seus componentes. Pesquisas de cunho mais metodológico, indicando os usos de

medidas de centralidade,²²⁰ têm ocupado a atenção de muitos pesquisadores. Mas também outras, direcionadas especificamente para a compreensão dos processos de dinâmica das redes, e das suas formas, adquiridas de acordo com os desenhos estruturais particularizados pelas posições entre seus atores. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre medidas de centralidade, e sua relação com os fluxos das redes. (Freeman, 1991; Borgatti, 2005)

Também merece destaque uma série de estudos empíricos sobre as relações entre a centralidade na rede e a forma como os recursos são controlados, ou fluem, indicando padrões mais fechados ou abertos de interações entre seus membros. Assim, por exemplo, Song (2010) examina os comportamentos de pessoas, em uma organização, relativos aos fluxos de trabalho e controle de informações. O autor conclui a favor de uma relação entre centralidade e produtividade do trabalho. Esta função de maior ou menor capacidade de a rede distribuir de forma mais eficiente as informações necessárias ao desempenho ótimo dos objetivos organizacionais. Dolinska (2010), num estudo sobre *blogs*, ferramentas frequentemente associadas à partilha de conhecimentos – e de natureza mais descentralizada, escapando, portanto, ao controle das mídias tradicionais –, mostra que os processos de busca podem ser eficientizados a partir do uso da metodologia de redes sociais; especialmente aquela relativa a medidas de centralidade.²²¹ Todos esses são exemplos de estudos sobre como a estrutura das redes sociais pode mostrar indicações bastante claras das posições dos atores; e de como estas posições se traduzem em controle de recursos e, conseqüentemente, de poder. Informações que podem ser instrumentalizadas para maior controle das relações entre vendedores e compradores

220 Sobre métodos para extração de índices de centralidade, consultar White (1994), Freeman (1980), Borgatti (2005), Everett (2005). Também existem diversos estudos sobre a consistência e a validade dos dados. Ver, sobre o assunto, Costenbader (2003), Borgatti (2006).

221 Estudo similar foi realizado por Chin (2007).

(Plant, 2010); dos processos de difusão de informações (Kadushin, 2012); da análise de epidemias (Christakis, 2009). Ou seja, padrões reticulares que indicam oportunidades ou estrangimentos entre os atores, no controle e no acesso a recursos.²²²

²²² Sobre centralidade e poder, ver também Bonacich (1987).

BIBLIOGRAFIA

AERT, Patrick. Algumas limitações das explicações da escolha racional na Ciência Política e na Sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 63-74, out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2012.

AGUILAR, Claudia; MOLINA, José Luis *Identidad étnica y redes personales entre jóvenes de Sarajevo* REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales
Vol.7,#6, Oct./Nov. 2004

ALAZRAQUI, Marcio; MOTA, Eduardo; SPINELLI, Hugo. El abordaje epidemiológico de las desigualdades en salud a nivel local *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 321-330, fev. 2007.

ALEXANDEER, Jeffrey C. *Twenty lectures. Sociological theory since World War II*. New York, Columbia University Press, 1987.

ALEXANDER, Malcolm. Qualitative Social Network Research for Relational Sociology. In: PROCEEDINGS OF THE ANNUAL CONFERENCE OF THE AUSTRALIAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION, 2009, Australian. *The Future of Sociology: anais...* Canberra, Australian National University, 2009. Disponível em: <<http://www.tasa.org.au/conferences/conferencepapers09/appliedsociology.htm>>. Acesso em dez. 2011

ALONSO, Ângela. O abolicionista cosmopolita. *Novos Estudos Cebrap*. n. 88, p.55-70, nov. 2010.

ALVES, Maria de Fátima Pereira. *A família como suporte da política*

de saúde mental em Portugal. Dissertação (Mestrado). Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto, 1998.

ALVES, Maria de Fátima Pereira. A família como suporte da política de saúde mental em Portugal. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2002, Porto. *As ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: balanços e desafios: actas...* Porto, Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2, 2002.

ALVES, Maria de Fátima Pereira. A família e a Doença Mental. In: SILVA, L. (Org.). *Acção social na área da Família*. Lisboa, Ed. Universidade Aberta, 2001.

AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida*. A trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1995.

ANDRADE, Gabriele R. B.; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciências Sociais e Coletivas*, v. 7, n. 4, 2002.

ANDRADE, Selma Maffei et al. Condições de vida e mortalidade infantil no Estado do Paraná, Brasil, 1997/2001. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p.181-189, jan. 2006.

ASSIS, Ana Marlúcia et al. Desigualdade, pobreza e condições de saúde e nutrição na infância no Nordeste brasileiro *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2337-2350, out. 2007.

ASSUNÇÃO, Maria Cecília Formoso et al. Anemia em menores de seis anos: estudo de base populacional em Pelotas, RS. *Rev Saúde Pública*, v. 41, n. 3, p. 328-35, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da super-modernidade*. São Paulo, Papyrus, 1994.

BADURA, Bernhard Social networks and the quality of life. In:

- FRICK, Dieter (Ed.). *The quality of urban life. Social, psychological and physical conditions*. Berlin, Walter de Gruyter, 1986.
- BALASUNDARAM, Balabhaskar; BUTENKO, Sergio. *Clique Relaxations in Social Network Analysis: the Maximum k-plex Problem*. 2009. Disponível em: <<http://iem.okstate.edu/baski/files/kplex4web.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2012.
- BALZANO, Silvia Maria. *Redes sociales y discapacidad mental: de cuidadoras y cuidadas*. [20--]. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/arsrosario/05-Balzano.pdf>>. Acesso em 24 jan. 2012.
- BANDEIRA, Maria; BARROSO, Sabrina Martins. Sobrecarga das famílias de pacientes psiquiátricos. *J. bras. psiquiatr.* v. 54, n. 1, p. 34-46, 2005.
- BANTMAN, Patrick; DUFOUR-ZELMANO. *La notion de réseau en psychiatrie*. In: Serpsy. Disponível em: <<http://www.serpsy.org/reseau/reseaux.html>>. Acesso em 05 jun. 2006.
- BAPTISTA, Tatiana Varga de Faria. Análise das portarias ministeriais da saúde e reflexões sobre a condução nacional da política de saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 615-626, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n3/20.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2012.
- BARABÁSI, Albert-László. *Linked. How Everything is Connected to Everything Else and What It Means for Business, Science and Everyday Life*. New York: Penguin Books Ltd., 2003.
- BARATA, Rita Barradas et al. Desigualdades de saúde segundo cor em pessoas de 15 a 64 anos de idade no Brasil, 1998. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 305-313, fev. 2007.
- BARNS, J.A (1987). Redes sociais e processo político in: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo, Global, 1987.
- BARRA, Sandra Marlene Mendes. Infância e Internet – interações em rede. In: *Actas dos Ateliers do Vº Congresso*

Português de Sociologia , Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Ação. Atelier População, Gerações e Ciclos de Vida. 2004

BARRERA, Manuel. Social support in the adjustment of pregnant adolescents in: GOTTLIEB, Benjamin H. (Edt). *Social networks and social support*. London, Sage, 1981.

BASAGLIA, Franco. *A Instituição Negada*. Rio de Janeiro, Graal Editores, 1985.

BASTIDE, Roger. *Sociologia das Doenças mentais*. São Paulo, Editora Nacional, 1967.

BATAGELJ, Vladimir; MRVAR, Andrej. *PAJEK: Program for Large Network Analysis*. Ljubljana, 1999. Disponível em: <<http://vlado.fmf.uni-lj.si/pub/networks/doc/pajek.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2011.

BATES, Freckerick; PEACOCK, Walter Gillis. Conceptualizing Social Structure: the missing of classification in Structural Modeling. *American Sociological Review*, 1989, vol. 54 (august: 565-577)

BAPTISTA, T. W. F. Análise das portarias ministeriais da saúde e reflexões sobre a condução nacional da política de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 615-626, mar. 2007.

BECKER, Ernest. Socialization, command of performance and mental illness. In: SPITZER, Stehan et al. *The mental patient: Studies in the sociology of deviance*. New York: McGraw-Hill, 1968.

BENBENASTE, Verônica. *Flujo de Información y referencias de usuarios en la Red infanto-juvenil de Salud Mental de ciudad de Buenos Aires*. Estudio de caso utilizando Análisis de Redes Sociales. Maestría en Ciencias sociales y Salud, 2006. Buenos

Aires, CEDES-FLACSO, 2006.

BERGSON, Henri. *Durée et simultanéité. À propos de la théorie d'Einstein*. Paris, PUF, 1968

BEZERRA-FILHO, José Gomes et al. Distribuição espacial da taxa de mortalidade infantil e principais determinantes no Ceará, Brasil, no período 2000-2002. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1173-1185, mai. 2007.

BLACKSHAW, Pete. *O cliente é quem manda*. São Paulo, Editora Sextante, 2010.

BHATTACHARYYA Prantik; GARG, Ankush; WU, Shynhtsun. Analysis of user keyword similarity in online social networks. *Soc. Netw. Anal. Min.*, v. 1, p. 143-158, 2011.

BONACICH, Philip. Power and Centrality: A family of Measures. *AJS*, v. 92, n. 5, p. 1170-82, march, 1987.

BORGATTI, Stephen. Centrality and network flow. *Social networks*, v. 27, p. 55-71, 2005.

BORGATTI, Stephen. Identifying sets of key players in a social network. *Comput Math Organiz. Theor*, v. 12, p. 21-34, 2006.

BORGATTI, Stephen P. A Quorum of Graph Theoretic Concepts. *Connections*, v. 17, n. 1, p. 47-49, 1994.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin. Notions of position in Social Network Analysis. *Sociological methodology*, v. 22, p. 1-35, 1992.

BORGATTI, Stephen et al. Network analysis in the social sciences. *Science*, v. 323, p. 892-895, 2009.

BORGATTI, Stephen P. Regular Blockmodels of multiway, multimode matrices. *Social networks*, v. 14, p. 91-120, 1992.

BORGATTI, Stephen. A comment on Dorelan's Regular Equivalence in Symmetric Structures. *Social Networks*, v. 1, p. 265-271, 1988.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin G. A note on Juncture

homomorphismus. *Social Networks*, v. 12, p. 385-389, 1990.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin G. The Class of All regular equivalences: algebraic Structure and Computation. *Social networks*, v. 11, p. 65-88, 1989.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Stephen. Two algorithms for computing regular equivalence. *Social Networks*, v. 15, p. 361-376, 1993.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin G. An extension of regular colouring of graphs to diagraphs, networks, and hypergraphs. *Social Networks*, v. 15, p. 237-254, 1993.

BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin. A Graph-theoretic perspective on centrality. *Social Networks*, 2005.

BORGATTI, Stephen; CARLEY, Kathleen; KRACKHARDT, David. On the robustness of centrality measures under Conditions of Imperfect Data. *Social Networks*, v. 28, n. 2, p. 124-136, 2006.

BOTT, Elizabeth. *Family and Social Network: Roles, Norms, and External Relationships in Ordinary Urban Families*. London, Tavistock Publications Limited, 1957.

BOUDON, Raymond. *La place du Désordre*. Extrait de Raymond Boudon, *La place du désordre*, PUF, 199. Disponível em: <<http://sociol.chez.com/socio/autob/boudonplacedesordre.htm>>. Acesso em 03 ago. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007.

BOWERS, Len. *The Social Nature of Mental Illness*. London, Routledge, 1998.

BOYD, D. M. & Ellison, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em 20 jan. 2011.

BRANDES, Ulrik Visual Unrolling of Network Evolution

and the analysis of Dynamic Discourse. *Journal Information Visualisation*, v. 2, n. 1, march. 2003.

BRAUN, Sebastian. *Putnam und Bourdieu und das soziale Kapital in Deutschland. Der rhetorische Kurswert einer sozialwissenschaftlichen Kategorie*. Humbolt Universität zu Berlin, Forschungszentrum für Bürgerschaftliches Engagement. Disponível em: <http://www.for-be.de/download/working_paper/Putnam_Bourdieu.pdf>. Acesso em 30 Ago. 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial*. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Secretaria de Gestão de Investimentos em Saúde. *Experiências Inovadoras no SUS: Relatos de Experiências*. Novas Tecnologias Assistenciais. Secretarias Estaduais de Saúde. Brasília, Ministério da Saúde, 2002.

BRÊDA, Mércia Zeviani. *O cuidado ao Portador de transtorno psíquico na atenção básica de saúde*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Departamento de Saúde Coletiva – Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2001.

BREIGER, Ronald. The analysis of Social Networks. In: HARDY, Melissa; BRYMAN, Alan. *Handbook of Data Analysis*. London, Sage Publications, 2004.

BREIGER, R. L. et al. *Social control and social networks: a model from Georg Simmel*. London, Cambridge University Press, 1990.

BRYMAN, Alan. Barriers to Integrating Quantitative and Qualitative Research. *Journal of Mixed Methods Research*, v. 0, n. 01, p. 8-22, January 2007.

BRUGHA, T. S. (Ed.). *Social support and psychiatric disorder*:

research findings and guidelines for clinical practice. London, Cambridge University Press, 2006.

BURK, William J; STEGLICH, Christian E.G.; SNIJDERS, Tom A.B. Beyond dyadic interdependence: Actor-oriented models for coevolving. Social networks and individual behaviors *International Journal of Behavioral Development* 2007, 31 (4), 397-404

BURK, William J.; STEGLICH, Christian E. G.; SNIJDERS, Tom A. B. Beyond dyadic interdependence: Actor-oriented models for coevolving. Social networks and individual behaviors International. *Journal of Behavioral Development*, v. 31, n. 4, p. 397-404, 2007.

BURT, Ronald. Kinds of Relation in American Discussion Networks. In: CALHOUM, Craig; MEYER, Marshall W.; SCOTT, W. Richard. *Structures of Power and Constraint*. Papers in honor of Peter M. Blau. Cambridge, UK, Cambridge University Press, p. 411-452, 2009 [1990].

BURT, Ronald. Models of network structure. *Ann. Rev. Sociol.* v. 6, p. 79-141, 1980.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e os determinantes sociais. *PHYSIS*. Revista Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

BUTTS, Carter. Revisiting the foundations of network analysis. *Science*, v. 325, n. 29, p. 414-416, 2009.

BUTTS, Carter. Social Network Analysis with sna. *Journal of Statistical Software*, v. 24, n. 26, Feb. 2008. Disponível em: <<http://www.jstatsoft.org/v24/i06/paper>>. Acesso em 27 jun. 2011.

BUTTS, Carter. *Package 'sna'*. 2010. Disponível em: <<http://cran.r-project.org/web/packages/sna/sna.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2011.

BUTTS, Carter. Social Networks Analysis: a methodological introduction. *Asian Journal of Social Psychology*, n. 11, p. 13-41,

2008.

CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. O desafio da integralidade segundo as perspectivas da vigilância da saúde e da saúde da família. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 2, p. 569-584, 2003.

CANIELLO, Márcio; JUSTINO FILHO, José. Eficiência e eficácia nos Conselhos Municipais de Saúde da Paraíba: um estudo comparativo. *CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*, 12. Belo Horizonte, 2005 (mimeo).

CANT, Bob; TAKET, Ann. Promoting social support and social networks among Irish pensioners in South London, UK. *Diversity in Health and Social Care*, n. 2, p. 263-70, 2005.

CARDOSO, Carlos Alberto; RODRIGUES, Núbia. Ideia de sofrimento e representação cultural da doença na construção da pessoa. In: DUARTE, Luís Fernando. *Doença, sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 137-149, 1998.

CARLEY, Kathleen M. *AutoMap: Software*. Center for Computational Analysis of Social and Organizational Systems (CASOS), Institute for Software Research International (ISRI), School of Computer Science, Carnegie Mellon University, Pittsburgh, PA, 2011.

CARPENTIER, Normand; WHITE, Daena. Cohesion of the primary social network and sustained service use before the first psychiatric hospitalization. *The Journal of Behavioral Health Services & Research*, v. 29, n. 4, 2002.

CARVALHO, Ana M. A. et al. Vínculos e Redes Sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 589-598, set.-dez. 2006.

CASSIRER, Ernest. *Substance and Function*. New York, Dover, 1953.

CASTEL, Robert. *L'ordre Psychiatrique. L'âge d'or de l'aliénisme*. Paris, Ed. de Minuit, 1976.

CASTELLS, Manuel. *The rise of the network society*. Cambridge, MA, Blackwell, 1997.

CASTELLS, Manuel; TUBELLA, Imma. *The network Society in Catalonia*. Research Report Genaralitat de Catalunya, Barcelona, 2002.

CASTRO, Janete Lima; VILAR, Rosana Lúcia Alves; FERNANDES, Vicente de Paula. *Precarização do trabalho do agente comunitário de saúde: um desafio para a gestão do SUS (mimeo)*.

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. *Pessoas muito especiais: a construção do portador de deficiência e a reinvenção da família*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2003.

CHANIAL, Philippe. *Société civile, société civique? Associationnisme, libéralisme et républicanisme*. In: LAVILLE, Jean Louis. et al. *Association, démocratie et société civile*. Paris, La Découverte (Bibliothèque du MAUSS), 2001.

CHANIER, C. R. *How social network analysis can help to measure cohesion in collaborative distance-learning*. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/00/19/14/PDF/reffay_chanier.pdf>. Acesso em 26 jan. 2011.

CHARBONNEAU, Johanne; TURCOTTE, Martin. *Réseaux sociaux*. INRS, Urbanisation, culture et société. Montréal, Univesité de Montréal, 2002.

CHEUNG, Siu-Kau; SUN, Stephen Y. K. Effects on self-efficacy and social support on the mental health conditions of mutual-aid organization members. *Social Behavior and personality*, v. 28, n. 5, p. 413-22, 2000.

CHIESI, M. Network analysis, general. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Pergamon, Amsterdam, 2001.

CHOR, Dora. et. Al. Medidas de Rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*,

Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 887-896, 2001.

CHRISTAKIS, Nikolas. *Connected: the surprising Power of our social networks and how they shape our lives*. New York, Little Brown Co, 2009.

CLAVAL, Paul. *Espaço e Poder*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

COHEN, Simone; CYNAMON, Szachna Elisaz et al. Habitação saudável no Programa Saúde da Família (PSF): uma estratégia para as políticas públicas de saúde e ambiente. *Ciência Saúde Coletiva*, v. 9, n. 3, p. 807-813, 2004.

COHN, Gabriel. Renovando os problemas nas ciências sociais. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Orgs). *O clássico e o Novo. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003.

COLEMAN, James S. Social Theory, Social Research and a Theory of Action. *The American Journal of Sociology*, v. 91, n. 06, p. 1309-1335, May 1986.

COLLBAUGH, Richard; GLASS, Kristin. Predictive analysis for Social Diffusion: The role of network communities. *Nonlinear Sciences*, v.1, Dec. 2009. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/0912.5242v1>>. Acesso em dez. 2011

COLLINS, Randall. On the Microfoundations of Macrosociology. *American Journal of Sociology*, v. 86, n. 5, p. 984-1014, Mar. 1981.

COLVERO, Luciana de Almeida; IDE, Cilene Aparecida Costardi; ROLIM, Marli Alves. Família e doença mental: a difícil convivência com a diferença. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 38, n. 2, p. 197-205, 2004.

COMISSÃO de Determinantes Sociais de Saúde. Rumo a um modelo conceitual para análise e ação sobre os determinantes

sociais de saúde. *Ensaio para apreciação da comissão de determinantes sociais de saúde*. Brasília, 05 de maio de 2005 (Rascunho).

COOK, K. S.; WHITMEYER, J. M. Two Approaches to social Structure: Exchange Theory and Network analysis. *Annu. Rev. Sociol.* n. 18, p. 109-27, 1992.

CORTES, Soraya Maria Vargas. Construindo a possibilidade da participação dos usuários. Conselhos e Conferências no sistema Único de Saúde. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 18-49, jan./jun. 2002.

COSTA, Albanita Gomes; LUDEMIR, Ana Berarda. Transtornos mentais comuns e apoio social: estudo em comunidade rural da zona da mata de Pernambuco, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 73-79, 2005.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface*. Comunic., Saúde, Educ., v. 9, n. 17, p. 235-48, mar./ago. 2005.

COSTENBADER, Elizabeth; VALENTE, Thomas. The Stability of centrality measures when networks are sampled. *Social networks*, v. 25, p. 283-307, 2003.

COYNE, Richard. The net effect: Design, the rhizome, and complex philosophy. *Futures*, v. 40, p. 552-561, 2008.

CROSS, Rob; BORGATTI, Stephen. *Relational Characteristics that facilitates Information Seeking*. University of Virginia, Vancouver, 2000. Disponível em: <<http://www.analytictech.com/borgatti/papers/tiesthatshare.pdf>>. Acesso em dez. 2012

CROSSLEY, Nick; PRELL, Christina; SCOTT, John. Social Network analysis: introduction to special edition. *Methodological Innovations online*, v. 4, p. 1-7, 2009.

CURRARINI, Sergio; JACKSON, Matheu. An Economic Model of Friendship: Homophily, Minorities, and Segregation. *Econometrica*, v. 77, n. 4, p. 1003-1045, jul. 2009.

- D'ARCY, François; BAENA DEL ALCAZAR, Mariano. *Décentralisation en France et en Espagne*. Paris, Economica, 1986.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Les réseaux sociaux. Une analyse structurale en Sociologie*. Paris, Armand Colin, 1994.
- DEGENNE, Alain; FORSÉ, Michel. *Introducing Social Networks*. London, Sage Publications, 1994.
- DeJORDY, Rich et. al. Visualizing Proximity Data. *Field Methods*, v. 19. n. 3, p. 239-263, Aug. 2007.
- DEKKER, Anthony H. A category-Theoretic Approach to Social Network Analysis. *Electronic Notes in Theoretical Computer Sciences*, n. 61, 2001. Disponível em: <<http://www.elsevier.nl/locate/entcs/volume61.html>>. Acesso em ?
- DE LAAT, Maarten F. Network and content analysis in an online community discourse. In: NETWORKED LEARNING CONFERENCE. *Sheffield*, UK, 26-28 Mar. 2002. University of Sheffield, 2002.
- DEL-BEM, Cristina M. et al. Políticas de Saúde Mental e mudanças na demanda de serviços de emergência. *Revista Saúde Pública*, v. 33, n. 5, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 1995.
- DEROCHE-GUERCEL, Lilyane. *Simmel et la Modernité*. Paris, PUF, 1997.
- DESVIAT, Manuel. *A Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.
- DIAS-DA-COSTA, Juvenal Soares et al. Desigualdades na realização do exame clínico de mama em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1603-1612, jul. 2007.
- DIESNER, Jana; CARLEY, Kathleen M. Revealing Social Structure from Texts: Meta-Matrix Text Analysis as a novel method for Network Text Analysis. *Causal Mapping for Information Systems and Technology Research: Approaches, Advances, and Illustrations*.

Harrisburg, PA, Idea Group Publishing, 2004.

DILTHEY, W. Introduction à l'Étude des Sciences Humaines. Paris, PUF, 1988.

DIMATTEO, Robin; HAYS, Ron. Social support and serious illness. In: GOTTLIEB, Benjamin H. (Edt.). *Social networks and social support*. London, Sage Studies in community mental health, 1981.

DONATI, Pierpaolo. *Teoria Relazionale della Società*. Milano, Francoangeli, 2008.

DONATI, Pierpaolo. *Manual de sociologia de la salud*. Madrid, Ediciones Dias de Santos, 1994.

DOREIAN, Patrick. Casuality in Social Network analysis. *Sociological Methods & Research*, v. 30, n. 01, p. 81-114, Aug. 2001.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: Quando o Campo é a cidade e o computador a rede. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan./jun. 2004.

D'ORSI, Eleonora; CARVALHO, Marília; CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Similarity between neonatal profile and socioeconomic index: a spatial approach. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 786-794, mai-jun, 2005.

DOWBOR, Ladislau. Governabilidade e descentralização. *Jornal Ciência Hoje*, n. 298, maio 1994.

DUARTE, Maria de Lourdes Custódio. *Avaliação da atenção aos familiares num centro de atenção psicossocial: uma abordagem qualitativa*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica). Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2007.

DUIJN, Marijtje; VERMUNT, Jeroen K. What is Special about

Social network analysis? *Methodology*, v. 2, n. 1, p. 2-6, 2006.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; KYRILLOS NETO, Fuad. Sobre a retórica da exclusão. A incidência do Discurso ideológico em serviços substitutivos de cuidado a psicóticos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 2, n. 11, p. 116-125, 2004.

DUPERTIUS, Leslee L.; ALDWIN, Carolyn; BOSSÉ, Raymond. Does the source of support matter for Different health outcomes? Findings from the normative aging study. *J Aging Health*, v. 13, n. 4, p. 494-510, Nov. 2001.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Porto, Livraria Presença, 2007.

DURKHEIM, Émile. *De la Division du Travail Social*. Paris, PUF, 1986.

DURKHEIM, Émile. La sociologia e il suo domínio científico. *Revista Italiana di Sociologia*, v. 4, p. 127-148, 1900.

DURKHEIM, Émile. La sociologia et son domaine scientifique. In: _____ Texts 1. *Eléments d'une théorie sociale*. Paris, Editions de Minuit, 1975.

EBEL, Holger; DAVIDSEN, Jörn; BORNHOLDT, Stefan. Dynamics of Social Networks. *Complexity*, v. 08, n. 02, 2003.

ECKENRODE, John; GORE, Susan. Stressful events and social support: the significance of context. In: GOTTLIEB, Benjamin H. (Ed.). *Social networks and social support*. London, Sage Studies in community mental health, 1981.

EDWARDS, Gemma. *Mixed-Method Approaches to Social Network Analysis*. Manchester, ESRC, National Centre for Research Methods Review, 2010.

EIDELWEIN, Carolina. *Ponto de Inversão possível: uma análise das práticas em saúde mental no centro de atenção psicossocial*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. *Instituições em análise*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2006.

ELIAS, Norbert . O processo civilizador: *Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. v. III.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: *Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994. v. I.

ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

ELLISON, N. B.; Steinfield, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook friends: Social capital and college students use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 12, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>>. Acesso em fevereiro 2012.

EME, Bernard. Les associations ou les tournants de l'ambivalence. In: LAVILLE, Jean Louis et al. *Association, démocratie et société civile*. Paris, La Découverte, 2001 (Bibliothèque du MAUSS).

EMIRBAYER, Mustafa. Manifest for a relational sociology. *The American Journal of Sociology*, v. 103, n. 2, p. 281-317 Sep. 1997.

EMIRBAYER, Mustafa. Network analysis, Culture and the Problem of Agency. *The American Sociological Review*, v. 99, p. 411-1454, May 1994.

EMIRBAYER, Mustafa; MISCHE, Ann. What is Agency? *The American Journal of Sociology*, v. 103, n. 04, p. 962-1023, Jan. 1998.

ENNET, Susan T.; BAUMAN, Karl E. Adolescent Social Networks: *Friendships Cliques, Social Isolates, and Drug Use Risk*. Disponível

em: <http://www.tanglewood.net/projects/teachertraining/Book_of_Readings/Ennett.pdf>. Acesso em 25 Ago. 2011.

ENNETT, S. T.; Bauman, K. E. Peer group structure and adolescent cigarette smoking: a social network analysis. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 34, p. 226-236, 1993.

ENNETT, S. T.; Bauman, K. E. The contribution of influence and selection to adolescent peer group homogeneity: the case of adolescent cigarette smoking. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 67, p. 653-663, 1994.

ESCHER, Tobias Where are your friends? *The geography of social networks*. Disponível em: <<http://people.oii.ox.ac.uk/escher/wp-content/uploads/2007/10/Escher%20poster%20Ann%20Arbour.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2011.

EVERETT, M. G. The Centrality of Groups and Classes. *Journal of Mathematical Sociology*, v. 23, n. 3, 1999.

EVERETT, Martin; BORGATTI, Stephen. Ego network betweenness. *Social Networks*, v. 27, p. 31-38, 2005.

FACEPE - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco. As Redes e a análise dos determinantes sociais como dispositivos de gestão e controle social para o PSF e o CAPS. *Relatório de Pesquisa*. Recife, 2009.

FALK, Gerhard. *Stigma: How we treat outsiders*. New York, Prometheus Book, 2001.

FERNANDES, Daniel Augusto. A cura da Loucura ou a Loucura da Cura. Psicanálise e o movimento antimanicomial. Disponível em: <<http://www.geocities.com/daftm/loucura.html>>. Acesso em 05 maio 2006.

FERNANDES, Paula T. et al. Formação de grupos como suporte Psicológico e Social na Epilepsia. *J. Epilepsy Clin. Neurophysio*, v. 10, n. 3, p. 171-174, 2004.

- FERREIRA, Jonatas. Da Vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo Moderno. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 44, pp. 103-117, 2000.
- FIELD, John. *Social Capital*. London, Routledge, 2003.
- FINFGELD-CONNETT. Clarification of Social support. *Journal of Nursing Scholarship*, v. 37, n. 1, p. 4-9, 2005.
- FINK, Paul Jay; TASMÁN, Allan. (Eds.) Stigma and mental illness. *American Psychiatric Publishing*, 1992.
- FONSECA, Cláudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e sociedade*, v. 14, n. 2, p. 50-59, 2005.
- FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda; PERRONE, Cláudia Maria. Rizomas da Reforma Psiquiátrica. Porto Alegre, Editora UFRGS, Editora Sulina, 2007.
- FONTES, B. A. S. M., EICHNER, Klaus. Sobre a Estruturação de Redes Sociais em Associações Voluntárias: Estudo empírico de Organizações Não Governamentais da cidade do Recife. *Sociedade e Estado*, v. 16, p. 186-221, 2002.
- FONTES, Breno Augusto; MARTINS, Paulo Henrique. Construindo o conceito de rede de vigilância em Saúde. In: _____ *Redes Sociais e Saúde*. Recife, Editora da UFPE, 2006.
- FONTES, B. A. S. M. Redes Sociais e enfrentamento Psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas. In: FONTES, Breno; DA FONTE, Eliane. (Orgs.). *Desinstitucionalização, Redes Sociais e Saúde Mental: Análise de experiências da Reforma Psiquiátrica em Angola, Brasil e Portugal*. Recife, UFPE, 2010.
- FONTES, Breno Augusto. La formation du capital social dans une communauté à faible revenu cellule. *GRIS*, n. 10 p. 191-208, 2004.
- FORNI, Pablo. *Las redes organizacionales y sus implicâncias em el desarrollo de las Organizaciones comunitárias de los Pobres y Excluídos: Estudos de Caso em el Gran Buenos Aires (1985-2000)*. Buenos

Aires, IDICSO, Universidad del Salvador, 2002.

FORSÉ, Michel. Rôle Spécifique et croissance Du capital social. *Revue de l'OFCE*, n. 76, janv. 2001.

FORTALEZA. Prefeitura da Cidade. Secretaria Municipal de Saúde. Convênio 14/25. *Relatório de Atividades do ano 2007*. Fortaleza, CE, 2007.

FORTES, Paulo Antônio de Carvalho. Ética, direitos dos usuários e políticas de humanização da atenção à saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 3, p. 30-35, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits, 1954-1975*. Paris, Gallimard, 2001. v. I

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – 3. O cuidado de Si*. São Paulo, Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – 1. A Vontade do Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos)

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. São Paulo, Forense Universitária, 2004.

FOWLER, James H.; CHRISTAKIS, Nicholas A. (2008) Dynamic spread of happiness in a large network: longitudinal analysis over 20 years in the Framingham Heart Study. *BJM* 2008; 337: a2338 doi: 10.1136/bjm.a238.

FRANK, Ove. Network Sampling and Model Fitting. In:

CARRINGTON, Peter J; SCOTT, John; WASSERMAN, Stanley (Orgs.). *Models and Methods in Social Network Analysis*. (Structural Analysis in the Social Sciences, 27). New York, Cambridge University Press, 2005.

FREEMAN, Linton C. *The development of social network analysis: A study in the sociology of science*. Vancouver - BC - Canada, Empirical Press, 2004.

FREITAS, Alexandre Simão. *Fundamentos para uma sociologia crítica da Formação Humana. Um estudo sobre o papel das redes associacionistas*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

FREITAS, Fernando Ferreira Pinto. A história da psiquiatria não contada por Foucault. *História. Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 75-91, jan-abr. 2004.

FREITAS, Paulo Fontoura et al. Desigualdade social nas taxas de cesariana em primíparas no Rio Grande do Sul. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 5, p. 761-7, 2005.

FREEMAN, Linton C. Some Antecedents of Social network analysis. *Connections*, n. 1, p. 39-42, 1996.

FREEMAN, Linton C. Computers Programs and Social Network Analysis. *Connections*, v. XI, n. 02, p. 26-31. Disponível em: <http://www.insna.org/PDF/Connections/v11/1988_I-2.pdf#page=26>. Acesso em 27 jun. 2011.

FREEMAN, Linton; ROEDER, Douglas; MULHOLLAND, Robert. Centrality in Social Networks: II Experimental results. *Social Networks*, v. 2, p. 26-31, 1979/80.

FREEMAN, Linton. Centrality in Social Networks: Conceptual clarification. *Social Networks*, v. 1, p. 215-239, 1978/79.

FREEMAN, Linton; BORGATTI, Stephen; WHITE, Douglas. Centrality in valued graphs: a measure of betweenness on

- network flow. *Social Networks*, v. 13, p. 141-153, 1991.
- FREY, Klaus. Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. *Rev. Sociol. Polit.*, n. 21, p. 165-185, 2003.
- FRICK, Dieter (Ed). *The quality of urban life*. Social, psychological and physical conditions. Berlin, Walter de Gruyter, 1986.
- FRIES, Christopher J. Bourdieu's Reflexive Sociology as a Theoretical Basis for Mixed Methods Research. *Journal of Methods Research*, v. 03, n. 4, p. 326-348, Oct. 2009.
- GADAMER, Hans-Georg. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis, Vozes, 2006.
- GADEMAR, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GANGAS, Spiros (2004). Axiological and normative dimensions in Gerog Simmel's philosophy and Sociology: a dialectical interpretation. *History of the Human Sciences*, vol. 17, n. 04, p. 17-44.
- GASSEN, Kurt; LANDMANN, Michael. (Herausgeber) *Buch des Dankes an Georg Simmel: Briefe, Erinnerungen, Bibliographie*. Zu seinem 100. Geburtstag am 1. März 1958 [Broschiert] Duncker & Humblot; Auflage: 2. Aufl. (1993).
- GALASKIEWICZ, Joseph. *Advances in social network analysis*. London, Sage Publications, 1994.
- GENARD, Jean-Louis. *Ressources et limites des réseaux*. [s/d]. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cocof.irisnet.be%2Fsite%2Fcommon%2Ffilesmanager%2Fsante%2Fresauxsante%2Fjean_louis_genard%2F&ei=FdBtT6vgEpHCgAe-lrRs&usg=AFQjCNG7qnIg3G_prwGWYzrCwzVJDuBDbg&sig2=IYZPucCz-EUVQ8gC87Ydug>. Acesso em 15 jul. 2007.
- GIORDANO, Christian. Studying network analysis. On the utility of a notion. [s/d]. Disponível em: <<http://www.foruminst>

sk/publ/nostratempora/8/nostratempora8_giordano.pdf>. Acesso em fev. 2012.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva, 1996.

GOFFMAN, Erving. The moral career of the mental patient. In: SPITZER, Stehan et al. The mental patient. Studies in the sociology of deviance. New York, McGraw-Hill, 1968.

GOLDBECK, Jennifer; HENDLER, James. Reputation Network Analysis for Email Filtering. Disponível em: <<http://www.mindswap.org/papers/Trust.pdf>>. Acesso em 11 jul. 2011.

GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa. (Orgs.) O clássico e o Novo. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003.

GOLDING, Jacqueline; WELLS, Keneth B. Social Support and use of mental Health Services by Mexican Americans and non Hispanic Whites. Basic and Applied Social Psychology, v. 1, n. 4, p. 443-458, 1990.

GOLDSTEIN, Jackie. An International Perspective: the Geel story. Presented at Eighth annual Association of County Behavioral Health Directors. Milwaukee, WI, 2003.

GOMES, Fábio Augusto Reis; ARAUJO JR., Ari Francisco; SALVATO, Márcio Antônio. Mortalidade Infantil no Brasil no Sudeste: Determinantes e Perspectivas para o Futuro. Belo Horizonte, Instituto de Desenvolvimento Humano Sustentável, PUC - Minas, 2006. (mimeo)

GONZÁLEZ, ROBERTO Herranz. Georg Simmel y la Sociología Económica: el mercado, las formas sociales y el análisis estratégico. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Departamento de Sociologia, papers 87, p. 269-286, 2008.

GOTTLIEB, Benjamim H. Assessing and Strenghtening the impact of Social Support on Mental Health. Social Work, p. 293-300, July-Aug., 1985.

GOTTLIEB, Benjamin H. (Edt.). Social networks and social support. London, 1981. (Sage Studies in community mental health, 4)

GOTTLIEB, Benjamin. Social networks and social support in community mental health. In: _____. (Edt.) Social networks and social support. London, 1981. (Sage Studies in community mental health, 4).

GOUDBOUT, Jacques. L'esprit du don. Paris, Ed. La Découverte, 1992.

GOULDNER, Alvin W; MILLER, S. M. Applied sociology opportunities and problems. New York, The Free Press, 1965.

GRANOVETTER, Mark. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. American Journal of Sociology, v. 91, p. 481-510, Nov. 1985.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of weak Ties. American Journal of Sociology, v. 78, 1973.

GRIEP, Rosane Harter. Confiabilidade e Validade de Instrumentos de Medida de Rede Social e de apoio social utilizados no Estudo Pró-Saúde. Tese (Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2003.

GULJOR, Ana Paula; SILVA JUNIOR, Aluísio Gomes; MATTOS, Ruben Araújo. Desinstitucionalização da Saúde mental: Contribuições para estudos avaliativos. Rio de Janeiro, CEPESC -IMS/ UERJ - ABRASCO, 2007.

HABERMAS, Jürgen. Raison et légitimité. Problèmes de légitimation dans le capitalisme avancé. Paris, Payot, 1978.

HABERMAS, Jürgen. The inclusion of the Other. Studies in Political Theory. Cambridge, MA the MIT Press, 1999.

HABERMAS, Jürgen. (2010) Simmel als Zeitdiagnostiker. In: Simmel, Georg. Philosophische Kultur. Frankfurt am Main, Zweitausendeins.

HAESBAERT, Rogério. O mito da Desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade. São Paulo, Bertrand Brasil, 2004.

HAINES, Valerie A.; BEGGS, John J.; HURLBERT, Jeanne S. Exploring the structural contexts of the support process: social networks, social statuses, social support, and psychological distress. In: LEVY, Judith A.; PESCO SOLIDO, Bernice A. (Eds.) *Social Networks and Health. Advances in Medical Sociology*, v. 8, Emerald Group Publishing Limited, p. 269-292, 2002.

HAINES, Valerie. Social network analysis, structuration theory and the holism-individualism debate. *Social Network*, v. 10, p. 157-182, 1988.

HAMPTON, Keith. *Grieving for a Lost network. Collective Action in a Wired Suburb*. Cambridge, MA, MIT, Department of Urban Studies and Planning, 2000.

HAMPTON, Keith. *Living the Wired in The Wired Suburb: Netville, Glocalization and Civil Society*. A thesis submitted in conformity with the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, Graduate Department of Sociology University of Toronto, 2001.

HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Long Distance Community in the Network Society. *American Behavioral Scientist*, v. 45, n. 3, p. 477-496, Nov. 2001.

HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Examining Community in the Digital Neighbourhood: early Results from Canada's Wired Suburb. In: ISHIDA, Toru. and ISBISTER, Katherine. (Edts.) *Digital Cities Technologies: experiences and future perspectives*. Berlin Springer-Verlag, 2000.

HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Neighboring in Netville. How the Internet Supports Community and Social Capital in a Wired Suburb. *City and Community*, v. 2, n. 3, 2003.

HAMPTON, Keith; WELLMAN, Barry. Netville On-line and Off-Line. Observing and Surveying a Wired Suburb. *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, p. 475-492, Nov. 1999.

HANNEMAN, Introduction to Social Network Methods. [s/d] Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>

Introduction_to_Social_Network_Methods.pdf>. Acesso em 07 jul. 2011.

HARVEY, David. The condition of postmodernity. Oxford, Blackwell, 1990.

HÄUSSLIG, Roger. Relationale soziologie. In: STEGBAUER, Christian; HÄUSSLING (Hrsg). Handbuch Netzwerkforschung. VS Verlag, Wiesbaden 2010, pp. 63-89.

HECTHCER, Michael. Principles of group solidarity. Berkely and LA, CA, University of California Press, 1987.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007. v. I.

HESPANHA, Pedro. The deinstitutionalization of mental patients. The role of social networks in health care. Research Project. Portugal, University of Coimbra, 2007.

HILLMAN, Alison. Human rights and deinstitutionalization: a success story in the Americas. Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health, v. 18, n. 4-5, p. 374-379, 2005.

HOBBS, T. Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e Civil. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

HODGKING, Suzanne. A Story of Women's Social Capital Using a Mixed Methods Approach. Journal of Mixed Methods Research, v. 2, n. 4, p. 296-316, Oct. 2008.

HOLLSTEIN, Bettina. Strukturen, Akteure, Wechselwirkungen, Georg Simmels Beiträge zur Netzwerkforschung. In: STEGBAUER, Christian. Netzwerkanalyse und Netzwerktheorie. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.

HOLLSTEIN, Bettina; STRAUSS, Florian. (Hrsg.) Qualitative Netzwerkanalyse. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.

HOLLSTEIN, Bettina. Qualitative Methoden un Mixed-Method-Designs. In: STEGBAUER, Christian; HÄUSSLING, Roger. (Org.) Handbuch Netzwerkforschung. Wiesbaden, VS-Verlag, 2010.

HOLTON, Robert. Global Networks. London, Palgrave, 2008.

HOLZER, Boris. *Netzwerke*. Bielefeld, Transcript Verlag, 2006.

HOMANS, Georg. *The Human Group*. London, Routledge & Kegan Paul, 1950.

HONG, Iyong. *Social Network Analysis of Familiar Landmarks in Regional Community: Case Study with University at Buffalo Community Residents*. *Gitae*, v. 1, p. 89-102, 2007. Disponível em: <<http://www.gitae.org/pdf/snaComm.pdf>>. Acesso em fev. 2012.

HOWARD, Louise; LEESE, Morven; THORNICROFT, Graham. *Social networks and functional status in patients with psychosis*. *Acta psychiatrica Scandinavica*, v. 102, n. 5, p. 376-385, Nov. 2000.

HSU, William H. et al. *Collaborative and Structural Recommendation of Friends using Weblog-based Social Network Analysis*. 2006. Disponível em: <<http://www.aaai.org/Papers/Symposia/Spring/2006/SS-06-03/SS06-03-012.pdf>>. Acesso em jan. 2012.

HUISMAN, Mark. *Software for Social Network Analysis*. In: CARIGTON, Peter J.; WASSERMAN, Stanley. *Models and Methods in Social Network Analysis*. New York, Cambridge University Press, 2005.

HUISMAN, Mark; STEGLICH, Christian. *Treatment of Non-Response in Longitudinal Networks Studies*. *Social Networks*, v. 30, p. 297-308, 2008.

HULST, Renée C. van der. *Introduction to Social Network Analysis (SNA) as an investigative tool*. *Trends in Organized Crime*, v. 12, n. 2, p. 101-121, 2009.

ISHITANI, Lenice Harumi et al. *Desigualdade social e mortalidade precoce por doenças cardiovasculares no Brasil*. *Rev. Saúde Pública*, v. 40, n. 4, p. 684-91, 2006.

JAMAL, Shah; MEYER, Ruth. *Analyzing Dynamic Friendship Networks using Subgraph Characteristics*. Disponível em: <<http://cfpm.org/~shah/pub/subgraph-analysis-sja-rm.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2011.

- JANKÉLÉVITCH, Vladmir (1988). Introduction. In: Simmel, Georg (1988) *La tragédie de la Culture et autres essais*. Paris, Editions Rivages.
- JANSEN, Dorothea. *Einführung in die Netzwerkanalyse. Grundlagen, Methoden, Forschungsbeispiele*. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.
- JOHNSON, Timothy. Mental health, social relations, and social selection: a longitudinal analysis. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 32, p. 408-423, 1991.
- JORGE, Marcos Aurélio Soares. *Engenho dentro de casa: Sobre a construção de um serviço de atenção básica em saúde mental*. Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ/ENSP, 1997.
- JOSSIAS, Elísio. Autoridades locais em Moçambique: dinâmicas e Processos de sua articulação. In: CONGRESSO LUSOAFRO-BRASILEIRO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Coimbra. Atas... Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/LAB2004>>. Acesso em 07 jul. 2009.
- JULIANI, Carmen Maria Casquei Monti; CIAPONI, Maria Helena Trench. Organização do Sistema de Referência e Contra Referência no Contexto do Sistema Único de Saúde: a percepção do enfermeiro. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 33, n. 4, p. 323-33, dez. 1999.
- KADUSHIN, Charles. Who benefits from network analysis: ethics of social network research. *Social Networks*, v. 27, p. 139-153, 2005.
- KADUSHIN, Charles. *Understanding social networks: Theories, concepts and findings*. New York, Oxford University Press, 2012.
- KANT, E. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- KHALILI, Nazanin; WOOD, Jo; DYKES, J. Mapping the Geography of Social networks. Disponível em: <<http://www.gicentre.org/papers/gisruk09/socialNet.pdf>> Acesso em 12 jul. 2011.
- KAVANAUGH, Andrea. The Impact of Computer Networking on Community: a Social Network Analysis Approach. [Paper presented at Telecommunications Policy Research Conference

September 27-29] 1999. Disponível em: <<http://www.bev.net/sites/default/files/researchDocs/TPRC.UserStudy.Kavanagh.pdf>>. Acesso em jan. 2012

KAWACHI, Ichiro; BERKMAN, Lisa F. Social Ties ad Mental Health. *Journal of Urban health. Bulletin of the New York Academy of Medicine*, v. 78, n. 03, Sep. 2001.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão. A atualidade das depressões. São Paulo, Boitempo Editorial, 2009.

KIM, yong-Mi. A preliminar Social network analysis of Impact. School of Information. Michigan, University of Michigan, MI, 2007. Disponível em: <http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/2027.42/61331/1/1450440379_ft.pdf>. Acesso em 27 jun. 2011.

KNOKE, David. *Social Theory Analysis & Methods*. Thousand Oaks, Sage Edts, 2008.

KODA, Mirna Yamazato; FERNANDEZ, Maria Inês Assumpção. A reforma psiquiátrica e a constituição de práticas substitutivas em saúde mental: uma leitura institucional sobre a experiência de um núcleo de atenção psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1455-1461, jun. 2007.

KOENEN, Johannes; REIK, Steven. Individual (ir)rationality? An empirical analysis of behavior in an emerging social online-network. 2009. Disponível em: <<http://ftp.zew.de/pub/zew-docs/veranstaltungen/ICT2009/papers/Koenen.pdf>>. Acesso em jan. 2012.

KOKU, Emanuel; NAZER, Nancy; WELLMAN, Barry. Netting Scholars: online and offline. *American Behavioral Scientist*, v. 44, p. 1752-1774, Feb. 2001.

K'ONO, Norio. A Formal Theory of Triads Based on Non-Cooperative Games. [Paper presented in the 41st Conference of the Japanese Association for Mathematical Sociology]. Tokyo, University of Tokyo, 2006.

KOSCHADE, Stuart. A Social Network Analysis of aum Shin-

- rikyo: Understanding Terrorism in Australia. [Paper presented to the Social Change in the 21st Century Conference] Centre for Social Change Research, Queensland University of Technology. 28 Oct. 2005. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/3496/1/3496.pdf>>. Acesso em março 2012.
- KOSHINEN, Johan H.; SNIJDERS, Tom. Bayesian inference for dynamic social network data. *Journal of Statistical Planning and Inference*, v. 137, p. 3930-2938, 2007.
- LATOURE, Bruno. On Recalling ANT. In: LAW, John; HASSARD, John. (Edts.) *Actor Network theory and after*. Oxford, Blackwell Publishing, 2005.
- LAVILLE, Jean-Louis. *L'économie solidaire. Une perspective internationale*. Paris, Desclée de Brouwer, 1994.
- LAW, John; HASSARD, John. (Edts.) *Actor Network theory and after*. Oxford Blackwell Publishing, 2005.
- LAZEGA, E. *Réseaux sociaux et structures relationnelles*. Paris, Presses Universitaires de France, 1998. ("Que Sais-Je" Collection, n. 3399).
- LEAL, M. C.; GAMA, S. G. N.; CUNHA, C. B. Desigualdades sócio-demográficas e suas consequências sobre o peso do recém-nascido. *Rev. Saúde Pública*, v. 40, n. 3, p. 466-73, 2006.
- LEAL, Maria do Carmo et al. Estilos de vida saudáveis e acesso aos exames periódicos de saúde entre as mulheres brasileiras. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21 Sup: S78-S88, 2005.
- LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana Granado Nogueira; CUNHA, Cynhtia Braga. Desigualdades raciais, sócio-demográficas e na assistência ao pré-natal e ao parto: 1999-2001. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 1, p. 100-7, 2005.
- LEDEVENA, Alena. Blat Exchange: Between Gift and Commodity. *Cambridge Anthropology*, v. 19, n.3, p. 43-66, 1996/7.
- LEE, Nick; BROWN, Steve. Otherness and the Actor network: the undiscovered continent. *American behavioral Scientist*, v. 36, p. 772-790, 1994.

LEGEWIE, Heiner; WIEDERMANN, Peter M. Part E: Mental Health – Introduction. In: FRICK, Dieter (Ed.). *The quality of urban life. Social, psychological and physical conditions.* Berlin, Walter de Gruyter, 1986.

LEMIEUX, V. *Réseaux d'Acteurs Sociaux.* Paris, Presses Universitaires de France, 1999.

LEONARD, Ana Sierra; MEHRA, Ajay; KATERBERG, Ralph. The Social Identity and Social Networks of Ethnic Minority Groups in Organizations: A critical Test of Distinctiveness theory. *Journal of Organizational Behavior*, v. 29, n. 5, p. 573-589, July 2008.

LEVINE, Joel; MULLINS, Nicholas. Structuralist analysis of data in sociology. *Connections*, v. 1, p. 16-23, 1978.

LEVY, Flávia Mauad; MATOS, Patrícia Elizabeth de Souza; TOMITA, Nilce Emy. Programa de Agentes comunitários de saúde: a percepção de usuários e trabalhadores de saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 197-203, 2004.

LEVY, Judith; PRESCOSOLIDO Bernice. (Edts.) *Social Networks and Health.* (Advances in Medical Sociology volume 08) Boston, 2002.

LEWIS, Kevin; KAUFMAN, Jason; GONZALEZ, Marco; WIMMER, Andreas; CHRISTAKIS, Nicholas. Tastes, ties, and time: A new social network dataset using Facebook.com. *Social Networks*, v. 30, p. 330-342, 2008.

LIBEN-NOWELL, David. *An Algorithmic Approach to Social Networks.* [Submitted to the Department of Electrical Engineering and Computer Science on May 2005, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Computer Science at the Massachusetts Institute of Technology] Cambridge, MA, 2005.

LILJENBERG, Anders. The Austrian Tertius Gaudens: A revisit of Competition Theory in Light of Georg Simmel. *The Review of Austrian Economics*, 18: 2, p. 195-218, 2005.

LIMA, Paulo José Tavares. Solidariedade: desconstruindo estigmas e produzindo inserção social para portadores de transtornos mentais: das experiências comunitárias da cidade de Gheel (Bélgica) às casas-lar da comunidade terapêutica emocy Krause (COMEK) em Jaboatão dos Guararapes-PE. In: FONTES, Breno Augusto Souto-Maior; MARTINS, Paulo Henrique. (Orgs.) Redes, práticas associativas e gestão pública. Recife, Editora da UFPE, 2006.

LOUCH, Hugh. Personal network integration: transitivity and homophily in strong-tie relations. *Social Networks*, v. 22, n. 1, p. 45-64, May 2000.

LOVELL, Stephen; LEDEVENA, Alena; ROGACHEVIKII, Andrei. (Edts.) Bribery and Blat in Russia: negotiating Reciprocity from the middle ages to the 1990s, London, St Martin's Press, 2000

LUCHESE, Patrícia T. R. Equidade na gestão descentralizada do SUS: desafios para a redução da desigualdade em saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 2, p. 439-448, 2003.

LUCKÁCS, Georg. Posfácio à memória de G. Simmel. In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, p. 201-210, 1993.

LUCZKOVICH, Joseph et al. Defining and Measuring Thopfic role similarity in Food Values Using Regular equivalence. *J.Theor. Biol*, v. 220, p. 303-321, 2003.

MACHADO, Jorge Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, jul./dez. 2007.

MACHADO, Vanessa; MANÇO, Amábile Rodrigues Xavier; DOS SANTOS, Manoel Antônio. A recusa à desospitalização psiquiátrica: um estudo qualitativo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1472-1479, set-out, 2005.

MACPHERSON, C.B. *A democracia liberal - Origens e evolução*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978

MAGALHÃES, Rosana; SENNA, Mônica de Castro Maia. A Implementação do Programa Saúde Família no Cenário Local. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2549-2559, dez. 2006.

MAIA, Rousiley. Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. 2001. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fac/comunicacaoeopolitica/Rousiley2001.pdf>>. Acesso em fevereiro 2012.

MANGIA, Elisabete Ferreira. Redes Sociais e construção de projetos terapêuticos: um estudo em serviço substitutivo em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 18, n. 2, p. 54-62, maio/ago. 2007.

MARSDEN Peter. Measuring Tie Strength. *Social Forces*, v. 63, n. 2, p. 482-501, Dec. 1984.

MARSDEN, Peter V. Network Data and Measurement. *Annu. Rev. Sociol.*, v. 16, p. 435-63, 1990.

MARSDEN, Peter. Network Diversity, Substructures, and Opportunities for Contact. In: CALHOUM, Craig; MEYER, Marshall W.; SCOTT, W. Richard. *Structures Of Power and Constraint*. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 2009 [1990].

MARSDEN, Peter; LIN, Nan. *Social Structure and Network Analysis*. Beverly Hills, Sage, 1982.

MARQUES, Rosa Maria; MENDES, Áquilas. Atenção básica e Programa de Saúde da Família (PSF): novos rumos para a Política de Saúde e seu financiamento. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 2, p. 403-415, 2003.

MARTÍ, Jordi Bonet i. La vulnerabilidad relacional: análisis del fenómeno y pautas de intervencion. *Redes. Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, Universidad Autonoma de Barcelona, v. 11, n. Dic. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=93101104>>. Acesso em fevereiro 2012.

MARTIN, John Levi. *Social Structures*. Princenton, NJ, Princenton University Press, 2009.

MARTINEZ, N. D. Constant connectance in community food webs. *Am. Nat.*, v. 139, 1208-1218, 1992.

MASSOLO, Alejandra. Em direção às bases: descentralização e município. In: Espaço e Debates. (Revista de Estudos regionais e Urbanos) Poder Local: convergência entre estruturas, forças e agentes. São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, p. 40-54, 1988.

MATSUKURA, Thelma; MARTURANO, Edna; OISHI, Jorge. O questionário de suporte social (SSQ): Estudos da adaptação para o português. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v. 10, n. 5, p. 675-81, 2002.

MATTAR, Maria Eduarda. Mais reforma em mente. In: *La insignia*, 10 out. 2004.

MAUSS, Marcel. *The Gift: Forms and functions of Exchange in Archaic societies*. London, Routledge, 2003

MAZZONI; Elvis. *La Social Network Analysis a supporto delle interazioni nelle comunità virtuali per la costruzione di conoscenza*. TD 35 n. 2, 2005.

MAYO, Elton. *The Human Problems of Industrial Civilization*. New York, McGraw Hill Book Company, 1933.

McCARTY, Christopher; BERNARD, Russel. *Social network analysis*. *Encyclopedia of Community*. Sage Publications, 2003. Disponível em: <http://www.sage.e-reference.com/Article_n463.html>. Acesso em 6 abr. 2010

McCARTY, Christopher. *Structure in Personal network*. University of Florida, Bureau of Economic and Business Research [s/d]. Disponível em: <http://www.bebr.ufl.edu/sites/default/files/Structure_persona_networks_0.pdf>. Acesso em janeiro 2012.

McCORD, Edward. *Structural-Functionalism and the Network idea: Towards an Integrated Methodology*. *Social networks*, v. 2, p. 71-383, 1980.

McDONALD, Barb et al. *Breaking down learner isolation: How*

social network analysis informs design and facilitation for online learning. Network Analyzers. AERA, Montreal, April, 2005.

McPHERSON, Miller. A Baseline Dynamic Model for Egone-tworks. American Behavioral Scientist. May 8, 2009.

McPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn; COOK, James. Birds of a Feather: Homophily in Social Networks. JSTOR Annual Review of Sociology, v. 7, p. 415-444, 2001.

MEDEIROS, Marcelo. A importância de se conhecer melhor as famílias para a elaboração de políticas sociais na América Latina. Planejamento e Políticas Públicas, n. 22, dez. 2000 (IPEA).

MEHRA, Ajay; KILDUF, Martin. At the margins: a distinctiveness approach to the social identity and social networks of underrepresented groups. Academy of Management Journal, v. 41, n. 4, p. 441-452, 1998.

MELO, Danielle Duarte Gomes. Transtorno mental e sobrecarga familiar: a prática do cuidado ao portador de transtorno mental no cotidiano da família. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MELUCCI, Alberto. Challenging codes: collective action in the information age. New York, Cambridge University Press, 1996.

MENDES, E. V. et al. Território: conceitos-chave. In: _____. Distrito Sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo, HUCITEC; Rio de Janeiro, ABRASCO, 1993.

MERCKLÉ, Pierre. Les Réseaux Sociaux: Les origines de l'analyse des réseaux sociaux. Paris, CNED/ens-ish 2003-2004.

MERCKLÉ, Pierre. Sociologie des Réseaux Sociaux. Paris: la Découverte, 2004.

MERTON, Robert K. Sociologia: Teoria e Estrutura. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1968.

METER, Karl M. van. The Development of social network analysis in the French-speaking world. Social Networks, n. 27, p. 275-282, 2005.

- MILGRAM, Stanley. The small world problem. *Psychology Today*, v. 1, n. 1, p. 61-67, May. 1967.
- MIZRUCHI, Mark S. *Network Theory*. Encyclopedia of Social Theory. Sage Publications, 2004. Disponível em: <http://sage-reference.com/socialtheory/article_n205.html> Acesso em 23 Apr. 2010.
- MIZRUCHI, Mark S. Social network analysis recent achievements and current controversies. *Acta Sociologica*, v. 37, p. 329-343, 1994.
- MLODINOW, Leonard. O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2009.
- MOEBIUS, Stephan. (2002) *Simmel Lesen Moderne, Dekonstruktive und Postmoderne Lektüren der Soziologie von Georg Simmel*. Stuttgart, Ibidem-Verlag.
- MOLINA, Jose Luis. El análisis de redes sociales: Una introducción. Edicions Bellaterra, Barcelona, 2000.
- MOLINA, Jose Luis; RUIZ, Alejandro. Localizando geográficamente las redes personales. In: *Redes - Revista Hispana para El análisis de redes sociales*, v. 8, n. 5, jun./jul. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em janeiro 2012.
- MOLINA, Jose Luis. La ciencia de las redes. *Apuntes de Ciencia y Tecnología*, n. 11, jun. 2004.
- MOLINA, Jose Luis; LAURA, Teves; ISIDORO, Maya Jariego. El análisis de redes em Iberoamérica: una agenda de investigación. *Redes. Revista Hispana para El análisis de redes sociales*, v. 6, n. 1, jun./jul. 2004. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em janeiro 2012.
- MOLINA, Jose Luis et al. *Talleres de autoformación con programas informáticos de análisis de redes sociales*. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions Bellaterra, 2006.
- MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovan. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodoló-

gicas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 898-906, maio-jun. 2005.

MONTEIRO, Ana Ruth Macedo; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. A família e o doente mental usuário do hospital-dia: estudo de caso. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 20-26, 2000.

MONTESQUIEU, C. L. *O espírito das Leis*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

MOODY, J. Race, school integration, and friendship segregation in America. *Am. J. Sociol.*, 107, p. 679-716, 2001.

MORAES, Denis. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XXIII, n. 2, jul./dez. 2000.

MORENO, Vânia; ALENCASTRE, Márcia Bucchi. A trajetória da família do portador de sofrimento psíquico. *Rev. Esc. Emferm. USP*, v. 37, n. 2, p. 43-50, 2003.

MORRISON, Elizabeth Wolfe. Newcomes relationships: the role of social network ties during socialization. *Academic of Management Journal*, v. 45, n. 06, p. 1149-1160, Dez. 2002.

MOSTAZO, Rubiane Rodrigues; KIRSCHBAUM, Débora Isane Ratner. Usuários de um centro de atenção psicossocial: um estudo de suas representações sociais acerca de tratamento psiquiátrico. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 11, n. 6, p. 786-91, 2003.

MOWBRAY, Carol et al. Living Arrangements and social support: effects on the well-being of mothers with mental illness. *Social Work Research*, v. 29, n. 01, p. 41-55, Mar. 2005.

MUCHA, Janusz. The concept of Social Relations in classic analytical interpretative sociology. Weber and Znaniecki. *Research Networks*, n. 21, Social - Theory. Murcia, Spain, September, 2003. [6th ESA - European Sociological Association Conference]. Disponível em: <http://www.um.es/ESA/papers/Rn21_26.pdf>. Acesso em janeiro 2012.

MUCHA, et al. Community Structure in Time-Dependent, Multiscale, and Multiplex Networks. *Science*, v. 328, n. 5980, p. 876-878, May 2010.

MÜLLER, Christoph; WELLMAN, Barry; MARIN, Alexandra. How to use SPSS to study Ego-Centered Networks. *Bulletin de Méthodologies Sociologiques - BMS*, n. 64, p. 83-100, 1999.

MURAMOTO, Melissa Tiekko. A sustentabilidade da vida cotidiana: um estudo das redes sociais de usuários do serviço de saúde mental no município de Santo André. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Ciências. Faculdade de medicina, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2008.

MURRAY, Brian; MOORE, Alvin. Sizing the Internet. *Cyveillance*, Jul. 2000. Disponível em: <http://www.cs.toronto.edu/~leehyun/papers/Sizing_the_Internet.pdf>. Acesso em janeiro 2012.

MYERS, Jerome. The study of mental illness. In: GOULDNER, Alvin W.; MILLER, S. M. *Applied sociology opportunities and problems*. New York, The Free Press, 1965.

NAMPOORI, V. P. The Konigsberg Bridge Problem. Disponível em: <<http://dspace.cusat.ac.in/dspace/bitstream/123456789/1495/1/konigsberg.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2011.

NESCON - Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva. Relatório Final de Pesquisa Promoção de Saúde na Atenção Básica no Brasil. Contrato OPAS: BR/CNT/0500054.001 Projeto, FUNDEP 8966-OPAS/FM/NESCON/Estudos de Caso. Faculdade de Medicina, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

NEVES, Gleisi H. Descentralização territorial nos municípios: critérios e cuidados. *Revista de Administração municipal*, XXXIV(183), abr-jun 1987, pp. 36-47

NEWMAN, M. E. The structure and function of complex networks. Disponível em: <<http://www-personal.umich.edu/~mejn/courses/2004/cscs535/review.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2011.

NEWMAN, M. E. J. *Networks. An Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2011.

NISBET, Robert. The contribution of Georg Simmel. *American Sociological Review*, v. 24, n. 04, p. 479-481, Aug. 1959.

NOOY, Wouter; MRVAR, Andrej; BATAGELJ, Vladimir. *Exploratory Social network Analysis with Pajek. Structural Analysis in The Social Sciences*, n. 27. New York, Cambridge University Press, 2005.

NORRIS, Pippa. The bridging and bonding role of online communities. *Press-Politics Editorial*, v. 7, n. 3, 2002.

NUNES, Everardo Duarte. *Ciências Sociais e Saúde: um panorama geral*. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa. (Orgs.) *O clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003.

NUNES, Mônica; JUCÁ, Vlândia Jamilde; VALENTIM, Carla Pedra Branca. Ações de saúde mental no Programa Saúde da Família: confluências e dissonâncias das práticas com os princípios das reformas psiquiátrica e sanitária. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2375-2384, out. 2007.

OFFE, Klaus. *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984

OLIVEIRA, Francisco J. Arsego. *Concepções de doença: o que os serviços de saúde têm a ver com isto?* In: DUARTE, Luiz Fernando. *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1998.

OLIVEIRA; Francisco Maria Cavalcanti. *Dinâmica Global e dinâmica Local: tensões e contradições*. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa. (Orgs.) *O clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003.

PADGETT, John; ANSELL, Christopher. Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434. *The American Journal of Sociology*, v. 98, n. 6, p. 1259-1319, May 1993.

PAN, Long. Effective and Efficient Methodologies for Social Network Analysis. Dissertation. Faculty of the Virginia Polytechnic, Institute and State University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Computer Science and Applications. Blacksburg, Virginia Polytechnic Institute and State University, 2007.

PAPACHRISTOS, Andrew. Social Network Analysis and Gang Research: Theory and methods. P1: FAW/SPH P2: FAW RL-BO023-Short, n. 20, p. 20-55, Jan. 2006. Disp. http://www.papachristos.org/Publications_2_files/Papachristos_networkchapter.pdf>. Acesso em janeiro 2012.

PARK, Han Woo. Hyperlink Network Analysis: A new Method for the Study of Social Structure on the Web. *Connections*, n. 1, p. 49-61, 2003.

PARROCHIA, Daniel. Quelques aspects historiques de la notion de réseau. *Flux*, n. 62, p. 10-20, Déc-Oct. 2005.

PEDROSA, José Ivo dos Santos; TELES, João Batista Mendes. Consenso e diferenças em equipes do Programa Saúde da Família. *Revista Saúde Pública*, v. 35, n. 3, p. 303-11, 2001.

PELLEGRINO FILHO, Alberto. Compromisso com a ação. Secretaria Técnica da Comissão Nacional sobre os determinantes sociais da saúde (CNDSS). Disponível em: <<http://www.determinantes.fiocruz.br/compromissoscomacao.htm>>. Acesso em 05 dez. 2007.

PEÑA, Roser Fernandes. Redes Sociales, apoyo social y salud. *Periferia*, n. 03, Dez. 2003 Disp. <http://antropologia.uab.es/Periferia/english/number3/periferia_3_3.pdf>. Acesso em janeiro 2012.

PEREIRA, Maria Alice Ornellas; PEREIRA Jr., Alfredo. Transtorno mental: dificuldades enfrentadas pela família. *Rev. Esc. Enfermagem, USP*, v. 374, n. 4, p. 92-100, 2003.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; BARCELLOS, Christovan. O território no programa Saúde da Família. *Hygea*, v. 2, n. 2, p. 47-55, jun. 2006.

PERRONE, Cláudia. A morada por vir: anotações de um diário de bordo para sair das prisões do possível. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda; PERRONE, Cláudia Maria. *Rizomas da Reforma Psiquiátrica*. Porto Alegre, Editora UFRGS; Editora Sulina, 2007.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação em tempo de redes. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. (Orgs.) *Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?* Porto Alegre, Editora Unisinos, 2002.

PESCOSOLIDO, Bernice A. The sociology of Social Networks. *Century Sociology*, 21. SAGE Publications, 2006. Disponível em: <http://www.sage-ereference.com.sociology/article_n20.html>. Acesso em 23 abr. 2010

PRECOSOLIDO, Bernice A.; RUBIN, Beth. The web of group affiliation revisited: social life, postmodernism, and sociology. *American Sociological Review*, v. 5, p. 52-76, Feb. 2000.

PESCOSOLIDO, Bernice; LEVY, Judith. The role of social networks in health, illness, disease and healing. The accepting present, the forgotten past, and the dangerous potential for a complacent future. In: LEVY, Judith; PESCOSOLIDO, Bernice. (Edts.) *A Social Networks and Health. Advances in Medical Sociology*, v. 08, p. 3-25, Boston, 2002.

PESSOTO, Umberto Catarino; NASCIMENTO, Paulo Roberto; HEIMANN, Luisa Sterman. A gestão semiplena e a participação popular na administração da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, jan./fev. 2001.

PEURSEN, C. A. *Phänomenologie und analytische Philosophie*. Stuttgart Kohlhammer, 1969.

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.

PINHEIRO, Roseni et al. (Orgs.) Desinstitucionalização da saúde mental: contribuição para estudos avaliativos. Rio de Janeiro, CEPESC, IMS/LAPPIS, ABRASCO, 2007. (Série Saúde participativa).

PIRELLA, Agostino. The reform of health and Psychiatric services in relation to the quality of urban life. Experiences in the region of Piedmont and in the city of Turin. In: FRICK, Dieter. (Ed.) The quality of urban life. Social, psychological and physical conditions. Berlin, Walter de Gruyter, 1986.

PLANT, Emily Jane. An empirical analysis of reputational effects and network centrality in a multi-agency context. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements of the degree of Doctor of Philosophy in the College of Business and Economics at the University of Kentucky. Lexington, KY, 2010.

POSNER, Eric A; SPIER, Kathryn; VERMEULE, Adrian. Divide and Conquer. Discussion Paper n. 639. Harvard Law School, 2009. Disponível em: <http://www.law.harvard.edu/programs/onlin_center/>. Acesso em janeiro 2012.

POUCKE, Willy V. Network constraints on social action: preliminaries for a network theory. Social networks, n. 2, p. 181-190, 1979/80.

PRADHU, J.; SUDHARSHAN, M. Augmenting Rapid Clustering Method for Social Network Analysis. In: International Conference on Advances in Social Network Analysis and Mining. Washington, DC, IEE Computer Society, 2010.

PRELL, Christina. Community networking and social capital: early investigations. JCMC. v. 8, n. 3, April 2003. em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol8/issue3/prell.html>>. Acesso em janeiro 2012.

PRETECEILLE, E. Mutations urbaines et politiques locales. Paris, Centre de Sociologie Urbaine, Institut de Recherche sur les sociétés contemporaines - CNRS, 1989.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone the collapse and revival of American community. New York, Simon & Schuster, 2000.

QUEIROZ, M. de S.; CANESQUI, A. M. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. *Rev. Saúde. Públ. São Paulo*, n. 20, p. 152-64, 1986.

QUIROGA, Águeda et al. Talleres de Autoformación com programas Informáticos de Análisis de Redes Sociales. Barcelona, 2005. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/red_tematica/talleresars.pdf>. Acesso em 27 jun. 2011.

RABELO, Antônio Reinaldo; CARDOSO, Eduardo; MELO, Ailton. Características sociodemográficas da população psiquiátrica internada nos hospitais do Sistema Único de Saúde do estado da Bahia. *Rev. Baiana Saúde Pública*, v. 29, n. 1, p. 43-56, jan./jun. 2005.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. Narrando a doença mental no Nordeste de Amaralina: relatos como realizações práticas. In: RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. Experiência de doença e narrativa. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2003.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. Sigmas, significado e Práticas relativos à doença mental. In: _____. Experiência de doença e narrativa. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2003.

RADOMSKY, Guilherme. Nas Teias da Economia: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 249-284, maio/ago. 2007.

RAMOS, Marília. Impact of socioeconomic status on Brazilian elderly health. *Rev. Saúde Pública*, v. 41, n. 4, p. 616-24, 2007.

RECIFE. Prefeitura da Cidade. Secretaria Municipal de Saúde. Distrito Sanitário V. Centro de Atenção Psicossocial Espaço Vida. Projeto Terapêutico. Recife, 2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades em Redes Sociais na Internet. Proposta de tipologia baseada em fotolog.com. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e

Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, Porto Alegre, 2006.

RECUERO, Raquel da Cunha. Um estudo do Capital Social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/composraquelrecuero.pdf>>. Acesso em janeiro 2012.

RESENDE, Cláudia. Mágoas da Amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, n. 2, p. 69-89, 2002.

RESSLER, Steve. Social Network Analysis as an Approach to Combat Terrorism: Past, Present, and Future. *Research Homeland Security Affairs*, v. II, n. 2, July 2006. Disponível em: <<http://www.hsaj.org/?article=2.2.8>>. Acesso em dezembro 2011.

RETZER, Silke; YOONG, Pak; HOOPER, Val. Advice network in an Inter-organizational knowledge transfer environment: a social network analysis approach. AUSTRALIAN CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS, 19. 3-5 Dec. 2008.

RIBEIRO, Edilza Maria. As várias abordagens da família no cenário do Programa: Estratégia de Saúde da Família (PSF). *Rev. Latino Americana de Enfermagem*, v. 12, n. 4, p. 658-64, 2004.

RICIARDI, Frederico Augusto Santos. O nascimento da Loucura: concepções teóricas e asilos. *CienteFico*, Salvador, Ano I, v. I, 2002.

RICKERT, Heinrich (1986). *The Limits of concept formation in Natural Sciences*. Londres, Cambridge University Press.

RICKERT, Heinrich. *Der Gegenstand der Erkenntnis: ein Beitrag zum Problem der philosophischen Transcendenz*. J. C. B. Mohr (P. Siebeck), 1904.

ROBINS, Garry; PATTISON, Pip; KALISH, Yuval; LUSHER, Dean. An Introduction to exponential random graph (p^*) models for social networks. *Social Networks*, n. 29, p. 173-191, 2007.

ROCHA; Luis E.; LILJEROSB, Fredrik; HOLMEA, Petter. Infor-

mation dynamics shape the sexual networks of Internet-mediated prostitution 5706–5711 PNAS March 30, 2010 vol. 107 no. 13. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.

RODRIGUES, Lia C.; MUSTARO, Pollyana N. Levantamento de características referentes à análise de redes sociais nas comunidades virtuais brasileiras de jogos on-line. Disponível em: <[http://www.google.com/search?ie=UTF-8-&oe=UTF8-&sourceid=navclient&gfns1=&q=Levantamento+de+caracter%C3%ADsticas+referentes+%C3%A0+an%C3%A1lise+de+redes+sociaisnas+comunidades+virtuais+brasileiras+de+jogos+on-line](http://www.google.com/search?ie=UTF-8-&oe=UTF8-&sourceid=navclient&gfns1=&q=Levantamento+de+caracter+C3%ADsticas+referentes+%C3%A0+an%C3%A1lise+de+redes+sociaisnas+comunidades+virtuais+brasileiras+de+jogos+on-line)>. Acesso em 26 jan. 2011.

ROMERO, Dalila E.; DA CUNHA, Cynthia Braga. Avaliação da qualidade das variáveis epidemiológicas e demográficas do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 701-714, mar. 2007.

ROOSENS, Eugen. *Des fous dans la vile ? Gheel et sa thérapeutique séculaire*. Paris, PUF, 1979.

ROPPER, D. L. Euler and the Konigsberg Bridges: some lessons for the Philosophy of Mathematics. Disponível em: <http://www.freewebs.com/duncanroper/Euler_and_Koinisberg_Bridges_Roper.pdf>. Acesso em 21 fev. 2011.

ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. *Transtorno Mental e o cuidado na família*. São Paulo, Cortez, 2003.

ROTHENBERG, Richard; COSTENBADER, Elizabeth. *Empirism and Theorizing in Epidemiology and Social Network Analysis. Interdisciplinary Perspectives on Infectious Diseases*, 2011. Disponível em: <<http://www.hindawi.com/journals/ipid/2011/157194/cta/>>. Acesso em janeiro 2012.

SAGGESE, Edson; LEITE, Lígia. Saúde mental na adolescência: um olhar sobre a reabilitação profissional. In: BRASIL, Ministério da Saúde. *Secretaria de Políticas de Saúde do Adolescente e do jovem. Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento*, v. 1. Brasília, DF, agosto 1999.

SALTIEL, Iris M. Networking and Network Theory. In: Encyclopedia of Educational Leadership and Administration. SAGE Publications 2006

SANTOS, Jair Ferreira. WESTPHAL, Márcia Faria. A recente mudança de paradigma no campo da saúde. Estudos Avançados, São Paulo, USP, v. 13, n. 35, p. 71-88, jan./abr. 1999.

SARANYA, Preethi. Improved BSP Clustering Algorithm for Social Network Analysis Bonfring. International Journal of Software Engineering and Soft Computing, v. 1, Special Issue, December 2011

SARKAR, Purnamrita; MOORE, Andrew. Dynamic Social Network Analysis using Latent Space Models. SIGKDD Explorations, v. 07, Issue 02, jan./abr. 1999, Dec. 2005, p. 31-40. Disponível em: <<http://www.sigkdd.org/explorations/issues/7-2-2005-12/4-Sarkar.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2011.

SCHEFF, Thomas. Being mentally ill. Chicago, Aldine Publishing Company, 1968.

SCHEFF, Thomas. The role of the mentally ill ad the dynamics of mental disorder: a research framework. In: SPITZER, Stehan et al. The mental patient. Studies in the sociology of deviance. New York, McGraw-Hill, 1968.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de Movimentos Sociais. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 1 p.109-130, jan./abr. 2006.

SCHOLAND, Andrew; TAUSCZIK, Yla; PENNEBAKER, James. Social language Network analysis. Mendeley, New York, NY, USA, ACM, p. 23-26, 2010. Disponível em: <<http://www.mendeley.com/research/social-network-analysis-language-change-introduction-1/>>. Acesso em janeiro 2012.

SCOTT, John. Social Network Analysis: a Handbook. London, Sage Publications, 1997.

SFERRA, Heloise Helena; CORREIA, Angela. Conceitos e Apli-

cações de Data Mining. *Revista de Ciência & Tecnologia*, v. 11, n. 22, p. 19-34, jul./dez. 2003.

SIEBENEICHLER, Flávio Benno. Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.

SILVA, Antônio Augusto Moura et al. Quais fatores podem explicar o paradoxo do baixo peso ao nascer? *Rev. Saúde Pública*, v. 40, n. 4, p. 648-55, 2006.

SILVA, Maria Concepción Prezo; STEFANELLI, Maguilda Costa. Experiência de uma equipe de saúde mental comunitária na assistência de famílias convivendo com a depressão. *Fam. Saúde Desenv. Curitiba*, v. 4, n. 2, p. 89-97 jul./dez. 2002.

SILVA, Martinho Braga Batista. Psychosocial care and population management: discourses and practices concerning responsibility in mental health. *Psysis [online]*, p. 127-150, jan./jun. 2005.

SILVA, Pedro Luiz Barros. Serviços de Saúde: o dilema do SUS na nova década. *São Paulo em Perspectiva*, v. 17, n. 1, p. 69-85, 2003.

SILVA, Rodrigo. O pensamento da deslocalização. *Cadernos PAR*, n. 02. p. 124-132, Fev. 2009. Disponível em: <http://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/209/1/art9_silva.pdf>. Acesso em março 2012.

SIMMEL, Georg. Das Soziale und das individuelle Niveau. Beispiel der allgemeine Soziologie. *Individuum und Gesellschaft*. G.J. Göschen'sche Verlagshandlung GmbH (Berlin und Leipzig), 1917. Disponível em: <http://socio.ch/sim/grundfragen/grund_d_2htm>. Acesso em março 2012.

SIMMEL, Georg. (1988) *La tragédie de la Culture et autres essais*. Paris, Editions Rivages.

SIMMEL, Georg. (1993) *A filosofia do amor*. São Paulo, Martins Fontes.

SIMMEL, Georg. (2010) *Das Abenteuer*. In: SIMMEL, Georg. *Philosophische Kultur*. Frankfurt am Main, Zweitausendeins, pp. 35-46.

- SIMMEL, Georg. (2010). Die Mode. In: SIMMEL, Georg. Philosophische Kultur. Frankfurt am Main, Zweitausendeins, pp. 47-72.
- SIMMEL, Georg. (1988) Pont et Porte. In: SIMMEL, Georg. La tragédie de la Culture et autres essais. Paris, Editions Rivages, pp. 159-166.
- SIMMEL, Georg. (1976) A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Editora Zahar.
- SIMMEL, Georg. (1964) Conflict and the Web of Group-Affiliations. New York, The Free Press.
- SIMMEL, Georg. How society is possible? American Journal of Sociology, v. 16, 1910/1911.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.) Sociologia. São Paulo, Ática, 1996. p. 165-181.
- SIMMEL, Georg. Comment les forms sociales se maintiennent. L'année sociologique, p. 71-107, 1896. Disponível em: <<http://socio.ch/sim/franzoesisch/formes.htm>>. Acesso em março 2012.
- SIMMEL, Georg. Sociologie : Etudes sur les formes de la socialisation. Paris, PUF, 1999.
- SIMMEL, Georg. The persistence of social groups I. American Journal of Sociology, v. 3, n. 5, p. 662-698, 1898.
- SIMMEL, Georg. Soziologie Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Berlim: Duncker & Humblot, 1908. Disponível em: <<http://socio.ch/sim/soziologie/index.htm>>. Acesso em março 2012.
- SIMMEL, Georg. Grundfragen der Soziologie. Individuum und Gesellschaft. G. J. Göschen'sche Verlagshandlung GmbH (Berlin und Leipzig), 1917. Disponível em: <http://socio.ch/sim/grundfragen/grund_2.htm>. Acesso em janeiro 2012.
- SIMMEL, Georg. Superiority and subordination as subject matter of sociology. American Journal of Sociology, n. 2, p. 167-189,

1896. Disponível em: <http://www.brocku.ca/MeadProject/Simmel/Simmel_1896a.html>. Acesso em janeiro 2012.

SIMMEL, G.; LEVINE, D. Georg Simmel on Individuality and Social Forms: Selected Writings. Sociology The Journal Of The British Sociological Association, University of Chicago Press, 1972.

SLIWIANY, R. M. Sociometria: como avaliar a qualidade de vida. Petrópolis, Vozes, 1997.

SMITH, B. J.; JONES, R. T. Mental Illness and social support. Psychological Science, p. 207-219, 1993.

SMITH, Steven Rathgeb; LIPSKY, Michael. Nonprofits for hire. The welfare state in the age of contracting. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1994.

SNIJDERS, Tom; KOSKINEN, Johan ; SCHWEINBERGER, Michael. Maximum Likelihood Estimation for Social Network Dynamics. The Annals of Applied Statistics, n. 4, p. 567-588, 2010. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/1011.1753v1>>. Acesso em dezembro 2011.

SNIJDERS, Tom ; SCHWEINBERGER, Michael. Modelling the co-evolution of networks and Behavior. Groningen, University of Groningen (Department of Sociology), 2005.

SNIJDERS, Tom A. B.; PATTISON Philippa E.; ROBINS, Garry; HANDCOK, Mark. New Specifications for exponential random graphs models. Working Paper n. 42. Center for Statistics and the Social Sciences University of Washington, April 23, 2004. Disponível em: <<http://www.csss.washington.edu/Papers/wp42.pdf>>. Acesso em dezembro 2011.

SNIJDERS, Tom. Models for Longitudinal Network Data. In: CARRINGTON, Peter J.; SCOTT, John; WASSERMAN, Stanley. (Orgs) Models and Methods in Social Network Analysis. (Structural Analysis in the Social Sciences, 27) New York, Cambridge University Press, 2005.

SPYKMAN, N. J. *The Social Theory of Georg Simmel*. New York, Atherton Press, 1966.

SOUZA, Iara Maria. Escolha e avaliação de tratamento para problemas de saúde: considerações sobre o itinerário terapêutico In: RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2003.

SOUZA, Iara Maria. Na trama da doença: uma discussão sobre redes sociais e doença mental. In: RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2003.

SOUZA, Iara Maria. O asilo revisitado. In: RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César; SOUZA, Iara Maria. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2003.

SOUZA, Rafaela Assis; CARVALHO, Alysson Masote. Programa Saúde da Família e qualidade de vida: um olhar da Psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 3, p. 515-523, 2003.

SOUZA, Rozemere Cardoso; SCATENA, Maria Cecília Moraes. Produção de sentidos acerca da família que convive com o doente mental. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 13, n. 2, p. 173-9, 2005.

SOUZA, Tamara Rosângela Vieira; MAIA, Sinézio Fernandes. Uma investigação dos determinantes da redução da taxa de mortalidade infantil nos estados da região Nordeste do Brasil. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1., Caxambu. *Anais...* Caxambu, MG, ALAP, 2004.

SOUZA, Waldir da Silva. Associações civis em saúde mental no Rio de Janeiro: democratizando os espaços sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 933-939, jul./ago. 2001.

SOUZA, Waldir da Silva. Associações de Usuários e familiares frente à implantação da política de saúde mental no município do Rio de Janeiro (1991-1997). *Dissertação (Mestrado) - Mestra-*

do em Ciências, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999.

SPITZER, Stehan et al. The mental patient. Studies in the sociology of deviance. New York, McGraw-Hill, 1968.

STEGBAUER, Christian. Netzwerkanalyse und netzwerktheorie. Einige Anmerkungen zu einem neuen Paradigma. In: STEGBAUER, Christian. (Org.) Netzwerkanalyse und Netzwerktheorie. Wiesbaden, VS-Verlag, 2009.

STEGBAUER, Christian; HÄUSSLING, Roger. (Org.) Handbuch Netzwerkforschung. Wiesbaden, VS-Verlag, 2010.

STEGBAUER, Christian. Arbeitsgruppe Netzwerkforschung. In: Soziologie. DGS – Deutsche Gesellschaft für Soziologie, Jahrgang 38. Heft. 2, p. 245-251, 2009.

STEGLICH, Christian; KNECHT, Andrea. Die Statistische Analyse dynamischer Netzwerkdaten. In: STEGBAUER, Christian; HÄUSSLING, Roger. Handbuch der Netzwerkforschung. Wiesbaden, VS-Verlag, p. 433-447, 2010.

STINCHOMBE. Constructing Social Theories. New York, Harcourt, Brace and World, 1968.

STOKMAN, Frans N. What bind us when with whom? Content and Structure in Social Network Analysis. University of Groningen The Netherlands. Portoroz (Slovenia), Dec. 2004. (Extended version of keynote at the Sunbelt XXIV International Social Network Conference).

STREETER, C. L.; Gillespie D. F. Social network analysis. Journal of social service research, v. 16, n. 1/2, p. 201-222, 1992.

SUBUHANA, Carlos. Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabiliddes e redes sociais. Imaginário, USP, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007.

SUN, Jimeng; PAPADIMITRION, Spiros. MultiVis: Content-based Social Network Exploration Through Multi-way Visual Analysis. Proceedings of the International Conference on Data Mining, p. 1063-1074, 2009.

SZWARCWALD, Célia Landmann; SOUZA-JUNIOR, Paulo Roberto Borges; ESTEVES, Maria Angela Pires; DAMACENA, Giseli Nogueira; VICAVA, Francisco. Socio-demographic determinants of self-rated health in Brazil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21 Sup: S54-S64, 2005.

TATEO, L. The Italian extreme right on-line network: An exploratory study using an integrated social network analysis and content analysis approach. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 10, n. 2, article 10, 2005. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol10/issue2/tateo.html>>. Acesso em dezembro 2011.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Humanização e Atenção Primária à Saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, p. 585-597, 2005.

TENÓRIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-59, jan./abr. 2002.

THADEN, Lyssa; ROTOLO, Thomas. The Measurement of Social Networks: a Comparison of Alter-Centered and Relationship-Centered Survey Design. *Connections*, v. 29, Issue 01, p. 15-25, 2009.

TIMO, Ohnmacht. Mapping Social Networks in Time and Space. Working Paper. Institut for Transport Planning and Systems, Zurich, Swiss Federal Institute of Technology, 2006. Disponível em: <<http://e-collection.library.ethz.ch/eserv.php?pid=eth:28901&dsID=eth-28901-01.pdf>>. Acesso em 12 jul. 2011.

TODEVA, Emanuela. Networks. *Interantional Encyclopedia of Organization Studies - 2007*. SAGE Publications, 2010.

TÖNNIES, Friedrich. *Gemeinschaft und Gesellschaft*. 8th ed. Leipzig: Fues's Verlag, 2nd ed. 1912, Leipzig, Buske, 1935 (reprint 2005, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft).

TONTA, Y.; DARVISH, H. R. Diffusion of Latent Semantic Analysis as a Research Tool: A Social Network Analysis Approa-

ch. *Journal of Informetrics*, p. 1-9, 2010. Disponível em: <<http://yunus.hacettepe.edu.tr/~tonta/yayinlar/tonta-darvish-asist-vancouver-2009.pdf>>. Acesso em dezembro 2011.

TOUSIGNANT, Michel. *Les Origines sociales et culturelles des troubles psychologiques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

TRAD, Leny Alves Bonfin; BASTOS, Ana Cecília de Souza. O impacto sócio-cultural do Programa de Saúde da Família (PSF): uma proposta de avaliação. *Caderno Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 429-435, abr./jun. 1998.

TROTTER, Robert. *Ethnography and network analysis: the study of social context in cultures and societies*. *Handbook of social studies in health and medicine*. Sage Publications, 1999.

TRAPPMANN, Mark; HUMMELL, Hans J.; SODEUR, Wolfgang. *Strukturanalyse Sozialer Netzwerke. Kozepte, Modelle, Methoden*. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2011.

TRINDALL, D. B.; WELMMAN, Barry. Canada as Social Structure: Social Network Analysis and Canadian Sociology. *The Canadian Journal of Sociology*, Summer, v. 26, Issue 3, p. 265-308, 2001.

TROYANO, Fernando de la Rosa et al. Análisis de Redes Sociales mediante diagramas estratégicos y diagramas estructurales. *REDES. Revista Hispana para el análisis de redes sociales*, v. 8, n. 2, ago. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em janeiro 2012.

VALASTRO, Orazio Maria. (2001) De l'enfermement au territoire: réseaux sociaux et enjeux nouveaux. *Revue électronique de sociologie*, v. 3, n. 4. Disponível em: <<http://critique.ovh.org>>. Acesso em 06 jun. 2006.

VALENTE, Thomas. *Social Network and Health. Models, methods and applications*. Cambridge, Oxford University Press, 2010.

VALENTE, Thomas; FOREMAN, Robert K. *Integration and radiality: measuring the extent of an individual's connectedness*

and reachability in a network. *Social Networks*, n. 20, p. 89-105, 1998.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru, EDUSC; Belém, EDUFPA, 2005.

VARANDA, Marta; REGO, Raquel; FONTES, Breno. *A análise de redes sociais em língua Portuguesa*. INSNA - International Network for Social Network Analysis. SUNBELT XXX, Riva Del Garda (TN), Italy, 2010.

VARGAS, José Antônio. *Obama Raised Half a Billion Online*. Washington, 2008.

VEDANTAM, Shankar. *Mind and culture : Psychiatry's Missing diagnosis*. Social network's healing Power is borne out in poorer nations. *Washington Post Staff Writer*. June 27 2005.

VIEIRA DA SILVA, Ligia Maria et al. *Análise da implantação da gestão descentralizada em saúde: estudo comparado de cinco casos na Bahia, Brasil*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 355-370, fev. 2007.

VIETTA, Edna Paciência; KODATO, Sérgio; FURLAN, Reinaldo. *Reflexões sobre a transição paradigmática em saúde mental*. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 9, n. 2, p. 97-103, 2001.

VILLARES, Cecília; REDKO, Cristina; MARI, Jair. *Concepções de doença por familiares de pacientes com diagnóstico de esquizofrenia*. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, v. 21, n. 1, 1999.

WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini; JOUCLAS, Vada Maria Galvão; STEFANELLI, Maguida Costa. *Família e doença mental*. *Fam. Saúde Desenv. Curitiba*, v. 1, n. 1/2, p. 27-32, jan./dez. 1999.

WAIZBORT, Leopoldo. *Simmel no Brasil*. *Dados, Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 50, n. 01, p. 11-48, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo, Editora 34, 2006

WANG, Xiao Fan; CHEN, Guanrong. *Small-world, Scale-free and beyond*. *IEEE - Circuits And Systems Magazine*, v. 03, Issue 01, p. 06-20, 2003.

WARREN, Aaron R. Network Analysis of Social Interactions in Laboratories. Disponível em: <<http://www.compadre.org/PER/items/detail.cfm?ID=8123&Attached=1>>. Acesso em 30 maio 2011.

WARREN, Robert; WARNECKE, Mike. Analysis of a dynamic social network: built from PGP keyrings. Disponível em: <http://nlg.cs.cmu.edu/icml_sna/paper3_final.pdf>. Acesso em 22 jun. 2011.

WASSERMAN, Stanley; PATTISON, Philippa. Network analysis. Encyclopedia of Social Science Research Methods. 2003. SAGE Publications. Disponível em: <http://www.sage-ereference.com/socialscience/Article_n620.html>. Acesso em 06 abr. 2010.

WATTS, Duncan. Seis Graus de Separação: A evolução da Ciência de Redes em uma era conectada. São Paulo, Leopardo, 2009.

WATTS, Duncan; KOSSINETTS, Gueorgi. Empirical Analysis of an Evolving Social Network. Science, v. 311, Jan. 2006.

WEARE, Christopher; WILLIAM, E. Loges; NAIL, Oztas. Email Effects on the Structure of Local Associations: a Social Network Analysis. Social Science Quarterly, v. 88, n. 1, March 2007.

WEBER, M. Economía y Sociedad. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1947.

WEBER, Max. Wirtschaft und Gesellschaft. Volmedi GmbH, Paderborn, 2007.

WELLMAN, Barry et al. Connected Lives: The Project. In: PURCELL, Patrick. (Edt.) Networked Neighborhoods. Berlin, Springer, 2005.

WELLMAN, Barry; FREEMAN, C. A note on the Ancestral Toronto Home of Social Network Analysis. Connections, v. 18, n. 2, p. 15-19, 1995. Disponível em: <<http://moreno.ss.uci.edu/71.pdf>>. Acesso em dezembro 2012.

WELLMAN, Barry. The Persistence and Transformation of Community: From Neighborhood Groups to Social Networks. Toronto, Report to the Law Commission of Canada, 2001.

- WELLMAN, Barry. The place of Kinfolk in Personal Community Networks. *Marriage and Family Review*, v. 15, n. 1/2, 1990.
- WELLMAN, Barry. An egocentric network tale: comment on Bien et al. *Social Networks*, v. 15, n. 1993, p. 423-436, 1990.
- WELLMAN, Barry. An electronic group is virtually a social network. 1996. Disponível em: <ftp://ftp.cba.uri.edu/classes/n_dholakia/uri-mis420/wellman-e-group-as-social-network.pdf>. Acesso em dezembro 2011.
- WELLMAN, Barry. Applying network analysis to the study of support. In: GOTTLIEB, Benjamin H. (Ed.) *Social networks and social support*. Sage Studies in community mental health, London, n. 4, p. 171-200, 1981.
- WELLMAN, Barry. Are Personal Communities Local? A dump-tarian Reconsideration. *Social Networks*, v. 18, n. 3, p. 347-354, Sept. 1996.
- WELLMAN, Barry. Domestic Work, Paid Work and network. In: DUCK, Steve; PERLAN, Daniel. *Understanding Personal Relationships*. London, Sage, 1985.
- WELLMAN, Barry. From Little Boxes to Loosely Bounded networks: the privatization and domestication of community. In: ABU-LUGHOD, Janet L. *Sociology for the twenty first century: continuities and cutting edges*. Chicago, The University of Chicago Press, 1999.
- WELLMAN, Barry. Living Networked in a Wired World. For Marti Hearst and Dick Price. Trends and Controversies. Section of IEEE Intelligent Systems, Jan. 21, 1999 draft (1.4) for Jan./Feb. 1999.
- WELLMAN, Barry. Men in Networks. Private Communities, Domestic Friendships. In: NARDI, Peter. (Ed.) *Men's friendships*. Newbury Park, CA, Sage, 1992.
- WELLMAN, Barry. Network analysis: some basic principles in: _____. (Ed.) *Sociological theory*, American Sociological Association, v. 1, 1983.
- WELLMAN, Barry. Networking Canada. Talk Given on the Oc-

casation of Receiving the Canadian Sociology and Anthropology Association's outstanding Lifetime achievement award. May 28, 2001.

WELLMAN, Barry. Physical Place and Cyber-Place: The rise of Personalized Networking. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 25, 2001.

WELLMAN, Barry. Structural analysis: from method and metaphor to theory and substance. In: WELLMAN, Barry; BERKOWITZ, D. (Edts.) *Social Structure: a network approach*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

WELLMAN, Barry. The community question: The Intimate Networks of East Yorkers. *American Journal of Sociology*, n. 84, p. 1202 - 31, Mar. 1979.

WELLMAN, Barry. How to Use SAS to Study Egocentric Networks. *CAM Newsletter*, p. 6-12, June 1992.

WELLMAN, Barry. The Internet in Everyday Life. [s/d]. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/inet_everyday/inet_everyday.pdf>. Acesso em 18 jan. 2011.

WELLMAN, Barry. Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. [s/d]. Disponível em: <<http://www.chass.utoronto.ca/~wellman>>. Acesso em Janeiro 2012.

WELLMAN, Barry; HAMPTON, Keith. Living Networked in a Wired World. *Contemporary Sociology*, v. 28, n. 06, Nov. 1999.

WELLMAN, Barry; KOKU, Emanuel; HUSSINGER, Jeremy. Networked Scholarship. In: WEISS, J. et al. (Edts.) *The International Handbook of Virtual Learning Environments*. Amsterdam, Springer, 2006.

WELLMAN, Barry; LEIGHTON, Barry. Networks, neighborhoods and communities. Approaches to the study of the community question. *Urban Affairs Quarterly*, v. 14, n. 3 March 1979, pp. 363-390.

WELLMAN, Barry. Little boxes, glocalization, and networked

individualism. [s/d]. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes/littlebox.PDF>>. Acesso em dezembro 2011.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net Surfers Don't Ride alone: Virtual Community as Communities. In: WELLMAN, B. (Edt.) *Networks in Global Village*. Boulder, CO, Westview, 1997.

WEN, Rui et al. Operational System Model Based on Social Network Analysis and Simulation. In: IEEE INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONTROL AND AUTOMATION, 8., 2010, Xiemen. Anais... China, p. 9-11, June 2010.

WERLEN, Benno. *Society, Action and space*. London, Routledge, 1992.

WHITE, Douglas. *Network Analysis, Social Dynamics and Feedback in Social Systems*. Irvine, CA, University of California, 2007.

WHITE, Douglas; BORGATTI, Stephen. Betweenness centrality measures for directed graphs. *Social Networks*, v. 16, p. 335-346, 1994.

WILKIS, Ariel; BERGER, Matias. (2005) La relación individuo-sociedad: una aproximación desde la Sociología de Georg Simmel. *Athenea Digital*, n. 7, p. 77-86.

WILLEMS, Herbert. (2010) Figurationssoziologie und Netzwerkansätze. In: STEGBAUER, Christian; HÄUSSLING, Roger. (Hrsg) *Handbuch netzwerkforschung*. Wiesbaden. VS Verlag p. 241-254.

WIDMER, Eric. Family context as a cognitive networks: a network approach of family relationships. Presentation at the symposium "the complexity of the family system: different approaches to studying within-families dynamics". International Academy of Family Psychology meeting, Heidelberg, 2002.

WILKINSON, Richard; MARMOT, Michael. (Edts.) *Social determinants of health: the solid facts*. 2nd. Edition. Copenhagen, WHO (World Organization of Health), 2003.

WILLIAMS, Christine B.; GULATI, Girish J. What is a Social Network Worth? Facebook and Vote Share in the 2008 Presidential Primaries. 2008. Disponível em: <<http://195.130.87.21:8080/dspace/bitstream/123456789/1021/1/What%20is%20a%20social%20network%20worth%20Facebook%20and%20vote%20share%20in%20the%202008%20presidential%20primaries.pdf>>. Acesso em setembro 2011.

WILSON, Marcell; NICHOLAS, Charles. Topological Analysis of an Online Social Network for Older Adults SSM'08, October 30, 2008, Napa Valley, California, USA.

WITIUK, Ilda Lopes; SILVA, Rosângela Castro Ribeiro. Família do portador de transtorno mental: vítima o vilã? Disponível em: <HTTP://www.cpihts.com/2003_07_06/Ilda_lop.htm>. Acesso em 12 ago. 2008.

WRIGHT, Eric R.; PESCOLIDO, Bernice A. Sorry, I forgot: the role of recall error in longitudinal personal network studies. In: LEVY, Judith; PESCOLIDO, Bernice. Social Networks and Health. Advances in Medical Sociology, v. 08, p. 113-129. Boston, Elsevier Science, 2002.

WUTHNOW, Robert. Loose Connections. Joining Together in America's fragmented Communities. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1998.

YUNES, João. O SUS na lógica da descentralização. In: Estudos Avançados. São Paulo, USP, v. 13, n. 35, p. 65-70, jan./abr. 1999.

ZACCARIN, Susanna; RIVELLINI, Giulia. Reti di 'Relazioni e Comportamento Individuale: L'approccio della Social Network Analysis. Trieste, Università di Trieste, 2005.

ZAPHIRIS, Panayiotis; PFEIL, Ulrike. Introduction to Social Network Analysis. BCS HCI GROUP CONFERENCE 21., HCI 2007, Lancaster University, v. 2, p. 3-7, Sept. 2007. Published by The British Computer Society.

ZEHNPfund, Claudia. Social network analysis: Discussion Paper. Jan. 2005. Disponível em: <<http://www.cfpm.org/>>

caves/wiki/uploads/CAVESWiki.KnowledgeBase/CAVES_socialnetworks3.pdf>. Acesso em setembro 2011.

REDES SOCIAIS E PODER LOCAL

INFORMAÇÕES GRÁFICAS

FORMATO: 15,5 x 22 cm

TIPOLOGIA: Book Antiqua

PAPEL: MIOLO: Off-set - 75g/m²
CAPA: TP - 250g/m²

Montado e impresso na oficina gráfica da

Editora  UFPE
Universitária

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 - Várzea
Recife | PE CEP: 50.740-530 Fax: (0xx81) 2126.8395
Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930
www.ufpe.br/edufpe - livraria@edufpe.com.br -